

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO

DE LIVROS E DE LIVRARIAS (SÉCULOS XVI-XVIII)



DE LIVROS E DE LIVRARIAS (SÉCULOS XVI-XVIII)

AMOR LIBRIS

Livros, Leituras e Bibliotecas das Idades Medieval e Moderna

DIRETORA

Maria de Lurdes Correia Fernandes (IF-FLUP)

COMISSÃO REDATORIAL

Joana Gomes (IF-FLUP)

Manuel Francisco Ramos (IF-FLUP)

Pedro Monteiro (IF-FLUP / Univ. de Frankfurt)

Amor libris é uma coleção dedicada ao estudo do livro, da leitura e das bibliotecas enquanto veículos de configuração das formas de pensamento e de sensibilidade literária, de difusão das ideias e das opções teóricas nos diferentes domínios disciplinares, nos consequentes debates de afirmação da tradição ou da inovação, bem como na projeção de ideias e de modelos teóricos e de ação ao longo dos séculos, sobretudo ao longo da Idade Média e da Idade Moderna.

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Ministério da Educação, Ciência e Inovação (FCT/MECI), no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO

**DE LIVROS E DE LIVRARIAS
(SÉCULOS XVI-XVIII)**

TÍTULO: *De livros e de livrarias (Séculos XVI – XVIII)*

AUTOR: José Adriano de Freitas Carvalho

PREFÁCIO: José Meirinhos

CAPA: SAL Studio

PAGINAÇÃO: Margarida Baldaia

© Autor e Gabinete de Filosofia Medieval IF / FLUP

Edições Húmus, Lda., 2024

End. Postal: Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 926 375 305

E-mail: humus@humus.com.pt

www.edicoeshumus.pt

IMPRESSÃO: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª EDIÇÃO: Dezembro 2024

DEPÓSITO LEGAL: 541249/24

ISBN: 978-989-9213-66-1

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9213-66-1/liv>

COLEÇÃO

Amor libris. Livros, leituras e bibliotecas das Idades Medieval e Moderna, 2

Índice geral

11	Prefácio <i>José Meirinhos</i>
15	De livros e de livrarias. Brevíssimas advertências
19	I. A difusão da <i>Apocalypsis Nova</i> atribuída ao «Beato» Amadeu da Silva no contexto cultural português da primeira metade do século XVII
61	II. «Presos», «Perseguidos», «Aventureiros». Dos livros da livraria de D. Francisco Manuel de Melo
107	III. Breves notas a propósito de algumas livrarias da Exclaustração
137	IV. Que fazer com um inventário da livraria de um mosteiro feminino dos fins do século XIX? Meditações à volta de títulos e preços
225	Referências bibliográficas
242	Índice onomástico

Prefácio

O Professor José Adriano de Freitas Carvalho reúne neste volume quatro ensaios em torno de autores, livros, leituras e bibliotecas. É uma muito pequena parte de uma extensa e rica produção de sólidas contribuições para o conhecimento de um período longo das letras e da vida intelectual em Portugal. Em boa hora esta nova coleção do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, dedicada à leitura e aos livros nas épocas Medieval e Moderna, disponibiliza aos leitores estudos difíceis de reunir e de grande utilidade, além de um inédito. O primeiro estudo ocupa-se da *Apocalipsys nova* de «beato» Amadeu da Silva OFM, os restantes são dedicados a livros e a bibliotecas em duas épocas diferentes, o século XVII e o século XIX. Tratando-se de livros e de bibliotecas, estão abrangidos muitos outros séculos.

A coletânea é introduzida por uma bela epígrafe do ensaísta e historiador da literatura Amedeo Quondam: «A filologia não se ocupa de pensamentos geniais, mas de exatas constatações terra a terra», sob a qual bem devemos situar os trabalhos que aqui se oferecem. Partindo de coisas aparentemente pequenas, com um espantoso conhecimento da tradição editorial e da história e da historiografia da literatura de espiritualidade, as aproximações minuciosas e de detalhe vão fazendo germinar constatações terra a terra, ora de chã exactidão, ora inesperadas ou surpreendentes. A isso também se chama erudição, que é o outro nome que poderíamos dar a essas exatas constatações terra a terra que têm a genialidade ausente das ideias que brilham com superficialidade. É notável a erudição que estudo a estudo vemos ser mobilizada para colmatar as lacunas dos documentos, ou o silêncio das obras estudadas, ou para clarificar o que ignorávamos. Além dos temas comuns está a uni-los, como um invisível fio condutor, o vigor da bibliofilia aliado ao rigor da filologia, da historiografia e dos estudos literários.

O estudo que abre a colectânea é dedicado à primeira difusão e recepção da *Apocalypsis Nova*, obra profética atribuída ao «beato» Amadeu da Silva, o franciscano português João da Silva Meneses, falecido em Roma em 1482 e fundador dos «Amadeítas». O estudo é mais atual agora que dispomos da primeira edição integral e tradução desta obra (cfr. nota 1 desse estudo) e as pistas nele abertas ganham em ser relidas. A *Apocalypsis Nova*, que o Autor considera «o maior e mais importante texto profético moderno», é situada na vasta tradição medieval e proto-moderna da literatura profética e apocalíptica, com realce para Portugal e a Península Ibérica, assinalando-se os diversos indícios da presença daquela obra em Portugal na primeira metade do século XVII. A *Apocalypsis* nunca foi impressa em quinhentos e seiscentos mas teve notável difusão, sendo aqui estudados dois casos e duas modalidades de recepção; primeiro em *A Aurora* de D. João de Castro que se situa no período das origens do sebastianismo (assinale-se que esta obra foi também entretanto publicada sob supervisão científica do Autor destes estudos em: J. de Castro, *A Aurora da quinta monarquia (1604-1605)*, ed. Serafim João Carlos Gonçalves, José Adriano de Freitas Carvalho, Porto CITCEM – Afrontamento, 2011) e depois nos *Notabilia dessumpta ex libro revelationum Beati Amadei de Menezes*, talvez anteriores a 1635 e incluem uma selecção e duas traduções de passagens, por um compilador anónimo, subsistentes na antologia *Jardim Ameno* (Lisboa, ANTT, Cod. 774). A oportuna reedição deste estudo impele a estudar, como sugere o Autor, o muito que ainda está por conhecer sobre esta literatura profética, que teve uma notável importância literária, espiritual e política durante vários séculos na transição entre a Idade Média e o período Moderno.

Os três estudos seguintes também estão abundantemente semeados de questões e personagens sinalizados para estudo mais aprofundado, a par das «exatas constações» que vão sendo extraídas de simples alusões documentais ou do cruzamento de factos e de informações. O segundo estudo oferece uma autópsia da obra de D. Francisco Manuel de Melo (de quem o Autor co-editou, com Maria Lucília Gonçalves Pires, as *Obras métricas*, 2 vol., Braga, 2006), principalmente as *Cartas familiares*, e de outra extensa bibliografia, em busca das referências aos livros que constituíram a sua biblioteca, e do modo e condições em que a eles acedia ou adquiria, durante a década e meia em que foi mantido encarcerado. A lista desses livros, que lhe serviram também de fonte e inspiração nas diversas obras que nesse período escreveu, encontram-se elencadas em apêndice ao estudo. O terceiro estudo, «Breves notas a propósito de algumas livrarias da Exclaustração», após uma informativa resenha

sobre os estudos de bibliotecas pessoais em Portugal, a par da detalhada descrição do processo legislativo e da execução do inventário de bens móveis e imóveis dos mosteiros aquando da sua extinção em 1834, analisa e enuncia os princípios metodológicos para o estudo de cinco inventários notariais de livrarias então elaborados, a saber: Convento de Santo António de Caminha, Convento de Santo António de Ponte de Lima, Convento de Santa Cruz de Viana do Castelo, Convento de Nossa Senhora da Penha de França (Braga), Convento de Santa Clara de Caminha. O quarto e último estudo é um inédito com o estudo, ou leitura, como propõe o Autor, do inventário de 1874 (ano de óbito da última freira) da livraria do extinto convento de Nossa Senhora da Conceição da Penha de França, Braga, que continha 299 impressos de diferentes géneros, e 35 manuscritos, para um total de 334 espécimes, detalhados no inventário editado em anexo.

José Adriano de Carvalho é um atentíssimo leitor, explorando com minúcia as mais imperceptíveis pistas e alusões, preferindo percorrer caminhos menos trilhados na busca das verificações que tiram dos textos o que eles dizem a quem sabe lê-los. Só a arte bem apurada de ler com erudição, com tempo, fazendo quase intermináveis verificações em bibliógrafos, historiadores e nas próprias edições antigas, permite relacionar literatura e espiritualidade, história e historiografia, sociedade e cultura e fazer a história das formas de transmissão das ideias e dos livros, até mesmo das práticas e hábitos de leitura, a partir de documentos que foram elaborados com um fim meramente notarial ou até de simples avaliação patrimonial.

Estes estudos, como peças de relojoaria, orientam a atenção para a pena culta, cuidadosa e erudita do seu artífice, referência e autoridade reconhecida na investigação sobre os temas aqui tratados. Se nos seus estudos o Professor José Adriano de Freitas Carvalho tratou algum autor, obra ou biblioteca, é certo que o faz com acerto, propriedade e erudição, razão pela qual valerá sempre o esforço de os procurar e o prazer de os ler. Essa é uma das razões pelas quais devemos congratular esta nova coleção, dirigida pela Professora Maria de Lurdes Correia Fernandes, por reunir e oferecer aos leitores interessados três dos seus estudos dispersos e um inédito.

José Francisco Meirinhos
(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

A Diogo Ramada Curto,
sem mais

«La filologia non si occupa di pensieri geniali,
è fatta di riscontri terra terra...»

AMEDEO QUONDAM,
Il letterato e il pittore (p. 115)

De livros e de livrarias. Brevíssimas advertências

Mesmo sem recorrer ao ano da publicação aposto em nota no início de cada texto será fácil constatar que dois dos quatro aqui publicados – «A difusão da *Apocalypsis Nova* atribuída ao «Beato» Amadeo da Silva no contexto da cultura portuguesa na primeira metade do século XVII» e «Breves notas a propósito de alguns inventários de livrarias da Exclaustração»¹ – têm a sua «data» evidenciada no estilo..., na bibliografia utilizada e em algumas hipóteses levantadas que, entretanto, poderão ter sido total ou parcialmente aceites ou rejeitadas... Não os reescrevi – nem poderia reescrever – pois representam um «estado» de cada uma das questões abordadas e não teria muito sentido proceder a uma sua actualização, que, como se deduzirá do que fica acima enunciado, seria sempre superficial... Não representariam nem o «estado da questão» num tempo – supondo benevolmente que então estavam actualizados – nem agora. Atrevi-me, contudo, pelo que ao primeiro diz respeito, por mor de completar alguma informação, a incluir, em nota, a referência a algum ou outro documento, ou crónica ou apontamento bibliográfico que, sem alterar o texto, o complementam e mais precisamente o «datam». Pareceu-me – como Santa Teresa, vou sempre «por lo que me parece» – que em tempos em que dispomos, quer de uma edição da *Apocalypsis nova* acompanhada da sua tradução para português – um magno empreendimento devido a D. Lucas Dias, A. Espírito Santo e S. Tavares de Pinho, que há que efusivamente saudar –, quer da publicação em letra de forma

1 Originalmente publicado sob o título «Introdução» a *Da memória dos livros às bibliotecas da memória*, Porto, 1998.

de *A Aurora*² por João Carlos Serafim, essas esporádicas e breves achegas se impunham.

Permiti-me ainda, tanto no caso do primeiro trabalho aqui reunidos como no quarto, a alterar um pouco a redacção de alguma que outra nota em ordem a melhorá-las.

Todos os ensaios aqui reunidos tratam – perdoe-se-me que, pleonasticamente, evidencie o título com que aparece o conjunto –, por diferentes ângulos e em distintas épocas, de livros e de livrarias, num esforço por acompanhar uma abordagem da história cultural que, pese aos notabilíssimos precursores conimbricenses, pelo que aos «tempos modernos» concerne, pode, com alguns riscos de olvidos injustos, dizer-se que conta com pouco mais de meio século de investigação sistemática. E tratam, antes de mais, da circulação de livros – o aspecto mais imediato (mais fácil?) dessa abordagem, pois o apurar quem os lia e quando requer mais tempo e sopros da Fortuna, para já não falar do como (e das suas circunstâncias). As marcas de posse, por exemplo, reveladoras de tantos mistérios a descobrir, são um indício de grande interesse, mas a secular experiência também nos alerta para que livro possuído nem sempre é livro lido... A epistolografia de um autor..., as cartas de um membro de uma comunidade religiosa – pensemos (sempre ela...) em Teresa de Ávila confessando e valorizando em cartas leituras que, nas suas obras, teve que silenciar... («Inquisition oblige...»), as apostilhas num escrito ou volume possuído..., as memórias... –, podem ajudar a desvendar os quem lia..., os quando... e os como... Podem... Tentamo-lo, de certo modo, ao conjugar as informações que D. Francisco Manuel fornece nas suas cartas com outras que peneira em outras obras suas.

Regressando aos catálogos das livrarias religiosas – um mundo a cartografar –, oferece-se agora um de uma pequena livraria de uma também pequena comunidade feminina de Braga definitivamente «encerrada» em 1874. Para além de nos patentear o valor monetário atribuído a cada livro pelos avaliadores para isso legalmente nomeados – um dado que, talvez por ignorância, não cremos frequente –, regista um misterioso livro impresso no México em 1602 (1620?), «livro-fantasma» de que, ao parecer, não se conhece qualquer outro registo para além do que, talvez por tradição, acolhe uma bibliografia mexicana do século XVIII... Onde se terá acoitado o precioso volume visto em Braga em 1875?

2 J. C. Serafim (ed.), *A Aurora*, Porto: CITCEM, 2011.

Todas estas propostas – as conclusões são poucas – não poderiam ter resultado sem o auxílio de amigos e colegas de quem, sem qualquer ordem, porque também sem ela foram acontecendo ao logo de muitos anos de livros e livrarias, nunca poderei esquecer a paciência e a generosidade de Maria Lucília G. Pires, Martim de Albuquerque, Paula Almeida Mendes, Luís de S. Fardilha, Maria de Lurdes C. Fernandes, Aires Nascimento, Luís Amaral, Marco Paulo de O. Marques, Zulmira C. dos Santos, Pedro V. Tavares, Maria Teresa Payan Martins, João Carlos G. Serafim.

À Prof.^a Isabel Almeida, Directora de *Românica*, a minha gratidão pela liberdade de republicação do trabalho sobre os livros de Manuel de Melo, e à Prof.^a Ilda Santos, coordenadora, desde Paris, das jornadas sobre *A República das Letras*, devo o meu «muito obrigado» pelas facilidades para antecipar aqui a publicação do catálogo das concepcionistas de Braga, que – anuncio-mo – virá a aparecer em tradução francesa da sua autoria.

À Prof.^a Maria de Lurdes Correia Fernandes, Directora da colecção que alberga estas ensaios, tenho de agradecer a grandeza de alma com que corrigiu e fez corrigir gralhas e erros meus, aperfeiçoou falhas bibliográficas e outras máculas velhas e novas e tudo o resto que só um pobre etc. mal pode resumir.

Por fim, ao Prof. José Meirinhos, Director do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras do Porto, agradeço, *ab imo pectore*, a magnanimidade com que acolheu a minha proposta de publicar sob a égide do Instituto que sabiamente coordena os estudos aqui reunidos.

I. A difusão da *Apocalypsis Nova* atribuída ao «Beato» Amadeu da Silva no contexto cultural português da primeira metade do século XVII¹

1.

Talvez valha a pena recordar que as correntes proféticas ou, se preferirmos, o profetismo, quase sempre de carácter escatológico, muitas vezes com marcas de apocalipsismo mais ou menos evidente, em latim e, com o rodar dos anos, em vulgar, são, como é bem sabido, um dos traços definidores da cultura europeia. Efectivamente, toda a Europa da Idade Média – muito especialmente depois da obra de Joaquim de Flora (+1202) e das suas diversas e complexas elaborações no âmbito do papel escatológico que algumas ordens religiosas (os cistercienses-florenses e, dentre os mendicantes, os franciscanos, por exemplo²) se atribuíam, ao ponto de criar ou favorecer alguns escritos postos

-
1. Uma versão anterior deste trabalho foi publicada na *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Série Línguas e Literaturas*, II série, vol. XIX (2009), pp. 5-40. Como se referiu já na advertência preliminar, a obra foi pela vez editada e traduzida em Beato Amadeu, *Nova Apocalipse*, introdução, tradução e notas Domingos Lucas Dias, edição crítica Domingos Lucas Dias, Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo, (Portugaliae Monumenta Neolatina, 14) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
 2. M. Reeves, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages. A study in Joachimism*, Oxford: Clarendon Press, 1969, pp. 151-156; R. Moynihan, «The development of the ‘pseudo-Joachim’ commentary ‘super Hieremiam’: new manuscript evidence», *Mélanges de l’École Française de Rome, Moyen Âge-Temps Modernes – ‘Parole inspirée’ et pouvoir charismatique’*

a circular sob a responsabilidade do abade calabrês: o *In Hieremiam*, por dar um exemplo maior –, toda a Europa dos tempos modernos, como depois assinalaremos; e ainda a Europa da época contemporânea – baste recordar para estes anos quer a tradução do *Mirabilis Liber*, um conjunto célebre de profecias medievais, ainda publicada em Paris (Librairie Catholique), em 1830, no contexto da destronização de Carlos X de França pelos Orléans³ quer, em Portugal, as edições, reelaborações e «invenções» dos diversos *corpora* das *Trovas* de Gonçalo Anes Bandarra e as respectivas polémicas em plenas lutas liberais e mesmo depois, como o atesta a exaltação, qualquer seja o seu sentido, que delas fez Fernando Pessoa – toda a Europa, – talvez, melhor, as Europas? –, toda a Europa, dizíamos, recorreu, em momentos de crise ou de exaltação – o que poderá equivaler a dizer quase sempre –, à profecia como meio de intervenção religiosa..., política..., como modo de se «explicar»..., de assegurar já o seu futuro – no que também pode ir a propaganda⁴ – já o de muitos dos seus em particular – no que pode igualmente ir a defesa de particulares pontos de vista e/ou de interesses pessoais. É, na verdade, o que sugerem

98/1 (1986) 109-142; de todos os modos, M. Kaup, na introdução à sua edição de Gioacchino da Fiore, *Commento a una profezia ignota*, Roma: Viella, 1999, p. 120, n.^a 143, afirma, a propósito da origem dos tratados pseudo-joaquimitas, que também a sua «analisi di entrambe le redazioni della *Expositio super Sibilis et Merlino*... finora trascurata della ricerca, non ha offerto alcun indizio riguardo alla provenienza minoritica, mentre tutto parla a favor di una origine cisterciense-florense».

- 3 C. Beaune, «De Telesphore à Guillaume Postel. La diffusion du Libellus en France aux XIV^eme et XV^eme siècles», in G. L. Potestà (ed.), *Il Profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento. Atti del III Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti* (San Giovanni in Fiore, 17-21 settembre 1989), Genova: Marietti, 1991, pp. 195-211 (205).
- 4 Para além das advertências, sempre judiciosas, de B. Guenée, *Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval*, Paris, Aubier-Montaigne, 1980, pp. 332-336 («La propagande historique»), enquanto aponta, precisamente, que com base na profecia, «une bonne partie de la propagande a toujours, et de plus en plus, situé ses arguments dans le temps. Dans le temps à venir, d'abord...», recordemos, a título de exemplo, C. Vasoli, «Un caso di uso politico delle profezie: Juraj Dragisic (Giorgio Benigno Salviati) e il suo *Apologeticon* per Francesco Maria della Rovere (1511)», in Idem, *Civitas mundi. Studi sulla cultura del Cinquecento*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1996, pp. 101-119; P. Guerrini, *Propaganda politica e profezie figurate nel tardo medioevo*, Napoli: Liguori, 1997 e, desde outra perspectiva, M. Firpo, «Il sacco di Roma del 1527 tra profezia, propaganda politica e riforma religiosa», in *Dal sacco di Roma all'Inquisizione. Studi su Juan de Valdés e la Riforma italiana*, Alessandria: Edizioni dell'Orso, 1998, pp. 8-60; R. Rusconi, «Eschatological movements and millenarism in the West (13th-early 16th centuries)», in A. Vauchez (ed.), *L'attente des temps nouveaux. Eschatologie, millénarisme et visions du futur du Moyen Âge au XX^e siècle*, Turnhout: Brepols, 2002, pp. 29-44.

imediatamente tanto as sucessivas edições de velhos ou menos velhos textos como as actualizações – muitas vezes, *ex eventum* – que, ao longo dos tempos, deles se foram fazendo. Baste pensar, e é apenas um exemplo, na fortuna da profecia *Cedrus alta Libani* através dos séculos⁵... Nada custa, portanto, a aceitar que do estudo desses textos resulte, como escreve C. Vasoli, «una migliore comprensione del significato non solo religioso, ma pure ‘ideológico’ e ‘politico’ di tradizioni, personalità e ambienti che hanno operato ai più diversi livelli dell’esperienza culturale del tempo»⁶, isto é, dos diversos tempos que os viram produzir e circular – em edições sucessivas e sucessivas cópias manuscritas.

Tal interesse – da criação à recepção e à difusão – é um fenómeno que envolve não só as camadas populares como as elites culturais – daqui, como ponderou certamente R. E. Lerner «for the student of mentalities they are a fascinating and extremely valuable source»⁷ –, pois, como escrevia Cola de Rienzo a Carlos IV de Boémia em 1350 «si prophetie Merlini, Methodii, Policarpi, Ioachim et Cirilli aut ab immundo spiritu aut fabule forte sunt, cur pastores Ecclesie et prelati in libris pulcherrimis argento munitis sic libenter inter libraria recipiunt armenta?»⁸. A estes contemporâneos de Petrarca, podemos juntar em tempos já mais «modernos», um Cristóvão Colombo⁹,

-
- 5 R. E. Lerner, *The powers of prophecy. The Cedar of Lebanon vision from the Mongol onslaught to the dawn of the Enlightenment*, Berkley/Los Angeles/London: University of California Press, 1983, muito especialmente as conclusões, pp. 183-197.
 - 6 C. Vasoli, «A proposito delle tradizioni profetiche e millenaristiche nella storia religiosa italiana, tra la fine del Quattrocento e gli inizi del Cinquecento», in Idem, *Civitas mundi...*, cit., pp. 17-42 (17).
 - 7 R. E. Lerner, *The powers of prophecy...*, cit., p. 3.
 - 8 B. McGinn, «‘Pastor Angelicus’: apocalyptic myth and political hope in the fourteenth century», in *Apocalypticism in the Western tradition*, Aldershot: Variorum, 1994, p. 221; R. Rusconi, *L’attesa della fine. Crisi della società, profezia ed Apocalisse in Italia al tempo del grande scisma d’Occidente (1378-1417)*, Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo, 1979, pp. 21-26, onde se cita e comenta o alcance do colecionismo de textos proféticos que Cola de Rienzo deixa perceber.
 - 9 C. Colombo, *Lettere e Scritti (1495-1506). Libro de las profecias* (a cura di R. Rusconi), Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1993; R. Rusconi, «Il Libro de las profecias di Cristoforo Colombo: retroterra culturale e consapevolezza di uno scopritore», in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, Roma: Viella, 1999, pp. 234-264; A. Milhou, *Colón y su mentalidad mesiánica en el ambiente franciscanista español*, Valladolid: Casa-Museo de Colón, 1983. Para um âmbito mais geral em que se insere, naturalmente, o contexto evocado nas obras anteriores, será sempre de consultar A. Prosperi, «America e Apocalisse. Note sulla ‘conquista spirituale’ del Nuovo Mondo», *Critica Storica* XIII (1976) 1-61 e

cardeais como um Pietro Bembo, um Egídio de Viterbo e um Bernardino de Carvajal¹⁰, eruditos teólogos como um Giorgio Benigno Salviati ou um Pedro Galatino¹¹, exemplos grandes, estes últimos, desse interesse pelos textos proféticos, não só a nível da sua recepção, mas também como uma das bases da sua obra. A outro nível, será sempre interessante recordar outros atentos leitores e grandes coleccionadores de textos proféticos – na primeira metade do século XV, pelos anos em que começa decisivamente esse gosto de transcrever e coleccionar¹², um homem de leis como o piemontês Tebaldo Civeri..., um mestre de Gramática toscano como Luca di Antonio Bernardi da S. Gimignano¹³..., mais tarde, um Pierleone de Spoleto, físico de Lourenço de Medici, associado de Marsilio Ficino¹⁴, etc... E tudo isto em tempos em que Roma – a Roma das profecias e dos segredos¹⁵ – se ia tornando o grande

«Attese millenaristiche e scoperta del Nuovo Mondo», in G. L. Potestà (ed.), *Il Profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento*, cit., pp. 433-460.

- 10 F. Troncarelli, «Le edizioni gioachimite e l'editoria religiosa nel Cinquecento», in R. Rusconi (ed.), *Storia e figure dell'Apocalisse fra '500 e '600. Atti del IV Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti*, San Giovanni in Fiore, 14-17 settembre 1994, Roma: Viella, 1996, pp. 67-76 (72); M. Reeves, «Cardinal Egidio of Viterbo: a prophetic interpretation of History», in M. Reeves (ed.), *Prophetic Rome in the high Renaissance period*, Oxford: Clarendon Press, 1992, pp. 91-109; N. H. Minnich, «The role of prophecy in the career of the enigmatic Bernardino López de Carvajal», in M. Reeves (ed.), *Prophetic Rome...*, cit., pp. 111-120.
- 11 M. Reeves, *The influence of prophecy in the later Middle Ages...*, cit., pp. 234-238, 442-447 et passim; C. Vasoli, «Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)», in *Profezia e Ragione. Studi sulla cultura del Cinquecento e del Seicento*, Napoli: Morano, 1974, pp. 15-127 et passim; «Giorgio Benigno Salviati (Dragisic)», in M. Reeves (ed.), *Prophetic Rome...*, cit., pp. 121-156; R. Rusconi, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., (conf. espec.: *Circolazione di testi profetici agli inizi del Cinquecento. La figura di Pietro Galatino*, pp. 211-219).
- 12 R. Rusconi, «'Ex quodam antiquissimo libello'. La tradizione manoscritta delle profezie nell'Italia tardomedioevale: dalle collezioni profetiche alle prime edizioni a stampa», in W. Verbeke – D. Verhelst (eds.), *The use and abuse of Eschatology in the Middle Ages*, Leuven: Leuven University Press, 1988, pp. 441-472 (444) e agora in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., pp. 161-186; *Il collezionismo profetico in Italia alla fine del Medioevo e agli inizi dell'età moderna*, in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., pp. 187-209.
- 13 R. Rusconi, «'Ex quodam antiquissimo libello'...», cit., pp. 444-449.
- 14 R. E. Lerner, «The profetic manuscripts of the 'Renaissance magus' Pierleone of Spoleto», in G. L. Potestà (ed.), *Il profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento*, cit., pp. 97-116; M. Rotzoll, *Pierleone da Spoleto. Vita e opere di un medico del Rinascimento*, Firenze: Olschki, 2000.
- 15 F. Troncarelli (ed.), *La città dei segreti. Magia, astrologia e cultura esoterica a Roma (XV-XVIII)*, Milano: F. Angeli, 1985.

centro difusor de tais textos e de todos os prodígios¹⁶... E porque não havemos de recordar a constelação de profecias e intérpretes à volta de Fernando, o Católico, reproduzindo ou actualizando velhos textos de Arnaldo de Vilanova e de Jean de Roquetaillade¹⁷, e organizando, sob o insofismável signo da propaganda, cancioneiros como aquele em que Pedro Marcuello profetiza, em 1472, a conquista de Granada e depois Jerusalém¹⁸... E se, como concluía Gutierre Díez de Games, «como bien rey nuevo, luego facen Merlín nuevo»¹⁹, nada custa perceber que à volta de Carlos I de Espanha e, depois do imperador, se tivesse organizado, tal como acontecera em torno de Francisco I de França, todo um *corpus* profético de que, como mostrou M. Reeves em largos capítulos a tal assunto dedicado²⁰, alguns dos maiores contributos foram dados nada menos que por um Guillaume Postel²¹...

Ao lado destes grandes e, de qualquer modo, gente letrada, podemos encontrar, nos anos setenta do século XVI, uns pedreiros que, em Veneza, comentavam a Bíblia em confronto com as «profetie di musaico» de S. Marcos, essas «profecias» que a tradição – mestra inesquecível destes saberes – atribuía ao próprio abade Joaquim²²...

Entre nós, se preferirmos não recordar quer as alusões de Fernão Lopes a prognósticos e profecias (escassas, estas) que cruzam as suas crónicas²³

16 R. Rusconi, «'Ex quodam antiquissimo libello'...», cit., p. 451.

17 P. Bohigas i Balaguer, «Profecies catalanes dels segles XIV i XV. Assaig bibliogràfic», *Bulletí de la Biblioteca de Catalunya* VI (1925) 25-49 (46-48); A. Milhou, «La chauve-souris, le nouveau David et le roi caché (trois images de l'empereur des derniers temps dans le monde ibérique: XIIIe-XVIIe s.)», *Mélanges de la Casa Velázquez* XVIII (1982) 61-78 (64-66 et *passim*).

18 P. Marcuello, *Cancionero* (ed. de J. M. Blecua), Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 1987.

19 G. Díez de Games, *El Victorial. Crónica de D. Pedro Niño, conde de Buelna* (ed. de J. de Mata Carriazo), Madrid: Espasa-Calpe, 1940, p. 68.

20 M. Reeves, *The influence of prophecy in the later Middle Ages...*, cit., pp. 359-374; O. Niccoli, *Profeti e Popolo nell'Italia del Rinascimento*, Bari: Laterza, 1987, p. 26 et *passim*.

21 M. Reeves, *The influence of prophecy in the later Middle Ages...*, cit., pp. 375-382.

22 O. Niccoli, «'Prophetie di musaicho'. Figure e scritture gioachimite nella Venezia del Cinquecento», in A. Rotondò (ed.), *Forme e destinazione del messaggio religioso. Aspetti della propaganda religiosa nel Cinquecento*, Firenze: Olschki, 1991, pp. 197-227.

23 M. G. Ventura, *O messias de Lisboa. Um estudo de mitologia política (1383-1415)*, Lisboa: Cosmos, 1992, prestou alguma atenção a esta importante questão, o que não vai sem méritos, dado que não constituía o imediato objecto da sua investigação; mais recentemente, confirmando o que sugerimos, A.-M. Quint, «Chronique d'un avènement annoncé (Fernão Lopes et le Maître d'Aviz)», in A. Redondo (ed.), *La prophétie comme*

quer as de Hernando del Pulgar às que, também, seguramente, de premente carácter político, corriam em Castela a favor de Afonso V de Portugal durante a sua campanha pelo trono da «Excelente Senhora»²⁴ – infelizmente perdidas? – e se não quisermos aceitar, como ecos de um trabalho semelhante, as referências à «passagem» de D. Manuel que lhe eram feitas no momo de 1500²⁵, nem as cartas de novas e profecias que das terras do Prestes João e da Índia chegavam ao Venturoso entre 1509 e 1521, incitando-o a «rogar incessantemente a Deus lhe conceda a graça de conquistar o Santo Sepulcro»²⁶, teremos de lembrar não só Gonçalo Eanes Bandarra – as suas *Trovas* terão de ser vistas, antes de mais, sob esse halo exaltador de Merlim novo para rei novo, como muito bem percebeu a Inquisição²⁷ – mas também os seus copiadores e glosadores cristãos-novos – ainda que nem tudo deverá ser glosa das *Trovas*, mas, também relíquias de outras poemas proféticos do género que

arme de guerre des pouvoirs. XV^e-XVII^e siècles, Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2000, pp. 57-67.

- 24 H. del Pulgar, «Letras» (VIII), in *Claros varones de España*, Sevilla 1500 (ed. fac-similada, Barcelona: Salvat, 1970, pp. 125-126): «Algunos castellanos aficionados a portugal han andado por aqui cargados de profecias; dellas salen inciertas; otras ay en la verdad que no valen nada. y pues andamos a profetizar: yo profetizo: que si el señor rey de portugal deliberare en entrar otra vez en estos reynos, ponellos en guerra y trabajos, muertes y robos, y a Portugal a bueltas, no lo dudo y menos dudo que faga los fechos de los descontentos, por fazer el suyo como lo dessea no lo creays en vida de bivos...»; H. Millet & D. Rigaux, «Aux origines du succès des 'Vaticinia de summis pontificibus'», in *Fin du monde et signes des temps. Visionnaires et prophètes en France méridionale (fin XIII^e - début XV^e siècle)*, (Cahiers de Fanjeaux, 27), Toulouse: Privat, 1992, pp. 129-156, recordam, a sublinhar o carácter político que assinalam à origem dos *Vaticinia*, que já «les Angevins faisait circuler des prophéties jusque sur les champs de bataille, comme au siège de Gaète en 1289» (p. 147).
- 25 I. S. Révah, «Manifestations théâtrales pré-vicentines: les 'momos' de 1500», *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais* III (1952) 91-105.
- 26 Publicaram-se algumas dessas cartas em selecção de L. F. Barreto, *Por mar e terra. Viagens de Bartolomeu Dias e Pero da Covilhã*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988 (conf. pp. 26, 45-46, 50).
- 27 Como pode ler-se no processo inquisitorial de Bandarra – agora relativamente acessível na edição comentada que dele fez J. C. Serafim na sua dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto: *Gonçalo Anes, o Bandarra, Sapateiro de Trancoso*, Porto: F.L.U.P., 1996 –, foi aceite pelos inquisidores de que as suas trovas eram «em louvor de Deos e d'Elrey» e, de acordo com esta sua justificação – garantida, aliás, pelas suas glosas explicativas que, no seu caderno, seguiam o texto das estrofes –, foi obrigado a «declarar publicamente a sua tenção acerca das trovas que tem feito...». Condenáveis, como vemos por alguns exemplos em outros processos, eram os sentidos que a essas trovas davam os cristãos-novos que as copiaram e difundiram, como muito bem acentuou João Carlos Serafim.

Bandarra também cultivou²⁸ e, seguramente, também colecionou – e, ainda, o dominicano Fr. Luís de Toar (ou Tovar) que dedicou a sua *Divinam revelationem Erithrae Sibyllae cum commentariis, in qua a bello Trojano usque ad diem iudicii futura praedixit* (Siena, per Simonem, filium Nicolai Nardi, 1508) a D. Henrique de Meneses, filho do conde de Tarouca, sendo esse estudante nessa cidade italiana²⁹, personagem que, talvez, valesse a pena tentar, algum dia, definir melhor. E, quase no fim do século, não podemos esquecer um Simão Gomes – outro sapateiro³⁰. Ao nível dos grandes colecionadores portugueses, haverá sempre que lembrar um Pero Roiz Soares no seu *Memorial* (1565-1628)³¹ e o anónimo ou anónimos quase seus contemporâneos que juntaram a preciosa antologia da Biblioteca P. M. do Porto em que se encontra uma preciosa versão do texto do misterioso Fr. Unay ou Uray que difere das lições que conheceram Eugenio Asensio e Ramón de Alba e cuja «originalidade» já acentuou Maria Isabel Toro³². Muito mais tarde, no meio de

-
- 28 M.^a J. F. Tavares, «Características do messianismo judaico em Portugal», *Estudos Orientais* II (1991) 245-266; alguns dados úteis poderão obter-se em E. Lipiner, *O Sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.
- 29 N. Antonio, *Bibliotheca Hispana Nova*, Matriti: apud viduam et heredes Joachimi de Ibarra, 1788, p. 67, dá-o como «palentinus», mas J. de Castro, *A Aurora*, 1376r, di-lo «português»; M. Reeves, *The influence of prophecy in later Middle Ages...*, cit., p. 519, refere esta obra que, tal como a sua fonte – C. Alexandre, *Oracula Sibyllina*, Paris 1856 – não pôde encontrar. Como veremos, D. João de Castro, de quem recebemos a primeira notícia sobre a obra, cita-a em *Aurora*. Existe um exemplar na British Library (C.59.f.30).
- 30 J. A. de F. Carvalho, «Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o 'sapateiro santo' (1516-1576)», in *Espiritualidade e corte em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Porto: Faculdade de Letras do Porto/Instituto de Cultura Portuguesa, 1993, pp. 233-260; desde outra perspectiva, convirá ter presente algumas notas de I. dos Santos, «Le temps d'un roi. Prophéties et conquêtes à l'époque de Sébastien du Portugal (1554-1578)», in A. Redondo (ed.), *La prophétie comme arme de guerre des pouvoirs*, cit., pp. 109-122.
- 31 Como se sabe, estas nunca suficientemente ponderadas memórias, de que a única edição é a que fez M. L. de Almeida (P. R. Soares, *Memorial de Pero Roiz Soares*, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1953), são um extraordinário repositório de profecias e sinais, geralmente de signo político-apocalíptico, que, em muitos casos, estão para além do seu imediato e predominante contexto anti-filipino.
- 32 E. Asensio na sua introdução a G. de Leão, *Desengano de perdidos* (Goa, 1573), Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1958, pp. 18-25; R. Alba, *Acerca de algunas particularidades de las comunidades de Castilla tal vez relacionadas con el supuesto acaecer Terreno del Milenio Igualitario*, Madrid: Editora Nacional, 1975, pp. 180-187; referiu a «originalidade» deste ms. M.^a I. Toro Pascua, «Imagen y función del Anticristo en algunos textos castellanos del siglo XV», *Via Spiritus* 6 (1999) 27-63 (54).

tanta colecção quase sempre simplificadamente catalogada sob a larga capa de «papéis sebastianistas» que guardam as bibliotecas portuguesas, aquele cónego Gaspar Moreira que, em Goa, em 1650, mandava trasladar alguns textos que hoje figuram nesse vasto *Jardim Ameno*, colecção esta que, na sua larga maioria recolhe cópias anteriores – ao parecer... – a 1635, ou alguns jesuítas, como aquele P. Henrique de Carvalho que ofereceu esse *Jardim*, em 1741, ao colégio de Gouveia³³ onde se encontrava quando os bens da Companhia foram inventariados e sequestrados em 1759-1760³⁴. E porque não recordar entre tais coleccionadores, como é legítimo suspeitar, aquele D. Rodrigo de Meneses que se encarregava de fornecer ao P. Vieira livros e papéis «destas curiosidades»? Se os não possuía, sabia onde os encontrar, pois em 1664 descobria – lastimemos que Vieira não nos diga onde – precisamente as profecias – ou um texto relacionado com as profecias – do «Beato» Amadeu³⁵.

-
- 33 M.^a de Lurdes C. Fernandes, «O ensino das primeiras letras no interior beirão no século XVIII. O colégio dos Jesuítas em Gouveia», *Revista de Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, XIX (2002) pp. 41-70, estudou, a partir de documentação dos Arquivos romanos da Companhia de Jesus, a história da fundação deste colégio, apontando o papel que nela teve o P. Henrique de Carvalho, salientando ainda, com base nos parcos elementos hoje disponíveis fornecidos pelo inventário dos bens sequestrados em 1759, algumas das linhas de orientação que podem detectar-se na biblioteca do colégio, constituída, em palavras do inventariador, por «mil e seiscentos e quarenta tomos entre livros de folha, quarto e oitavo velhos e desencadernados». Agradeço à Prof.^a Maria de Lurdes Correia Fernandes a gentileza com que me permitiu utilizar o original desta sua preciosa investigação.
- 34 Uma descrição sumária destes dados referentes ao hoje Cod. 774 do A.N.T.T. (Lisboa) pode ver-se em J. S. da Silva, *Colecção das provas que forão citadas na parte primeira e segunda da 'Deducção Chronologica e Analytica...'*, Lisboa, Na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1768, pp. 82-85; J. A. V. Torres, *Fonction et signification sociologique du messianisme sébastianiste dans la société portugaise*, Paris: Université de Paris III/ Institut d'Études Portugaises et Brésiliennes, s. d. (Ed. policopiada, 6 vols.).
- 35 A. Vieira, *Cartas do Padre António Vieira* (ed. de J. L. de Azevedo), Lisboa: Imprensa Nacional, 1971, II, p. 26: «Ao presente – escrevia, de Coimbra, Vieira a D. Rodrigo de Meneses em 14.1.1664 – me eram mui necessárias as profecias do Beato Amadeu e a relação de um livro que dizem tem fechado na mão com uma inscrição notável acerca do tempo em que se há-de abrir. Também tenho notícia de um expositor do Apocalipse, chamado Serafino de Razis, que não posso descobrir por esta parte, e estimaria muito que V. S.^a encomendasse a alguma pessoa curiosa que fizesse diligência por ele. E com aviso do que há, darei ordem a que me possa vir com toda a segurança». E em 3.3. desse mesmo ano escrevia o pregador ao mesmo correspondente: «As justificações do livro do Beato Amadeu estimei grandemente ver, pela variedade e incerteza com que nele falam os autores, e o melhor que têm é estarem desimpedidas daquele seco, onde as coisas deste género costumam encalhar na nossa terra», id., pp. 38-39; R. Cantel, *Prophétisme et messianisme dans l'œuvre d'Antonio Vieira*, Paris: Ediciones Hispano-Americanas, 1960, traça uma visão

Um dos colecionadores que lhes poderia fornecer era, pelos vistos, um esparteiro das portas da Mouraria³⁶. E porque não colher a ocasião para chamar a atenção, ainda que não possamos assinalar o seu preciso lugar nesta história, para o notável ms. (n.º 834) das *Prophetias Telesphori*, isto é, do célebre *Libellus* de Telesforo de Cosenza que, em bela cópia dos fins da primeira metade de Quinhentos³⁷, encadernado com a profecia pseudo-brigitina (*Ave Iesu figliol di Maria / che per tutti pendisti nella croce... //... che dismembrati serranno ad uno ad uno / firox che la lingua e uno occhio per uno*), se conserva na Biblioteca Municipal do Porto³⁸?

Depois de tudo, nada deve custar aceitar que o estudo do profetismo tenha de constituir um elemento importante, se não mesmo imprescindível, para compreender a história – da religiosa à política – desses largos séculos europeus, como advertiu C. Vasoli e particulariza Roberto Rusconi quando escreve que «gli anni del papato di Paolo III Farnese (1534-1549) corrisposero a una vigorosa ripresa di aspettative di riforma in chiave esoterica e profetica»³⁹. E, naturalmente, muito do interesse – e dos interesses – pelo *Apocalipse* joanino entre Quinhentos e Seiscentos – e ainda depois – brota,

global – e ainda a mais correcta – das questões e significados do profetismo na obra do grande pregador; L. R. Guerreiro, «Le prophétisme baroque au Portugal: António Vieira et Sebastião Pacheco Varela», in A. Redondo (ed.), *La prophétie comme arme de guerre des pouvoirs*, cit., pp. 139-151.

- 36 A. Vieira, *Cartas*, cit., II, p. 39: «As de S. Frei Gil tomara também de ver, me lembra que as tinha um esparteiro das portas da Mouraria, em um de quatro livros destas curiosidades, que ele emprestou agora faz vinte anos ao Padre João de Vasconcelos, quando compunha o livro da Restauração de Portugal, que imprimiu com o nome do Dr. Gregorio de Almeida».
- 37 Agradeço penhoradamente ao meu Colega e amigo, Prof. Doutor José Marques, a generosidade que, uma vez mais, teve para me ajudar a datar este importante ms. para o qual já chamou a atenção J. C. Serafim, na sua recensão a P. Guerrini, *Propaganda política e profezie figurate nel tardo medioevo*, Napoli: Liguori, 1997, *Via Spiritus* 6 (1999) 269-271.
- 38 No ms. da B.P.M.P. a profecia não tem qualquer atribuição, mas, depois de ter passado por obra de Tommasuccio da Foligno, parece ser hoje considerado um texto falsamente atribuído a Santa Brígida de Suécia. Sobre o assunto, A. Messini, *Profetismo e profezie ritmiche italiane d'ispirazione gioachimito-francescana nei secoli XIII, XIV e XV*, Roma: Miscellanea Francescana, 1939, pp. 54-56; O. Niccoli, «Profezie in piazza. Note sul profetismo popolare nell'Italia del primo Cinquecento», *Quaderni Storici* 41 (1979) 500-539 e R. Rusconi, *L'attesa della fine...*, cit., pp. 158-162 (onde se apresenta parcialmente o texto) e, do mesmo autor, «'Ex quodam antiquissimo libello'...», cit., pp. 163, 166, 178 et *passim*. O texto da Biblioteca Municipal do Porto apresenta 47 estrofes.
- 39 R. Rusconi, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., p. 220.

nas suas interpretações e polémicas, destas mesmas expectativas qualquer que seja o lado da fronteira de cristandade donde parta⁴⁰.

As notas que se seguem não pretendem mais do que sugerir quanto seria interessante tentar ver, de forma sistemática, como, nas condições particulares do Portugal dos fins de Quinhentos e da primeira metade do século seguinte, se poderá ter prolongado, para o dizer com o título de uma obra dedicada ao assunto⁴¹, «o uso e o abuso» do profetismo, pois, como dissemos, parece-nos, talvez por ignorância, um campo de investigação a que os estudos de cultura portuguesa, à parte algumas interpretações, um tanto violentas, de textos do *Cancioneiro Geral*, não têm prestado a atenção que merece. As razões desta desatenção dever-se-ão, provavelmente, à obsessão de tudo olhar pelo ângulo – insofismável, é certo – do sebastianismo e dos cristãos-novos e, mais tarde, pelos prismas das variantes do «Quinto império» em que também se empenhou António Vieira... E neste contexto, esquecemos, por exemplo, uma figura como esse primeiro marquês de Niza que, à volta de 1649, continuava a procurar para a sua biblioteca as obras de Jean Roquetaillade⁴²... Chegou a possuí-las? Que outros textos proféticos terá reunido? De qualquer modo, é neste contexto de interesses proféticos que teremos de inserir, para além da oportunidade política do momento, a sua – porque a pagou – edição das *Trovas* de Bandarra (Nantes, 1644)⁴³, a primeira edição autónoma desse texto.

2.

Naturalmente, não é a estas questões que tentaremos imediatamente responder, pois procuraremos, muito mais simplesmente, esboçar, em algumas breves notas, a presença, em Portugal e em autores portugueses, na primeira

40 Como resulta de *Storia e figure dell'Apocalisse fra '500 e '600*..., cit.

41 W. Verbeke – D. Verhelst (eds.), *The use and abuse of Eschatology in the Middle Ages*, cit.

42 Em 4.5.1648, D. Vicente Nogueira, esse eruditíssimo Referendário Apostólico que vivia em Roma e aí foi como que um agente bibliográfico e bibliófico do marquês de Niza, escrevia-lhe fazendo-se eco do seu pedido: «As prophecias do Rocacelsa não me lembra de haver visto; as de Merlym si manuscriptas em Castella que vem a ser quasi o nosso Bandarra» e, em 11.1.1649, perante a insistência do embaixador português, escrevia-lhe desenganando-o: «Prophecias de Roque celsa não vi, nem ouvi nomear senão a V. S.», in V. Nogueira, *Cartas de D. Vicente Nogueira* (publicadas e anotadas por A. J. L. da Silva), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929, pp. 52 e 92, respectivamente.

43 J. L. de Azevedo, *A evolução do sebastianismo*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947, p. 76.

metade de seiscentos, de um texto profético de grande difusão nos séculos XVI e XVII como mostram os estudos de A. Morisi, C. Vasoli, R. Rusconi, etc... Referimo-nos, naturalmente, à *Apocalypsis Nova*, atribuída ao «Beato» Amadeu da Silva, o franciscano português João da Silva Meneses (†1482)⁴⁴ em que o arcanjo Gabriel expõe, durante oito êxtases (*raptus*) do fundador dos amadeítas, questões de alta teologia – criação dos anjos, do mundo e do homem..., os nomes dos sete anjos maiores..., a sua inferioridade em relação à Mãe de Deus..., as questões da predestinação e da liberdade..., o pecado original..., a concepção imaculada de Maria..., a anunciação do anjo à Virgem..., a sua ciência..., a sua assunção..., etc. –, questões devocionais e litúrgicas – a festa da Imaculada, por exemplo – e aprofunda – completando ou corrigindo interpretações que deles se foram dando –, tal como o fará nos sermões que se seguem a estes oito êxtases, alguns pontos da Revelação apenas enunciados no texto evangélico⁴⁵. Tais revelações são destinadas não propriamente a Amadeu, mas ao futuro e sempre prometido *Pastor novus* que, já aparecido, mas ainda não conhecido – uma situação paralela à de D. Sebastião entre 1598-1603 –, há-de iniciar, com o apoio de um *Rex magnus*, a reforma final da Igreja e, intimamente relacionada com esta, sustentar e proclamar essas questões teológicas e litúrgicas guardadas na *Apocalypsis Nova*⁴⁶. É, como poderá supor-se, uma obra complexa e de marcada influência scotista⁴⁷, que, tal como foi divulgada, nos começos do século XVI, não lhe pertencerá⁴⁸, mas em que as esperanças de renovação teológica e de reforma vão de par com os anseios da unidade final, essa unidade sempre consagrada na forma de *unum ovile et unus*

44 A. D. de S. Costa, «Studio critico e documenti inediti sulla vita del Beato Amadeu de Silva nel quinto centenario della sua morte», in I. Vázquez (ed.), *Noscere sancta. Miscellanea in memoria di Agostino Amore OFM (†1982)*, Roma: Antonianum, 1985, II, pp. 101-360, aclarou, por fim, a história genealógica de João da Silva Meneses.

45 A. Morisi, 'Apocalypis Nova'. *Ricerche sull'origine e la formazione del testo dello pseudo-Amadeo*, Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo, 1970, pp. 47-83.

46 A. Morisi-Guerra, «The 'Apocalypsis Nova'. A plan for Reform», in M. Reeves (ed.), *Prophetic Rome...*, cit., pp. 27-50.

47 A. Morisi, 'Apocalypis Nova'. *Ricerche...*, cit., pp. 56, 58, 64 *et passim*; para questões concorrentes relacionadas com a mesma orientação teológica implicada na reelaboração da *Apocalypsis Nova*, veja-se C. Vasoli, «Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)», in *Profezia e Ragione*, cit., pp. 26-106 e «Un commento scotista a un soneto del Magnifico: l' 'Opus septem Questionum' di Giorgio Benigno Salviati», in *Filosofia e religione nella cultura del Rinascimento*, Napoli: Guida, 1988, pp. 139-182.

48 A. Morisi, 'Apocalypis Nova'. *Ricerche...*, cit., pp. 28-46; C. Vasoli, «Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)», in *Profezia e Ragione*, cit., pp. 98-99.

pastor. Não vale a pena repetir aqui nem o pouco que se sabe sobre a biografia – a lendária e a verdadeira – de Fr. Amadeu nem o que se tem apurado acerca das circunstâncias da «abertura» do livro, à volta de 1502, muito provavelmente num círculo romano a que presidia o ambicioso cardeal Bernardino de Carvajal e a que pertenciam um Pedro Galatino e um Giorgio Benigno Salviati⁴⁹ ... Todos eles, cada um por seu turno, se quiseram ver profetizados nas páginas que esse novo *Apocalipse* dedica ao futuro «Pastor novus»⁵⁰, quer dizer, a esse «Papa Angelico» que, desde o século XIV – pelo menos –, vinha obsessionando a Europa religiosa que clamava por reformas⁵¹ ... A *Apocalypsis Nova*, desde a sua «abertura», não deixou de circular por toda a Europa e uma dessas cópias, trazida para Espanha (depois de 1528) por Fr. Francisco de los Angeles Quiñones, Ministro geral da Observância franciscana e futuro cardeal, de quem Pedro Galatino foi capelão⁵², chegou mesmo a cruzar o Atlântico, ser copiada no México e regressar a Espanha. Um curioso itinerário atestado por S. Pedro de Alcântara em documento escrito durante a sua estadia em Portugal (Azeitão, 21.2.1543)⁵³ ... Felizmente, os dois aproveitamentos desse livro a que nos referiremos – a sua utilização política por D. João de Castro em *A Aurora*, em 1604-1605, com os olhos postos em D. Sebastião, num D. Sebastião já «aparecido e sempre benvindo», e a pequena antologia da *Apocalypsis Nova*, seguida da tradução, em torno de algumas das questões

49 A. Morisi, '*Apocalypsis Nova*'. *Ricerche* ..., cit., pp. 27-36; C. Vasoli, «Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)», in *Profezia e Ragione*, cit., pp. 98-99; R. Rusconi, «Ex quodam antiquissimo libello. La tradizione manoscritta delle profezie nell'Italia tardomedioevale ...», in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., p. 177, parecem inclinar-se para que um bom candidato a autor desta «finta Apocalissi» seja precisamente Fr. Giorgio Benigno Salviati.

50 R. Rusconi, «Un Papa angelico prima del sacco di Roma», in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., pp. 265-294.

51 B. McGinn, «'Pastor Angelicus': apocalyptic myth and political hope in the fourteenth century», in *Apocalypticism in the Western tradition*, cit., VI, pp. 221-251.

52 C. Vasoli, «Giorgio Benigno Salviati, Pietro Galatino e la edizione di Ortona (1518) del 'De arcanis catholicae veritatis'», in *Filosofia e religione* ..., cit., pp. 182-209 (187-188).

53 A. Barrado Manzano, O.F.M., *S. Pedro de Alcântara. Estudio documentado y crítico de su vida*, Madrid: Editorial Cisneros, 1965, pp. 185-186, publica essa certidão assinada por Fr. Pedro de Alcântara. Será possível localizar essa preciosa cópia? D. B. Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, I, p. 122, lembra com precisão, a propósito dos avatares de diversos manuscritos da *Apocalypsis Nova*, a declaração de Fr. Pedro de Alcântara, documento apenso à cópia conservada no Colégio de S. Boaventura de Barcelona, que garantiria ser essa uma cópia não adulterada da obra.

teológicas que são o verdadeiro cerne do livro, organizada por um anónimo, possivelmente antes de 1635 – podem representar bem duas modalidades dos vários aproveitamentos que se foram fazendo dessa obra ao longo do século XVI e XVII, sem que, por isso, deixemos de registar a circulação de algumas profecias que, com mais ou menos pertinência, para ela também remetem e que, tal como ela, gozaram de uma certa ressonância europeia.

Terá, porém, algum interesse lembrar, que, se sabemos, como brevemente já aludimos, de um dos meios por que terá chegado a Espanha uma cópia da *Apocalypsis Nova*⁵⁴, nada parece saber-se sobre a sua entrada em

- 54 M. de Castro, *Manuscritos franciscanos de la Biblioteca Nacional de Madrid*, Madrid: Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1973, assinala (pp. 333 e 468) duas cópias da *Apocalypsis Nova* nessa biblioteca, ambas do século XVII – ms. 6540 (incompleto, pois apenas contém os cinco primeiros raptos) e ms. 11248. Refere ainda (p. 334) o ms. H.III.1, de letra dos fins do século XV, da Biblioteca de El Escorial. Chegámos a pensar poder ser este último o exemplar que pertenceu a D. Diego Hurtado de Mendoza, que deu entrada nessa biblioteca régia em 1576. Havemos, porém, que confessar que do exame desse precioso e completo exemplar não resulta qualquer indicação ou sugestão da sua procedência. Terá, contudo, algum interesse apontar que o exemplar, cuja primitiva encadernação foi restaurada a seda verde que lhe forra as respectivas guardas, possui algumas particularidades curiosas para a sua história e para a história da recepção do seu texto. O volume possui dois fls. apensos ao rosto com 19 proposições numeradas e remetendo para o fl. dessa cópia da *Apocalypsis Nova* em que se encontram, a que se segue a seguinte nota que curiosamente está no 1.º fl. actual:

«Estas y otras muchas proposiciones huelen mas a delirios rabinicos que a revelaciones divinas; mas a questiones impertinentes e inutiles de Escuela, que a doctrina catolica; y es la calificacion mas benigna que se les puede dar; por cuya razon mando y ordeno que este libro intitulado *Apocalipsis S. Amadei*, se recoja y no se enseñe ni franque como hasta ahora por reliquia, ni aun como obra de merito, porque ninguno le advierto. Mayo 5 1815. // Cifuentes. Prior. // Pongase entre los M.m. SS. de la Bibliotheca».

Segue-se o rosto desenhado em pergaminho numa cartela a toda a página que tem ao centro um círculo com o título – *Apocalipsis sancti Amadei / propria manu / scripta*. Este rosto, como sugere o classicismo do desenho da cartela, parece ser mais recente, talvez contemporâneo da encadernação ou do seu restauro. Contém os 8 Raptos (fl. 1-177r) e 10 sermões (fl. 177r-46v) + 1 declaração final (fl. 247r).

De início, apresenta algumas apostilas marginais da mesma letra do texto; depois tem muitas notas de letra diferente, mas talvez ainda do século XVI, muitas delas cortadas pela encadernação ou pelo restauro.

Curiosamente, entre as fls. 28r-29r (início do 4.º *Raptus*) contém, apenas, uma fl., numerada mais tarde a lápis com o n.º 28bis, e da mesma letra das notas marginais mais tardias e de outras da fl. 247v. onde, interpretando as alusões histórico-políticas do texto do começo desse 4.º *Raptus*, se lançaram as identificações dos diferentes papas aludidos nessas passagens, elas próprias transcritas – *Senese* (?), *Julio*, *Leonem*, *Adriano*, *Clemente*... –, o que poderá ajudar a datar o leitor e autor dessas notas. O mesmo leitor anotou à margem dos

Portugal⁵⁵. De todos os modos, em 1546 – três anos depois das notícias que dera Fr. Pedro de Alcântara –, Gaspar Barreiros, que, mais tarde (1562), professou, com o nome de Fr. Francisco da Madre de Deus, no romano convento de Ara Coeli onde também esteve Guillaume Postel, na sua *Corographia* – só, porém, publicada em 1561 (Coimbra) – conhecia bem não só a biografia do Beato Amadeu, mas também os avatares do texto da *Apocalypsis Nova* e as suspeições que o envolviam⁵⁶. Desde este ponto de vista, não deixa de ser interessante registar que, em 1549, na célebre carta escrita em nome de Inácio de Loyola, o P. Juan Polanco, ao pôr de sobreaviso Francisco de Borja para com as ilusões acerca do «Papa Angelico», tenha recorrido a exemplos de portugueses – jesuítas, como parece deixar transparecer a redacção da carta – que tinham partido de Portugal para Roma na esperança de virem a ser

mesmos lugares (fl. 28r-28v) – *Pastor Rome...*, *Senex...*, *Sixto...*, *Inocentio...*, *Alixandro papa...* No fl. 225r – *Sermo nonus* – cita o abade Joaquim – *ut albus Joachī* – erro de cópia que vem truncado e corrigido: *abbas*.

- 55 A mais antiga notícia que temos relacionada com a obra de Amadeu da Silva em Portugal é a que dá Cristóvão de Sousa, embaixador em Roma, a D. João III, em 8.12.1541. Numa longuíssima carta em volta das atitudes de Paulo III ditadas pela elevação do bispo de Viseu ao cardinalato – episódio sobre o qual, por tão conhecido e estudado, nos escusamos de documentar bibliograficamente –, Cristóvão de Sousa, criticando, naturalmente, o papa Farnese, escreve, a determinado momento, comentando as razões do papa com que este censurava os príncipes cristãos que «nam somente queiram ser senhores em seus reinos do temporal e do espiritual, mas ainda que ajam de tolher e dar molestia a hum pobre pontífice, que nam possa fazer hum bispo, seu subdito totalmente no spiritual, cardeal, ou ho que quiser, sendo movido do Spirito Santo, que enlege a tal pessoa, he forte cousa. – Isto afirmo a Vossa Alteza que dizendo «hum pobre pontífice» que pos a mam no peito com hũa humanidade pera fazer crer que aquela era a verdade a mais descrido rufiam que ha em toda a Andaluzia, e porem eu me remeto a Santo Amadeo, que já tenho treladado pera mandar a Vossa Alteza, que diz de Sua Santidade *quasi ovis et non ovis*. Eu repriqueei...». *Corpo Diplomático Português*, Lisboa: Typographia da Academia das Siencias, 1870, IV, pp. 413-414. Além de aplicar um texto da *Apocalypsis Nova* a Paulo III – o que, ao parecer, constituía uma interessante informação crítica para o rei –, que trasladava Cristóvão de Sousa para enviar ao soberano: a passagem do livro do Beato Amadeu para que remete ou a própria obra? Sem outra informação, inclinemo-nos para que seria mesmo o texto, mais ou menos integral, da *Apocalypsis Nova* que prometia a D. João III. Terá cumprido a promessa? Terá chegado?

- 56 G. Barreiros, *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho, que fez... ó anno de M.D.xxxxvj. começado na cidade de Badajoz em Castella, te á de Milam em Italia...*, Coimbra: Por Ioã Aluarez, 1561 (aliás, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1968), 245v-247v: «o livro das suas profecias anda adulterado, com muitas cousas frivolas que n'elle foram interpostas por pessoas induzidas pelo Demonio e por humanos interesses», testemunho muito importante em razão da sua data.

identificados com esse papa⁵⁷... Se escrevesse um pouco mais tarde, talvez Inácio recordasse aquele clérigo de que fala Juan de Orozco y Covarrubias que, em Espanha, à volta de 1588, também acreditou que haveria de ser papa transfigurado em Cristo⁵⁸. Estes casos «exemplares» – semelhantes, tanto quanto é possível conhecê-los por estas sumárias alusões, aos vários casos de candidatos a «papas angélicos» que foram aparecendo em Itália⁵⁹ – não têm necessariamente de depender da leitura da obra atribuída ao Beato Amadeu – muitas outras e velhas profecias o prometiam⁶⁰ –, mas, tudo somado – datas e figuras –, terá de ser considerada, como bem provável, a hipótese de que dependam da leitura ou conhecimento indirecto da *Apocalypsis Nova*, «uno dei maggiori veicoli cinquecenteschi della diffusione di quel mito». Se em 1554, o trinitário Fr. Nicolau Coelho do Amaral, autor de umas «dissentiones in sacris annis», isto é, a sua *Chronologia Temporum*, podia ainda não conhecer a *Apocalypsis Nova* embora se revele um bom conhecedor do *De arcana divinae veritatis* (1518) de Pedro Galatino, teólogo que será um grande coleccionador e leitor dos «Dei servorum vaticinia» e, muito especialmente, *pro domo sua* muitas vezes, da obra do Beato Amadeu, em 1563, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, ao visitar, no regresso de Trento, o túmulo de Fr. Amadeu em Santa Maria della Pace em Milão, já estaria informado dessa vida em que, como diz Fr. Luís de Sousa, «é bem de ver e notar o caminho por onde o levou Deus a ser santo»⁶¹. Em 1570, o grande cronista franciscano, Fr. Marcos de Lisboa, na sua *Tercera*

57 I. de Loyola, *Obras completas*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963, p. 726.

58 J. Caro Baroja, *Las formas complejas de la vida religiosa. Religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII*, Madrid: Akal, 1978, p. 38.

59 M. Reeves, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages...*, cit., p. 438; G. Tognetti, «Note sul profetismo nel Rinascimento e la letteratura relativa», *Bullettino dell'Istituto Storico Italiano per il Medio Evo* 82 (1970) 142-143, com algumas precisões sobre algum dado oferecido por M. Reeves; M. Reeves, «Roma profetica», in F. Troncarelli (ed.), *La città dei segreti...*, cit., pp. 285-286; C. Vasoli, «Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)», in *Profezia e Ragione...*, cit., pp. 90, 95 *et passim*; C. Vasoli, «Due documenti per la storia religiosa di Firenze dopo il Savonarola (1500-1517)», in *Immagini umanistiche*, Napoli: Morano, 1983, pp. 299-300; R. Rusconi, «Un Papa angelico prima del sacco di Roma», in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., pp. 264-294.

60 B. McGinn, «*Pastor Angelicus*: apocalyptic myth and political hope in the fourteenth century», in *Apocalypticism in the Western tradition*, cit., VI, pp. 221-251.

61 Fr. L. de Sousa, O.P., *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Martyres...*, Viana: Por Nicolao Carvalho, 1619, II, p. 21 (conf. *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, ed. de Aníbal Pinto de Castro e G. Chaves de Melo, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 289).

parte de las Chronicas de la orden de los frayles menores (Salamanca, Alexandro de Canova, 1570), mostra-se, naturalmente, um bom conhecedor da biografia do fundador dos amadeítas, embora, apesar de ter recorrido a Fr. Mariano de Florença, pouco junte ao que Gaspar Barreiros tinha já apurado⁶²... Mas o que é interessante notar é que as suas conclusões passaram, quase literalmente, para uma colecção de anedotas, histórias galantes e memórias biográficas da corte quinhentista portuguesa interessada nos antigos «amores» do franciscano português. Com efeito, o seu autor ao registar, como conclusão desse esboço biográfico, que Amadeu da Silva compôs «hum livro de revelações e profecias sobre o estado da Igreja romana e do Papa angélico e mudança do Reino e senhorios...»⁶³, apenas traduz, com significativa variante, o que escrevera Fr. Marcos... E a que se refeririam, em 1581, os inquisidores portugueses ao proibir «*Raptus seu Revelationes Amedei quacumque lingua*»⁶⁴? Ao texto integral de *Apocalypsis Nova* também conhecida por *Raptus* ou *Revelationes*⁶⁵? É possível, e, neste caso, conheceram um manuscrito assim intitulado e não *Apocalypsis Nova*... Tê-la-iam julgado impressa? – o que não aconteceu até hoje, a não ser em alguns extractos traduzidos e publicados não autonomamente por Paolo Angelo (1524)⁶⁶ e em alguns autores marianologistas do século XVII⁶⁷. Ou, com base em informações indirectas – como poderia suge-

62 M. de Lisboa, *Tercera Parte de las Chronicas de la Orden de los Frayles Menores*, liv. VI, 30, 178v-179r, segundo a edição de Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1615, agora acessível na edição fac-similada que dela demos (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001).

63 *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istórias e ditos galantes que sucederaõ e se disseraõ no Paço* (ed. de C. C. Lund), Coimbra: Almedina, 1980, LXV, p. 109. Talvez valha a pena atentar que F. Marcos escreveu «mudança de Reinos e senhorios...», enquanto o anónimo autor, por distracção ou intencionalmente, escreveu «mudança do Reino e senhorios...», variante interessante que poderia, a seu modo, confirmar a credibilidade profética do «Beato» Amadeu...

64 *Catalogo dos livros que se prohibem...*, Lisboa: Per Antonio Ribeiro, 1581, in *Índices dos livros prohibidos em Portugal no século XVI* (apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada por A. M. de Sá), Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983, p. 590; J. M. de Bujanda, *Index de l'Inquisition portugaise: 1547, 1551, 1561, 1564, 1581*, Québec/Genève: Centre d'Études de la Renaissance/Éditions de l'Université de Sherbrooke/Librairie Droz, 1995, pp. 113, 459.

65 A. Morisi, '*Apocalypsis Nova*'. *Ricerche...*, cit., p. 6, n.ª 13.

66 M. Reeves, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages...*, cit., pp. 292, 294, 295; B. McGinn, «Notes on a forgotten prophet: Paulus Angelus and Rome», in M. Reeves (ed.), *Prophetic Rome...*, cit., pp. 189-199.

67 Fr. P. de Alva y Astorga, *Bibliotheca virginalis sive Mariæ mare magnum*, Matriti: Ex Typographia Regia, 1648, I, pp. 673, 681-727, que publica quase todo o texto dos

rir o modo restritivo e não completamente esclarecedor de dar o título da obra – e supondo que dela corriam ou pudessem vir a correr traduções, os inquisidores, através de uma condenação «de largo espectro», apenas procuraram impedir a leitura de uma obra que, no contexto político de Portugal nos começos da monarquia dual ibérica, lhes parecia – ou suspeitavam – perigosa, tal como lhes pareciam, agora, perigosas – por razões diversas das de 1541 – as proféticas *Trovas* de Bandarra, que condenavam no mesmo *Index*⁶⁸? Aliás, quer uma quer outra parecem uma «condenação original» do *Index* português⁶⁹. Mais tarde, na primeira metade do século XVII, Jorge Cardoso, no seu magno *Agiolégio Lusitano*, parece revelar-se um bom conhecedor da obra, citando correctamente a *Apocalypsis Nova* em lugares precisos a propósito da questão das três Marias. Pena que não refira nada sobre «outros sublimes negocios» – a expressão é sua – revelados pelo arcanjo Gabriel ao «nosso B. Amadeo»⁷⁰. Não nos interessam aqui as notícias, mais ou menos repetitivas, que os cronistas franciscanos do século XVII e XVIII vão dando, muitas vezes nada mais apurando que o que traz *Amadeo de Portugal...*, a clássica biografia de Jerónimo Mascarenhas (Madrid, D. Diaz de la Carrera, 1665). E se, depois de tudo, não temos notícia de mss. da *Apocalypsis Nova* existentes actualmente em Portugal – e que deverão ter corrido como parecem provar, pelo menos, as aludidas referências de Jorge Cardoso –, podemos, porém, assinalar a circulação de duas profecias igualmente atribuídas ao beato português. Uma delas, cuja cópia mais antiga que conhecemos se encontra nesse inesgotável *Jardim Ameno*, anterior, portanto, a 1635, é também a mais interessante, ainda que, talvez, a não mais importante do ponto de vista da circulação europeia:

4.º, 5.º e 8.º *Raptus*. Conf. ainda A. Morisi, '*Apocalypsis Nova*'. *Ricerche...*, cit., p. 10, n.º 22.

68 J. M. de Bujanda, *Index de l'Inquisition portugaise...*, cit., p. 501. Como se sabe, os inquisidores em 1541, à raiz do processo de Gonçalo Eanes Bandarra, mandaram recolher as cópias das *Trovas*, mas nos índices inquisitoriais de 1547, 1551, 1561 e 1564 não se encontra qualquer referência a essas *Trovas*, o que, parece, faz avultar que as duas condenações de 1581 teriam sido ditadas – profilaticamente – pelo novo contexto político que começara precisamente em 1580-1581.

69 Assim vem anotada em J. M. de Bujanda, *Index de l'Inquisition portugaise...*, cit., p. 459.

70 J. Cardoso, *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas...*, Lisboa: Na Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, II, p. 492, obra agora acessível na edição fac-similada dos seus 4 volumes (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2002), dirigida por Mª de Lurdes C. Fernandes, autora do volume (V) de introdução e índices, sendo que estes serão sempre um preciosíssimo instrumento de investigação.

Prophecias de sancto Amadeo que estão na Livraria do Escorial (Sic erit inspirate...). Trata-se de um texto, ainda que breve, muito interessante, já que está completamente construído por citações directamente tomadas da *Apocalypsis Nova* e, como tal, facilmente localizáveis. A outra, que apenas conhecemos em cópia dos fins do século XVIII, pertence a uma ampla colecção de profecias que conserva a B.P.M. do Porto (Cod. 359). Conjugando algumas datas e referências cronológicas conservadas pelo coleccionador, é possível saber que muitos desses textos proféticos lhe foram comunicados, a partir de outras cópias mais antigas, desde o convento de Mafra. Há documentos referidos a 1620. De qualquer modo, a cópia da profecia em causa (*Prophecia de Santo Amadeu... extrata ex fine libri Apocalypsis beati Amadei. Hic liber inventus est Mediolani apud socium eius. Ascito igitur, homo Dei...*) representa uma tradição que remonta ao século XVI⁷¹ e, tal como a anterior, versa, de modo mais completo, ainda que não tão literalmente fiel ao texto da *Apocalypsis Nova*, pois é uma sua elaboração, sobre as transformações políticas europeias reveladas a Amadeu de Portugal que virão a dar-se no tempo do «Pastor Angélico»⁷².

3.

O maior e o mais sério leitor português – ainda que não em Portugal – da obra atribuída ao «Beato» Amadeu foi D. João de Castro, esse neto homónimo do célebre vice-rei da Índia, que, frente a Filipe II e a Filipe III, determinado partidário de D. António, Prior do Crato, até cerca de 1593, é quase exclusivamente conhecido pelo seu *Discurso da vida do sempre bem vindo et apparecido rey Dom Sebastiam* (Paris, 1602) e pela sua *Paraphrase a algũas Trovas de Bandarra* (Paris, 1603), obras que lhe valeram, com algum acerto, o título de «S. Paulo da religião sebastianista»⁷³. Não podemos ocuparmos aqui da biografia desse grande coleccionador, leitor e comentador de textos proféticos, pois a sua vida ainda continua à espera da investigação que urgentemente merece e que nos ilumine, para além do pouco que ele nos deixa entrever, esses muitos anos que viveu em Paris frequentando bibliotecas e copiando textos para justificar e solidificar as suas certezas nos destinos providenciais reservados a Portugal.

71 A. Morisi, '*Apocalypsis Nova*'. *Ricerche...*, cit., p. 25, n.ª 50.

72 V. apêndice deste ensaio.

73 J. L. de Azevedo, *A evolução do sebastianismo*, cit., p. 32.

Assinalemos apenas que ainda o vemos a escrever em 1628 e, como sempre, a actualizar algumas das suas obras. Destas, dentre as inéditas, destaquemos o seu magno e inteligente comentário do *Apocalypse* (1612)⁷⁴, em que revela um excelente domínio do sistema expositivo de Joaquim de Flora, e, porque nos interessa aqui muito especialmente, os cinco livros de *A Aurora da Quinta Monarquia que há de ter a christandade na conquista universal do mundo*⁷⁵, vastíssimo repertório e comentário – um tanto repetitivo, é certo – de textos proféticos de cerca de 1500 fls. que compôs, em Paris, entre 1604 e 1605⁷⁶, que acrescentará de algum capítulo «muito depois»⁷⁷, que copiará novamente, em data imprecisa, aproveitando, então, o ensejo para inserir mais alguns comentários a profecias que entretanto conhecera⁷⁸ e em que, em 1623, corrigirá uma interpretação sua de uma profecia sobre o rei de Inglaterra⁷⁹.

Como já se terá percebido, D. João de Castro reuniu, traduziu e comentou em *A Aurora* um conjunto de profecias que, confirmando e ampliando as suas certezas sobre o rei D. Sebastião vivo e aparecido – e subsidiariamente sobre outros reis e reinos (Espanha, Florença, França, Inglaterra principalmente) a fim de as reduzir e aplicar a Portugal – e, ao mesmo tempo, sobre o «Papa Angelico» que, em colaboração e sob a protecção do futuro imperador, que

74 J. de Castro, *Algumas exposições, mais completas e com outras declarações sobre o Apocalypse* e, muito especialmente, as vastíssimas – que bem fazem jus ao título – *Segundas exposições mais amplas, com outras declarações sobre o Apocalypse*, B.N.L., Cod. 4378 (vol. VIII das suas obras).

75 J. de Castro, *A Aurora da Quinta Monarchia, que há de ter a Christandade na Conquista Universal do mundo, de que ham de ser as principaes Cabeças Quatro Reys, sendo hũ d'elles El Rey Dom Sebastiam, coroado por Emperador; com outros muytos Principes e Potentados futuros Conquistadores. Repartida em cinco livros segundo os diversos propositos* (B.N.L., Cod. 4373 – 4374 – 4375). Todas as nossas referências ao texto provêm deste autógrafo, que citaremos sempre por *A Aurora*..., seguido da numeração do respectivo fl.

76 J. de Castro, *A Aurora*..., 4v-5r: «Hoje sete de Outubro de Mil seis çentos e quatro nesta çidade de Paris, dou a primeira penada neste Tratado da Aurora, anuncio do sol que nunca tarda apos ella...»; id., 1441v: «hoje vinte e oito de Abril de mil e seis çentos e cinco em que acabei de compor este livro na çidade de Paris», mas, como verificaremos, já desde 1587 se dedicava com afinco à recolha e comentário de textos proféticos.

77 J. de Castro, *A Aurora*..., 1204r: «Porque muyto depois de termos feyto a Aurora; ajuntamos a este capitulo trinta e oito o que escreve Gaspar Barreyros sobre o Beato Amadeu...».

78 J. de Castro, *A Aurora*..., 1383r: «Depois de ter escrito em limpo este volume da Aurora: achei noutras copras impressas dos Oraculos da Sibyla Erithraea, mais algũas palavras das que çitei atras, que sam de piquena consequença...».

79 J. de Castro, *A Aurora*..., 541r: «Agora em seis çentos vinte e tres me retrato, e confesso que he a profecia del Rey de Inglaterra entendida...».

seria esse rei português, havia de levar a cabo a reformação final da Igreja e, ao mesmo tempo, pacificamente ou por conquista, a conversão «universal» de judeus e gentios. As suas fontes proféticas e históricas estendem-se, obviamente, desde Joaquim de Flora de que conhece muitas das obras – das autênticas e das apócrifas⁸⁰ – sempre, tanto quanto foi possível controlá-lo, precisamente citadas, até à *Apocalypsis Nova*, passando pelo Pseudo-Metódio que cita pela edição de W. Aytinger, isto é, o *Tractatus de revelatione beati Methodi* (Bâle, 1498)⁸¹, os difundidos – e nem sempre correctamente designados⁸² – *Vaticinia de Summis Pontificibus* – de que conhece mais do que uma lição⁸³ –, o *Liber de Flore sive de summis pontificibus...*, a *Revelatio quae de Horoscopo intitulatur... de revelatione Summorum Pontificum* – o título, como muitos outros, varia – do misterioso Dandalus Ylerdensis⁸⁴..., a *Descrittione di tutta*

80 J. de Castro, *A Aurora...*, 877r-877v: «Quem quiser ver no Abbade diffusamente tratadas, preditas, e interpretadas as tribulações da Igreja Grega e Romana: os pecados da Christandade: os vícios dos Ecclesiasticos, por amor dos quaes ella, e elles foram, e ham de ser flagellados: a diversidade, e graveza dos açoutes, que tiveram todos, assi como lhe foy profetizado: lea todo o seu livro de Oneribus que compos sobre Isaias [*De oneribus prophetarum?*]: Nam lhe fique palavra do que escreveo sobre Hieremias. Veja o seu Commento sobre o Apocalypse: e muytos lugares do seu volume de Concordia e finalmente hum pequeno tratado de Oneribus, que elle fez aa instancia do Emperador Henrique sexto [*Prophetia... de tribus statibus Ecclesiae?*]: o qual eu nam vi impresso senam de mam: e ainda assi a trancos»; 946v-947r: «em o seu livro de Flore...»; 885v-886r: «O Abbade Joachim na espistola ao heremita Cyrillo sobre o comento do Oraculo...».

81 J. de Castro, *A Aurora*, 502r: «Pegando outra vez no fio do capitulo: Diz Aytinger acima citado no mesmo commento sobre as revelaçoens de Sam Methodio que anda em Authenticas escrituras a profeçia seguinte...». Conf. M. Reeves, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages*, cit., p. 339.

82 M. H. Fleming, *The late medieval pope prophecies. The «Genus nequam» group* (Edited by), Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies/Arizona State University, 1999, p. 4 e parece (6), de acordo com Robert Lerner, aceitar não só «that the time has come to reserve the name *Vaticinia de summis pontificibus* for the full set of the thirty prophecies and the title «Pope Prophecies» may not be appropriate for the first set usually known by that name...», mas também que «that this [first set might best be known by the incipit of the first prophecy, *Genus nequam*».

83 M. H. Fleming, *The late medieval pope prophecies...*, cit., descreve os diferentes mss. do conjunto *Genus nequam* e introduz a muitas das questões em torno desta série de que edita criticamente o texto e reproduz, combinatoriamente, as ilustrações do Ms. Lunel.

84 J. de Castro, *A Aurora...*, 1200r: «Dandalo, no seu livro intitulado De Horoscopis, de revelatione Summorum Pontificum, diz assi deste desejado Pastor: *Ecce praehonoratio...*»; M. Reeves, *The influence of the prophecy in the Later Middle Ages*, cit., p. 194; R. Rusconi, *L'attesa della fine...*, cit., pp. 177-178.

*l'Italia*⁸⁵ de Fr. Leandro Alberti, O.P., a *Raccolta di cinque discorsi intitolati corone per comprendere le cose appartenenti à gran rè* (Padova, 1577) de Fr. Stefano Lusignano, O.P.⁸⁶, o *De eversione Europae prognosticon* de Antonio Torquato [Arquato] de Ferrara⁸⁷..., a *Prognosticatio* de J. Liechtenberger⁸⁸..., os já aludidos comentários de Fr. Luís de Tovar à Sibila Eritrea..., o *Libellus* de Telesforo de Cosenza⁸⁹, as revelações de Ruperto e de Santa Hildegarda editadas por Jacques Lefèvre d'Étaples no precisamente citado *Trium virorum et trium spiritualium virginum* (Paris, 1513)⁹⁰, as profecias de S. Severo, Merlim Britânico, Nostradamus⁹¹, uma profecia em

-
- 85 J. de Castro, *A Aurora*..., 1403r: «Diz Frey Leandro Alberto na sua Italia allegando com Leobardo Aretino: Que Florença se começou a chamar Fluencia ou Fludentina...». Não foi, porém, possível determinar se D. João de Castro se refere à *Descrittione di tutta l'Italia* (ed.s de Bologna, 1550; Veneza, 1553, 1557) ou à *Descrittione di tutta Italia. Aggiuntavi la descrittione di tutte l'isole* (ed.s de Veneza, 1561, 1568, 1581, 1588).
- 86 J. de Castro, *A Aurora*..., 349v: «tudo isto atras dito, he do segundo livro das Coroas de Frey Estevam de Lusinhã, religioso da Ordem de Sam Domingos...». Conf. ainda, id., 352r.
- 87 J. de Castro, *A Aurora*..., 311v-312r: «Torcato in Eversione Europae, que compos no anno de mil e quatro centos e oitenta diz [...] Com o qual nam allego em quanto Mathematico, nem em quanto se quis mostrar Judiciario na sua Eversam da Europa: mas em quanto refere nella a substancia de muytas profecias; usurpandoas todavia como juizos seus aa conta de constelaçoens»; D. Cantimori, *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*, Firenze, Sansoni, 1939, pp. 18-20; M. Reeves, *The influence of the prophecy in the Later Middle Ages*, cit., pp. 339, 363-364.
- 88 J. de Castro, *A Aurora*..., 358v-359r: «Sobre isto mesmo diz assi Liechtenberger: Mas apos ti (fallando com Mathias Rey de Hungria) se ergura outro mayor flagello [...] Joam Liecheneberger foy Astrologo Judiciario o qual lançou hum juizo sobre aquella grande conjunçam de Saturno e Jupiter, que houve no anno de mil quatro çentos e oitenta e quatro; e sobre o eclipse do Sol no anno seguinte...».
- 89 J. de Castro, *A Aurora*..., 946v-947r: «Segundo o trattato de Theolosforo abreviado por Fr. Rusticano, e ordenado por depois por Mestre Frey Silvestre Manção [Meuci] de Castiglione...» de que, depois, precisa ter consultado a edição impressa «no anno de Mil quinhentos e dezasseis», o que obviamente remete para a edição veneziana do *Mirabilis Liber*.
- 90 J. de Castro, *A Aurora*..., 1147v-1148r. «Isto he do santo varam Frey Roberto, escrito em Latim, no livro impresso que se intitula: *Trium Virorum, et trium spiritualium Virginum*... (com. 1301r).
- 91 J. de Castro, *A Aurora*..., 361v-362r: «Outro [astrólogo] ouve em França, chamado Nostradamus, muy famoso Judiciario: cujo nome ainda hoje he muyto reputado. Este fez em Rima francesa chamada quateins, como he a nossa Redondilha, huns certos juizos de varias cousas: a que chamou profecias, e centurias [...] As quaes sam muyto geraes, e tem muytos disçipulos: crendo nellas algũs conforme ao nome de profecias: e outros como em juizos astronomicos, infalliveis. Ao qual Nostradamus não se pode negar a gloria da

gravura⁹², uma outra em português que lhe deram em Paris em 1587⁹³ e de que cita e comenta alguma estrofe⁹⁴ e, naturalmente, as *Trovas* «graciosas» – escritas, em «louvor de Deos e d'el-Rey», à volta dos anos 30 de Quinhentos – de Gomes Anes Bandarra, mas só parcialmente impressas em lição organizada e comentada pelo próprio autor de *A Aurora* em 1603. Poderíamos ainda referir uma série de obras à volta do Turco, entre elas os célebres *Gl'Annali Turcheschi, ovvero Vite de' principi della casa Othomana* (Venetia, 1571) de Francesco Sansovino⁹⁵ e *I cinque libri della legge, religione, et vita de' Turchi* (Veneza, Florença, 1548) de Giovanni Antonio Menavino⁹⁶. Curiosamente, ele que tudo cita e traduz com precisão – muitas vezes indicando as datas das edições que utiliza e as origens e o estado das cópias que conhece desses textos –, que cita abundantemente e comenta com elegância a profecia do abade

astrologia judiciária, em que floreceo, mas nam se lhe deve por nenhum modo o nome de profeta...»; id., 134r: «Confesso que Nostradamus, como homem que tinha innumera-veis profecias dos santos, que se conservaram ca por estas partes; se serviu de muytas, e as emxeriu nos seus versos de mistura com seus prognosticos, sem dar nenhum Author dellas, mais que a si mesmo. E assi se acharam algũas cousas nas suas Centurias, que na verdade o serem: nam por serem suas, mas do servo de Deos, por quem elle profetizou...».

92 J. de Castro, *A Aurora...*, 434v: «Vay em dez annos que me mostraram hũa profecia em pintura, estampada em Italia avia annos: sem nunca depois eu a poder recobrar. As figuras que tinha, de que me lembro, são as seguintes. Estava o mesmo homem nu, com o mesmo semblante desaventurado, assentado sobre hũa pedra alta e do çeo saya hum braço com arco e setas e hũa letra em que se mandava ao nu, que matasse quatro generos de animaes, que estavam em baixo na terra: os quaes eram, se bem me lembro, rans, e gafanhotos, e outras duas especies. A qual pintura, e a de Anselmo [bispo, a 16.^a referida nos *Vaticinia de Summis Pontificibus* (Veneza, 1598), por P. Regiselman, segundo J. de Castro] nam há que duvidar, senam que significam o mesmo acontecimento Del Rey: senam quando a de Italia profetiza mais, como he a ventura, poder, e authoridade dada do çeo contra todos os immigos de Deos: entendidos por aquelles quatro generos de animaes immundos».

93 É uma data a reter na actividade de coleccionador de D. João de Castro, pois, como facilmente se verifica, é um ano em que ou por oferta ou por investigação pessoal (encontro, cópia) parece iniciar-se a sua colecção. Aliás, a mesma data vem referida na sua *Paraphrase a algũas Trovas* do Bandarra (1603) em relação a esse texto profético.

94 J. de Castro, *A Aurora...*, 1201v-1203r: «No veram de oitenta e sete me deram em Paris hũas profecias na nossa lingua, as quaes quem quer que foy, traduzido do proprio original em Trova portuguesa...».

95 J. de Castro, *A Aurora...*, 337r-337v: «Fechemos este capitulo com hum oraculo dos mesmos mahometanos contra elles mesmos. O qual anda registado por muytos Authores em seus livros como se podera ver em Francisco Sansovino na Historia dos Turcos, e no setimo livro de seu Secretario...».

96 J. de Castro, *A Aurora...*, 344v: «No segundo livro, que Menavino Genovez fez dos costumes dos Turcos, diz o seguinte...».

Cirilo, apesar de achar o primeiro e segundo capítulos «tam intrincados e escuros»⁹⁷, nunca refere o comentário de Jean de Roquetaillade a este último texto⁹⁸... E se o nobre português nos indica, muitas vezes, onde e quando encontrou e copiou os textos proféticos que vai comentando – a biblioteca do convento de S. Victor de Paris, por exemplo, onde copiou uma profecia que lhe parece ser do abade Joaquim⁹⁹..., possivelmente pelas mesmas datas (1587) em que lá encontrou outra em «hum livro escrito de mam... o qual tinham os religiosos tirado da livraria e metido com outros em lugar secreto», que versa sobre a destruição de Castela¹⁰⁰..., ou a biblioteca da abadia de Cluny onde copiou «outros vaticínios que nam vi[u] em nenhum original, senam somente num, [...] e foram impressos a vera quasi cem annos»¹⁰¹ ou ainda a livraria do colégio da Sorbonne onde copiou outra profecia de «hum livro de mam»¹⁰² – ou de quem recebeu a cópia de qualquer texto – as de Fr. Pedro Palude, por exemplo também, foram-lhe enviadas de Nantes pelo Fr. Estêvão Sampaio, seu companheiro (e bem trágico) na defesa desse rei

97 J. de Castro, *A Aurora*..., 778v-779r. Naturalmente cita o *Oraculum Cyrilli cum expositione Abbatis Joachim* de que dá a notícia seguinte: «O livro e o commento, a vera oitenta ou noventa annos, que foram a primeira vez impressos: nenhum dos quaes volumes pude eu nunca aver. Somente me vieram aas mãos os exemplares escritos de pena, com os erros e corruçam que as taes cousas de mam costuma Ter, por culpa dos escriptaens».

98 J. Bignami-Odier, «Jean de Roquetaillade (de Rupescissa), théologien, polémiste, alchimiste», in *Histoire Littéraire de la France*, Paris: Imprimerie Nationale, 1981, XLI, pp. 106-120.

99 J. de Castro, *A Aurora*..., 988v: «O que se segue tirei de hum vaticinio que achei na livraria de sam Victor de Paris: o qual, segundo conjeituras, parece me que he do Abbade Joachim. Nelle estam estas palavras: Entam sera adulterada a Esposa et tera dous Esposos...».

100 J. de Castro, *A Aurora*..., 1330v: «A profecia seguinte tirei no anno de Mil e Quinhentos e oitenta e sete, ou oito, de hum livro de mam de sam Victor de Paris, o qual tinham os religiosos tirado da livraria, e metido em hum lugar secreto...». Sobre a importância da biblioteca de S. Vitor de Paris para estas colecções de profecias, R. Rusconi, «Les collections prophétiques en Italie à la fin du Moyen Âge et au début des temps modernes. Remarques à propos de divers manuscrits italiens conservés dans les bibliothèques de Paris», *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Âge – Les textes prophétiques et la prophétie en Occident (XIIe-XVIe siècle)* – 102/2 (1990) 481-511 (504-505), agora em *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., pp. 187-209.

101 J. de Castro, *A Aurora*..., 1030v, referindo-se a uma colecção de vaticínios dos papas, escreve: «Os quaes nam vi em nenhum original, senam somente num, que foy trelado da biblioteca da Abbadia Cluniacense, em França, e foram impressos a vera quasi cem annos...».

102 J. de Castro, *A Aurora*..., 1339v: «O que se segue tirei em Paris de hum livro de mam, do Collegio de Sorbona, que começa: Qui me interrogat in Abela, aut Arbela. Et caetera».

aparecido em Veneza (1598)¹⁰³ –, é muito provável, como parecem indicar algumas datas dos textos citados e comentados – será, contudo, necessário esclarecê-lo –, que muitos deste textos os tenha conhecido quer no famoso *Mirabilis Liber* (Veneza, 1522) quer no não menos célebre *Livre merveilleux* (1565) – daqui, por exemplo, poderá ter copiado uma parte importante da profecia do «abade de Cambrasis»¹⁰⁴ – quer mesmo em *Le Trésor des prophéties de l'univers* (Paris, 1565) de G. Postel, autor que também nunca refere, embora nessa sua obra possa ter lido a profecia de S. Severo que tantas vezes utiliza. E quando andou por Veneza em 1598-1599 teve tempo, por entre polémicas e temores, para admirar e estudar as profecias «joaquimitas» em mosaico que adornam S. Marcos, interpretando-as em função desse rei aparecido precisamente na Sereníssima¹⁰⁵ ... E, há que ressaltá-lo, «tudo por amor

103 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1308r: «No veram de Mil e quinhentos e oitenta e sete, estando eu em Paris, me mandou de Nantes o Padre Frey Estevam de Sampaio... a prophecia seguinte ...». M. D'Antas, *Les faux Don Sébastien. Étude sur l'histoire de Portugal*, Paris, Auguste Durand, 1866, p. 405, permite verificar que o próprio Fr. Estêvão Sampaio, dominicano, deverá ter sido um bom leitor de literatura profética a julgar pelas declarações no seu processo em 1603 em que confessa ter-se deixado guiar, nas suas esperanças e acção sebastianistas, pelas profecias de Santo Isidoro, Bandarra, Sibila e Nostradamus.

104 C. Beaune, «De Telesphore à Guillaume Postel...», cit., pp. 200, 209-210.

105 J. de Castro, *A Aurora* ..., 426r: «Quinze delles [*Vaticínios dos summos Pontífices*] atribuem todos ao Veneravel Abbade Joachim, que floreceo há mais de quatro çentos annos: os quaes nam pode ninguem negar serem seus, pois algũas figuras delles, deixou o mesmo Abbade pintadas no templo de Sam Marcos de Veneza, como inda hoje estam, as quaes eu vi»; id., 230v-232r: «O veneravel Abbade Joachim deixou na igreja de Sam Marcos de Veneza, muytas profeçias em figuras, que elle mandou pintar pellas paredes, arcos e teyto da abobada. Tambem mandou fazer outras de marchetaria de pedra no lageamento do templo, as quaes por causa dos pes nam ha poder dellas divisar nem enxergar bem. Na face de fora da dita Igreja deixou algũas esculpidas em pedra. As quaes todas se a Illustrissima Senhoria mandara fielmente debuxar e estampar em livros nam fora piquena gloria de Deos, authoridade da sua Igreja e consolaçam dos Fieis. Que se o deixar de fazer por recear o amargoz de algũas? Sam muyto mais sem conta as outras que isso adoçam, e que lhe prometem allem de sua imaginaçam. Nas de fora ha hũa notavel, e quanto pode ser, ao vivo destes quatro Principes [os quatro reis que se hão-de unir para a Conquista Universal] a qual esta na tal parte e da maneira seguinte. Quando da praça de Sam Marcos se entra pera dentro dos paços pella porta e arco pegados ao templo: ficam aa mam esquerda da hobreira do mesmo portal e arco, quasi dous ou tres palmos alevantados do cham: quatro imagens de vulto, feytas de porfiro, ou jaspe vermelho de cor escura, que serem, pouco mais ou menos, da estatura de hum homem: lavrados nũa so pedra, em que estam todas quatro pegadas [...] Corre hũa fabula pello vulgo sobre isto, dizendo que sam figuras de quatro mercadores...»; id., 441v: «Tudo isto querem significar aquellas duas profeçias de Sam Marcos de Veneza, que mandou lavar em marmore o veneravel Abbade Joachim. As quaes sam Del Rey Nosso Senhor...».

do Reino e da sua restauração»¹⁰⁶. E se de todos estes textos os de Joaquim ocupam um largo primeiro plano, os da obra atribuída ao «Beato» Amadeu são fundamentais ao largo dos últimos dois livros (4.º e 5.º) de *A Aurora*, o que não quer dizer que a *Apocalypsis Nova* não venha aproveitada, um tanto subsidiariamente, é certo, nos três primeiros. Também é certo, como veremos, que, apesar de sempre dela ter buscado uma cópia, só muito tarde logrou ler esta obra e, ao parecer, quando já *A Aurora* estava planeada e, muito provavelmente, em adiantado estado de redacção, segundo poderá depreender-se de notas suas indicando alterações à ordem dos capítulos em virtude da recentíssima leitura da obra atribuída a Amadeu e de notícias biográficas que sobre ele, entretanto, apurou¹⁰⁷. Talvez isto possa ajudar a explicar esse uso subsidiário da *Apocalypsis Nova* nos primeiros dois livros de *A Aurora* em contraste com a sua utilização fundamental nos três últimos a que já assinalámos.

Ele próprio confessa: «Eu nam os [*Raptos* de Amadeu] podendo nunca aver, nem cousa algũa delles, acertei por hũa grande ventura nam imaginada, de os começar a ver no fim do anno de mil seiscentos e quatro, acabando de os ler todos em Fevereiro seguinte»¹⁰⁸. E se sempre lastimaremos que não tenha dito onde os encontrou, sabemos não só que, embora a sua cópia fosse «cheia de erros por defeyto dos escriptaens», «o original donde os ouve, segundo o que conjeituro, parece ser muyto antigo e dos primeiros que em pureza se espalharam ...»¹⁰⁹ – e, por alguma indicação que dá e por algumas variantes do texto que cita quase podemos garantir que o seu juízo está correcto¹¹⁰ –, mas também que percebeu muito bem o alcance teológico da obra, pois anotou que «nos ditos *Raptus*, e sermões estam profundissimos secretos da

106 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1384v.

107 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1204r, por exemplo, em que esclarece a alteração da ordem do capítulo 38 em virtude de, entretanto, ter conhecido o que traz Gaspar Barreiros na sua *Chorographia* sobre o Beato Amadeu, ou a redacção do cap. 11 que foi escrito depois do índice da obra, já, portanto, depois de esta redigida, esclarecimento que agradeço ao meu colega João Carlos Serafim.

108 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1212v.

109 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1212v.

110 A fiarmo-nos nas extensas citações do texto do *Raptus* 4.º da *Apocalypsis Nova* que faz D. João de Castro, o seu ms. continha, em primeiro lugar, a passagem «*Veniet post illum bos cornupeta et taurus novus, Simon Magus, qui constituet...*» e, em segundo lugar («logo mais abaixo»), a passagem «*Dabit Deus Simoni Mago benedictionem Esau, suo vero electo Pastori...*» (*A Aurora*, 1017r-1017v), o que, de acordo com A. Morisi, '*Apocalypsis Nova*'. *Ricerche...*, cit., p. 7, n.ª 15, corresponde à ordem do *Cod. Vat. Lat.* 3825 que representará a família dos mss. mais antigos e que a própria investigadora utiliza.

nossa Fe, desejadissimos da Christandade, mas te o presente socrestados e em deposito. Ha tambem nelles a clareza de muytos passos escuros da Sagrada Escritura, a resoluçam de sotilissimas questoes de Theologia e algũa nova e admiravel philosophia. Isto tudo he dito em cifra, e nada em comparaçam do que he. Nelle se fala do Papa Angelico [...] algũas cem vezes¹¹¹, pello menos, nũas fazendose de passagem mençam delle, e noutras muy particular, com grandes louvores e particularidades. Mas em todas ellas o autoriza Deos summamente pera aquilo em que se quer servir delle. Nam que seja nomeado por Papa Angelico, senam pelo Pastor Futuro e pelo Pastor Eleyto, a quem algũas prophcias e Authores chamam o Papa Angelico»¹¹².

O encontro da *Apocalypsis Nova* – no seu manuscrito este título, como em outros, deveria vir antecedido por outro de *Raptos*¹¹³ –, levou-o, seguramente, a procurar completar as indicações biográficas do «Beato» Amadeu que já recolhera da *Chronica da Ordem de S. Francisco*¹¹⁴, isto é, da obra de Fr. Marcos de Lisboa que conhecia em tradução italiana¹¹⁵. E deve ter sido com muita satisfação, matizada de afeição nacionalista, que encontrou

111 L. Wadding, *Annales Minorum*, Prope Florentiam: Ad Claras Aquas (Quaracchi), 1933, XIV, p. 371, não parece tê-las contado, mas pensava que o tema era tratado «cum taedio et nausea legentium».

112 J. de Castro, *A Aurora...*, 1214r-1214v.

113 A. Morisi, 'Apocalypsis Nova'. *Ricerche...*, cit., p. 6, n.ª 13.

114 J. de Castro, *A Aurora...*, 1204v: «De cuja vida, posto que trabalhamos o possivel por saber muyto, pera gloria de Deos, louvor de seu servo, e resplendor da naçam Portuguesa: nam merecemos alcançar que muito pouco, ou nada. Todavia poremos aqui a informaçam delle, assi como foy tirada e a ouvemos da Chronica da Ordem...». Cópia, segundo declara, o cap. 30 da *Terceira Parte da Crónica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco* de Fr. Marcos de Lisboa, isto é, o cap. 30 do Livro 6.º da *Tercera parte de las Chronicas de la Orden de los Frayles Menores del Seraphico Padre S. Francisco*, Salamanca: Alexandro de Canova, 1570 que já referimos.

115 J. de Castro, *A Aurora...*, 1211v-1212r: «Isto da Terceira parte da Chronica em italiano dos Frades de Sam Francisco»; efectivamente, dessa *Tercera parte de las Chronicas...* corria tradução italiana desde, pelo menos, 1591 (Venezia, Erasmo Viotti), como poderá verificar-se da lista das mais de 100 edições dessa obra em seu original e traduções que, embora, como sempre em questões de bibliografia, sujeita a revisão, publicamos nos preliminares da edição fac-similada. Haverá, porém, que recordar o cuidado com que há que manejar essa tradução quando se pretende aceder à lição exacta do que escreveu Fr. Marcos, já que o seu texto foi «vítima» de interpolações várias, como chamamos a atenção em «As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado», in J. A. de F. Carvalho (dir.), *Quando os frades faziam historia. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*, Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2001, pp. 9-81.

e copiou¹¹⁶, muito mais tarde, as páginas que Gaspar Barreiros, «varam douto, curioso, e de merecimentos», dedicou à vida do confessor de Sisto IV¹¹⁷, papa de quem fala, como certamente viu, o texto, ainda que depois fosse alterado¹¹⁸. Do que aproveita da *Apocalypsis Nova* só nos interessa aqui o que diz respeito à personagem e acção desse «Pastor Futurus», esse «Bem Eleito» que, obviamente, D. João de Castro, como o «Abade de Cambrasis»¹¹⁹, não deixa de relacionar, sempre que possível, com o «Bem vindo», isto é, com esse *rex magnus* futuro, assim chamado «pollos grandes bens que Deos há de por elle fazer a todo o mundo» e que para o fidalgo português será, naturalmente, D. Sebastião¹²⁰. E se, como se sabe, não era a primeira vez que abordava o assunto desses dois poderes dos *dies novissima*, era a primeira vez, como pode concluir-se do exposto, que directamente se apoiava em a *Apocalypsis Nova*.

João de Castro, tendo verificado que as revelações feitas a Amadeu não só «concordam em summa consonancia com todas» as anteriores¹²¹, mas também revelam a plenitude do seu cumprimento¹²² – muito especialmente as de Joaquim de Flora, o *Liber de Flore*, Cirilo e Telesforo¹²³ –, que também profetizavam desse papa, dedicou, sem nunca abandonar o norte de Joaquim, especial atenção a destacar e a comentar, sem guardar «o estilo das escollas na meudeza das couzas»¹²⁴, o que ao «nosso português» foi

116 J. de Castro, *A Aurora...*, fls. posteriormente acrescentadas, com numeração própria (1r-8v), à fl. 1211v.

117 J. de Castro, *A Aurora...*, 1208v: «Isto do rapto do Beato Amadeo: no qual indo fallando o Santo Anjo do Summo Pontífice Sisto Quarto que entam governava a Igreja de Deos...». Conf. id., 1235r.

118 J. de Castro, *A Aurora...*, 1213v: «Contudo se nas alegaçõens delles [*Raptos*] se acharem cousas impostas, que nam estam no seu original, emendernas por elle, imputandoas aa corruçam, e maldade dos Impostores»; id., 1250v: «Mas [...] advertimos a todos, que se algum Danado falsificou os Raptos, tirando delles algũas cousas, e impondo outras...».

119 J. de Castro, *A Aurora...*, 1114r-1114v. C. Beaune, «De Telesphore à Guillaume Postel...», cit., p. 210.

120 J. de Castro, *A Aurora...*, 1114r: «Do referido [pela profecia do Abade de Cambrasis] clarissimamente vem, como o bem vindo, he El Rey Dom Sebastião e como ha de tomar posse do seu...».

121 J. de Castro, *A Aurora...*, 1232v.

122 J. de Castro, *A Aurora...*, 1279v. «Nam avera ninguem que tenha visto os Raptos do beato Amadeu, que nam de tudo isto, se os crer por perfeittissimamente comprido no Papa Angelico, por quem Deos determina revelar e descobrir occultissimos segredos da sua sacrosanta Escritura».

123 J. de Castro, *A Aurora...*, 1150r-1152v; 1155r-1162r; 1177v.

124 J. de Castro, *A Aurora...*, 1300r.

revelado acerca desse sobre todos «manso, benigno e humilde» papa¹²⁵ – os adjetivos pertencem ao 8.º *Raptus* de Amadeu –, que é um dos maiores mitos da cristandade. Os «nossos tempos» – a expressão é de D. João de Castro¹²⁶ – são «os tempos últimos» – o comentador oscila entre os iminentemente últimos e os últimos num futuro de algumas gerações contadas pelos papas (3)¹²⁷, sucessores do Angélico e vários imperadores (39) que hão-de suceder a esse «rex magnus»¹²⁸ – mas que, naturalmente, ele espera ver¹²⁹ – e, por isso, são os tempos das apocalípticas «bodas do Cordeiro», expressão que, comentando o texto amadeíta¹³⁰, entende como literalmente referida ao «Papa Angelico» e, espiritualmente, a Cristo. São os novos tempos, esses em que os homens se deleitarão com os bens da alma, obedecerão aos mandamentos, seguirão o ensino que lhes for ministrado pelos

125 J. de Castro, *A Aurora...*, 1356r.

126 J. de Castro, *A Aurora...*, 1243r-1243v: «os nossos tempos, em que ham de começar taes bemaventuranças, que pollos Felices: tam felices somos, os que nelles caymos, se o quizermos ser, e nos soubermos aproveitar»; id., «pello presente contentar me hei com so o propheta Zacharias, pois profetizou da restauraçam do Tenplo de Hierusalem: figura da gloriosa restauraçam espiritual e temporal da Igreja Romana nestes nossos felicissimos dias...»; id., 1283r: «Porque este Anjo, num dos sentidos literaes representa perfeitissimamente o Papa Angelico, e os mysterios do seu tempo, e sucessivos, em que os veremos cumprir com os nossos olhos»; 1358r: «O qual tempo não he outro que o presente, em que se hade manifestar este Grande Pastor».

127 J. de Castro, *A Aurora...*, 877v-878r: «Poderá tambem ver o livro de Theolosphoro de Cusençia: que posto nam tivesse espirito de profecia, recolheo muytas, e varias num volume, que fallam ate o grande Scisma, e tempo desejado do Papa Angelico e dos tres seus sucessores...»; 1158r-1158v: «Onde se ve clarissimamente [no terceiro cap. do *Oraculum Cyrilli*] o que temos dito, e o mysterioso Quaternario dos gloriosissimos Pontifices. De modo que nam pode ninguem negar, inda que nam alcance o mysterio, os dous Augustissimos Quaternarios de Papas e Reys, concorrentes no tempo felicissimo. Ao dos Santos Pontifices quadram muitas cousas da Sagrada Escritura: como myuto melhor que eu as veram muytos outros»*

* (ao lado): «Posto que digo que ham de suceder immediatamente ao Papa Angelico tres santissimos pontifices: estou muy suspenso no derradeiro por causa de hũa duvida nam piquena em que ate agora nam estou resolutu. Porque por hũa parte parece que o quarto pontifice deve immediatamente suceder ao terceiro e por outra que o não deve aver senão depois e já no comprimento dos tempos da vinda do Antchristo».

128 J. de Castro, *A Aurora...*, 1312v-1313r: «Do qual Rey, exemplo de fortuna e felicidade, ham de descender trinta e nove Reys, seus sucessores no Estado, enchendo o numero de quarenta com elle». Conf. id., 1325v-1326r.

129 Efectivamente, este «Rex magnus» será contemporâneo, protector e colaborador do Pastor Angélico.

130 J. de Castro, *A Aurora...*, 1301r-1302v, comentando passagens do 3.º e 6.º *Raptus*.

pastores¹³¹ ... Eleito, perseguido, introduzido pelo imperador na cadeira de Pedro¹³², o «Pastor novus», segundo Amadeu (8.º *Raptus*), como um novo David, fará renovar a fé cristã¹³³, uma renovação que, como sublinha o texto que vai comentando, abrangerá todos os aspectos da vida cristã, desde a teologia ao direito canónico, desde as devoções à liturgia¹³⁴. E, assim, a «nova Jerusalém» será a mesma Roma que, como declara Amadeu no mesmo 8.º *Raptus*, renovando-se, presidirá a todo o mundo¹³⁵, tema que, por entre polémicas, assentava muito bem em tempos contra-reformistas. Estes novos tempos serão, assim, tempos de bem-aventuranças e felicidades. Felicidades, em primeiro lugar, espirituais, concretizadas nessas sempre esperadas e adiadas *reformatio* e *renovatio* da Igreja e, logo, do mundo. Pela *reformatio*, para além do mais, se purgará a Igreja de toda a superfluidade temporal «não lhe deixando que o necessario»¹³⁶ ..., reformar-se-ão e reduzir-se-ão em número as ordens religiosas¹³⁷, como declara Cirilo e confirma Amadeu no «último sermão» e, consequentemente, «se [tornarão] a renovar a primitiva clerezia, multiplicaram em milhares de milhares em toda a fermosura de virtudes os bem abendicoados tribus das religiões, tornarseam a ver as admiraveis flores sem conto das

131 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1302v-1303v, comentário a uma passagem do 8.º *Raptus*.

132 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1307r-1307v: «Como quer que o Papa Angelico há de ser lançado da Cadeira Pontifical [...] há de ser restaurado na sua dignidade por el Rey Dom Sebastião ... ».

133 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1303r-1304r, continuando a citação do 8.º *Raptus*.

134 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1221v-1225v e 1339v-1240r em que cita largamente passagens do 3.º, 7.º e 8.º *Raptus*.

135 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1303r, segundo citação do 8.º *Raptus*.

136 J. de Castro, *A Aurora* ..., 897v. «Avirtiremos sobre o presente, que a restrição dos bens temporaes dos Ecclesiasticos, allem de se profetizar em muytos lugares de Cirillo; ha tambem della muytas outras profecias de tanta authoridade. E o Papa Angelico, e seus proximos sucessores privaram a Igreja de toda a superfluidade temporal, nam lhe deixando que o necessario»; e transcrevendo uma larga passagem do 3.º *Raptus* de Amadeu, id., 1224r: «Tera mais cuidado das almas, e dos negocios espirituales, que dos temporaes. Nem entendera em riquezas, senam quanto for necessario para a Igreja, e pera os orfãos, viuvas e outros pobres».

137 J. de Castro, *A Aurora* ..., 1248r: «O pouco que resta poremos em outro lugar: ficando em lembrança neste, como a Religiam de Sam Francisco, e outras, divididas em diversas Regras, se ham de abolir, ou reduzir aa primeira em que foram fundadas», conclusão que faz derivar da sua interpretação do «fim do ultimo sermam» do Beato Amadeu de que transcreve uma extensa passagem em que se lê: «E assi como ha quatro Evangelistas, assi tambem haverá quatro Regras de viver, nem se instituiram mais. E se forem instituidas? He necessario que naquelle tempo sejam desfeytas, e extinguidas: ou militaram e viveram sob a Regra de Basilio ou de Agostinho ou de Bento, ou de Francisco».

angelicas virgens, a limpeza matrimonial affermoseara a Igreja, e restaurara as gloriosas cadeiras que deixaram vazias os ruins anjos, as honestissimas e continentissimas viúvas serem os labores da gloria, por que debuzaram as donzellas de sua descendencia, sangue, liança e noticia ... »¹³⁸, e pela *renovatio* expor-se-ão abertamente, como foi revelado a Amadeu (4.º, 5.º, 6.º, 8.º *Raptus*), os *magnalia Dei*¹³⁹. Tal *renovatio* e tal *reformatio*, impulsionadas, declaradas e esclarecidas pelo «Pastor Futurus», atravessam o texto da *Apocalypsis Nova* e D. João de Castro vai abundantemente transcrevendo, traduzindo e comentando as passagens que, com mais pertinência, podem interessar às «teses» da sua obra. Em segundo lugar, felicidades temporais, estendidas e consagradas em todo o mundo por essa «conquista universal» – um tema insistente em todas as obras de João de Castro – que, coadjuvado por três reis «tam grandes quaes pode ser», há-de levar a cabo o futuro imperador¹⁴⁰. Não nos interessem aqui os avatares dessa «conquista universal» – contra o Turco, antes de mais¹⁴¹ –, mas apontemos que será uma das condições para essa evangelização universal dos últimos dias em que o «Papa Angelico» se empenhará pessoalmente «em muy remotas partes»¹⁴² – um tema a que Telesforo de Cosenza terá dado a forma definitiva ao fazê-lo depender da acção do «sanctus Papa»¹⁴³ – com o auxílio dos «novos evangelizadores desses divinos misterios», isto é, de «os altissimos misterios manifestados e declarados pelo Papa Angelico»¹⁴⁴ que poderá ser, segundo alguns, francês, segundo outros, italiano. E, embora

138 J. de Castro, *A Aurora...*, 1297v-1299r.

139 J. de Castro, *A Aurora...*, 1229r-1229v, 1236v, 1303v.

140 Ao seu número e identificação dedica João de Castro os capítulos 11 e 12 do Livro I de *A Aurora* – embora, naturalmente, o tema volte a surgir inúmeras vezes –, defendendo, por entre «muytas duvidas» que os tres poderão ser «o Preste Joam que de certo, segundo profecias, fara entam maravilhas nas partes de sua Conquista, do mar Roxo, e Orientaes. Tambem me parece que nam se podera lançar do numero hum Estado tam potente como a senhoria de Veneza: que he hum dos pricipaes, e mais rendosos Terços pera a Conquista. Pois que seraa se chamarmos aa conta esse grande poderio de Alemanha?» (*A Aurora*, 224v-224r).

141 J. Deny, «Les pseudo-prophéties concernant les Turcs au XVIe siècle», *Revue des Études Islamiques* X/2 (1936) 201-220; K. M. Setton, *Western hostility to Islam and prophecies of Turkish doom*, Philadelphia: American Philosophical Society, 1992.

142 J. de Castro, *A Aurora...*, 1096r.

143 A. Volpato, «La predicazione penitenziale-apocalittica nell'attività di due predicatori del 1473», *Bulletino dell'Istituto Storico Italiano per il Medio Evo e Archivio Muratoriano* 82 (1970) 113-128 (126-127).

144 J. de Castro, *A Aurora...*, 1288r-1288v.

não encontre fundamento para estas opiniões, D. João de Castro sempre vai perguntando «se sera o Angelico algum desses santissimos Padres, e inclytos Heroes que Deos tem guardados como em tesouro no Paraíso Terreal (pois sam mais que Elias, e Enoch) para acodir ao mundo com repaçaem e renovaçaem nos mais desconfiados dos tempos»¹⁴⁵. Então, depois que «a vinha da Igreja [estenda] te os fins da terra e multidam de ilhas, suas fecundissimas varas, tam carregadas que nam caberam os santos na terra ... »¹⁴⁶, haverá apenas um rebanho e um pastor, começando, evidentemente, pela «uniam perpetua» das Igrejas ocidental e oriental¹⁴⁷, como também se confirma na *Apocalypis Nova* (8.º *Raptus*). Se «desta nova fermosura da Igreja, esposa do Cordeiro, e dessa felicissima idade» – tempo em que, como garante Amadeu no 6.º *Raptus*, «se exultará com alegria inennaravel»¹⁴⁸ – há «grandes revelações» de Santa Catarina de Sena, Santa Hildegarda, Santa Brígida, de Fr. Ruperto¹⁴⁹ – de que leu muitas na já referida obra de J. Lefèvre d'Étaples –, também o «Beato» Amadeu lhe permite ver «com os olhos do Espirito tanta, e tal felicidade no dia que ja chega, que me parece, ja em sua comparaçaem, fea, e pouquidade, a incriveal prosperidade temporal, que juntamente com ella, ha de correr a par»¹⁵⁰.

Mas, como ficou aludido, estas felicidades – permita-se-nos reiterar que para João de Castro «o dia que ja chega» são «os nossos felicissimos dias»¹⁵¹, o que parece indica a sua aceitação da iminência de todos estes acontecimentos – serão precedidas de violências e discórdia que João de Castro define, muitas vezes, por cisma, essa «divisão» que tanto o preocupa¹⁵² e que tudo sugere que será provocada por um ou vários

145 J. de Castro, *A Aurora...*, 1095v-1096v, uma velha sugestão que poderia arrancar do «Predicator Veritatis» de Joaquim e que, também aproveitado por Ubertino da Casale em *Arbor Vitae Crucifixae* (V, 9), se viu consagrado no *Libellus* de Telesforo de Cosenza. Não deixa de ser curioso que voltemos a encontrar o mesmo tema pregado por Francisco de Mendonça, SJ, no seu sermão sobre S. João Evangelista (*Segunda parte dos sermões...*, Lisboa: Mathias Rodrigues, 1632, pp. 123-124). Naturalmente, não cabe esperar que o jesuíta Francisco de Mendonça pregasse a identificação possível do Evangelista com o Papa Angélico, mas cabe assinalar o alargamento que D. João de Castro propõe do número dos eleitos do Paraíso terreal...

146 J. de Castro, *A Aurora...*, 1298r.

147 J. de Castro, *A Aurora...*, 1244r, 1303v.

148 J. de Castro, *A Aurora...*, 1302r.

149 J. de Castro, *A Aurora...*, 1301r.

150 J. de Castro, *A Aurora...*, 1306r.

151 J. de Castro, *A Aurora...*, 1252r.

152 J. de Castro, *A Aurora...*, 1270r-1270v; 1318r-1318v et *passim*.

«pseudo-pontífices»¹⁵³. De um deles – o principal – fala o Beato Amadeu «no principio do 4.º Rapto» – «veniet post illum Bos cornupeta et Taurus novus, Simon Magus qui constituet ... » – que durará «breve tempo»¹⁵⁴. Mas, então, o «Pastor novus» terá de deixar Roma¹⁵⁵ e, como se pode interpretar o que se lê no fim do 8.º *Raptus* da *Apocalypsis Nova* – «neque in provincia neque in regnis sibi propinquis, spes vobis est ponenda» –, há-de refugiar-se «na mais remota e occidental parte de Europa que é Portugal»¹⁵⁶. Nesses dias e nesse lugar, coroará D. Sebastião «imperador romano» e desde Portugal e por este seu monarca «sera restaurado na sua dignidade» da «cadeira pontifical»¹⁵⁷. É o novo dia que chega – essa aurora que dá o título à obra¹⁵⁸ –, e, então, pode começar a realizar-se a «nova Jerusalem» que, como já sabemos, para D. João de Castro, tal como para Amadeu, será Roma¹⁵⁹. E se nestes «felicissimos tempos», neste «tempo no qual o Senhor hade fazer maravilhas» – expressão que toma do 3.º *Raptus*¹⁶⁰ –, hão-de ver-se essa *reformatio* e essa *renovatio* espirituais, traduzidas na união das Igrejas, na conversão universal, na redução e unificação das ordens religiosas, etc., noutra plano – temporal, mas, naturalmente, não independente deste –, há-de assistir-se à união das Espanhas – questão que se trata na *De eversione Europae* de A. Torquato, e «com muito differente authoridade, em o Beato Amadeu» no 8.º *Raptus*¹⁶¹ – e, ponto prévio, à reentrada de D. Sebastião no seu reino e, consequentemente, à expulsão do rei de Castela¹⁶². Não nos interesse aqui demorar na

153 R. Rusconi, «Il presente e il futuro della Chiesa: unità, scisma e riforma nel profetismo tardo medievale», in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, cit., pp. 125-140, aborda as tradições desta obsessão de D. João de Castro.

154 J. de Castro, *A Aurora...*, 995v-996r, 1017r-1022v, 1024v, 1227v-1228r.

155 J. de Castro, *A Aurora...*, 1142r, 1307r.

156 J. de Castro, *A Aurora...*, 1142r-1142v, 1307r.

157 J. de Castro, *A Aurora...*, 1024v, 1095r, 1307r.

158 J. C. Serafim, «D. João de Castro (1550?-1628?) – um ‘resistente’ que se tornou profeta», *Via Spiritus* 6 (1999) 121-140, aponta muito bem o enquadramento do título da obra.

159 J. de Castro, *A Aurora...*, 1302v-1303v em que transcreve uma clássica passagem do 8.º *Raptus*.

160 J. de Castro, *A Aurora...*, 1301r.

161 J. de Castro, *A Aurora...*, 1350r-1350v.

162 J. de Castro, *A Aurora...*, 1307v-1308r, 1326r. Será, porém, de notar que, mais tarde e noutra contexto – não, contudo, independente daquele em que escrevia D. João de Castro –, ao conde-duque de Olivares dedicou F. Ximénez Santiago as suas *Victorias, y triumphos contra Portugal por Castilla mediante Christo sacramentado. De el tirano revelion, y sedicioso alçamiento, de la alevosia portuguesa al fin del año de 40 y su pertinaz reveldia. Alcançados por el rey mas soberano del Orbe, monarcha singular de dos mundos, emperador de America Philipe*

análise que, modificando-lhes a primitiva orientação nacional política – prática bem conhecida¹⁶³ –, D. João de Castro faz das passagens da *Apocalypsis Nova* acerca dos florentinos (4.º e 8.º *Raptus* e 9.º sermão) para provar que tais promessas não lhes dizem respeito, mas, sim, aos portugueses¹⁶⁴. Terá, contudo, interesse lembrar com quanta alegria D. João de Castro leu que esse «Rex magnus» profetizado por Amadeu para companheiro do «Magnus Pastor» – o «cum magno pastore surget rex magnus» do 8.º *Raptus* –, «sine victoria redibit, vixque aufugiet. A quo ductus, ab eo seductus. Curabit vindictam, nec facere poterit. Surget a carceribus rex» (4.º *Raptus*)¹⁶⁵, circunstâncias que, conforme comentou ao longo dos dois capítulos finais de *Aurora*, se aplicavam não a qualquer rei ou próceres florentinos, mas a esse D. Sebastião aparecido – Veneza, 1598 – e sempre bem-vindo e encarcerado primeiro nas prisões da Sereníssima e mais adiante nas de Florença e, finalmente, nas de Filipe III de Espanha... Depois de tudo, nada custa a perceber que este «santíssimo papa está prometido a El Rey Dom Sebastião pera seu companheiro no espiritual e o dito Rey ao mesmo Pontifize por seu companheiro no temporal, sendo ambos de dous as duas supremas cabeças da Christandade, e pello consequente, ambos contemporaneos»¹⁶⁶ e, curiosamente, partilhando circunstâncias biográficas parecidas – ambos são, como se diz na *Apocalypsis Nova* (4.º *Raptus*)¹⁶⁷ acerca do «Pastor futurus» – já aparecidos, mas não reconhecidos..., pobres... e esperando esse dia iminente em que hão-de deixar de ser «encobertos» – um por ser «Bem eleito» e o outro por, finalmente, ser

III el Grande. Profetizados por uno, y otro profeta David Ps. 19 Abdias en toda su Profecia, Impressas en Ecija: por Luis Estupiñan, 1642.

163 J. Bignami-Odier, «Jean de Roquetaillade (de Rupescissa), théologien, polémiste, alchimiste», cit., pp. 75-240 (198); A. Milhou, «La chauve-souris, le nouveau David et le roi caché...», cit., pp. 61-78 (64).

164 J. de Castro, *A Aurora...*, 1385r: «Nam he minha intençam (de que tomo a Deos por testemunha) pretender de tirar aos Florentinos o seu, por inveja ou odio do que por elles veyo a El Rey Nosso Senhor [a prisão do «rey Dom Sebastiam» de Veneza e Florença]: e dallo aos Portugueses por afeiçam propria, applicandolhes o alheo, e o que nam he revelado por elles. Mas considerando eu por muytos dias as cousas revelladas de baixo do nome Florentinos, nam achei que ellas podessem dalgũa maneira convir aos taes neste tempo, em que he necessario que se cumpram. E doutra parte vi convirem com suavissima conformidade a elle Senhor Rey, e aos Portugueses...».

165 J. de Castro, *A Aurora...*, 1388r, 1389v.

166 J. de Castro, *A Aurora...*, s/n.º, pois trata-se de páginas acrescentadas (provavelmente depois de a obra estar copiada em limpo) entre os fls. 1098v-1099v.

167 J. de Castro, *A Aurora...*, 1226r-1226v.

«Bemvindo». E não deixa de ser curioso que D. João de Castro anote não só «os imensos juizos de Deos em annunciar as summas bemaventuranças temporaes por Bandarra portuguê, o qual profetizou mais que nenhum outro, assi dellas como del Rey D. Sebastiam sua cabeça, e as summas espirituas do mesmo tempo revelou pello Santo Varam Frey Amadeu, outro portugues, o qual tambem passou todos os mais nas revellaçoens do Papa Angelico, cabeça no espiritual e dos divinissimos e innumerabilissimos segredos de nossa santissima crença, per o dito Pontifice repartir pello mundo»¹⁶⁸, mas também que, ele mesmo, D. João de Castro, como um Salviati, um Galatino ou um Postel, dê «infinitas graças ao Senhor, que sem nenhuns merecimentos meus, antes com grandissimos desmeritos, me prefinio e ordenou pera a aperiçam e publicaçam do dito Livro, metendome no numero dos que escolheo pera isso. E pode ser que me dê o primeiro lugar, se este meu trabalho sair primeiro à luz, assi como he o primeiro nestes tempos pello glorioso Pastor»¹⁶⁹. Esperança que expressa depois de citar e comentar brevemente largas passagens do 8.º *Raptus* e do último sermão em que o arcanjo Gabriel refere precisamente a glória que advirá aos que «fuerint praeфинiti et ordinati ad ministerium operiendi» [librum]. Ao parecer, também pensava o fidalgo português que era a ele que cabia, definitivamente, «abrir» o livro, porque, «verdadeiramente» – entendamos, correctamente – o interpretava.

D. João de Castro, ainda que muito menos extensamente, volta a utilizar a autoridade e as revelações do livro atribuído ao «Beato» Amadeu quer em *Novas Flores sobre a Paraphrase do Bandarra com algumas retrataçoens do author* quer em *Segundas Expoziçoens mais amplas e com outras declaraçoens sobre o Apocalypse* (Paris, 1612)¹⁷⁰, obras suas que, igualmente inéditas, se conservam na B.N. de Lisboa (ms. n.º 4377 e 4378, respectivamente). Cremos que, sem grande violência, essas *Segundas Expoziçoens... sobre o Apocalypse* poderão dizer-se, como, aliás, já sugerimos, o melhor comentário em português, *sub signo* Joaquim, a esse livro bíblico, não só pela abundância dos textos joaquimitas citados, mas, sobretudo, pela precisa compreensão que revela do sistema exegético do abade de Flora.

O mito do «Pastor novus» não vai muito além da função de suporte de uma série de esperanças – de que sublinhámos algumas – acerca da *reformatio*

168 J. de Castro, *A Aurora...*, 1216r. Conf. 1351v.

169 J. de Castro, *A Aurora...*, 1249v.

170 J. de Castro, *Segundas Expoziçoens...*, l. 21r, 109r, 255v, 280r.

e da *renovatio* – da Igreja e, conseqüentemente, do mundo. Na *Apocalypis Nova*, esse «Pastor futurus» a quem serão cometidas a proclamação e a realização dessas esperanças, é, como quase sempre, embora mais discretamente, apoiado por esse «rex magnus» que também há-de surgir. Por isso, significativamente, como já aludimos, D. João de Castro, espreitando essas esperanças em velhos textos proféticos e em outros mais recentes, intitulou o seu vasto trabalho de *A Aurora*..., esse alvorecer de um novo e final tempo de felicidades, de sincera conversão, de união e concórdia em que colaboraria, com protagonismo universal, esse rei português desaparecido no norte de África, mas vivo... Uma causa nacional a que dedicou toda a sua vida de pobre – mas eruditíssimo – exilado¹⁷¹.

4.

Esta visão política e nacionalista do «Papa Angelico» está, aparentemente, pelo menos, ausente da antologia de textos reunidos em *Notabilia dessumpta ex libro revelationum Beati Amadei de Menezes lusitani in civitate Milani*¹⁷²... que hoje se guarda, juntamente com uma vasta colecção de profecias, maioritariamente em verso, conhecida por *Jardim Ameno, Monarchia Lusitana, Imperio de Christo*¹⁷³... (Cod. 774) no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Colocados na sequência dessa colecção profética que em 1759 se encontrava, como dissemos, no colégio da Companhia de Jesus de Gouveia, os *Notabilia* ostentam, desde 1760, uma foliação que continua a do *Jardim Ameno* propriamente dito

171 Mestre J. C. Serafim na sua dissertação de Doutoramento ofereceu, como capítulo da introdução à sua edição de *A Aurora*, uma biografia de D. João de Castro.

172 Título completo: *Notabilia dessumpta ex libro revelatio / nū Beati Amadei de menezes lusita / ni in Civitate Milana. Cujus titulus ita manu scriptum est. In Conventu S. Francisci de la Pax. // Iesus Mariae Filius / Salvator hominum Apocalipsis / nova sensum habens apertum et ea quae in anti-qua Apolxalipsi erāt / intus hic ponuntur foris. / hoc est, quae erant absco / dita sunt / manifesta.*

173 Título completo: *Jardim Ameno, Monarquia Lusitana, Imperio de Christo, Profecias, Revelações, Vaticínios, Prognosticos, e Revelações de muitos Santos, e Santas, Religiosos, e Servos de Deos, Varões Illustres, e Astrologos eminentissimos, que alumizados pelo Divino Espirito, escreverão sobre a duração do Reino de Portugal a Deo dato, com sublimação à dignidade Imperial no Encuberto das Hespanhas, e Monarquia Universal a ultima do Mundo. Incorporadas, e illustradas pelo Licenciado Pedranes de Alvelos, natural da vila de Abiul, Lente de Filosofia na Universidade de Coimbra em ordem intellectiva. Anno de 1635. // Dedicante ao Monarca Lusitano. Mandarão-se trasladar do seu Original na Quinta de Viçosa sita na Ribeira de Barcarena em 20. De Março de 1636. Annos.*

e, tal como a deste, igualmente rubricada pelos inventariadores dos bens da extinta Companhia. Pelo seu tipo de letra – semelhante, ainda que mais cuidada, à das profecias – poderiam ser (se as datas declaradas são autênticas) contemporâneos da colecção, isto é, serem anteriores a 1635 – ainda que esta contenha papéis mais tardios – e serem obra do mesmo coleccionador ou de um dos primeiros coleccionadores. No entanto, havemos de confessar que, hoje por hoje, poderão oferecer-se algumas dúvidas acerca da colocação desses 15 fólios depois dessa colecção de profecias de nítido recorte sebástico, já que os *Notabilia* não participam desse carácter. Com efeito, o antologizador não parece ter-se interessado pelas referências político-geográficas da *Apocalypsis Nova* e nenhuma das passagens referentes ao «rex magnus» mereceu a atenção do seleccionador, o que, dado o carácter de esperança no «Encoberto» que organiza a colecção, não deixa de ser estranho. E se copiou as que vêm expostas no começo do 4.º *Raptus* sobre os florentinos, os aragoneses, os genoveses, os franceses, etc., parece tê-lo feito apenas, porque dizem imediatamente respeito ao tempo do «Pastor novus». Terão os *Notabilia* sempre constituído parte integrante do *Jardim Ameno*? Ou foram-lhe anexados pelos inventariadores, porque no momento do inventário estavam junto dessa colecção?

Dos oito raptos da obra atribuída ao «Beato» Amadeu, apenas se seleccionaram passagens do 2.º, 3.º, 4.º e 5.º *Raptus* e destes interessaram-lhe de sobremaneira o 4.º e 5.º, procurando manter, através de resumos em português, a sequência e o sentido da exposição. E se do 2.º *Raptus* se apresenta um pequeno extracto sobre a criação das primeiras almas e dos primeiros anjos, dos outros aproveitou-se, sobretudo, o que diz respeito às questões do pecado original e, quase consequentemente, às questões mariológicas – a Imaculada Conceição..., a Anunciação..., o parto da Virgem..., a Assunção... – que o «Pastor novus» deverá explicitar doutrinalmente, proclamar e solenizar liturgicamente –, donde, naturalmente, o interesse manifestado por tudo o que nesses primeiros cinco raptos vem revelado sobre esse futuro papa. Interessou-se igualmente o seleccionador por tudo o que diz respeito ao encontro do Menino com os doutores no Templo..., à morte de S. José..., ao nascimento do Baptista..., à infância do Bom Ladrão, etc...

Cremos que o exposto permite aceitar que esses *Notabilia* da *Apocalypsis Nova* constituem uma espécie de antologia dos principais temas teológicos e devotos – especialmente, de carácter mariano – de que há outros exemplos na sua época. Aludimos concretamente ao já referido trabalho de Fr. Pedro de Alva y Astorga (1648) em que se faz uma semelhante selecção de textos mariológicos.

Dos textos latinos seleccionados foram feitas duas traduções que seguem imediatamente os *Notabilia* em latim – uma primeira, incompleta, pois só se traduzem integralmente os textos dos *Notabilia* dos três primeiros raptos e uma parte substancial dos do quarto – e uma segunda que traduz integralmente todos os textos seleccionados dos cinco raptos. As duas traduções divergem ligeiramente quer na versão de alguns pormenores quer em giros estilísticos, não sendo fácil determinar se ambas, em fases diferentes, serão trabalho de um mesmo autor. A mais completa apresenta-se numa cópia caligraficamente muito mais cuidada, mas, aparentemente pelo menos, não são da mesma letra do seleccionador dos textos originais.

É, no entanto, possível sugerir que o autor dos *Notabilia* se serviu de um ms. muito interessante, pois, por alguns pormenores – a sequência de algumas passagens no texto original, por exemplo –, parece derivar de um ms. da família do que também se terá servido Paulo Ângelo para a sua tradução em 1524¹⁷⁴.

Como já se terá deduzido, sobre o autor da selecção e da tradução – ou das traduções – nada sabemos, mas poderíamos interrogar-nos se o facto de também se terem seleccionado as promessas sobre a protecção e dilatação da ordem de Santa Brígida pelo «Papa Angelico» – «cuis ordinem Pastor venturus dilatabit...» (5.º *Raptus*) – não poderá relacionar-se com o desejo de desenvolver a implantação da ordem brigitina em Portugal, já que, por muitas razões, essa ordem relativamente jovem entre nós – a sua primeira casa havia-se fundado, em Lisboa, por freiras inglesas, em 1594, sob a protecção de Filipe II –, ainda a meados do século XVII, não tinha conseguido fundar mais que uma outra casa, apesar dos esforços de uma tão notável e nobre visionária como Soror Brígida de Santo António (†1655)¹⁷⁵. Parece esta, hoje por hoje, uma hipótese remota, pois nada mais há nessa selecção que a possa suportar.

De todos os modos, por outro lado, sempre poderemos igualmente perguntar-nos – dando por possível que sejam anteriores a 1635 e, logo, integrassem o *Jardim Ameno* – se os *Notabilia* não deverão ser vistos à luz do movimento

174 Efectivamente, a interpolação «*Succedet ovis lunata [...] non dico tibi omnia*» surge no texto do ms. utilizado pelo seleccionador dos *Notabilia* na sequência assinalada por A. Morisi, 'Apocalypsis Nova'. *Ricerche...*, cit. p. 21, n.º 42, para este grupo de textos.

175 A. de Santa Maria, O.S.A.D., *Historia da vida admirável, & das acções prodigiosas da veneravel madre Soror Brizida de S. Antonio...*, Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1701; desde outro ponto de vista, P. Civil, «Pouvoir royal et discours prophétique. De quelques textes autour des événements politiques de 1640», in A. Redondo (ed.), *La prophétie comme arme de guerre des pouvoirs...*, cit., pp. 327-340.

devoto de carácter imaculista que, em Portugal, aproveitando as circunstâncias políticas, se orientou, imediatamente após a restauração da independência (1.12.1640), ao reforço e desenvolvimento do culto da Imaculada, traduzido – e é apenas um exemplo –, logo em 8 de Dezembro desse ano, na proclamação, por parte de pregadores franciscanos – eles que sempre lideraram devota e teologicamente o movimento pró-Imaculada Conceição –, da relação entre a devoção do duque de Bragança-rei D. João IV à Imaculada Conceição e a restauração da independência¹⁷⁶ e, *suadentibus francescanis*, por proposta desse novo rei – junto de quem viria a ter algum ascendente Fr. António dos Arcanjos, teólogo escotista tal como, segundo ironizava L. Wadding, deveria ser o arcanjo Gabriel na *Apocalypsis Nova* («angelus beati Amadei fuit scotista» ...) ¹⁷⁷ ... – tenham as cortes de 1645-1646 declarado a Imaculada por padroeira do reino¹⁷⁸. O carácter indiscutivelmente mariano dos *Notabilia*, com nítida preferência pelos mistérios da conceição imaculada de Maria, permite sugerir-lo. E mesmo que viéssemos a verificar que os *Notabilia* eram posteriores à Restauração, o que fica sugerido, não teria por que sofrer grandes correcções, já que, em vez de insinuar o seu contributo para esse movimento devoto que, nacional e oficialmente, se consagrou entre 1640 e 1646, sempre teríamos de os inscrever entre os textos espirituais que, antes e depois, o exaltavam...

É, porém, possível, ainda que com alguma violência – mas, convém não esquecer que nos situamos num domínio ideológico em que a crítica textual que o suporta não vai sem violência –, insinuar que, se os *Notabilia* eram realmente, como os consideraram os inventariadores de 1760, a sequência final do *Jardim Ameno*, o autor (ou autores) dessa vasta colecção profética poderia ter concebido esses extractos da *Apocalypis Nova* como um resumo das linhas principais do programa de reformas que o «Pastor venturus» deveria levar a cabo com o apoio desse, digamo-lo assim, «rex venturus» prometido na primeira parte do *Jardim Ameno* ... E deste modo, com algum matiz importante

176 Assim procedeu Fr. J. de S. Bernardino, O.F.M., no seu *Sermão da Immaculada Conceição da Mãe de Deos, que fez na Capella real, assistindo em ella a primeira vez, S. M. oito dias depois de sua aclamação...*, Lisboa, Por Antonio Aluares, 1641. Tanto quanto sabemos, o melhor conjunto de estudos sobre o assunto é o que, por ocasião do terceiro centenário da proclamação da Imaculada Conceição por padroeira de Portugal, publicou a revista *Brotéria* XLIII (1946) 497-679.

177 C. Vasoli, *Profezia e ragione...*, cit., p. 88.

178 F. F. Lopes, «A propósito do culto da Imaculada Conceição em Portugal», *Colectânea de Estudos* I (1946) 19-83.

– a diferença entre, por exemplo, um «rex magnus» já aparecido e um «rex venturus» –, voltaríamos a encontrar-nos com esse grande leitor de textos proféticos que foi D. João de Castro, que, aliás, como será fácil aceitar, nada mais quis escrever que a «história do futuro». Curiosamente, a mesma que o Padre Vieira... ou quase a mesma, se quisermos ser mais prudentes. Serão as diferenças significativas? É o que será necessário investigar... E, talvez, a investigação possa, como costuma, trazer algumas surpresas...

5.

É possível que, depois do que fica evocado, especialmente através dos dois exemplos maiores dos diferentes aproveitamentos da *Apocalypsis Nova* – um directamente relacionado com o Sebastianismo nas suas origens, outro, muito possivelmente, ultrapassando-o pela sua dimensão devocional e teológica –, seja legítimo acreditar que o profetismo em Portugal nos séculos XVI e XVII (pelo menos) nem sempre é reduzível ao Sebastianismo e que tem de ser encarado como uma forma cultural que, inclusivamente nessa sua versão sebastica, há que integrar em movimentos culturais europeus seus contemporâneos de velhíssimas origens. Por outro lado, pensamos ter sugerido a importância – e a urgência – de estudar essa literatura profética – vasta, tantas vezes repetitiva e outras tantas oferecendo variantes significativas – que, tal como em outras áreas culturais europeias, atravessa a cultura portuguesa não só horizontalmente, mas também verticalmente e de desenvolver, como capítulo especial, pelas suas amplas implicações, a investigação sobre a presença da obra atribuída ao «Beato» Amadeu da Silva – a *Apocalypsis Nova* é o maior e mais importante texto profético moderno – nos visionários, políticos, cortesãos, teólogos, pregadores e autores de obras de espiritualidade portugueses dos séculos XVI e XVII. Haveremos sempre que recordar que de Portugal saíram candidatos a «Papa Angelico», o que é outro modo – e não pouco eficaz – de alertar para a difusão do tema e das esperanças de reforma e renovação espiritual que dele, então, entre nós, se alimentavam. Os inquisidores de 1581 parecem tê-lo já percebido e disso medido as possíveis consequências políticas. Por algo, como já tivemos ocasião de assinalar, foram os únicos de toda a Europa a fazê-lo... E, ao parecer, com escassos resultados, mas, seguramente, sem grande glória.

Apêndice

I

Prophecias de Sancto Amadeo, que estão na livraria do escorial¹⁷⁹

1 Sic erit, inspire sumus quidam Pontifex. Iste erit autor multorum malorum, et bonorum, sed bona et devotiones eius, vincent malitiam eius; in quo tempore novus Rex, Qui de multis regnis faciet unum.

Quer dizer.

Será elegido, e feito, não se esperando, hum Papa, este será Autor de muitos males, e bens; mas os bens, e suas devações vencerão sua malicia, e no qual tempo se levantará hum Rey novo, que de muitos reynos fará hum.

2 Rex lilium, ut fulgor transibit; corruet novum Aragonum Regnum.

Quer dizer.

Rey das flores paçará como hum rayo, e tremerá, e cayrá o novo Reyno de Aragão.

3 Anglia in magna angustia posita est; laedi potest, sed laedetur in se ipsa.

Quer dizer.

Inglaterra posta em grande angustia, pode fenecer-se, e acabarse, mas entre sy se acabará.

4 Escotia tremula, fieret pacem, non in corde, sed in labis, donec veniant tempora felitia.

Quer dizer.

Escossia, que está tremendo, amedrontada, fara paz, mas não em seu coração, senão em palavras, até que cheguem os tempos felizes.

Fim

179 Jardim Ameno, *Monarquia Lusitana, Imperio de Christo, Profecias, Revelações...*, A.N.T.T. (Lisboa), cod. 774, fl. 16r-16v.

II

Prophetia de Santo Amadeo

Jesus Maria Filius Salvator Hominum.

Apocalypsis Nova sensum habens apertum et ea quae in antiqua Apocalypsi erant intus, hic foris ponuntur. Hoc est: quae erant abscondita, sunt hic aperta, et manifesta. Extracta ex fine libri Apocalypsis Beati Amadei. Hic liber inventus est Mediolani apud socius ejus.

Ascito igitur homo Dei, quod multa orbis loca, antequam venient profecto tempora felicia, purgabuntur flagellis, secundum quod praefinitum est. Imperium Constantinopolis dissolvetur et revelabitur, ac cadet Othomanorum domus. Verim prius erunt praelia multa inter Gallos calamitate compulsos et inter Iberos, Germanos, caeterosque eorum adversarios. Ad extremam vero post ambarum partium ingentes strages concordabuntur et fiet firmissima unio. Venetiarum civitates fame doloris fluctuabitur adeoque coacti veneti per jac-tum ad custodiam civitatis devolventur. Et nisi Dominus civitatem illam pio oculo respicaret funditus periret. Conservabitur in praeliberatione prius Italia ab alieniis, prudenter se gerent Veneti et amittent atque tandem diu desiderata obtinebunt. Classem etiam magnam praeparabunt ad faciendam cum electo pastore¹ et regibus conversionem infidelium.

Florentia et simili modo formidare debet². Ergo si non divinitus protegeretur, solo procul dubio aequaretur; civitas ipsa quippe a Domino diligitur. Multa pia opera patent in ea conspectu Altissimo grata nulla namque civitas tempore felici ita rebus Christi adhaerebit sicut illa Romana vera Ecclesia armis hostium validis invadetur. Dispergentur Praelati plures expulsi, a bonis privati; et in clero percussio erit. Et ille, Qui Esau benedictionem extorquebit quae in rore coeli et in pinguedine terrae fuit, profugus erit, et deponetur de sede episcopatus sui advenientibus regibus in Italiam quia vox sanguinis clamat contra eum et manus ejus pelanae sunt sanguine cujus temporibus Italia novo jogo onerabitur. Erit namque robustus corpore et ingenio vivax, et quidquid voluerit, dabitur ei, ut satiet appetitum suum mundanus amor, quae est beneditio in pinguedine terrae: Eos distribuet suis a se consanguineis nominatis Qui tamen consanguinei ejus veri non erunt.

Ab Aquilone veniet princeps magnus, fortis valde apparatu et inexpugnabilis debellando urbes et potestates, ante cuius faciem Italiae faedera et vires dissolventur. Dico quod in conversione infidelium, quae cito omnino erit,

non est vobis spes ponenda, neque in Pannonia, neque in regnis sibus propinquis³; nam illa admodum⁴ movebuntur aliorum. Nisi moveatur Germania tota, non fiet conversio infidelium conversio, neque Ecclesiae renovatio. Germaniae namque inobedientiae et Principum ejus inertia atque lascivia prolongabit tempora felicia, quo usque videlicet copuletur cum Hybernia⁵ sub uno magno principe a Domino ordinato, cum quo tandem necesse erit ut⁶ Franciae Regnum, et ceteri principatus fidelium post multam hominum caedem, omnino concordentur⁷. Et tunc omnes ad jussionem Caelesti Pastoris ad infidelium conversionem unanimiter accingentur. Et post haec paciabitur mundus et sic aderunt tempora felicia, et Romam totam orbem terrarum iterum pacifice possidebit. Oportet, serve Dei, implere⁸ quod dico.

¹ à margem: ...

² à margem: *debere*.

³ à margem: *propriis*.

⁴ à margem: *ad modum*.

⁵ à margem: *Forte Hiberia*.

⁶ à margem: *et*.

⁷ à margem: *concordetur*.

⁸ à margem: *implere*.

II. «Presos» ... «Perseguidos» ... «Aventureiros» ... Dos livros da livraria de D. Francisco Manuel de Melo¹

Um preso com livraria! Mesmo tendo em conta as circunstâncias e condições especiais que, em atenção ao seu estatuto social de militar com provas de desempenho de alta eficácia em campanhas militares na Flandres e na Catalunha e de fidalgo de grande nobreza – não da alta nobreza titular, convém sempre recordá-lo –, lhe permitiram, ao longo de vinte anos (números redondos) de prisão, usufruir de condições favoráveis, sempre contingentes, ao labor das Letras! É certo que, algumas vezes, essas condições foram drasticamente alteradas, como ele mesmo lembra ao evocar os tempos – cinco meses – em que, entre fins de Agosto de 1648 e fins de Janeiro de 1649, não podia ir muito além da cela – «proibiram[-me] até de chegar às portas desta Torre, como se fora do paraíso terreal»² – e os «novos rigores», isto é, recentes e mais severos, que o surpreenderam nos começos de Janeiro de 1650³. Tudo somado não deixa de nos maravilhar que tenha logrado reunir um considerável conjunto de livros – nunca possível de determinar, aproximadamente sequer, a menos que as estrelas favoreçam o achamento de alguma daquelas

1 Publicado com o título «Silva melodina» e o título presente em *Românica* 25 (2023), 267-311.

2 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmiento, Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, s. d. [1990], p. 199.

3 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 307.

«resenhas» que deles fazia D. Francisco –, e tenha, pelo menos, lido ou, sequer «examinado» – folheado? – oblíqua ou mesmo indirectamente, uma grande parte dessa ingente quantidade de obras e autores cujos males ou acertos diagnostica em *Hospital das Letras*. De qualquer maneira ele, de diversos modos, disse-o: «Eu tenho na minha livraria ... ».

Aliás, independentemente de alguns laços familiares com o mundo do papel escrito ou impresso – um tio, o Dr. Luís Correa, lente na Universidade de Coimbra..., um antepassado, Duarte Nunes de Leão, que já se tem confundido com o cronista dos reis de Portugal⁴ –, D. Francisco dir-se-ia fadado para esse mundo de livros e livreiros. Não foi ele baptizado na igreja de Santa Catarina da Irmandade dos Livreiros de Lisboa⁵? ... E aí estão, não só as edições e reedições das suas obras, os cadernos de algumas incompletas e os projectos de muitas outras, mas ainda os prefácios e as cartas de apresentação que, em nome de impressores, escreveu a dedicar algumas obras e até o empréstimo de algum livro seu a um impressor para uma nova edição. Pelo seu exemplar da primeira edição (Madrid, 1644) da *Vida de S. Paulo* por Francisco de Quevedo, por exemplo, fez Paulo Craesbeeck, seu amigo, a edição da obra em 1648⁶. Compreende-se bem que, um dia, ao interceder por um impressor, mancebo, doente e pobre, lembrasse ao provedor da Misericórdia de Lisboa as «afinidades que [tinha] com o ofício»⁷.

E sabermos as condições em que, aí preso em 1646, na Torre de Belém «se engenhou» o *Fidalgo aprendiz*, «ũa farsa que, se bem que [o] não [descontentava] de todo, bem pudera ser melhor escrita»⁸, não deixa igualmente de nos maravilhar. Haverá algum princípio de crítica literária ou histórica – ou, sequer, de simples prudência interpretativa – que impeça ou desaconselhe sugerir que esse lúcido juízo sobre a sua própria obra poderá deixar transparecer as péssimas condições em que foi elaborada? Então no meio do mar – *Preso entre quatro paredes / me tiene su Majestad [...] Encerrado en una*

4 E. Prestage, *D. Francisco Manuel de Melo. Esboço biographico*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914, p. 10, assim o confundiu. Sobre o Dr. Luís Correa e a sua biblioteca, bem como o esclarecimento desta confusão pode ver-se o importante estudo de António de Oliveira, «A livraria do Canonista Luís Correia (c.1542-1598)», in *Pedaços de história local*, II, Coimbra: Palimage, 2010, pp. 179-297 (*maxime* 179-180, 260-264).

5 E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., pp. 16, 17.

6 M^a L. G. Pires, «El mayor Pequeño de D. Francisco Manuel de Melo e a lição de Quevedo», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, o (2003). 337-344. p. 342.

7 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 388.

8 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 118.

*torre / me guardan dentro del mar*⁹ –, a Torre de Belém, mesmo nos andares superiores onde, supõe-se, se encontraria D. Francisco, era uma prisão particularmente dura e fria¹⁰. Já em Outubro desse ano, pedia a Rui Lourenço de Távora «ũa manta de lenha» – anotaremos o jogo conceptual (*manta / lenha*) do sintagma superlativando o frio que passava e o que aguardava? –, pois estava «desaviadíssimo para o inverno [...] E, segundo isto vai, levo jeito de lhe queimar todo o pinhal a V.M.»¹¹. As mesmas circunstâncias e condições não convidavam – talvez nem sequer permitissem – a que aí juntasse muitos livros, mas, que alguns tinha, ele mesmo o deixa ver. Em verdade, embora, dadas as circunstâncias, «estivesse mais para vender estes – os que tinha ou alguns dos que tinha – que comprar outros», ainda assim, «os livros folgara muito de comprar, quando os houvesse...»¹². E se é certo, que, mesmo nessas tão difíceis condições – «as ásperas prisões em que vivo» –, recebia hóspedes – parentes ou amigos – para o que sempre gostou de estar preparado – «nunca fui de hóspedes nem de versos de repente»¹³ –, não só materialmente, mas também de ânimo¹⁴, também parece não haver dúvida de que nesses anos da Torre de Belém não comprou nem recebeu ou emprestou livros. Mas ofereceu ao papa Inocêncio X e a outros¹⁵ a *Historia de los movimientos, separación y guerra de Cataluña*, que terá aparecido pelos começos de Outubro de 1645. Tendo lido, com alta admiração e proveito, «algunas de sus Historias», com a esperança de continuar a receber «doctrina» com outras, e a promessa de lhe enviar «justas informaciones de los sucesos públicos de este Occidente», oferece, em 1646, ao historiador conde Galeazzo Gualdo-Priorato essa mesma «Historia da Catalunha»¹⁶. Mais do que uma procura de reconhecimento e

9 F. M. de Melo, *La Cítara de Erato* (Rom. XXII) in *Obras métricas*, cit., ed. M^a L. G. Pires e & J. A. de F. Carvalho, Braga: APPACDM, 2006, I, pp. 138, 140.

10 Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 207.

11 F.M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 108. O pinhal devia ser na Caparica, vila de que os Távoras, governadores do seu castelo, eram senhores.

12 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 108.

13 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 118.

14 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 264.

15 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 111, 112, 113, 114.

16 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 100-101. («Historia da Catalunha» é o título por que habitualmente refere o autor esta sua obra). Sabendo-se há muito, por indicação primeira de E. Prestage (*Esboço biographico*, cit., p. 205), que muitas das *Cartas familiares*, algumas certamente, por erro tipográfico, trazem a data errada, aos exemplos assinalados pelo grande investigador, permitimo-nos juntar esta carta ao Conde Gualdo Priorato. Cremos não poder ser de Junho de 1645, pois a *Historia de los movimientos, separación y guerra de*

fama, os seus livros eram – e sempre serão – um modo de não ser esquecido ou, melhor, de ser lembrada a injustiça de que estava a ser vítima. A cuidadosa procura de garantir a sua fama só virá muito mais tarde, traduzida nas esplêndidas edições de Roma, Lyon e Lisboa¹⁷ dedicadas a um rei, a um infante que será rei, a uma rainha e a uma academia.

Para a Torre Velha ou Torre de S. Sebastião, velha fortaleza que servia de prisão na Outra Banda (Caparica)¹⁸, foi transferido, provavelmente, em fins de Julho de 1646 e aí o mantiveram até fins de Março de 1650. Desses quatro anos em «esta galé»¹⁹ datam não apenas «memoriais» a D. João IV reclamando a sua justiça, mas ainda algumas das obras que teve por maiores – *El mayor pequeño...*, a primeira *Epanáfora...*, *El Fenis de África...*, *Las tres musas del Melodino...*, o *Pantheon*, esse poema em que tantas esperanças de fama punha²⁰, a *Carta de guia de casados...*, e, porque não?, mesmo se, como parece, o deixou incompleto, *Teodósio II...* Isto além de colaboração poética para certames..., para as *Memórias fúnebres* [...] *na morte da Senhora Dona Maria de Attayde* (1650), obra colectiva em memória da referida senhora..., de crítica sobre obras alheias em prosa ou em verso para que o solicitavam...,

Cataluña só deverá ter aparecido nos começos de Outubro desse ano – 10.10.1645 é a data da dedicatória da obra a Inocêncio X impressa, e a oferta, em carta manuscrita do autor, do primeiro exemplar da obra ao mesmo Pontífice, é de 25.11.1645. Se a oferta ao cosmopolita conde italiano fosse de Junho de 1645, as datas da dedicatória da obra e a da pessoal, manuscrita, ao papa, estariam erradas... Admitir que o livro enviado a Gualdo Priorato poderia ser o *Eco Político* – que, além de não ser uma obra de História capaz de provar que o autor «años ha que profesa la Historia, muchos que la lee y algunos que la escribe» – editado em 1645, não levaria em conta que, como assinala E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 208 n., as licenças da obra são de 16 e 17 de Janeiro de 1646, pelo que a data do rosto do livro, como tantas vezes acontecia, não é a da sua real entrada em circulação... Por isto, e admitindo o fácil erro tipográfico ou de leitura do ms. pelo impressor, cremos que a carta deve ser de 11.6.1646.

17 E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 580, assinala «um exemplar em melhor papel e maior formato» das primeira edição das *Epanáforas* existente na Biblioteca Pública de Évora.

18 R. H. P. de Sousa, na *Pequena história da Torre Velha*, Almada: Câmara Municipal de Almada, 1997, dá-nos uma esquemática, mas precisa, síntese da história da fortaleza-vigia da entrada do Tejo – objectivo que D. Francisco testemunhou quando da crise dos Príncipes Palatinos (1650) –, sem aludir à sua utilização como cárcere de gente fidalga.

19 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 364.

20 M. de Melo, *Hospital das Letras*, ed. Jean Colomès, texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1970, p. 98: «E eu cuidava que fizera mais, nesse só, que em todos os [livros] que tenho escritos».

da elaboração de orações e algum «livro de rezar»²¹ e ainda da sua imensa correspondência, que, segundo um dia declarou, chegava a exigir-lhe «vinte e trinta cartas por dia»²².

Embora a Torre Velha ficasse em lugar mais sadio que a de Belém, ficava mais longe de Lisboa, entendamos da corte, – «assi como Belém é Palestina, Caparica é Preste João»²³ –, o que dificultava visitas, contactos pessoais – para umas e outros passou a ter que manter uma barqueta para a travessia do Tejo²⁴ – e reclamações de Justiça e pedidos de protecção e bom encaminhamento das suas petições..., notícias..., situação que, naturalmente, se manifesta na sua correspondência destes anos e, não menos naturalmente, em alguma das suas «cartas familiares» em verso, como a que escreveu a Jorge da Câmara²⁵. Então, sendo governador da Torre o seu amigo Rui Lourenço de Távora, gozava de maior aposento²⁶ – «aqui está esta Torre que tem muito bastantes casas para terdes por cá ùa novena»²⁷ –, podia receber

21 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 260.

22 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 364.

23 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 131.

24 M. de Melo, *Obras métricas*, cit., p. 641: Carta XIV, «A Jorge da Câmara, em reposta de outra», «Se quero lá mandar a Miragaia, / como na vossa terra é cá Lisboa), / hei-de esperar que o mar ou entre, ou saia»; *Cartas familiares*, cit., p. 171: «Ora, se acaso vos enfastiastes já da corte e quereis um bocado da Torre como alcaparra, lá vai a nossa barqueta...». (A carta ao poeta portuense é, com alguma segurança, datável de 27.10.1647; «A um parente, convidando-o a que o visse» é de 13.1.1648).

25 M. de Melo, *Obras métricas*, cit., cit., pp. 638-642.

26 E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., pp. 217-218. Na introdução à sua edição de uma série de cartas de Manuel de Melo, então inéditas (F. M. de Melo, *Cartas escritas a Antonio Luiz de Azevedo*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1911, p. 44), o eminente investigador crê, com alguma razão, que D. Francisco habitava nas casas do governador, seu amigo. E justifica-o com a conhecida passagem de uma carta em que Manuel de Melo participa que João IV estaria favorável à sua passagem para o Castelo, atendendo a que Rui Lourenço de Távora, o governador da Torre Velha, «assistindo aqui», quer dizer, morando – agora? Já lá morava antes... –, forçosamente («é força») necessitaria do espaço ocupado por D. Francisco: «que um de nós esteja desacomodado, e não é razão que seja ele» (*Cartas familiares*, cit., p. 367). Na referida passagem do *Esboço biographico* acima citada, aludindo ao aposento que lhe parecia poder ter sido a estreita cela de D. Francisco, nada diz, porém, sobre o ter este disposto da casa do governador, cujas ruínas ainda são visíveis na documentação fotográfica apresentada por Pereira de Sousa, *Pequena história da Torre Velha*, cit., p. 46.

27 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit. p. 127: «E Marrocos por Marrocos, aqui está esta Torre que tem muito bastantes casas para terdes por cá ùa novena». Uma novena (nove dias, se o interpretássemos literalmente...) em Marrocos, assinala o desconforto – e o acanhado? – desses aposentos – maiores, seguramente, que os da Torre de Belém –, mas, mesmo assim, a «boa vontade» em receber as visitas será sempre «mais larga que o aposento» (p. 171).

visitas²⁸ e hóspedes²⁹ – não tinha, porém, camas para eles³⁰ ... –, gozar de alguma companhia que, muito embora, lhe exigia paciência – essa mesma carta em verso a Jorge da Câmara sugere-o –, e, porque «os presos isso só têm de bom: que sempre estão certos em casa, fora da lei mental da ocasião, enquanto a não têm de dar um passeio»³¹ –, e até de uma certa liberdade de sair, sob menagem, da prisão, mesmo por dias³² ... E assim ia esperando, como se de uma libertação se tratasse, o dia do seu desterro para o Brasil ou para a Índia³³. No entanto, repetição do que já acontecera entre fins de Agosto de 1648 e últimos de Janeiro de 1649³⁴, – tinha, então, por «companheiro» outro preso, fidalgo bem conhecido³⁵ –, no começo de Janeiro de 1650, sob a acusação de que se preparava para fugir – «primeiro disseram que matei; agora que fujo», escrevia ele a 7 desse mês ao conde camareiro-mor, que muito saberia da situação³⁶ –, D. Francisco, «por ordem nova, que expressamente se mandou a N. [Rui Lourenço de Távora] que não fizesse de mi a

28 Dentre as muitas notícias – em geral breves – que, para os anos da Torre Velha, nos oferece Manuel de Melo na sua correspondência sobre visitas de amigos cujos nomes, na sua larga maioria, nos escapam, apenas podemos identificar com segurança D. Francisco de Melo Manuel da Câmara, o seu estimadíssimo parente; Jorge da Câmara que, em Maio de 1647, devia fazer parte de um grupo de amigos que, um dia de 1647, D. Francisco esperava; e João Roiz de Sá, o autor da *Rebelión de Ceylan* (Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1681), que lá foi de visita em Novembro de 1649, e aí voltou em Fevereiro de 1650, tendo então ouvido dos «príncipios» da *Carta de guia de casados* (F. M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 153, 343, 353, respectivamente).

29 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 128, 243, por exemplo.

30 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 171. Cremos assim interpretável a prevenção feita, em tom jocoso, a esse «parente, convidando-o a que o visse»: «...lá vai a nossa barqueta: muito fácil vos será mandardes embarcar a liteira de dormir, que assi lhe chamam os italianos; e a vós depois...». O divertido apelo aos costumes italianos, compreender-se-á, talvez, melhor se se atender que S. Covarrubias Orozco, *Tesoro de la lengua castellana o española*, Barcelona: Editorial Castalia, 1995, p. 327, dissertando sobre a etimologia de «coche», explica: «y así la litera, latine lectica, del nombre lectus, que equivale a cama, porque se inventó para ir echados en ella».

31 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 171.

32 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 196, 265, 373, 446 (apenas tomámos em consideração as referências às saídas da Torre Velha e às dos três primeiros anos do Castelo).

33 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 180 (a primeira alusão à sua vontade de ir desterrado, por comutação da sentença, para o Brasil); p. 185 (esperança da comutação do desterro para a Índia pelo do Brasil; pp. 307, 341, 350, *et passim*).

34 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 199, 230.

35 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 183, 198, 199.

36 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 312.

confiança que fazia»³⁷, viu-se outra vez sujeito a severas condições de cárcere – «mandaram-me aferrolhar de novo [...] mal estava eu, mas não estava mal aferrolhado»³⁸ –, situação que, cremos, deixou bem marcada naquele soneto com que «responde a um amigo, que lhe mandava perguntar a vida que fazia em sua prisão»³⁹.

Independentemente da dureza dessas novas condições de prisão, D. Francisco Manuel, se a nossa interpretação estiver correcta, podia dispor – melhor: continuar a dispor? – de algum espaço – «casa» – para os seus livros. Atentemos que na *Carta de guia de casados*, escrita na Torre Velha nos primeiros meses de 1650⁴⁰, – período que coincide com esses duros dias de «apertos, guardas e desconfianças»⁴¹ – diz mesmo que tinha livreria – «Eu tenho na minha livreria um livro... E tenho outro...» –, referências estas precisas⁴² que nos podem sugerir, pelo seu tom enumerativo, que na Torre Velha tinha muitos livros... E, curiosamente, pelas mesmas datas, Janeiro de 1650, procurando, para satisfazer um conde que lhe pedira «tudo o que houvesse escrito»⁴³, os exemplares que possuía das suas obras, teve que «revolver toda a noute a [sua] livreria...»⁴⁴, o que, mesmo descontando algum possivelmente leve exagero e até qualquer traço de ironia – nele literariamente tão comuns e humanamente explicáveis na sua obra pelos seus anos de prisão –, lhe serve para indicar que aí guardava um tal número de livros que tinha dificuldade em encontrar exemplares dos seus publicados. É certo que este «revolver», para

37 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 314; a ordem da sua «reclusão» veio directamente do Secretário de Estado, Pedro Vieira da Silva (*Cartas familiares*, cit., p. 334).

38 M. de Melo, *Cartas familiares*, p. 325.

39 M. de Melo, *A Tuba de Caliope* (son. XL), in *Obras métricas*, cit., cit., II, p. 467.

40 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 329, 353; 317-318 (oferece, em 9.1.650, «a um amigo casado de pouco», como que um resumo do que vai ser ou devia ser uma carta de guia para casados).

41 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 310.

42 M. de Melo, *Carta de guia de casados*, ed. de M^a de L. C. Fernandes, Porto: Campo das Letras, s.a [2003], p. 83. Devemos à Prof^a Correia Fernandes a integral identificação dos dois livros aí referidos – a *Rogación en detestación...* de Bartolomé Carranza, e os *Coloquios* de P. Mexia – a que teremos que nos referir mais adiante.

43 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 307-308; 318-321. Deverá notar-se que este conde continua parecendo-nos, com alta probabilidade, ser o «grande Ministro» a quem, duas semanas depois de lha ter prometido, oferece a *Dictaria sacra*. Para esta questão permitimo-nos remeter para o nosso trabalho «A poesia sacra de D. Francisco Manuel de Melo», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974, pp. 295-404. pp. 323-336.

44 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 308.

além da quantidade, igualmente pode deixar entrever uma certa desordem na sua arrumação ditada até pelas circunstâncias de vida e condições de espaço – «mais larga vontade que aposento»⁴⁵, assim escrevia a convidar um amigo a visitá-lo – em que os conservava, que, como não parece imaginável sequer, não seria essa cela onde ultimamente o «aferrolharam», ainda que, sem grande razão, não se queira tomar à letra a evocação que dela faz no soneto já referido das *Segundas três Musas*. Muito provavelmente nem estariam arrumados em arremedos de estantes ou de armários⁴⁶... Seria, aliás, essa arrumação e colocação em estantes um luxo que até um bibliófilo e bibliógrafo – por aprendiz que fosse – como o primeiro marquês de Niza, pelas mesmas datas, teve grandes dificuldades em resolver... O antigo embaixador em Paris chegou a contar, primeiro, com o auxílio de dois «mancebos» amigos para arrumar e inventariar os seus milhares de livros – D. António Álvares da Cunha e Francisco de Melo –, e, depois, com o de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo⁴⁷, mas dificuldades financeiras impediram, durante algum tempo, que os pudesse dispor em condignas estantes⁴⁸. De mais a mais, segundo D. Vasco Luís da Gama informava, lastimando-o, a D. Vicente Nogueira, de desordem semelhante sofria, por então, a própria biblioteca real por desleixo e por ignorância do bibliotecário⁴⁹...

Não sabemos, com precisão, quanto durou esse rigor que evocámos. De qualquer modo, no fim de Março de 1650⁵⁰, atendidos que foram os seus pedidos e os dos muitos seus amigos para ser transferido para o Castelo de Lisboa, D. Francisco ocupou-se logo em remediar a situação da sua livraria. Assim, pouco depois da sua mudança, já anunciava que iria dispor de «outra pousada

45 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 171.

46 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 24, lugar onde se vê que, obviamente, essa livraria-hospital dispunha de estantes.

47 A correspondência até agora conhecida entre D. Vicente Nogueira e o primeiro marquês de Niza foi integralmente publicada por J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar: D. Vicente Nogueira e o marquês de Niza (1615-1654)*, Porto: CITCEM /Edições Afrontamento, 2011, pp. 276, 301, 313.

48 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., pp. 275, 312.

49 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., pp. 277, 415.

50 A data deduz-se de uma emotiva carta, escrita já no Castelo, de 31.3.1650, em que comunica a mudança e, com alvoroçado agradecimento, reserva «os Domingos pela menha (o destes digo) serão para ambos nós a propósito de ver-nos e ouvir-nos» (M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 382). A julgar por esta carta, António Luís de Azevedo terá sido o primeiro amigo a receber, da parte de D. Francisco, a notícia, uma vez que, oficial da Secretaria das Mercês, devia estar já ao corrente da resolução real.

mais cómoda»⁵¹ – dentro do próprio Castelo, evidentemente⁵² – onde esperava, como sempre, dar e receber notícias⁵³, festejar amigos⁵⁴, tentando até atraí-los, alguma vez, com pormenores acolhedores da sua nova casa – «eu tenho uma varandinha que convida a contos ... »⁵⁵. Também aqui continuou a ser autorizado a sair – sob menagem, naturalmente –, tendo chegado a estar, como nos começos de 1651, fora um mês⁵⁶. E se antes tinha barqueta para o ir e vir de Lisboa, agora tinha liteira⁵⁷ e, desde este ângulo, vemo-lo, com humor, não só ceder a Cristóvão Soares de Abreu, um macho seu que, além de «novo», se recomendava por «seu meio curso da aula de liteira»⁵⁸, mas também desdenhar da que, se tormarmos as suas palavras à letra, ele mesmo terá «engenhado»⁵⁹... Compreende-se que, poucos dias depois de ter chegado, lhe parecesse, como escreve a um religioso amigo, «este Castelo paraíso se se compara ao que deixei»⁶⁰, quer dizer, à Torre Velha... E igualmente se compreende – e muito melhor até – o terror que o terá assaltado – «o sobresalto» – quando sabe, como escreve a Duarte Ribeiro de Macedo, que, em fins de 1652, o «quiseram mudar [...] deste Castelo e tornar [...] a enterrar na Torre donde [viera] a ele»⁶¹. Desta vez, contra os seus inimigos – com Pedro

51 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 382, 383.

52 E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 25, sublinha-o.

53 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 387.

54 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 382, por exemplo, carta em que, agradecendo ao conde camareiro-mor o seu empenho na transferência da Torre para o Castelo, a «nova pousada» onde, «postas as mesas correrão aquelas viandas que no cedro de Entre-Douro-e-Minho estão em depósito».

55 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 465: «Eu tenho uma varandinha que convida a contos e, porque quisera dar a V. M. conta de minha vida, lhe peço que ma venha tomar estreita, pois também a vida é estreita e a varanda»...

56 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 427. E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 256-257, pensa, porque, certamente, não conheceu a carta de D. Francisco a Duarte Ribeiro de Macedo dessa data (*Cartas de D. Francisco Manuel de Melo a Duarte Ribeiro de Macedo*, Estudo introdutório de Virginia Rau, *Revista Faculdade de Letras de Lisboa*, 1968, p. 46), que as saídas do Castelo sob menagem apenas ocorreram depois de 1652.

57 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 452.

58 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 445-446.

59 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 525: «ũa liteira que engenhei, é tão mau engenho que ainda não se entende comigo para me dar passo a essa casa; mas não há tal liteira como a noute para um retraído», escreve ele a um amigo «escusando-se de não estar em casa para o receber», com a promessa de ir «inquietá-lo» a sua casa.

60 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 384.

61 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 446.

Vieira da Silva à frente? – e talvez mesmo contra a sua expectativa, valeu-lhe o *sic volo manere* do rei...

Dada a comodidade da nova pousada, parecia-lhe, agora, possível, como estava determinado, «estender os livros»... Estender... Dispor em extensão e não em acumulação – em caixotes..., arcas..., talvez até mesmo pelo chão... – como até ali? Como seria estendê-los? De qualquer modo, uma certa ordenação. E em ordem a tal «disposição» – a palavra é nossa –, parece ter começado a solicitar a devolução de alguns que andavam emprestados – alguns, há anos – para com eles «honrar a livraria»⁶². Eram eles «livros aventureiros», e «não [os] quisera ver aventurados a não tornarem...»⁶³. Por isso, mal chegado ao Castelo, resolve «seguir-los e persegui-los (fazer como [lhe] fazem)»⁶⁴. É, contudo, bem provável que uma certa desordem se arrastasse, pois, mais tarde, em data incerta, no Castelo, para encontrar um exemplar de *El Fenis de África* que desejava oferecer, teve, como na Torre Velha, de voltar a «revolver os entrefolhos desta livraria»⁶⁵.

Da livraria de D. Francisco – se é que, dadas as deslocações e vicissitudes da sua vida de homem de armas e das moradas em Lisboa que, ao parecer, sempre foram mais ou menos provisórias (Calçada do Combro..., Rossio..., Ribeira...) e, depois de 1644, dos seus anos de prisão, algum dia chegou a ter mais que um vasto conjunto de livros mais ou menos desordenado, mas do qual fazia, de vez em quando, algum controlo («fiz resenha dos livros e entre muitos que me faltam...»⁶⁶) de que poderia até resultar um breve rol *pro memoria* – apenas tentaremos entrever – a modos de um levantamento arqueológico – alguns dos que constituiriam a sua livraria na Torre Velha e no Castelo de Lisboa. Alguns dos livros que teria consigo até ao dia – 17.4.1655 – em que partiu para o Brasil. Nesta ordem de ideias não nos ocuparemos de todos os livros que, citados ou mencionados por D. Francisco em obras suas desses nove anos, poderia ter na sua biblioteca⁶⁷. A carta ao Dr. Manuel

62 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 383-384.

63 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 171.

64 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 383.

65 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 473.

66 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 142.

67 Por atalhos genealógicos que não interessam aqui, os livros e outros bens de Manuel de Melo vieram a pertencer aos Manuéis da Câmara, condes de Silvã (Prestage, *Esboço biographico*, pp. 9, 10). Muito desse fundo acabou na Biblioteca Nacional de Portugal, e não sabemos se alguma vez, por meio da pesquisa dos seus pertences, foi total ou parcialmente reconstituído, ainda que Fernanda M^a G. Campos, *Para se achar facilmente o que se busca*.

Temudo da Fonseca... e o *Hospital das Letras*..., ainda que possam tanto garantir muitas das suas leituras e juízos, como alertar-nos para muitas outras que não fez ou fez muito superficialmente, não nos remetem para a sua biblioteca, embora, naturalmente, algumas – diremos muitas? – das obras em que se baseou lá se encontrassem ou tivessem estado. E não deixa de ter algum interesse verificar que entre as obras que sabemos terem pertencido à sua biblioteca e as que examina em *Hospital das Letras*, para além dos poetas portugueses, italianos e espanhóis citados ou aludidos com mais ou menos precisão, há escassas coincidências.

Sem enjeitar como fontes suplementares, porque tardias em relação ao âmbito cronológico estabelecido, as suas dedicatórias às *Epanáforas de vária história portuguesa*... e o *Hospital das Letras*, sempre que D. Francisco garanta convivência..., amizade com um autor ou mesmo com um impressor – e fá-lo algumas vezes – da obra que cita ou comenta, a principal fonte do nosso pequeno inventário da sua livraria foram as *Cartas familiares*. Nestas, e cremos que tal nunca terá merecido alguma atenção, abundam referências a livros que possuía..., que encomendava..., que lhe ofereceram..., que intercambiava⁶⁸... E tais notícias surgem, sobretudo, na sua correspondência dos anos de prisão na Torre Velha – Julho? de 1646 – fins de Março de 1650 – e, depois, na do Castelo, até 1652. Para os tempos anteriores de liberdade, matizada por períodos de cárcere – em algum caso, meses – no Castelo de S. Jorge em 1634 e 1637⁶⁹ e 1638 e na Torre de Belém também em 1638, e,

Bibliotecas, catálogos, e leitores no ambiente religioso (século XVIII), Lisboa: Caleidoscópio, 2015, p. 126, apresente a marca de posse de um volume dessa colecção. J. Colomès, na introdução ao *Hospital das Letras*, cit., p. XIX, pensa que a livraria de D. Francisco «devait avoir disparu, au moment où fut rédigé son dialogue, après son incarcération, et ne fut reconstituée que plus tard». Estamos em crer, como tentamos mostrar, que entre os seus livros na Torre Velha e no Castelo deveria guardar exemplares anteriores à sua prisão em 1644.

68 Com grata admiração, há que ressaltar o estudo «Des sociabilités qui surmontent les distances. Autour du réseau de relations intellectuelles de Francisco Manuel de Melo» in *Sociabilités intellectuelles XVI^{ème}-XX^{ème} siècle, Arquivos do Centro Cultural Português XLIX* (Lisboa-Paris 2005) 33-44), em que M^a de L. Fernandes aborda o livro como um dos poucos meios de sociabilidade ao dispor de Manuel de Melo durante os longos anos de cárcere.

69 Em 23.9.1637, preso no Castelo, mas da carta ao arcebispo de Treveris (Madrid, 20.2.1637), oferecendo-lhe uma cópia do seu, por hoje perdido, *Tratado de paciencia*, pode suspeitar-se que nessa data estava preso em Madrid, pois algo quererá significar «La Filosofía leída entre estas paredes [...]». Milagros son [...] saber destilar los hierros [...] Tristes son las horas de la soledad a los que las pasan asidos al temor de los sucesos [...] Aquí, Señor, os ofrezco una copia de las mías...» (*Cartas familiares*, cit., pp. 59-60). Prestage, *Esboço*

talvez mais episodicamente, 1639⁷⁰ – e para os de prisão «dentro del mar», na Torre de Belém (Novembro de 1644 – Julho? 1646), são escassas as referências bibliográficas nas suas relativamente poucas cartas desses dias. Pouco mais se dirá para os derradeiros anos (1653-1655) de preso sob menagem no Castelo (1650-1655), tempos em que as suas cartas, na sua larga maioria não datadas com precisão, se diriam, com alguma rara e longa excepção, pela sua brevidade e assuntos (justificações de ausência..., convite ou agradecimento de visita..., venda de um macho para liteira..., parabéns pelo nascimento de um filho de um amigo..., de pêsames pela morte de familiar de outros..., recomendação de amigos e damas necessitados do favor da burocracia da Justiça ou do palácio..., etc.), bilhetes «domésticos» de modelo cicero-niano... Mas mesmo assim, em Dezembro de 1634, encarcerado no Castelo de S. Jorge – detenção que parece ter escapado à diligentíssima investigação de E. Prestage⁷¹ – discorreu, em larga epístola em tom de filósofo político, acerca da *Política christãa* de Gaspar Seixas de Vasconcelos, título, se for o autêntico, de difícil identificação, e não deixou, nos dias da Torre de Belém, de querer comprar livros... – e, afortunadamente, até sabemos quem lhe propunha a compra... –, além de se corresponder com nomes ilustres da «República das Letras» – o conde Gualdo Priorato, por exemplo, de quem, em 1646, tinha já lido, como sabemos, «algumas de [sus] historias», evidenciando o seu aristocrático cosmopolitismo, não apenas «intelectual»⁷².

O que nos interessou reconstituir – por aproximação, evidentemente –, na medida do possível e com as limitações previsíveis pelas difíceis circunstâncias de lugar, espaço e tempo da sua biografia que, em linhas gerais já ficaram, cremos, evocadas, foi, antes de mais, o conjunto de livros que deverá ter reunido nesses quase quinze anos de prisão. Depois, igualmente na medida do possível e com os riscos inerentes – nem sempre será fácil, a propósito do

biographico, cit., p. 82, pensa que a cópia oferecida é da própria mão de D. Francisco, pois não parece ter atendido que «las mías» tem como referente «horas de soledad» vividas «entre estas paredes» e não uma cópia manuscrita do seu tratado.

70 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 56, 61, 62, 66-71, 74-81.

71 A. Bernat Vistarini, *Francisco Manuel de Melo (1608-1666). Textos y contextos del Barroco peninsular*, Palma: Universitat de les Isles Balears, 1992, tampouco registou, se mal não lemos, este tempo de prisão de D. Francisco.

72 G. Manuppella, «Acerca do cosmopolitismo intelectual de D. Francisco Manuel de Melo», *Brasília XI* (1961) 5-22; A. Bernat Vistarini, *Francisco Manuel de Melo (1608-1666)*, cit., p. 21.

pedido ou lembrança de envio de um livro, distinguir se se trata de desejar a sua compra ou da sua oferta, ou ainda se se trata dos de sua autoria, que presenteava ou tinha presenteado⁷³ – quisemos tentar perceber os modos por que um preso e autor da sua categoria social, sempre em dificuldades de finanças – reais, mas não certamente a raia essa pobreza que, em muitos momentos de desespero perante a inacção da Justiça, interessada e vincadamente expõe a amigos e autoridades⁷⁴ – logrou reunir essa «livraria».

Desse conjunto – estaremos lembrados que em, pelo menos, duas ocasiões, D. Francisco teve de «revolver» a sua livraria para encontrar livros seus que queria oferecer⁷⁵? – deveriam fazer parte, obviamente, as suas obras

73 Um simples exemplo que nos previne de outros que encontraremos: «*A Harmonia politica* espero com grande alvoroço.[...] Também não desdirão da minha ociosidade os *Ocios* do conde Rebolledo...» (*Cartas familiares*, cit., pp. 459, 460). São livros que, em 1651, lembra a António de Sousa de Macedo (o primeiro, até da autoria do embaixador na Holanda, nesse ano publicado em Haia). O outro, editado em Ambers em 1650. Encomendas de compra ou puras lembranças que seriam ou poderiam ser oferta?

74 Prestage, *Esboço biographico*, cit., pp. 190, 191, 341, 426 (Doc. n.º 1, 1.º «Memorial a el-Rei D. João IV»); M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 176, 182, 219, 258, 262, 359; T. Braga, *Os Seiscentistas*, Porto, Chardron e Lello, 1914, pp. 370-372, publica a «Carta de perdão» (1662) de D. Afonso VI, em que, se não é fórmula devida, mostra que, a seu tempo, D. Francisco tinha pagado as penas pecuniárias a que fora condenado nas várias instâncias; J. J. de Vilhena, «As dívidas de D. Francisco Manuel de Melo», *O Instituto. Revista Científica e Literária*, 84, 2 (1932), pp. 135-150, referentes às três acções judiciais postas contra o filho e herdeiro do escritor, D. Jorge Diogo Manuel, por dívidas de seu pai entre 1660 e 1666, que vão desde género de fancia até transportes de Liorne a Lisboa, passando por salários de criados. Recordemos que D. Francisco, apesar de sentenças e ameaças, acabou por não perder a sua comenda de Espinhel (de aí data, 30.9.1659, a sua *Epanáfora bélica*); em 1648 propunha-se vender umas casas «baratas e seguras» (*Cartas familiares*, cit., p. 210); e podia dispor dos seus bens em S. Miguel. Tudo conjugado insinua a necessidade de investigar os rendimentos de um fidalgo que, comparativamente com os senhores de título, deveria ser um fidalgo, não tão pobre como se pinta, mas, isso sim, não rico.

75 Ofereceria D. Francisco outros livros – que não os de sua autoria – da sua própria biblioteca, por exemplo? Alguma vez poderá pôr-se a questão: «Todo, Senhor [Señor] Excelentísimo, me será imposible si V. Excelencia, por su propia bondad, no se sirve de dar auxilio a mi pretensión, gustando de tenerme aquí, y en todo el mundo, por tan suyo, como lo están siendo mis libros en su generosa casa». Estes livros a que a comparação autor / livros parece – parece – garantir que se refere aos livros da autoria do preso na Torre Velha, poderiam igualmente, com menos probabilidade, aludir a livros oferecidos da sua biblioteca ou não. Em qualquer caso, livros presenteados «a um grande ministro de França», segundo carta de 1.7.1648, pedindo a sua intercessão junto do Cardeal Mazarino (*Cartas familiares*, cit., p. 190). Note-se, por um lado, que o autor conhecia bem esse «grande ministro de França» do tempo em que, como recorda, este fora embaixador em Espanha, e, por outro, o conde de Brienne tinha o «nombre [de D. Francisco] indignamente colocado en su libreria por

impressas até à partida para o desterro – *Historia de los movimientos y separación de Cataluña* (1645), *El Mayor pequeño* (1647), *El Fenis de África* (1648, 1649) ..., *Las tres musas del Melodino* (1649), o *Pantheon* (1650), *Carta de guia de casados* (1650), por exemplo –, ainda que de algumas, por vezes, dizia não lhe restarem já exemplares⁷⁶ – «os meus livros [...] gastam-se logo...»⁷⁷ – e, provavelmente, em cópia limpa ou em borrão algum – alguns? – dos trabalhos que oferecera – entendamos, «publicara» – em manuscrito – o *Tratado de paciencia*, em 1637, ao arcebispo de Treveris, ou ainda, no mesmo ano, «a uma Senhora», aquele *Oficio de São João Bautista*⁷⁸, por exemplo. E, em manuscrito, podemos ainda juntar algumas das «maiores» que publicará depois de 14 de Junho de 1658, data de chegada a Ponta Delgada no seu regresso do desterro –, *As três musas portuguesas* (1649?)⁷⁹ ..., as «Relações», mais tarde *Epanáforas*⁸⁰, *Alterações de Évora* (1649), o *Descobrimento da Madeira* (1654)

ofícios del ilustrísimo Señor N. a quien yo debo también la audacia de llegar a los pies de V. S. con estas letras» (*Cartas familiares*, cit., pp. 189-190). As duas cartas – como, aliás, a enviada a Mazarino –, de data exactamente igual (1.7.1648), fazem pensar que, como reforço das suas diligências, ofereceu a essas altas personagens da corte de França quando procurava o apoio de Luís XIII para a sua situação, obras da sua autoria. O que nos parece com mais sentido. Mas quais nessa data? A *Guerra de Catalunha*? *El Mayor Pequeño*? Como lembrava o autor de *Arte de galantería*, «los pobres siempre se salvan en artificio» ...

76 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 308: nos princípios de Janeiro de 1650, confessava, a um conde interessado nos seus escritos que, tendo gastado a noite em procurá-los, dos seus livros impressos só encontrara um: «esse volume que contém três tratados meus: a *Catalunha*; *Eco político*; e o *Manifesto* que o Conselho de Estado me mandou fazer. Os *Avisos de Gerais*, que estampeei em Castela, muito há que não guardo; e os mesmos *Gerais* ainda peor que eu. Pelos livros de Santos, que são três, e publiquei depois, farei diligências e os enviarei a V. S. fielmente, como quem tanto ganha em ter a V. S. por leitor». Mais tarde, já no Castelo, confessava a um amigo que, «revolvidos os entrefolhos desta livraria», apenas lhe podia mandar o «*Féniz*» (p. 473); porém, um tanto mais tarde, talvez, a D. Vicente Nogueira, oferece «seis livros» («parte dos que tenho publicado»), sem que os identifique – a *Historia de los movimientos, separación y guerra de Cataluña*? *El Mayor Pequeño*? *El Fenis de África*, 1.^a e 2.^a Parte? O *Manifesto de Portugal*? *Las tres Musas del Melodino*? Esse encontrar e desencontrar dos seus próprios livros será um outro indicativo da provável relativa desordem e má instalação da sua livraria, a que já aludimos?

77 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 352.

78 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 60-61.

79 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 249, 252, se tomarmos à letra o que, em cartas de Maio de 1649, escreve não só «a um amigo ausente» no estrangeiro, onde pretendia imprimir «um volume de versos portugueses que parecem escritos há duzentos anos», mas ainda, de resposta, «a um amigo religioso», em que lhe lembra: «as obras portuguesas, elas são como minhas: necessitam do mesmo que eu [protecção?].»

80 Mantemos o título que lhes dá o autor em *Hospital das Letras*, p. 101.

e *A visita das fontes* que, se bem que tirada a limpo pelo autor em 1657⁸¹, já em 1653 tinha emprestado a António Luís de Azevedo⁸², os *Relógios falantes* (1654), pelo menos – e, talvez, alguma mais das que só aparecerão postumamente já entrado o século XVIII, o *Tratado da Sciencia Cabala, ou Noticia da Arte Cabalistica* (1724), por exemplo ainda⁸³. Eram estes alguns dos seus livros «presos» – porque seus, «filhos de delinquente»⁸⁴ – e tinha-os «por menos enfastiados [...] que aos soltos, porque cada cousa se recrea com seu semelhante»⁸⁵. E, sem contar com algum original que, por qualquer razão, depois de o apreciar, não tivesse devolvido ao seu autor⁸⁶, possuía – seus, porque oferecidos pelo autor..., em «depósito»? – ainda alguns manuscritos, como era o caso da tradução de seis cantos da *Thebaida* de Estácio Papínio por João Nunes Freire⁸⁷.

81 G. Manuppella, como se sabe, encontrou (BNA, cod. 1–51) a cópia autógrafa deste apólogo e dela se serviu para a sua magnífica edição do mesmo (*A visita das fontes. Apólogo Dialogal terceiro*. Edição fac-similada e leitura do autógrafo (1657). Coimbra: Por ordem da Universidade, 1962).

82 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 448: «Sirva-se V. M. de me mandar as Fontes, que, suposto não sou tão seu Narciso que nelas perigue, todavia, por serem de águas de que V. M. quis beber pelos ouvidos, que também são bocas da alma como os olhos, é muita razão que eu as estime como as Hipocrenes e Aganipes». Uma pequena falta de atenção tem levado a não se atender à data desta carta: 1653 e não 1663, como se lê na edição das conhecidas 61 «*Cartas a A. L. Azevedo*» (cópia do século XVIII), cujo editor, E. Prestage, previne que «a data dessa carta é com certeza errada». E assim, correctamente, o entendeu Maria da Conceição Morais Sarmiento. Com efeito, não só todas as restantes cartas (60) estão datadas de 1647 a 1653 – a única excepção seria essa –, mas também o próprio índice da colecção do códice registou 1653. A ser assim, *A visita das fontes* já estava «legível» em 16.1.1653, o que leva a considerar que tenha sido escrita ao longo de 1652 ou, até – quem sabe? – um pouco antes. Nada impede, porém, que, mais tarde – 1657 –, Manuel de Melo a tenha «revisto, corrigido e aumentado»...

83 É apenas uma hipótese a verificar, atendendo a que a *Arte cabalistica* já vem nomeada nesse «rol» – «famosa matraca» – um tanto fantástico, de impressos, esboços abandonados e projectos que D. Francisco dá dos «fidalgos [livros] de sua Casa» em *Hospital das Letras* (cit., pp. 100-102), apólogo que, de acordo com J. Colomès (*Hospital das Letras*, cit., «Introduction», pp. XII-XIII), foi escrito entre 1654 e 1658.

84 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 159.

85 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 245.

86 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 143, 175, 182, 202, 211, 276 (?), 371.

87 D. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1741-1759 (aliás. Coimbra Editora, Coimbra 1965-1967), II, p. 714, onde resume as notícias que sobre o ms. desta obra (os seis primeiros cantos) oferece J. Franco Barreto na sua *Biblioteca Lusitana* (obra que infelizmente continua à espera da sua merecidíssima edição e nos livre do exemplar fotocopiado de que dispõe a B.N.P.), como refere Colomès, «D. Francisco

Outros livros da livreria de Manuel de Melo nestes anos de prisão, cujo número, por razões óbvias, cremos não ser calculável, mas que suspeitamos importante – a maior parte? –, eram fruto de compras. Sabemos que, mesmo em circunstâncias que nos pareceriam para tal pouco propícias, D. Francisco comprava livros... Ainda na Torre de Belém, perante, seguramente, uma oferta de Rui Lourenço de Távora – um dos muitos compradores de livros na Lisboa desses dias, distinguidos pelo marquês de Niza⁸⁸ – respondia: «Os livros folgara muito de comprar quando os houvesse; mas estou já mais para vender estes que comprar outros...»⁸⁹. Se, infelizmente, não pudemos descobrir ou, sequer, suspeitar que obras lhe poderiam interessar naquele momento, três anos mais tarde reiterava prementemente ao seu amigo Francisco de Sousa Coutinho, embaixador na Holanda, «a encomenda»: os «meus três livros que lhe pedi e torno a pedir e lembrar». Não fosse o amigo estar esquecido dos títulos, escrevia-lhos: o «Espelho Áulico» de Adam Contzen, SJ, isto é, *Daniel, sive de Statu, virtute aulicorum atque magnatum* (Colonia Agripina, 1630)⁹⁰; a *Población General de España* de Rodrigo Méndez Silva; e ainda o livro de «Phelipe de Comines comentado por D. Juan Vitrian, que se imprimiu

Manuel de Melo et la littérature française», cit., p. 503, e, em nota, em *Hospital das Letras*, p. 190. Note-se ainda, na sequência das notícias que traz J. Franco Barreto – D. Francisco elogiou, como se sabe, a sua fábula mitológica *Cyparisso* –, que este autor, conviva de D. Francisco num jantar com o seu primo D. Francisco de Melo, serviu de secretário desse seu parente, de grandes prendas no desenho e pintura, em 1641, quando foi o primeiro embaixador em França (E. Prestage, *As relações diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928 pp. 1-6). Curiosamente, um dado mais para a teia dos mistérios das relações humanas e sociais de D. Francisco, no mesmo barco que levava o embaixador, viajava, escondido, o P.^e Francisco de Macedo, então ainda jesuíta, que, antigo mestre de Retórica de J. Franco Barreto, pouco depois passaria a ser Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, franciscano, correspondente de Manuel de Melo (I. de Sousa Ribeiro, *Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo. Um filósofo escotista português e um paladino da Restauração*, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1952, pp. 16-17).

88 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., p. 254: «E os que imos topando dobrados vou vendendo a meu primo Rui Lourenço de Távora», o que, sem dúvida, fazia dele um desses «outros muitos» grandes compradores de livros, entre eles Rui de Moura Teles, igualmente grande amigo de D. Francisco – a ele, não fora a prematura morte, teriam sido dedicadas as *Cartas familiares* –, como lembra o marquês de Niza a D. Vicente Nogueira (pp. 109-110). Para a aludida questão da dedicatória, v. *Cartas familiares*, cit., p. 311.

89 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 108.

90 Para evitar repetições, na lista final em Apêndice, daremos, sempre que possível, de cada obra o título completo de acordo com a primeira edição e indicaremos outras edições que D. Francisco poderia ter mais facilmente alcançado.

em Anvers»⁹¹. Muito embora nos escapem as razões do interesse imediato por tais obras, não deixa de admirar-nos o informado que estava sobre datas e lugares da sua publicação. E, assim, a propósito da *Población general*..., ressalva – apesar de nos parecer improvável que, por tempos e caminhos de guerras, uma obra publicada em Madrid, em 1645, pudesse não ter aparecido em Haia em 1649 – que só encomenda a obra «se chegou lá». E sobre *Las memorias* desse «Machível en douceur»⁹², Philippe de Commynes, pois desse livro se trata, fornecia-lhe um dado bibliográfico – o lugar da publicação – que permitia identificá-lo mais facilmente. Não tranquilo, contudo, com a memória ou a disponibilidade do embaixador, escreveu, meses mais tarde, a um «Ministro que assistia nas cortes do Norte» – diplomata que coadjuvava o «Senhor embaixador», talvez, o Dr. Feliciano Dourado, secretário da embaixada?⁹³ – lembrando, mais uma vez, os livros⁹⁴. Provavelmente, por idêntico processo, como consta da sua «Advertencia» no final de *El Mayor pequeño*, tinham-lhe feito chegar de França – será difícil aceitar que encomendados, de alguma maneira adquiridos? –, em 1646, entre outros livros que não nomeia, *La vida y historia de S. Pablo* que aparecera, em edição póstuma em Madrid em 1644⁹⁵. Não sabemos como as adquiriu, mas sabemos que, em 1649, possuía «em italiano todas as obras de aquele francês grande Pedro Matheo; e em espanhol parte»⁹⁶ – incluiremos na «resenha» final algumas das edições que mais provavelmente constavam na sua biblioteca –, declaração que não tem merecido a atenção que talvez exija quando se comenta a fugaz referência no *Hospital das Letras* a esse polígrafo francês – de seu nome exacto, Pierre Matthieu⁹⁷ –,

91 M. de Melo, *Cartas familiares*, p. 225.

92 Ch.-A Sainte-Beuve, *Causeries du lundi* I, Paris: Garniers Frères, 1857, p. 245, citado e comentado por Joël Blanchard na «Introduction» à sua edição de Philippe de Commynes, *Mémoires*, Paris: Librairie Générale Française, 2002, pp. 41, 46.

93 E. Prestage, *As relações diplomáticas de Portugal*, cit., p. 211.

94 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 245: «Dos livros não faço lembrança, porque sei não é necessária para que V. M. se lembre de mi».

95 M^a L. G. Pires, «*El mayor Pequeño* de D. Francisco Manuel de Melo e a lição de Quevedo», cit., p. 340.

96 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 237.

97 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 109 e, p. 295, a respectiva nota do eruditíssimo editor; J. Colomès, «D. Francisco Manuel de Melo et la littérature française», pp. 498, 499. Para a história cultural da primeira metade do século XVII em Portugal, talvez tenha algum interesse lembrar aqui que, exactamente pelas mesmas datas – Março, 1649 –, pede D. Vicente Nogueira ao marquês de Niza, ainda em Paris, que lhe «compre o tomo 25 do Mercurio»: «que é só o que me falta, com que – e com os dous tomos da *Historia da*

já que poderia muito bem ser um dos autores mais bem representados na sua livraria. No entanto, sem que D. Francisco nos dê qualquer informação sobre como se encontravam na sua biblioteca desses anos na Torre Velha, conhecemos, por declaração sua, mais duas obras que lá estavam – «eu tenho na minha livraria um livro de Alonso Carranza contra as guedelhas [...] e tenho outro de Pedro Mexia em que não cessa de chorar o ver os homens trusquiados»⁹⁸. A primeira, do jurisconsulto Alonso Carranza, D. Francisco possuía – há muito identificada por E. Prestage⁹⁹ –, a *Rogación al Rey D. Felipe IV* [...] *en detestación de los grandes abusos en los trajes y adornos nuevamente introducidos en España* (1636); a outra, do célebre autor de *Silva de varia lección*, como se assinalou recentemente¹⁰⁰, eram os *Colóquios o Diálogos nuevamente compuestos* (Sevilla, Zaragoza, Anvers, 1547), com sete edições, além das três simultâneas primeiras que assinalámos, até 1580, sendo que, segundo parece, depois desta data, há que esperar por 1767 para ver uma nova edição dessa interessante obra¹⁰¹.

D. Francisco também parece ter obtido alguns livros em «segunda mão», sem que possamos decidir se essas aquisições, de que apenas temos um exemplo certo, nos remetem para o mercado desse tipo de livros ou se eram aquisições ocasionais a particulares.

Efectivamente, nos primeiros de Fevereiro de 1648, a um parente seu, cujo nome ignoramos¹⁰², tinha comprado «a [sua] *Diana*». Deveria ser aquisição recente, pois ao comentar, encantado pela sua posse – «a minha *Diana* que foi vossa» –, o estado de conservação do exemplar recebido anota que «ela [*Diana*] vem tão louçã», presente («vem») que parece indicar tê-la recebido

Paz de P. Matthieu – tenho todos os 27 da obra inteira, que valem mais de vinte sete mil réis que os trinta e dous mil que custaram a D. Rodrigo de Melo trinta e duas Repúblicas que aqui em Roma acharia por menos de seis mil réis. (J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar* cit., p. 231). Qual a representação de P. Matthieu na biblioteca do marquês de Niza em Lisboa?

98 M. de Melo, *Carta de guia de casados*, cit., p. 83.

99 M. de Melo, *Carta de guia de casados*, cit., p. 62.

100 Cabem a M^a de L. Correia Fernandes, em nota à sua já citada excelente edição de *Carta de Guia de Casados* (p. 83), os méritos de ter precisamente identificado, pela primeira vez, segundo cremos, esta obra e transcrito a passagem aludida por D. Francisco.

101 P. Mexia, *Diálogos*, Edición, introducción y notas de Isaías Lerner y Rafael Malpartida, Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2006, p. LXXXI-LXXXII. Para a passagem visada por D. Francisco, que exagera, por amor à citação..., v. esta ed. p. 116, com a correspondente esclarecedora anotação.

102 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 172.

há muito pouco tempo¹⁰³. Com alta probabilidade, haverá que identificar esta *Diana* com a «celebradíssima Diana», e frequentemente editada, de Jorge de Montemayor¹⁰⁴, sem excluir, obviamente, que poderia referir-se a uma das suas parentes e seguidoras – à *la manera* de Alisa, a jovem filha de Melibea e Calisto, em um célebre capítulo, «Las nubes», de *Castilla* de Azorin –, fosse à *Diana enamorada* de Gaspar Gil Polo (Valencia, 1564)¹⁰⁵, de boa fortuna editorial ainda nos começos do século XVII¹⁰⁶..., fosse – improvavelmente? – à *Clara Diana* (1580), versão «a lo divino» de Fr. Bartolomé Ponce, Ocist., de alguma fortuna nos fins de Quinhentos em Espanha¹⁰⁷, cuja «Primera parte» – e única – distribui os seus sete livros por 367 fólhos..., fosse ainda, talvez mais improvavelmente até, face à escassez de edições, à *Segunda parte de la Diana de Jorge de Montemayor* (Madrid, Francisco Sánchez, 1585). Na mesma ocasião lembra ao seu parente que lhe quer «tomar» «outros dois livros» – não identificados, infelizmente – que lhe eram «necessários para um escambo»¹⁰⁸.

Muitos outros dos seus livros nestes anos de mais dura prisão ter-lhe-iam sido oferecidos. Curiosamente, dois exemplos seguros de obras regaladas dizem respeito a vocabulários, mas destes apenas de um sabemos, com

103 «Ora, Senhor, eu me estou um Anfriso com a minha *Diana*, que foi vossa; e ela vem tão louçã e está tão bem achada comigo de portas adentro, que receio nos ponham na Visitação» (Manuel de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 172).

104 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 44.

105 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 44, marca as suas distâncias para com a *Diana enamorada* – «Gaspar Gil Polo o quis competir [*i.e.*, Gil Polo pretendeu emular Montemayor] com outra *Diana*, mas saiu bastarda, e só legítima a portuguesa» –, o que, porém, no limite não impediria que a adquirisse.

106 A afortunada posteridade editorial de *Diana enamorada* está estabelecida por Francisco López Estrada na introdução à sua edição à obra de G. Gil Polo, Editorial Castalia 1988, pp. 51-58, cabendo aqui apenas assinalar as suas doze edições até 1617 – 8 seguras e 4 possíveis.

107 Podemos registar, além da de Épila, Thomas Porralis, 1580 (BNE. R/14993), a que traz Nicolás Antonio, Zaragoza, 1581 (*Bibliotheca Hispana Nova*, Matriti: Joachinum Ibarra, 1773-1778 (aliás Madrid: Visor Libros, 1996, I, p. 201); a de Zaragoza: Lorenzo de Robles, 1599 (C. L. Penney, *Printed books – 1468-1700 in the Hispanic Society of America*, New York: The Hispanic Society of America, p. 433). J. Montero, «*La Clara Diana* (Épila, 1580) de fray Bartolomé Ponce y el canon pastoril», *Criticón* 61 (1994) 69-80, baseado em um estudo de Jaime Moll, aceita que a edição de 1599 não passa de um aproveitamento dos exemplares não vendidos da primeira edição, o que, a ser certo, o leva a suspeitar de que a edição de 1581 não existiu (p. 70).

108 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 172.

alguma certeza, o nome. A primeira referência, que, não fossem as precisões de Barbosa Machado, teria resistido a toda a identificação, respeita a uns «vocabulários» – exactamente assim, plural ... –, que lhe foram enviados, no Outono de 1648, juntamente com uns «poetas» – manuscritos poéticos? –, presentes que «com todos os seus conceitos e palavras não podem explicar o [seu] agradecimento»¹⁰⁹. Cremos razoável identificar os «vocabulários» oferecidos com o *Tesouro da Língua Portuguesa* que o P.^e Bento Pereira, SJ, publicou em 1647. O plural de D. Francisco será justificável com as *Respostas em defesa de varias palavras da Prosodia, que certas pessoas doutas procurarão com ditos, e escritos censurar*¹¹⁰, obra com que o «douto» jesuíta encerra o *Tesouro*. E, talvez, assim se expliquem melhor as veladas (para nós, hoje) alusões de D. Francisco, na primeira parte da carta, à polémica despoletada pela *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum, Lusitanum, et Castellanicum digesta*, Évora, Manuel Carvalho, 1634¹¹¹. Ou será que os «vocabulários» eram o *Tesouro* e a *Prosodia* que tinha tido uma nova edição em 1643? Cerca de dois anos mais tarde, em Junho de 1650, volta Manuel de Melo a agradecer «a um professor de Boas Letras» um «vocabulário» que esse seu amigo – se, efectivamente, o ofertante era o autor não é absolutamente obrigatório concluir da carta – lhe enviara juntamente com «um papel» – este, sim, seguramente da sua autoria –, «tão livro, e mais, que os livros que o acompanhavam»¹¹². Nada conhecemos sobre os mais livros oferecidos por aquele professor, mas pode pensar-se que, neste caso, o vocabulário deveria ser da língua francesa: «em tempo em que todos os Portugueses vestem pela frásis francesa, fale [eu] algum pelo talho de França». Uma outra obra – *Suma política* – foi-lhe regalada, acabada de aparecer¹¹³, pelo seu autor, Sebastião César de Meneses, então eleito bispo-conde de Coimbra¹¹⁴. Tendo-a lido

109 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 210.

110 D. B. Machado, *Bibliotheca Lusitana*, cit., IV, p. 74.

111 D. B. Machado, *Bibliotheca Lusitana*, cit., I, p. 509.

112 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 395.

113 A carta de agradecimento de D. Francisco ao bispo Sebastião César é de 9.10.1649 e as diferentes licenças da *Suma política* são todas de Agosto desse mesmo ano.

114 G. de M. e Matos, «Nos bastidores da política Seiscentista. D. Sebastião César de Meneses», *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, V (1941) 7-39; a correspondência entre D. Vicente Nogueira e o marquês de Niza fornece algumas pistas sobre esta personagem, nomeadamente acerca das lutas intestinas entre os franciscanos portugueses, em que desempenhava um papel (importante?) um seu irmão, Fr. Diogo César. Estranhamente, Manuel de Melo, Terceiro franciscano, escreve (1648) em apoio de

«devagar», D. Francisco, sensível ao gesto dessa alta personagem eclesiástica destinada a prosseguir um notável *cursus honorum* na política civil e na eclesial – se é que, nesses dias, era possível separá-las –, senhor de uma importante biblioteca¹¹⁵, elogia-a, agradecendo o «pequeno volume» – é, de facto, um in 12º de 13×10 –, porquanto «é sesudíssimo, é claro, é breve»¹¹⁶, louvores repetidos, dois dias depois, em carta a «um grande amigo Ministro»¹¹⁷. Também oferecida, seguramente porque era amigo do autor – já há muitos anos, tinha elogiado, com um soneto, as *Flores de España, Excelencias de Portugal*¹¹⁸, e dedicou-lhe atenção especialmente enfática na oração, em verso, que, sendo presidente da sessão, fez na Academia dos Generosos¹¹⁹ –, guar-

Fr. Martinho do Rosário (Lencastre), opositor do irmão do bispo-conde (*Cartas familiares*, cit., pp. 194-195).

- 115 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., pp. 113, 124: «Eu faço estas compras só por curiosidade, sem saber línguas. E quando a primeira vez me parti para França [1642] se me vendia toda a livraria de D. Fernando de Alvia por trezentos mil réis a prazos. Mas como eu ainda então andava com os olhos fechados, sem ver mundo, o não comprei, de que me tenho arrependido. E cuido que a comprou Sebastião César»; «a livraria de D. Fernando Alvia será impossível tirar-se ao Bispo do Porto, porque a querê-la vender, lha comprara eu sem dúvida. E se no tempo em que ma davam por trezentos mil réis eu estivera com a curiosidade de hoje, mal a largara», reiteraões que são um bom índice da excelência do fundo da cobiçada livraria do, então, bispo de Coimbra. Como simples curiosidade, lembramos que o exemplar da primeira edição de *Flores de España, Excelencias de Portugal* que serviu para a reprodução facsimile desta obra publicada pela Livraria Alcalá (Lisboa, 2004), hoje na posse de um descendente do Dr. Sousa Macedo, pertenceu à biblioteca de D. Fernando Alvia de Castro, pois ostenta o seu «pertence» manuscrito.
- 116 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 279.
- 117 Sobre a *Suma Política*, Martim de Albuquerque publicou páginas imprescindíveis quer sobre as «fontes» do texto – «plagiou a esmo» o *Consejo y consejeros de príncipes* (Madrid, 1617) de Lorenzo Ramírez de Prado e «plagiou abundantemente» o *Delli fondamenti dello Stato et instrumenti del regnare*, obra de Scipione di Castro – quer sobre o pensamento político do seu autor – se (permita-se-me que suba acima da minha chinela) é que tinha algum... – vejam-se, nomeadamente, «Para uma teoria política do Barroco em Portugal. A *Suma política* de Sebastião César de Meneses», em que se publica, em «Apêndice documental», a obra segundo um ms. da Biblioteca Pública de Évora; *Um percurso da construção ideológica do Estado. A recepção lpsiana em Portugal: estoicismo e prudência política*, Lisboa: Quetzal Editores, 2002, pp. 154-156 et passim, e pp. 203-269, em que igualmente se publicam em confronto (pp. 271-275) os passos textuais dos débitos de Sebastião César a Ramírez de Prado; «Biblos» e «Polis». *Bibliografia e ciência política em D. Vicente Nogueira*, (Lisboa, 1586 – Roma, 1654), Lisboa: Vega, 2005, pp. 68-69.
- 118 O poema de D. Francisco foi reeditado em *A Tuba de Calíope*, son. XXVIII, in *Obras métricas*, cit., II, p. 461.
- 119 M. de Melo, *Oração do autor nomeado presidente da academia [dos Generosos] em falta de quem não aceitou a presidência...* (*A Viola de Talia*, in *Obras métricas*, cit., II, p. 164).

dava D. Francisco a *Ulissipo. Poema heróico* de António de Sousa de Macedo. Havia emprestado a obra, e dela, um dia, em carta sem data e sem lugar, mas de tempos de prisão e memoriais, pediu a devolução: «Diz N. e eu por ele, que digais a N. lhe mande um livro que lá tem meu, da fundação de Lisboa por António de Sousa de Macedo»¹²⁰. O Dr. Sousa Macedo, estando na Holanda como embaixador¹²¹, há-de oferecer-lhe – esperemos que o preso não tenha tido que a pagar ao autor... – a *Armonia política*, obra que, segundo carta a Sousa de Macedo, sem data (1651), mas do Castelo, esperava «com grande alvoroço»¹²². Compreende-se a comoção de D. Francisco, pois a *Armonia política*, editada nesse mesmo ano na capital holandesa, estaria a ponto de aparecer ou teria mesmo já aparecido. Aproveitando o ensejo, pedia, na mesma ocasião, ao amigo diplomata os *Ócios* do seu amigo conde Bernardino de Rebolledo¹²³, livro de poemas publicado em Anvers no ano anterior. É provável que lhe tenha sido oferecido. E, embora abordemos o caso, aquando dos livros obtidos por intercâmbio, apontemos aqui que D. Francisco possuiu, presente do autor, um exemplar de *Reducción y restitución del reyno de Portugal* (Roma, 1648), de Juan Baptista Morelli (Fr. Fulgêncio Leitão, OSA), e ainda, depois de 1650, outro, também regalo do mesmo autor¹²⁴: *Epistola apologetica a la Magestad Catolica de D. Felipe el Grande* (1650)¹²⁵.

120 M. de Melo, *Cartas familiares*, p. Cit., 536.

121 E. Prestage, *Relações diplomáticas de Portugal...*, cit., pp. 233-237.

122 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 459.

123 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 460: «Também não desdirão da minha ociosidade os Ócios do conde de Rebolledo que foi meu amigo, e eu o sou ainda de tais ócios»; D. Francisco, porém, a julgar pelos poucos – ou nenhuns? – elogios com que lembra o autor e a obra em *Hospital das Letras*, cit., pp. 48-49, não deve ter apreciado o livro.

124 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 96. Cremos, salvo melhor opinião e com toda admiração pelo saber do insigne hispanista francês, que a nota de J. Colomès a esta passagem de *Hospital das Letras* (cit., p. 279, n. 358) terá de ser revista. Na verdade, a carta que o Dr. Morelli escreveu «há poucos dias», acompanhando a *Epistola apologetica* (1650) – obra que glosava o *Eco político* (1645) de Melo –, não parece poder referir-se à epístola que D. Francisco escreveu a Baptista Morelli, em 1648, a agradecer a oferta de *Reducción y restitución del reyno de Portugal* (1648).

125 Sobre esta obra no contexto da influência de Justo Lúpsio na cultura política do século XVII, v. M. de Albuquerque, *Um percurso na construção ideológica do Estado*, cit., pp. 110-111.

Alguns dos seus livros – muitos? – resultaram de intercâmbios. Não temos abundantes notícias de títulos, mas temos algumas referências precisas que poderão assegurar esse recurso, bem natural, de lograr os que lhe interessavam. Como teremos anotado, a propósito da aquisição de *Diana*, ele mesmo declara que necessitava de «tomar» – que «traduzimos» por comprar – mais dois livros para um «escambo».

Em Outubro de 1649, propõe a um amigo de quem se queixa da «falta de correspondência»: «Se aquele livro de N. está esgotado, destruiremos e irá o Conde D. Pedro, porque determino entregar um destes dias os papéis que cá tenho»¹²⁶. Mesmo que os «papéis» a enviar sejam, como defende E. Prestage¹²⁷, notas de Manuel de Melo ampliando o trabalho de Damião de Góis sobre o célebre nobiliário¹²⁸, cremos será aceitável pensar que o fidalgo preso na Torre Velha, genealogista *à ses heures*, além do códice de Damião de Góis, possuía uma das duas edições do *Nobiliário del conde de Barcelos, don Pedro hijo del Rey don Dionis de Portugal* impressas por esses anos. De outro modo, como faria os seus comentários? Ou a primeira, cuidada por J. Baptista Lavanha, com notas pelo marquês de Montebelo e publicada em Roma (Estevan Paolinio, 1640) sob os auspícios de D. Manuel de Moura Corte-Real, marquês de Castelo Rodrigo, a quem a obra é dedicada¹²⁹; ou a segunda, retomando a edição de Baptista Lavanha, editada em Madrid (Alonso de Paredes, 1646) com notas de Manuel de Faria e Sousa e dedicada a Juan Antonio de Alarcón. Relações de amizade conhecida de D. Francisco com Faria e Sousa levariam a dizer que, comprado ou oferecido, possuía um exemplar da sua

126 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 283.

127 E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 241.

128 Biblioteca Nacional de Lisboa – *Inventário – Secção XIII – Manuscriptos – Collecção Pombalina*, Lisboa, s.d., n.ºs 323, 295.

129 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., p. 136. Em 12.10.1647, lembrava o marquês de Niza a Vicente Nogueira: «Muita mercê me fará V. M. de se não descuidar do livro do Conde Dom Pedro impresso por ordem do Marquês de Castel Rodrigo, porque é estimado em Portugal, e são raros os que se acham. E eu fui tal que um que tinha dei a Gaspar de Faria» (p. 136). «O livro do Conde D. Pedro que imprimio o Marquês – informava D. Vicente em 5.3.1650 – se não acha por nenhum preço, e Ingres prometeu quarenta escudos e nem com tão boa isca pescou» (p. 336); por fim em 27.1.1651, o Marquês de Niza anunciava ao seu mentor e agente bibliófilo: «Não se canse V. M. em comprar o livro do Conde D. Pedro que em Roma imprimiu o Marquês de Castel Rodrigo, porque mo trouxe de Madrid meu cunhado Dom Jorge [Manuel de Albuquerque], belissimamente encadernado e dourado...» (p. 378).

edição, que, aliás, parece ter sido a mais vulgar e a menos conceituada¹³⁰. Cremos que o seu – ou um seu? – exemplar da *Galeria distinta in pittura et sculpture* de Giovanni Battista Marino entrou na sua livreria em virtude de uma troca com outro parente – seria o mesmo a quem adquirira a *Diana* de Montemayor? – nos começos de Setembro de 1649: «Muito me edificou vossa cortesia em mandardes livros e o mais que vos pediram. Procurarei não vo-la danar, merecendo-vo-la. Vai o Boccallino, o Morelli e essoutro que vos relaxo em satisfação da Galleria. Aos mais irei acudindo, tendo com os dous boa conta, porque ambos são perigosos»¹³¹. Se ignoramos desde quando e como contava D. Francisco Manuel quer com *La Galeria* (Ancona, Milano, Veneza, Florença, 1620) de G. Battista Marino, quer com *De' Ragguagli di Parnaso* (Veneza, 1612, 1613¹³²) de T. Boccallini, admirado autor a quem eleva a dialogante do *Hospital das Letras*, lastimaremos sempre que não nos diga qual foi «essoutro» livro que deu ao seu parente – deveria ser algum dos «más autorizados y doctos Ministros» a quem ofereceu o «Morelli» – em troca da obra do autor de *L'Adone*, poema que D. Francisco nunca nomeia – *et pour cause*¹³³? – mas que

130 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., p. 100: «De Madrid – informa o marquês de Niza a D. Vicente Nogueira, em 13.6.1647 – me chegou o livro do Conde Dom Pedro, impresso de novo por Manuel de Faria com umas novas notas do Marquês de Montebelo e de Álvaro Ferreira de Vera, em que louvam o que lhes pareceu, e o Montebelo os seus parentes e amigos. E o Faria diz algumas cousas que pudera escusar». «O Marquês de Montebelo – explica, com alguma distância para com os editores e a sua obra, Vasco Luís da Gama ao seu amigo bibliófilo, em 4.10.1647 – é Felix Machado, senhor de Entre Homem e Cávado. Deram-lhe o título em Itália por casar com a filha do Marquês de Mortara, que V. M. mui bem conheceu e eu tenho notícia que não era grande fidalgo, como dizem na nossa terra. E este tal Montebelo fez uma cotas ao livro do Conde Dom Pedro, demais das de Lavanha, e das de um fulano Ferreira de Vera, português, e Manuel Faria traduziu tudo em castelhano, e de Madrid me veio» (p. 123).

131 Manuel de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 275.

132 F. Benigno, «Corte y anti-corte en la literatura política barroca», in A. Rey Hazas – M. Campa Gutiérrez – E. Jiménez Pablo (coords.), *La corte del Barroco. Textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratoria*, Madrid: Ediciones Polifemo, 2016, pp. 38-51, aborda as questões em torno destas primeiras edições e da obra no contexto visado.

133 Lembremos que *L'Adone* (Paris, 1623), reprovado como obra obscena e corrosiva dos costumes em 1624 e 1625, foi condenado por decreto da S. C. Romana (Santo Ofício), e, por intervenção de Urbano VIII, novamente em 1626. O poema, que, recordemos, é apenas citado em *Hospital das Letras*, (cit., p. 26), juntamente com outros textos de Marino e um de T. Tasso, numa condenação, pela boca de Quevedo, de «todas as liberdades desonestas que, pela vossa terra [Itália, de Boccallino], se admitem à estampa, que em Espanha são condenadas a perpétuo silêncio...». V. Tocco, «Andanças do barroco: apontamentos sobre Givan Battista Marino» in I. Almeida, M. Rocheta, T. Amado (org.), in *Estudos para Maria Idalina*

tanto apreciou D. Francisco de Portugal e talvez até D. Rodrigo da Cunha¹³⁴. Manuel de Melo teve, como acabamos de ver, na sua biblioteca na Torre Velha a *Reducción y restitucion del Reino de Portugal...* (1648), obra que Fr. Fulgêncio Leitão, OSA, publicou sob o pseudónimo de Juan Baptista Morelli. Em 30 de Setembro de 1649, escrevendo ao autor a agradecer «la buena memoria» com que o favorecia –, confessava, com algo de *sprezzatura*, que, porque «por acá se duda de ése [*nombre*] del señor Juan Baptista Morelli», não sabia bem a quem agradecer essa boa opinião¹³⁵. E entre notícias sobre a sua própria obra, D. Francisco, como elogio máximo sobre o livro, informa: «apenas lo pasé cuando de los más autorizados y doctos Ministros me fué robado. Yo consentí de buena gana en el hurto, creyendo que resultase en servicio de V. S.»¹³⁶. Ora, nos começos desse mesmo Setembro (4), D. Francisco, como vimos, tinha trocado, juntamente com outros, a *Reducción y restitucion* por livros de um

Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires, Maria Vitalina L. de Matos, Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas – Faculdade de Letras de Lisboa, 2007, pp. 926-933, ocupou-se, com pertinência, do conhecimento e aproveitamento da poesia de Marino, muito especialmente de *La Galeria*, por parte de Manuel de Melo. Permitimo-nos recordar que, em 1646, o marquês de Niza, então ainda apenas conde da Vidigueira, pretendia obter licença da Congregação do Index para ler *L'Adone*, licença praticamente impossível de alcançar, porque directamente dependente do papa. Assim o explica D. Vicente Nogueira a Pedro Mendez Sampaio, agente do conde em Roma para assuntos de encomendas e compras de obras de arte (J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., pp. 79-81; T. L. Vale, «Les acquisitions d'oeuvres d'art du premier marquis de Fronteira, João de Mascarenhas (1633-1670), pour sa demeure des environs de Lisbonne», *Studiolo: revue d'histoire de l'art*, p. 90). Para a ampla e precisa contextualização da censura literária em Portugal de Seis e Setecentos, e, para o que aqui nos interessa, de G. Marino e de *L'Adone*, haverá que ter presente o *magnum opus* de M^a T. P. Martins, *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005, pp. 195-196, 864. Para o quadro cultural da evolução e práticas da censura literária italiana (*maxime* na Itália «romana») com algumas referências a Espanha e escassas a Portugal, G. Fragnito, *Rinascimento perduto. La letteratura italiana sotto gli occhi dei censori (secoli XV-XVII)*, Bologna: Il Mulino, 2019, oferece perspectivas muito importantes.

134 F. de Portugal, *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha (1616-631)*, edição de J. A. de F. Carvalho, Porto: CITCEM. – Edições Afrontamento, 2015, pp. 199-200.

135 Se mal não interpretamos a referência da carta, soube-a por intermédio do Dr. Manuel Álvares Carrilho, agente de negócios de D. João IV – ou da Junta dos Três Estados? – em Roma, de quem espera ulteriores informações biobibliográficas sobre o «Dr. Morelli», personagem muito trazida e levada na correspondência de D. Vicente Nogueira com o marquês de Niza. Ao mesmo Álvares Carrilho, declara o nosso autor, irá solicitar outras informações sobre os trabalhos literários de J. B. Morelli.

136 M. de Melo, *Cartas familiares*, p. 278.

seu parente¹³⁷. Seria ele um dos «más autorizados y doctos ministros» que o cobiçaram? Ou teria o nosso preso mais que um exemplar?

Um bom lote dos seus livros teria de ser formado por aqueles em que, desde muito novo, colaborou com um elogio em verso..., com uma epístola laudatória em estilo de prefácio..., com uma dedicatória em nome do impressor... De muitos destes, sobretudo os da sua mocidade, talvez até já nem possuísse exemplares ou não os tivesse consigo nos anos de preso que estamos a ter em conta. Com humor, confessava, nos começos de Janeiro de 1650, a um conde que lhe mandara «pedir tudo que houvesse escrito», que «Os Avisos de generales que estampej em Castela [Madrid, 1638], muito há que não os guardo; e os mesmos generais ainda peor que eu»¹³⁸, o que nos faz temer pelos livros deste grupo que agora consideramos, quase todos anteriores a 1638. Mas esta não é razão para os não lembrarmos e os riscarmos do rol da sua livraria desses anos. Eram livros de autores que eram ou tinham sido seus amigos ou que o estimavam a ponto de quererem ser honrados com um elogio seu nas primeiras folhas dos seus próprios livros. Compreende-se que D. Francisco não se tenha esquecido, mais tarde, ao organizar e publicar as suas *Obras Métricas* (Lyon, 1665), de que em alguns desses livros tinha, de certo modo, «colaborado», pois ele que nunca teve elogios poéticos ou de outra natureza estampados ao abrir dos seus, aí publicou esses elogios e, de outros, assinalou os seus escritos em «cartas [pouco...] familiares» de apresentação ou recomendação em nome dos seus impressores. E de algum outro reivindicou em *Hospital das Letras* essa colaboração e de outro ainda fê-lo na dedicatória da *Epanáfora trágica*.

137 Há-de anotar-se que o livro recebido do Dr. Morelli, a *Reducción y restitución...*, editado em 1648, e agradecido em 1649, não deverá ser, como parece pretender J. Colomès (*Hospital das Letras*, cit., p. 279) o «livro», acompanhado de uma extensa carta («me escreveu largamente»), que Morelli, «há poucos dias», tinha oferecido a D. Francisco, como este refere em *Hospital das Letras* (cit., p. 96). Então o que aí se comenta é a «difusíssima *Epistola apologetica*» (Colonia Agripina, 1650) em que Morelli teria glosado o *Eco político* (Lisboa, 1645) de Manuel de Melo. E, se a nossa interpretação estiver certa, terá sido esta, a *Epistola apologetica...*, a obra oferecida que acompanhava essa larga carta de data seguramente posterior a 1650, antes de D. Francisco partir para o desterro (Abril de 1655). Anos do Castelo e não da Torre Velha...

138 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 308. Refere-se, evidentemente, a *Política militar en avisos de generales*, publicada por Manuel de Melo em 1638 (Madrid: Francisco Martínez); a edição mais recente que conhecemos desta pequena, mas interessante, obra é a que, com uma especializada introdução e notas, ofereceu Pedro Brito (Porto: Granito Editores, 2000).

Nos «entrefolhos [da sua] livraria», poderia, assim, encontrar, além das já mencionadas *Flores de España* de Sousa Macedo, as *Várias poesias* (1629) desse «polido e galante poeta»¹³⁹ que fora Paulo Gonçalves de Andrada¹⁴⁰; o *Casamento perfeito* (1630) de Diogo Paiva de Andrade; o *Cypariso. Fabula mytologica* (1631) de João Franco Barreto; os *Amores divinos e humanos* (1631) de André Froes de Macedo; a *Silva de espirituales y morales pensamientos. Simbolos y geroglifos sobre la vida y dichosa muerte del P. Maestro Pedro Dias...* (1632) de Fr. Boaventura Machado, OFM; a *Malaca conquistada* (1634) de Francisco Sá de Meneses; o *Templo da Memória* de Manuel Gallegos (1635), a *Ulisseia ou Lisboa edificada* (1636) de Gabriel Pereira de Castro¹⁴¹, que podem muito bem aproximar-nos dos anos em que «em casa de um Dom Francisco Manuel se exercitam os engenhos do lugar que são tíbeos», como escrevia, com um ribete de poucas esperanças, D. Francisco de Portugal, precisamente em 1627, a D. Rodrigo da Cunha, então arcebispo de Braga¹⁴². Com estes por lá ombreariam a *Vida y hechos heroicos del Gran Condestable de Portugal, Nuño Álvarez Pereyra* (1640) de Rodrigo Méndez Silva¹⁴³, em que alude a D. Francisco como descendente do Condestável...; *La vida de San Pablo Apostol* (1648), com dedicatória de Paulo Craesbeeck a D. Francisco de Faro, conde de Odemira, mas da autoria de Manuel de Melo em nome do impressor¹⁴⁴; as *Obras* (1651) de Francisco de Sá de Miranda, dedicadas por D. Francisco em nome de Paulo Craesbeeck a D. Francisco de Sá de Meneses,

139 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 76.

140 Por qualquer razão, o poema em louvor de *Várias poesias – Tan dulcemente vestidas / Oy sacais vuestras verdades...* –, em espanhol, não foi incluído em *Obras Métricas*.

141 D. Francisco reeditou em *Obras Métricas* (paginação de acordo com a edição que citamos desta obra) as poesias laudatórias: de *Casamento perfeito*, in *Tuba de Caliope*, son. XXXVI, II, p. 465; de *Cypariso* in *Tiorba de Polymnia*, déc. XXXVII, I, p. 306; de *Templo da memória* in *Tuba de Caliope*, son. XCVII, II, p. 497; de *Amores divinos* in *Tiorba de Polymnia*, déc. XXXVIII, I, p. 306; de *Silva de espirituales y morales pensamientos* in *El arpa de Melpomene*, son. XIX, I, p. 27; de *Malaca conquistada* in *Tuba de Caliope*, son. XII, II, p. 452; de *Ulisseia* in *Tuba de Caliope*, son. XCIX, II, p. 498.

142 F.de Portugal, *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha*, cit., p. 206.

143 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 84-87; sobre esta intrigante personagem será sempre de ver o notável estudo de I. S. Révah, «Le procès inquisitorial contre Rodrigo Méndez Silva, historiographe du roi Philippe IV», *Bulletin Hispanique*, 67 (1965) 225-252.

144 *Cartas familiares*, cit., pp. 176-177. D. Francisco apenas redigiu a «carta» em que Paulo Craesbeeck dedica a obra ao conde de Odemira e não, como por lapso já se tem interpretado o texto, um livro cuja edição, como vimos, facilitou, mas não era propriamente um livro seu, quer dizer, neste caso, da sua autoria.

herdeiro do conde de Penaguião, Camareiro-mor; a *História dos varões ilustres da Casa Távora* (1648) de Álvaro Pires de Távora, publicada (página...) em Paris (1648), sob os cuidados do marquês de Niza¹⁴⁵, pelo filho, Rui Lourenço de Távora, o governador da Torre Velha. Era uma obra a que o seu amigo e ilustre preso desses dias tinha prestado, como lembrou em *Hospital das Letras*, a sua colaboração¹⁴⁶. De data mais recente (1650), possuiria as *Memorias funebres sentidas pelos ingenhos portugueses na morte da Senhora D. Maria de Atayde...*, em que participara com uma ode – «Melpomene junto ao túmulo da Senhora Dona Maria de Atayde lamenta suas magoadas saudades»¹⁴⁷. Apesar de não termos conseguido determinar a data da reedição – das várias, muitas delas desconhecidas – da terceira e quarta «Parte» da continuação, por Luis Bavia, da *Historia pontifical y catholica* de Gonzalo de Illescas, atendendo a que, com um soneto, contribuiu para os paratextos de uma dessas reedições¹⁴⁸, cremos aceitável, por coerência com o critério seguido para muitos dos livros desta secção da nossa resenha, pensar que também entre os seus livros estaria uma dessas partes dessa célebre história eclesiástica. Por razões semelhantes, pode defender-se que D. Francisco possuía a *Historia de Felipe IV* (Lisboa, 1631; Madrid, 1634), pois ao autor, Gonzalo Céspedes y Meneses, «pessoa de [sua]

145 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., pp. 180, 379, 409, permite seguir um pouco das vicissitudes dessa *História genealógica* – editada em Paris, numa pequena tiragem de 500 exemplares, sob a supervisão do marquês de Niza, pelo célebre impressor Cramoisy, à custa de Rui Lourenço de Távora – que logo suscitou mal-estar familiar e a necessidade de uma segunda edição, o que, cremos, não se verificou.

146 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 99.

147 A colaboração de Melodino em *Memórias fúnebres in Viola de Talia*, oda V, *Obras métricas*, cit., II, p. 652, poema que não leva o título original – «Melpomene junto ao túmulo da Senhora Dona Maria d'Atayde lamenta suas magoadas saudades» (*Memorias funebres sentidas pelos ingenhos portugueses na morte da Senhora Dona Maria de Atayde*, Lisboa: Oficina Craesbekiana, 1650, pp. 31v-32v – erro de pag.), mas, sim, o de «À morte de ãa grande senhora», sem mais.

148 O contributo de Manuel de Melo é o soneto dedicado «A las obras del Doctor Bavia, escritor de las Historias pontificales» (*El arpa de Melpomene*, son. XXI, in *Obras métricas*, cit., I, p. 28). Permitimo-nos recordar que a terceira e quarta partes da *Historia pontifical y catholica* devidas a Luis de Bavia (+ 1628) apareceram em 1608 e 1613 (Madrid, Luis Sánchez), respectivamente. A obra, com os seus primeiros cinco volumes, ia já, em 1630, na sua quinta edição, e, com sucessivas reedições das seis «partes», foi ainda continuada por J. Baños de Velasco com uma sexta parte (Madrid, Francisco Danz, 1678). Na Hispanic Society of America, por exemplo, existe a obra completa, mas formada por diferentes reedições, tendo apenas a terceira e sexta partes em primeira edição (C. L. Penney, *Printed books – 1468-1700*, cit., p. 267).

amizade e vesinhança» – talvez aquando da sua estadia em Lisboa «donde muytos annos viveo» –, forneceu, mais do que qualquer outra testemunha, «boas» informações para o relato que, nessa *Historia* – lastima D. Francisco –, «tão brevemente» acabou por fazer da perda da armada portuguesa em França em 1627¹⁴⁹. Para além desta relativamente objectiva razão, trata-se de uma obra que refere um trágico acontecimento em que ele próprio tomara parte e que há-de historiar na admirável segunda *Epanáfora*.

Revolvendo mais uma noite a sua livreria – adaptamos o que escrevia a um conde que lhe pedira «tudo o que houvesse escrito»¹⁵⁰ – haveria igualmente de encontrar a *Restauração de Portugal prodigiosa* (1643) de D. Gregório de Almeida, pseudónimo do P.^e João de Vasconcelos, SJ, pois foi ele o encarregado de a examinar por ordem do Paço¹⁵¹. Terá sido a única vez que D. Francisco foi censor oficial de uma obra? Voltando à livreria, mais facilmente encontraria, porque mais recente, a *Primera parte de la Vida de Marco Bruto* (1647) de Francisco de Quevedo, ao nosso autor dedicada pelo editor, Paulo Craesbeeck, gesto bem natural do «Mestre da Oficina Craesbequiana» – assim o nomeia ao dedicar em seu nome as *Obras* de Sá de Miranda –, casa das boas relações de D. Francisco, que nesses dias deveria estar a preparar a sua edição de *La caída para levantarse* [...] *la vida de San Pablo Apostol*, feita, como lembrámos, sobre o exemplar da primeira edição (1644) emprestado pelo amigo português do sempre assanhado polemista espanhol.

D. Francisco tinha ainda alguns livros mais – muitos, provavelmente – que andavam emprestados. Eram estes, como dizia, «livros aventureiros». E, assim, «convidando[-o] a que o visse», a um parente que «por lá» trazia alguns desses, reclamou a sua devolução..., pois, como já vimos, os «não queria ver aventureiros a não tornarem...». Desconfiamos que o convite era, como tantos outros, não só um modo de se fazer lembrado, mas também, antes

149 F. M. de Melo, *Epanáforas de vária história portuguesa*, introdução apêndice documental e notas de J. Serrão, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, s.d., pp. 157-158.

150 F. Manuel de Melo, *Cartas familiares*, p. 308.

151 Datada de 11.11.1642, na sua aprovação, burocraticamente dirigida ao rei – mas registada (anormalmente?) «Do ordinario» –, D. Francisco recomenda a publicação de uma obra que «mostra pelo assumpto, que escolheo, o grande zelo que tem de que o nome de V. Magestade, e o de nossa Patria seja engrandecido: com que Deos nosso Senhor quize alentar nossas esperanças aquelles tempos, que permitio tardasse o remedio, e restauração, que V. Magestade nos trouxe...». Lembrou-o Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 151.

que, esquecidos, se eternizassem os seus livros em casa do familiar, de sugerir-lhe que, por ocasião da visita, ele mesmo lho trouxesse... Corteses subtilidades... que D. Francisco desdobra um pouco mais. Com efeito, a esse seu parente, identificando-lhe os que, de imediato, lhe devia devolver, garantia-lhe que todos os seus livros estavam à sua disposição – «todos são vossos» –, mas «aqui – na biblioteca de D. Francisco, na Torre Velha, neste caso – mais seguramente» – com igual certeza e mais segurança... Lá teria Manuel de Melo as suas razões para, na despedida, junto com o tradicional «Deus guarde...», pedir, com algum humor, que Deus também lhe guardasse os livros¹⁵²... Não sabemos se as reclamações e preces de D. Francisco foram ouvidas – infelizmente, também não nos disse os títulos que então reclamava –, mas sabemos que era uma situação que se repetia. Um livro seu, emprestado a um frade, pedia, escrevendo a um amigo, que, aquele, quando o viesse visitar, lho trouxesse¹⁵³. A «um grande amigo ministro» como que avisa no final da carta: «Deus nos livre e guarde a V. M. e lhe lembre que me tem lá um livro, já que é tão cioso dos seus»¹⁵⁴. Um caso interessante é o da «[sua] Margarita de Valloes»¹⁵⁵, quer dizer as *Mémoires* que, da atormentada vida na França de 1569 a 1581, redigiu a ex-rainha de França, Marguerite de Valois († 1615), mas só publicadas em 1628. D. Francisco que, desde antes de Janeiro de 1647, era senhor de um exemplar – da tradução espanhola por Jacinto de Sotomayor Herrera (1646)¹⁵⁶ –, havia-o emprestado a «um parente», e, ao fazer, nos

152 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 171.

153 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 143.

154 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 282.

155 Francisco Manuel escreve «a minha Margarida», pois, além de o livro ser seu, tinha, como é bem sabido, um particular carinho e admiração pela infeliz ex-mulher de Henrique IV de França, «entendidíssima senhora». Na *Carta de guia de casados* confessa: «Não cansa a minha Margarida de Valloes que foi rainha de França e Navarra. Chamo-lhe minha pela grande afeição que tenho a seus escritos e porque foi, a meu juízo, a mais discreta mulher de nossos tempos [...]» (Manuel de Melo, *Carta de Guia de casados*, cit., p. 93).

156 M^a de L. Fernandes, em nota à sua edição da *Carta de Guia de Casados* (cit., p. 93, n. 115) pensa que o exemplar das *Mémoires* que possuía D. Francisco «bem podia ser a tradução espanhola editada em 1646». Cremos, efectivamente, que é uma real possibilidade, ainda que nos pareça que não só receber (encomendar?, comprar?, receber como oferta?), possuir e emprestar, mas também reclamar essa edição só posta em circulação depois dos começos de Março de 1646 – a «Tasa» é de 7.4.– logo nos começos de 1647, obedece a uma cronologia possível, mas demasiado estreita. Ousamos pensar – não defender... – que D. Francisco pode ter recebido um exemplar de uma das onze edições francesas aparecidas até 1642 juntamente com outros livros que, tal como a primeira edição da *Historia y Vida de San Pablo* de Quevedo a que já aludimos, recebeu de França precisamente em

começos desse Janeiro 1647, a «resenha» dos seus livros, deu-se conta de que, entre muitos, lhe faltava um, de grande estimação¹⁵⁷ – a obra, precisamente, da ex-rainha de França – de que pede, com palavras galantes, a devolução. Parece que, desta vez, D. Francisco foi ouvido, pois tornou a emprestar as *Mémoires* da ex-rainha, já que, três anos depois, nos primeiros dias do Castelo – Abril de 1650 –, resoluto a «estender os livros», torna a pedir, agora a D. Manuel da Cunha, bispo de Elvas e capelão-mor de João IV, com um «Sirva-se V. S.», que lhe sejam devolvidas¹⁵⁸.

Em anos do Castelo, provavelmente, a uma dama que havia lido os livros que lhe emprestara «depressa acinte, e só a fim de lançar fora dessa casa tudo o que fosse desta», D. Francisco «envia» as *Soledades*, quer dizer, o *Pantheon*¹⁵⁹. Talvez um novo empréstimo. Ou oferecimento dessa obra sua?

Deparamos agora com um pequeno lote de autores e livros em que, não sem temor, a aposta controlada na posse de alguma dessas obras por Manuel de Melo nos parece uma aceitável solução, ainda que nunca saibamos onde e como entraram na sua livraria. Quando muito apenas um vago «quando» ...

É o caso das obras de D. Fernando Alvía de Castro. Viveu este fidalgo logronhês muitos anos em Lisboa quer como «Provedor de la Real armada y exercito del mar Oceano y de la gente de guerra, y galeras del Reyno de Portugal», quer como «Juiz do contrabando do reino de Portugal». Em 1636, apresenta-se como «Veedor General de la gente de guerra y presidios de los Reynos de Portugal», funções em que foi surpreendido no 1.º de Dezembro de 1640, o que lhe valeu a prisão no castelo de S. Jorge¹⁶⁰. Senhor

1646. Para as edições da ex-rainha de França, Marguerite de Valois, *Mémoires et autres écrits. 1574-1614*, Édition critique par Éliane Viennot, Paris: Honoré Champion Éditeur, 1999, pp. 325-342.

157 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 142.

158 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 384: «Sirva-se V. S. de me mandar a Margarida que, visto que a tem por mulher ligeira, bom é que não apareça em casa de um prelado, e mais em tempo de confissão». D. Manuel da Cunha não é, como num primeiro momento poderia pensar-se, o parente a quem tinha emprestado as *Mémoires* em 1646, pois este é tratado por «Vossa Mercê» e D. Manuel da Cunha, como bispo – de Elvas, desde 1638 –, recebe «Vossa Senhoria».

159 F. M. de Melo, *Cartas familiares*, p. 538.

160 Para estes dados aproveitamos o excelente «Estudo introdutório» de Martim de Albuquerque à edição da *Verdadeira razão de Estado. Discurso político*, Estudo introdutório de M. de Albuquerque, Cascais: Principia – Instituto de História do Direito e do Pensamento Político, 2009, pp. 7-40 (*maxime*, pp. 7-19), com notável bibliografia; do

de uma importante biblioteca – comprada, em 1642 ou 1643, por Sebastião César de Meneses – que, como vimos, acicatado por um grande bibliófilo como D. Vicente Nogueira, o marquês de Niza, desde que passou a formar a sua biblioteca, não perdia de vista¹⁶¹. Em Lisboa publicou algumas das suas obras, todas saídas das oficinas craesbeeckianas. D. Francisco, estando preso no Castelo, interessou-se pela sua saúde e, por este motivo, escreveu-lhe em fins de Novembro de 1638¹⁶², o que, podendo ser um indicador de alguma relação, por cerimoniosa que fosse, não deixaria de ser um modo de lembrar ao Vedor Geral dos presídios do Reino os seus próprios «males», que «vão mui adiante, assoprados do vento da sem-razão, já toda tempestades». Por todas estas circunstâncias, que nos parecem outras tantas razões, aceitemos, sem nos assustar a «antiguidade» das obras e o silêncio, em *Hospital das Letras*, sobre elas, que terá possuído, compradas ou oferecidas, a *Verdadera razón de Estado. Discurso político* (1616) e, bem natural em quem, além de se interessar pela Genealogia, se viu encarregado de escrever a biografia do pai, Teodósio II, o *Panegirico genealógico y moral del excelent.^{mo} duque de Barcelos* (1628), isto é, do futuro rei João IV... Da biblioteca do preso na Torre Velha, o futuro «Autor» que os examinou naquela vasta livraria convertida em hospital, constariam ainda os *Aforismos, y exemplos políticos y militares* (1621) do antigo Vedor da gente de guerra, que, «[buscando]-os» de mergulho», os encontrou na *Primeira Década* de João de Barros¹⁶³.

No mesmo lote pensamos que é legítimo incluir algumas obras do marquês Virgílio Malvezzi. Deste nobre bolonhês, que, como se supõe com razão¹⁶⁴, D. Francisco conhecera em Madrid quando os dois estavam ao serviço de Espanha – o marquês, mais propriamente ao serviço do Conde-duque, pelo que «desapareceu» quando este perdeu o valimento em 1643¹⁶⁵ – examinam-se, com cuidado e nem sempre com opinião favorável, alguns dos

mesmo autor, a precisa atenção que a Alvia de Castro dedicou, no contexto da cultura política no Portugal de Seiscentos, em *Um percurso da construção ideológica do Estado*, cit., pp. 75-83.

161 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar*, cit., pp. 113, 124; F. S. Viterbo, *A literatura espanhola em Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1915, p. 197 (com pequena diferença de leitura ou transcrição do ms. da correspondência de D. Vicente Nogueira com o marquês de Niza).

162 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 77.

163 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 143.

164 E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 114 n.

165 G. Marañón, *El conde-duque de Olivares (La pasión de mandar)*, Madrid: Espasa-Calpe, 1972 (6ª), pp. 147-148.

seus «livrinhos» em *Hospital das Letras*¹⁶⁶. Contudo, atendendo ao autor – pese embora o juízo desfavorável sobre o historiador –, à matéria, já que Manuel de Melo trabalhou, durante anos, em um *Daniel perseguido...* –, ao tradutor – ainda que confusamente expresso, pois Quevedo apenas traduziu o *Rómulo* – e à data, parece impensável que D. Francisco não possuísse *Las obras David perseguido, Rómulo y Tarquino traduzido de italiano* por D. Francisco de Quevedo (1632)... , biografias político-moralizantes que, em 1648, estampou o seu bem conhecido e amigo Paulo Craesbeeck. Muito provavelmente deste «autor ilustre, mas animoso» – desclassifica-o como mentor político em relação ao Portugal em torno de 1637¹⁶⁷ – haveria na livraria da Torre Velha e, depois, na mais «estendida» do Castelo, *La libra... pésanse las ganancias y las perdidas de la Monarquía de España* (Pamplona, Nápoles, 1639) – andou por lá nos começos da sublevação da Catalunha – e ainda *Los sucesos principales de la Monarquía de España en el año de mil y seiscientos y treinta y nueve* (1640), obra que D. Francisco poderia ter tido tempo de adquirir antes de regressar a Portugal (Setembro de 1641)¹⁶⁸. De qualquer modo, examinadas em *Hospital das Letras* e na dedicatória da *Epanáfora IV*, quer pelo estilo quer pela «lisonja coral e adulação canina», silêncios e resumos breves e confusos, mereceram severas críticas do historiador que conhecia bem a Espanha desses anos¹⁶⁹.

Na mesma secção de livros haveria algumas obras de Justo Lúpsio – polígrafo admiradíssimo por D. Francisco, que dele fez uma «autoridade» em *Hospital das Letras* –, mas, mesmo pesando tudo, não pudemos apurar qualquer referência que directa ou indirectamente nos permita destacar qualquer obra do mestre belga que o seu admirador possuísse na sua livraria desses anos

166 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., pp. 145-147.

167 F. M. de Melo, *Tacito portuguez. Vida e morte. Ditos e feytos de El-Rei om João IV*. Com Introdução, informação notas de Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1940, pp. 48-49.

168 Apesar de tudo, a aposta na presença de *La libra...* e de *Los sucesos...* na biblioteca de D. Francisco até 1645-1653 parece menos firme, pois, dados os avatares da escrita da IV *Epanáfora* lembrados na dedicatória da obra (30.9.1659), as breves referências a esses livros, seguros sinais de leitura, não garantem, necessariamente, a existência dos mesmos na biblioteca do ilustre e «desastrado» escritor-fidalgo.

169 A extensa nota de Giacinto Manuppella à referência de D. Francisco em *A Visita das Fontes* (cit., pp. 173, 486-492) será sempre de atender tanto pelo que respeita às edições dos livros de Malvezzi quanto pelas pistas da relação do «corifeu e expoente máximo da corrente «senequista italiana» com o senequismo de Manuel de Melo. De *Davide perseguitato* (1633) existe uma edição relativamente recente (Salerno Editrice 1997) com uma breve, mas precisa, introdução de Denise Aricò, que igualmente cuida e anota a obra.

em que viveu entre a Torre de Belém e o Castelo de S. Jorge, com uma longa passagem pela Torre Velha. Apenas apostamos na *Crítica*, já que não só dela fez o representante dos livros de Lísio enquanto autorizadíssimo «interlocutor» em *Hospital das Letras*, mas também a cita, com alguma precisão que talvez indique mais que um sinal de leitura. Com efeito, ao emitir, em 25.6.1651, o «juízo» sobre as obras poéticas de D. Francisco de Portugal que preparava o seu amigo Francisco Luís de Vasconcelos por encargo de D. Lucas de Portugal, filho do grande poeta, Manuel de Melo, assinalando algumas faltas de «arte poética», não se atreve, porém, a corrigi-las. E explica-se: «para haver de mudar tantos versos era estragar muito os gentis conceitos que neles se compreendem; do que eu tivera grande escrúpulo, por mais que fora tão sábio e tão ousado como Justo Lísio na sua *Crítica*, donde pretendeu melhorar os lugares da erudição profana e da poesia grega e latina. O mais que ousei a fazer, foi anotá-los. Devemos dizer aos leitores que sofram (quando não aprovelem) o que não só sofreu, mas aprovou a antiguidade»¹⁷⁰. Serão bastantes estas duas (frágeis) «razões», especialmente a passagem desta «carta familiar» a D. Lucas de Portugal em que, como se terá notado, fecha enunciando um princípio de crítica textual que, se o pudesse ler ou ouvir – o Mestre belga falecera em 1606 –, deveria fazer arrepiar a quem é dito tão sábio como ousado para assegurar da existência de um exemplar das *Opera omnia quae ad criticam proprie spectant...*, Antuerpia, 1585, e depois com várias edições desde os fins do século XVI (1596..., 1611..., 1613..., 1637...) ¹⁷¹, em que Lipsius reeditou, entre outros escritos filológicos seus, a famosa *Satyra menippaea, somnium, lusus in nostri aevi criticos*¹⁷²...? Provavelmente, como dissemos, são razões

170 *Cartas familiares*, cit., p. 432. D. Francisco deve ter aproveitado a lição do «arrependido» Justo Lísio ao lembrar este, em *Hospital das Letras* (p. 6), a sua *Crítica*: «Uma vez escrevi a minha *Crítica* emendando e melhorando, mais que acusando, aos autores; e por uma vez que fiz tal livro, cento me arrependi. Oxalá o não tivera feito, porque não há cousa mais sem propósito que curar de propósito a quem não quer saúde».

171 Para toda a problemática cronológica da evolução conceptual de «crítica» de que a obra de Lísio é um paradigma, merece ser tido ainda em consideração, de Jean Jehasse, *La renaissance de la Critique. L'essor de l'humanisme érudit de 1560 à 1614*, Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, s.d., pp. 267-269, para a obra de Lísio em causa.

172 A D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «D. Francisco Manuel de Melo. Notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra», *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, II (1915), pp. 5-14 (p. 14, n. 4), porque, como confessa – e com razão –, não conhecia «livro algum em que o sagaz crítico [Lísio] publicasse com esse título [*Crítica*]», não parece aceitável que essa «coleção dos seus trabalhos filológicos»

frágeis, mas admitir que D. Francisco não possuía um exemplar dessa obra – e de outras – de um admirado autor na sua biblioteca¹⁷³ é um risco que, como ele, não nos atrevemos a correr... Sofra-se, ainda que não se aprove... a inclusão desta obra no rol final dos seus livros estes dias.

Talvez fosse aceitável pensar que, nesses anos de prisão, Manuel de Melo dispunha de alguns livros do conde Galeazo Gualdo Priorato, autor de quem, como lhe diz em carta que lhe escreveu (11.6.1646), já tinha lido «algumas de [sus] Historias con sumo agrado y con tal devoción a [su] nombre...». Então, e já o lembrámos, propõe-lhe encetar uma troca de correspondência que a ambos aproveite: ao signatário a «doctrina» do diplomata-historiador e ao famoso destinatário as «justas informaciones de los sucesos públicos de este Occidente», entendamos, de Espanha e Portugal. Como prova, envia-lhe a sua *Historia de los movimientos, separación y guerra de Cataluña*¹⁷⁴. Não sabemos se a proposta teve seguimento, mas sabemos que em 1659, na dedicatória da *Epanáfora Bélica*, se refere com severidade ao que sobre o «conflito no canal de Inglaterra entre as armas espanholas e holandesas» relatou Gualdo Priorato «na segunda parte de suas *Memorias Universais*», em que se revela «tão defeituoso na averiguação dos acontecimentos, como sempre costumam os que escrevem de longe, e sem autoridade de Príncipe que lhe franquee as portas dos segredos». «E – continua D. Francisco – porque pella afinidade de nossas profissoens, minha e de Gualdo, eu me compadeci da perda e risco em que se via o credito deste Autor (digno por certo de aplausos) lhe escrevi a Veneza, por mãos de Alexandre Mora, seu patricio, advertindo-o de algũas circunstancias competentes, com que bem podia ornar de proveitosas emendas a segunda edição da obra [...] fui respondido de Italia: *Que Galeazo se achava na Baviera, chamado daquele Eleitor* [e avisava:] *Que de volta a Veneza, me mandaria reposta, e satisfação*, que até agora não tenho

pudesse, de algum modo, ter «suscitado o interesse de Melo»... Precisamente nessas *Opera omnia* vem a *Satyra menippaea, somnium, lusus in nostri aevi criticos* (Antuerpia, 1581) que D. Carolina pensa que foi a obra que Melo tinha em mente em *Hospital das Letras* e, acrescentamos nós, nesse «juízo das obras poéticas de D. Francisco de Portugal», texto que, ao parecer, escapou à atenção da sagacíssima Senhora.

173 M. de Albuquerque, *Um percurso na construção ideológica do Estado...*, cit., pp. 117-125.

174 Não discutamos, de novo, aqui a data da missiva, mas anotemos que a oferta ao conde Gualdo Priorato é de meses anterior à data da dedicatória da obra ao papa Inocêncio X (10.10.1645) e mais anterior ainda à carta manuscrita – assim o reza a epígrafe da sua publicação em *Cartas familiares* – que acompanhou o primeiro exemplar da edição oferecido ao mesmo pontífice (25.11.1645). Como outros, mistérios da vida de um preso...

visto»¹⁷⁵. O confronto da proposta de 1646 de fornecer ao conde Galeazo «las justas informaciones de los sucesos públicos de este Occidente» com a crítica estampada na dedicatória da *Epanáfora* garante uma atenta leitura de uma obra de Gualdo Priorato – *Historia delle guerre sucresse dall'anno 1630 sino all'anno 1639* (Veneza, 1639) ou a *Historia universale delle guerre sucresse dall'anno 1630 sino all'anno 1640* (Geneva, Giacomo Chouëtto, 1642)? –, e o remoque à falta de resposta permite pensar que a carta de 1646 pode ser a referida na dedicatória da *IV Epanáfora*, mas, para além da leitura, não nos afiançam que em 1646 possuísse um exemplar do livro que ele intitula, em 1659, mal regressado do desterro, *Memórias universais*. Somente a comparação das edições dessa obra – 1640, 1642 e a de 1652 (s.i) – nos poderá ajudar a decidir. Hoje por hoje, apenas por probabilidade nos atrevemos a aceitar que nesse ano de 1646, nas difíceis condições da prisão na Torre de Belém, poderíamos ver entre os seus livros a *Historia universale* do conde italiano.

É bem possível que haja mais algum exemplo de livros que D. Francisco tinha na sua livraria da Torre Velha e do Castelo de S. Jorge e que poderiam ser propriedade sua. Mas...

Lembremos, então, que um dia, em carta sem data, provavelmente de 1650, anos em que ainda escrevia *Teodósio II*¹⁷⁶, pedia a um amigo que lhe «fiasse» «a África» de Luís del Mármol Carvajal – *Descripción General de África. Con todos los sucessos de guerras que a avido entre los infieles y el pueblo christiano...* –, «porque, ainda que tenho a Juan León, Botero e Sanuto, todavia é bom conferi-los»¹⁷⁷. Se com esse presente – «tenho» – quisesse dizer possuía – o que diríamos mais provável – de Juan León, entendamos, Juan León, dito Africano, teria *De totius Africae descriptione, Libri IX*, de que houve numerosas edições e traduções (Veneza, 1550; Antuérpia, 1556; duas, pelo menos, de Lyon, 1556; Lyon, 1632), por exemplo; de Giovanni Botero, autor que, quer-nos parecer, com algumas distâncias, também apreciou como teórico antimaquiavelista da razão de Estado¹⁷⁸, as *Relationi universali*, igualmente

175 M. de Melo, *Epanáforas*, cit., pp. 351-352.

176 M. de Melo, *Carta de guia de casados*, cit., p. 93: «e porque foi [Margarida de Valois] a meu juízo, a mais discreta mulher de nossos tempos, cujas acções de muitos caluniadas eu espero defender no meu *Teodósio*», declaração que mostra que D. Francisco, pelas datas de elaboração de *Carta de guia...* ainda tencionava – ou pelo menos dizia-o – prosseguir a obra.

177 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 540.

178 M. de Melo, *Hospital das Letras*, cit., p. 123.

muito editado (Vicenza, 1595-1597; Brescia, 1598, 1600; Valladolid, 1603 [trad.]; Veneza, 1618), por exemplo também, ou a *Descripcion de todas las provincias y reynos del mundo sacadas de las Relaciones toscanas de Juan Botero...* por F. Jayme Rebullosa de la Orden de Predicadores..., com várias edições (duas, pelo menos, de Barcelona, 1603; Gerona, 1622), por exemplo ainda de Livio Sanuto, a *Geografia distinta in XII libri... Ne' quali... si dichiarano le provincie, popoli, regni, città, porti, monti, fiumi, laghi et costumi dell'Africa...* Porém, dado o contexto das referências – em estreita relação, se mal não interpretarmos, com a elaboração de *Teodósio II*¹⁷⁹, concebido como uma «Historia própria e universal do Reino de Portugal e suas conquistas...»¹⁸⁰ –, Manuel de Melo poderia querer simplesmente dizer que, naquele momento, já tinha à sua disposição as referidas obras, emprestadas, obviamente, como outras de que, quase sempre, ignoramos o título ou o nome do autor¹⁸¹, e que, salvo alguma vez com justificadas demoras¹⁸², escrupulosamente devolvia. Assim sendo, a ambiguidade daquele «tenho» determinou que, apesar de todas as dúvidas – pareciam-nos mais certos que o de um Gualdo Priorato... –, não nos decidíssemos, num primeiro momento, por considerar esses títulos na «resenha» da livraria de D. Francisco na Torre Velha. Bem interessantes, aliás, como documento do cuidado com que trabalhava o historiador-fidalgo, parece-nos, tudo somado, que aquele «tenho», em oposição àquele «fiasse» com que pedia emprestada a obra de Mármol Carvajal, aí os assegura melhor que as leituras, cartas e remoques em torno dos de Gualdo Priorato... De qualquer modo, podemos sempre – poderemos mesmo? – tentar imaginar muitas páginas do que nos falta de *Teodósio II*¹⁸³.

179 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 540: «Eu não escrevo de nossa história mais de tocante à vida do senhor D. N. [duque Teodósio II], mas lá daremos um jeito com que tudo fique em seu lugar, porque, sendo força falar nas ações felices ou infelices do Reino, entrará sem falta a perdição de França. E fazendo-se memória dos que ali acabaram, está a porta aberta para revolver aquelas cinzas».

180 Assim reza o rosto do manuscrito da obra da Biblioteca de Évora.

181 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 393, 534, por exemplo.

182 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., p. 236: «O tempo vai de restituições, assi o faço. Esse livro há dias que está cá e me não é necessário. O outro retenho, porque neste em que escrevo, várias vezes me serve». Em alguma ocasião, a devolução era celebrada com um poema: «Volviendo después de muchos días a un amigo [conde da Torre] el libro de las obras de Don Luis de Ulloa» in *La Lira de Clío*, son. LXI, *Obras métricas*, cit., II, p. 850.

183 Se aceitarmos que, em 1650, D. Francisco possuía os livros de León Africano, de Botero e de Sanuto e pedia emprestado o de Luis V. del Mármol – contextualmente referidos, ao parecer, ao seu trabalho sobre o *Teodósio II* –, talvez seja igualmente possível aceitar que

Que D. Francisco, além de os citar, tivesse na sua livraria nesses anos – e, alguns, desde há muitos, seguramente – exemplares das obras de Camões..., Petrarca..., Tasso – o seu grande amigo, apesar da diferença de idade (nove anos), João Nunes da Cunha, parece explicava o grande poeta italiano na Academia dos Generosos¹⁸⁴... –, Ariosto..., Berni..., Garcilaso..., Hurtado de Mendoza..., Góngora..., e o resto das obras do seu admirado Francisco de Quevedo..., Lope de Vega – tão admirado, humana e poeticamente, por D. Vicente Nogueira e o marquês de Niza..., pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha... –, Diogo Bernardes..., Villamediana..., e ainda de alguns clássicos da Antiguidade latina e dos Padres da Igreja (quem biografou S. Agostinho e glosou alguma oração que passava por dele¹⁸⁵, não teria, em latim ou em tradução, obras suas, a começar pelo *De Civitate Dei* ou os *Confessionum libri?*)¹⁸⁶, é algo de que nos custaria duvidar. Faziam parte, com variantes, claro!, do cânone do Parnaso ou da *bibliotheca* de qualquer senhor que prezasse as Letras e frequentasse academias... Não se poderá dizer outro tanto de alguns historiadores portugueses? Quem possuía Gonzalo de Céspedes e – declarava-o – quase toda a obra de Pierre Matthieu e se prezava de historiador não teria, completas ou incompletas, as obras de João de Barros ou as de Duarte Nunes de Leão, que não o seu bisavô, ou as de seu chegado parente, de trágico destino, Agostinho Manuel de Vasconcelos?

«o Petrus Bertius» que, em 24.5.1650, lembra a um amigo («encomendo na boa memória de V. M.»), a quem escreve «por causa de desgosto e retirado», diga também respeito a uma das muitas obras do geógrafo, com fumos de teólogo, holandês, que lhe seria útil para a continuação dessa mesma *História própria e universal* do 7.º duque de Bragança e da sua Casa, trabalho em que tantos desvelos e tantas esperanças pôs de benevolência do seu sucessor, o rei João IV. Dadas as muitas obras de Petrus Bertius († 1629) e das suas múltiplas reedições, parece impossível identificar o livro que, então, interessava a D. Francisco e muito menos perceber se o queria comprar ou o pedia emprestado. Seria o *Breviarium totius orbis terrarum* de que há uma edição de 1624 (Paris)? O *Theatri geographiae veteris tomus prior* (posterior), Lyon, 1618? Para o pedido do livro de Petrus Bertius, v. *Cartas familiares*, cit., p. 393.

184 J. A. Prestage, *Esboço biográfico*, cit., p. 319; E. M.ª H. Vonk Matias, *As Academias literárias portuguesas dos séculos XV e XVIII* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa, 1998), pp. 53-64, ao abordar a Academia dos Generosos, não refere esta informação do insigne Mestre dos estudos em torno de Manuel de Melo.

185 J. A. de F. Carvalho, «A poesia sacra de D. Francisco Manuel de Melo», cit., pp. 343-347.

186 Convirá, contudo, não esquecer que António Luís de Azevedo, Oficial da Secretaria de Estado das Mercês, «Professor de Humanidades», além de grande amigo de F. Manuel de Melo, era igualmente o seu grande e sempre pronto recurso em matéria de textos e citações de autores clássicos, como se percebe das *Cartas familiares*, cit., pp. 230, 231, 241, 247, 335.

E ele, terceiro franciscano, amigo e frequentador dos arrábidos, atento vigilante do «bom governo» da Ordem¹⁸⁷, não possuiria as *Crónicas da ordem dos frades menores* (Lisboa, 1615) de Fr. Marcos de Lisboa, cujas páginas, traduzidas de S. Boaventura, lhe serviram de base para *El Mayor pequeño*? E quem glosou em verso alguns salmos e sabia citar – e citava – a Sagrada Escritura não teria uma *Bíblia*? Que edição seria a sua?

Alguns outros teria..., pois, muitas vezes, assegura a algum amigo: «cá recebi os vocabulários...», «os livros vieram...»¹⁸⁸, mas escapam-nos os seus autores ou os seus títulos e ainda o carácter da operação (oferta? compra?). Alguma vez até encontrámos um livro que leva a sua marca de posse (assinatura), mas não encontramos meios de decidir, sem contradições, de que modo lhe pertenceu, ainda que nos pareça difícil aceitar que pusesse o seu «ex libris»... em um livro que não era seu. É o caso do difundido *Lexicon graeco latinum* de Robert Constantinus, de que possuiu, talvez, a edição de Genebra, Haered. Vignon et J. Stoer, 1592. Mas o exemplar traz também a assinatura do conhecido Gramático Amaro de Roboredo († c. 1630-1635)... Comprado em algum leilão? Oferecido¹⁸⁹? De qualquer modo, o livro andou nas suas mãos... E acreditamos que fosse seu. Os «entrefolhos» da livraria de D. Francisco eram muito mais complicados do que à primeira vista se diria. E sempre bem precisaria de uma noite para encontrar o que lhe urgia...

Além de inventariar os inventariáveis – os certos e os altamente prováveis –, atentamos precisar a equação vida-livros em tempos muito difíceis, negros – «a melancolia, inda que negra, não dá boa tinta ao que se escreve»¹⁹⁰ –, e aqui ele mesmo nos guiou com o romance «Pidiendo una dama la memoria de los libros que el autor tenía en su casa»¹⁹¹. Casa? A sua cela na Torre Velha ou no Castelo... A resposta é a da sua vida traduzida em títulos de obras suas – umas, as menos, que talvez seja possível identificar; outras, de títulos aproximáveis a obras de D. Francisco que terão ficado inéditas ou apenas esboçadas ou projectadas – *La prisión más satisfecha*, cujo autor é «un reo que escribe /

187 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 194-195; 514-518.

188 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 210, 171, 172, 175.

189 E. Prestage, *Esboço biographico*, cit., p. 580, n. 1.

190 M. de Melo, *Cartas familiares*, cit., pp. 122, 159: «Este meu livro [*El Mayor Pequeno*?] foi escrito com melancolia: leva isto de antemão, além de meu, para não ser agradável», prevenia D. Francisco ao seu amigo Francisco Luís de Vasconcelos, em 19.9.1647.

191 M. de Melo, *La Avena de Tersicore*, romance III, in *Obras métricas*, cit., II, pp. 918-919.

y padece la novela»; *Mal pagadas finezas*, «impreso dentro del alma, / que es dellas la mejor imprenta»; «pintado y escrito» um «*Libro de empresas*, que ni por no bien logradas / de ser bien osadas dejan»; de «comedias de mil partes / pues no hay partes sin comedia» (uma alusão ao seu processo judicial e aos que o acusavam, as «partes»?); «dos libros de caballerías / de las que hoy no se profesan»; «Uno [dellos] es pastoril, pero dicen que éste no aprovecha / pues mal enseña a guardar / quien perdido a sí se enseña»; «De cartas hay un libro grande / pero todas sin respuestas...»: «De un amor más fiel que el Fido / se halla escura una tragedia...»; «De un moderno poeta hay obras / que no deben de ser buenas, / pues al autor destas obras / por pagalle le condenan»; «De humanidades no hay libros / por no usarse en estas eras, / donde en vez de humanidad / todo estudio es fiereza»; «Tampoco de amor divino...»; «Libros de contemplación / hay tantos con las nuevas / de las altas maravillas / que alguna fama nos cuenta»... Encadernados em «una pasta modesta», se alguém a quiser «no se dará menos nada / sino a precio de quererla». Biblioteca fictícia de um preso..., desenganado..., enfrentando os seus livros profundamente queixoso da falta de humanidade para consigo..., isolado do mundo, apenas dele vendo (contemplando) as «maravillas» por fama, isto é, o que lhe contam... E, ironicamente, disposto a vendê-la, se houver quem aprecie tal livraria...

Durante estes anos de prisão que nos ocuparam – uma longa pausa que diríamos ter permitido a transformação do soldado-cortesão, com fumos de negociador, no cortesão-diplomata –, os livros foram, para D. Francisco, fontes de inspiração e bibliografia para os seus trabalhos de Literatura – *Las tres musas del Melodino*... ou a *Carta de Guia de Casados*... – e de História – onde cabem a *Historia de los movimientos y separación y guerra de Cataluña*..., *El Mayor pequeño*..., *El Fenix de África*..., a IV das *Epanáforas de vária historia*... Por vezes, quase que esperávamos vê-lo dizer que percorria os entrefolhos da sua livraria de trabalho e não de bibliófilo, coisa para que não tinha nem pousada, nem meios crematísticos... E foram ainda os livros, como já muito bem se sublinhou¹⁹², um dos meios privilegiados da sua convivência à distância e do seu vigilante esforço para não ser esquecido do mundo que, afinal, lhe saíra «um velho velhaco» – *lemburar...*, *recordar...*, *ter na memória...*, *ter memória das minhas cousas...*, *me deixe estar no lugar de sua memória...*, *me conserve*

192 M.^a L. Fernandes, *Des sociabilités qui surmontent les distances*, cit., p. 39.

em sua lembrança..., o favor de se lembrar de mim... – são verbos e expressões chave das suas cartas... *Des sociabilités qui surmontent les distances...* Desde estas perspectivas conseguiu, porque o soube perseverantemente fazer – escrevendo a embaixadores e ministros que lhe comprassem livros..., trocando exemplares..., recebendo livros como oferta e agradecendo com obras suas..., comprando a alguns dos amigos que, nesses dias, formavam biblioteca (Rui Lourenço de Távora e Rui Moura Teles, por exemplo) –, reunir uma livraria de que, infelizmente, com segurança de autores, títulos, edições, apenas pudemos reconstituir – e com que limitações! – uma pequena parte¹⁹³.

Depois, restituído ao mundo – esse mundo que, para ele, soldado-cortesão, era a cidade-corte (Madrid..., Paris..., Londres..., Roma..., Lisboa...) –, editou, com cuidados e luxos, as suas principais obras... Então não se tratava de sociabilidade – tantas vezes manifestada em e por um cosmopolitismo de boa cepa humanista –, mas de aproveitar meios e ocasião – não foi B. Gracián, que, entre muitos, sublinhou, barroca e emblematicamente, segundo dizem, a argúcia de saber aproveitar a «Ocasião»? – para ultrapassar o mundo pela Fama...

Muitos livros? Poucos livros? Comprar, trocar, oferecer, emprestar e pedir emprestado livros? Apenas sinais de que, como já disse alguém, «a República das Letras podia penetrar os muros da prisão». E D. Francisco soube-o como ninguém.

193 Tudo somado deveria fazer-nos pôr em equação a sua obra literária – em que, obviamente, tem de contar a de historiador – com os anos de prisão..., levando em consideração cronologias e circunstâncias... É fácil tê-lo em consideração para as *Cartas familiares...*, as *Obras métricas...*, sobretudo as *Segundas três musas...* Poderão – ou como poderão – caber nessa equação as *Obras morales*, especialmente *El Mayor Pequeño* e *El Fenis de África*? E *Teodósio II*? Começado este com tantas esperanças de resposta a um pedido – ou uma encomenda? – de João IV, vir a pesar na sua libertação – D. Francisco, demasiado prudente e com bom gosto suficiente para o dizer, nunca o diz, a «história» (avanços e recuos na elaboração) do que dele deixou, poderá permitir incluí-lo na equação... Uma razão mais do seu desengano?

Apêndice

Obras da livraria de D. Francisco Manuel de Melo

- AFRICANUS, Ioannes Leo - v. Leo, Joannes (Africanus)
- ALVIA DE CASTRO, Fernando, *Verdadera razon de Estado. Discurso politico*, Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1616
- ANDRADA, Diogo de Paiva de, *Casamento perfeito em que se contem advertencias muito importantes pera viverem os casados em quietação e contentamento*, Lisboa: por Jorge Rodrigues, 1630
- ANDRADA, Paulo Gonçalves d', *Varias poesias. Parte primeira*, Lisboa: por Mattheus Pinheiro, 1629
- BARRETO, João Franco, *Cyparisso. Fabula mitologica*, Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1631
- BOCCALINI, Traiano, *Ragguagli di Parnaso. Centuria prima*, Venezia: appresso Pietro Farri, 1612
- BOCCALINI, Traiano, *Ragguagli di Parnaso. Centuria seconda*, Venezia: appresso Barezzo Barezzi, 1613
[Outras edições da 1.^a Parte: Venezia: appresso Giovanni Generigli, 1618; Venezia: pelo mesmo editor, 1631]
- BOTERO, Giovanni, *Delle relationi universali*, Ferrara: B. Mammarelli, 1592
[Diversas edições, revistas e aumentadas, muitas vezes com diferentes «partes»: Vicenza: appresso gli Heredi di Perrin, 1595; Vicenza: appressso Giorgio Greco, 1597; Brescia: Compagnia Bresciana Calicianiana, 1598; Venezia: appresso Alessandro Vecchi; Venezia: per I Giunti, 1640]
- BOTERO, Giovanni, *Descripcion de todas las provincias y reynos del mundo sacada de las relaciones toscanas de Juan Botero* por F. Jayme Rebullosa de la Orden de Predicadores..., em Barcelona: por Gabriel Graells y Giraldo Dotil, 1603
[Outra edição: En Gerona, en la emprenta de Gaspar Garrich, 1622]
- CASTRO, Gabriel Pereira de, *Ulyssea, ou Lisboa edificada. Poema heroico composto pelo insigne Doutor...*, em Lisboa: por Lourenço Craesbeeck, 1636
- CÉSPEDES Y MENESES, Gonzalo, *Historia de don Felipe IIII, rey de las Hespañas*, Barcelona: por Sebastián Cormellas, 1634
- COMMYNES, Philippe de, *Las memorias de... Señor de Argenton de los hechos y empresas de Luis Undecimo y Carlos Octavo reyes de Francia [...]* por don Juan Vitrian, Amberes, en la Emprencia de Juan Meursio, 1643

- CONSTANTIN, Robert, *Lexicon graecolatinum*, 2.^a ed., Genevae: excudebant haeredes Vignon et J. Storer, 1592
- CONTZEN, Adam, *Daniel, sive de statu, virtute aulicorum atque magnatum*, Coloniae Agrippinae: apud J. Kinckium, 1630
- FROES, André de, *Amores divinos y humanos*, Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1631
- GUALDO PRIORATO, Galeazzo, *Historia universale delle guerre succeffe nell'Europa dall'anno 1630 sino all'anno 1640*, Geneva: Giacomo Chouëtto, 1642
- LEO, Ioannes (Africanus), *De totius Africae descriptione libri IX... recens in latinam linguam conversi Joa. Floriano interprete*, Antuerpiae: apud Ioan. Latium, 1556
[Outra edição: Lugduni Batavorum: apud Elzevir, 1632]
- LEO, Ioannes (Africanus), *Historiale description de l'Afrique, tierce partie du monde...*, Lyon: par Jean Temporel, 1556
[Diversas outras edições, por exemplo: Anvers: chez Jean Bellere, 1556; Anvers: Christophe Plantin, 1556]
- LIPSIUS, Justus, *Opera omnia quae ad criticam proprie spectant, quibus accessit electorum secundus novus nec ante editus*, Antuerpiae: apud Crist. Plantin, 1585
[Entre outras muitas edições: Lugduni Batavarum: ex Officina plantiniana, 1596; Antuerpiae: ex Officina plantiniana, apud viduam et filios J. Moret; Lugduni, H. Cardon, 1613; Antuerpiae: Officina Plantiniana B. Moreti, 1637]
- MACEDO, António de Sousa, *Flores de España Excelencias de Portugal en que brevemente se trata de lo mejor de sua historia, y de todas las del mundo...*, Lisboa: por Jorge Rodriguez, 1631
- MACEDO, António de Sousa de, *Ulyssipo. Poema heroico*, Lisboa: por Antonio Alvarez, 1640
- MACEDO, António de Sousa de, *Armonia politica dos documentos divinos com as conveniencias d'Estado. Exemplar de principes no governo dos gloriosissimos reys de Portugal...*, na Haga do Conde: na Officina de Samuel Broun impressor ingrez, 1651
- MALVEZZI, Virgilio, *Las obras: David perseguido. Romulo y tarquinio traduzido de italiano por D. Francisco de Quevedo Villegas, caballero del hábito de Santiago, Senhor de la villa de Juã Abad...*, em Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1648
- MALVEZZI, Virgilio, *La libra de Grivillio Vezzalmi, traducida de italiano en lengua castellana, pesanse las ganancias y las perdidas de la monarquia de España en el felicissimo reynado de Felipe IV, el Grande*, en Pamplona; y en Napoles: por J. Gafaro, 1639
- MALVEZZI, Virgilio, *Sucesos principales de la monarquia de España en el año de mil seiscientos i treinta i nueve*, en Madrid: en la Empronta Real, 1640
- MARINO, Giovan Battista, *La Galeria distinta in pitture et sculture*, Ancona: Cesare Scaccioppa, 1620
[Outras edições: Milano: Giov. Battista Bidelli, 1620; Venetia: dal Ciotti, 1620; Napoli: Scipione Bonino, 1620; Venetia: dal Ciotti, 1622; Venetia: pelo mesmo editor, 1626; Venetia: dal Tomasini, 1647]

- MATTHIEU, Pierre, *Historia della morte d'Henrico Quarto re di Francia e di Navarra*, Modena e Macerata: Pietro Salvioni, 1615
[Trad. em espanhol, por Juan Pablo Martir Rizol: Madrid: Diego Flamenco, 1625; Madrid: pelo mesmo impressor, 1628]
- MATTHIEU, Pierre, *Osservazioni di stato e di historia sopra la vita e i servigli del signor di Villeroy*, Bracciano [Roma?], Andrea Frei, 1621
[Outra edição: Firenze: P. Cecconcelli, 1623]
- MATTHIEU, Pierre, *Pedazos de historia y de razon de estado sobre la vida y servicios del ilustrissimo señor Nicolas de Nueva Villa, marques de Villareal... traduzidos de lengua francesa y en algunas partes ilustrados por D. Pedro van der Hammen Gomez y Leon*, Madrid: Viuda de A. Martin, 1624
- MATTHIEU, Pierre, *Della perfetta historia di Francia e delle cose piu memorabili occorse nelle provincie straniere gli anni di pace regnante il christianissimo Henrico IV Grande re di Francia, e di Navarra, libri sette*, Venetia: Presso Il Barezzi, 1624
- MATTHIEU, Pierre, *Continuatione dell' Historia delle rivoluzioni di Francia... occorse negli anni turbulenti del Regno de i Re... Henrico III e Henrico IV, dall'anno 1589 sino al 1598. Insieme con la Historia delle Guere tra le due Case di Francia e di Spagna...*, Venetia: Bartolomeo Fontana, 1625
- MATTHIEU, Pierre, *Della historia memorabile di Luigi XI, re di Francia: libri dieci*, Venetia: Presso il Barezzi, 1628
- MATTHIEU, Pierre, *Giuditio politico sopra la vita di Luigi XI, re di Francia*, Venetia: appresso Il Barezzi, 1628
- MATTHIEU, Pierre, *La principessa santa. Historia pia, in cui stile pieno di precetti, e di perfectione, e di politica si narra la vita esemplarissima di S. Elisabetta*, Venetia: Apresso il Barezzi, 1628
[Outra edição, pelo mesmo impressor, Venetia, 1630]
- MATTHIEU, Pierre, *Historia d'Elio Sejano... tradotto dalla francesa nella lengua italiana dal Gelato, Accademico humorista. Aggiuntovi nel fine le prosperità infelici d'una femina di Catanea, gran siniscalca di Napoli, de l'istesso autore*, Venetia: apresso i Giunti, 1637
- Memorias funebres sentidas pelos ingenhos portugueses, na morte da senhora Dona Maria de Attayde*, em Lisboa: na Officina Craesbekiana, Anno 1650
- MÉNDEZ SILVA, Rodrigo, *Vida y hechos heroicos del Gran Condestabre de Portugal D. Nuño Alvarez Pereyra conde de Barcelos, de Oren [sic], de Arroyolos, mayordomo mayor del rey Don Juan el Primero, con los arboles y descendencias de todos los emperadores, reyes, principes...* En Madrid: por Juan Sanchez, a costa de P.º Coelho, 1640
- MÉNDEZ SILVA, Rodrigo, *Población general de España. Sus trofeos, blasones y conquistas heroicas, descripciones agradables, grandezas notables, excelencias gloriosas y sucessos notables...*, Madrid: por Diego Diaz de la Carrera, 1645
- MENESES, Francisco de Sá de, v. Sá de Meneses, Francisco de Sá de

MONTEMAYOR, Jorge, *Los siete libros de la Diana*, Valencia, 1558? 1559?

[Outras edições dentre as várias do século XVI: Milano: Andrea de Ferraris, 1559?; Zaragoza, Pedro Bernuz, 1560; Anvers: En casa de Pedro Bellero, 1575; *id.* 1550-1581; Pamplona: Thomas Porralis, 1578; Pamplona: Thomas Porralis, 1582. Outras edições entre as muitas do século XVII: Barcelona: Sebastián de Cormellas, 1614; Milano: Juan Baptista Bidelo, 1616; Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1622; Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1624]

PEDRO, Conde de Barcelos, *Nobiliario*, Madrid: Alonso de Paredes, 1646

[Ed. de João Baptista Lavanha / Manuel Faria e Sousa]

QUEVEDO Y VILLEGAS, Francisco de, *La caída para levantarse. El ciego para dar vista. El montante de la Iglesia en la vida de San Pablo Apostol*, Madrid: por Diego de la Carrera, 1644

[Lisboa: Pablo Craesbeeck, 1648]

SÁ DE MENESES, Francisco de, *Malaca conquistada por o grande Afonso de Albuquerque. Poema heroico... com os argumentos de Dona Bernarda Ferreira...*, em Lisboa: por Mathias Rodrigues, 1634

SÁ DE MIRANDA, Francisco de, *Obras do doutor Francisco Saa de Miranda. Ao senhor Dom Francisco de Sá de Menezes filho herdeiro do senhor D. João de Sá de Menezes, conde de Penaguian Camareiro mor de S. Magestade*, Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1651

SANUTO, Livio, *Geografia di M. Livio Sanuto distinta in XII libri ne quali oltra l'esplicatione de molti luoghi di Tolomeo, e dalla bussola, e dell'aguglia, si dichiarono le provincie, popoli, regni, città porti, monti, fiumi, laghi e costumi dell'Africa... Aggiuntivi de piu tre indici di M. Giovan Carlo Saraceni*, in Vinegia: appresso Damiano Zenaro, 1588

VALOIS, Marguerita de, *Les mémoires de la Roinne Marguerite*, a Paris, par Charles Chappellain, 1628

[Outras edições: mais quatro no mesmo ano pelo mesmo editor, Paris: Charles Chappellain, 1629 (três edições); pelo mesmo editor, Paris, 1632; Paris, 1642?

Trad. em espanhol: *Memorias que escrivio de si Margarita de Francia, duquesa de Valois, llamada Reyna de Navarra*, em Madrid: por Diego Diaz de la Carrera, 1646]

VASCONCELOS, João de, *Restauração de Portugal prodigiosa ofrecida ao Serenissimo e Felicissimo ElRey D. João IV do nome entre os reys de Portugal*, em Lisboa: por Antonio Alvarez, 1643

III. Breves notas a propósito de algumas livrarias da Exclaustração¹

«Aussi faut-il confesser qu'il n'y a rien qui rende
une bibliothèque plus recommandable
que lorsqu'un chacun y trouve ce qu'il cherche»²...

O estudo das antigas bibliotecas – e, antes de mais, para não perdermos de vista a finalidade primeira de um e de outras: o mundo da leitura, que, necessariamente, é também o dos leitores – tem vivido entre nós, como, aliás, um pouco por toda a parte, do debruçar-se sobre conjuntos de livros reunidos por gente conhecida pelas suas competências académicas – teológicas, canonísticas, filosóficas...³ – ou pela sua posição de relevo social e/ou institucional –

1 Publicado como «Introdução» à obra *Da memória dos livros às bibliotecas da memória. I – Inventário da livraria de Santo António de Caminha*, Porto: CIUHE, 1998, pp. I-XXVII. É nesta obra que está editado o primeiro dos cinco inventários que se mencionam neste estudo.

2 G. Naudé, *Advis pour dresser une bibliothèque* (Paris, 1627). Servimo-nos da edição anastática da segunda edição (Rolet Le Duc, Paris 1644) que, de acordo com Claude Jolly na sua estimulante introdução: «L'*Advis*, manifeste de la bibliothèque érudite», é, salvo na paginação, igual à primeira. (A citação que destacámos vem a p. 33).

3 A título de exemplo, recordemos de M. Brandão, *A Livraria do Pe Francisco Suárez*, Coimbra: Coimbra Editora, 1927; J. de Carvalho, «A Livraria de um Letrado do século XVI – frei Diogo de Murça», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 8 (1927) 1-26 e depois refundido e desenvolvido em *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século*

grandes senhores (o marquês de Minas, por exemplo⁴), grandes senhores que, por vezes, foram igualmente grandes eclesiásticos (D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga...⁵, D. Francisco de Lemos, bispo-conde e reitor da Universidade de Coimbra⁶, D. Fr. Francisco de S. Luis, cardeal Saraiva, por exemplo também...⁷). Curiosamente, porém, a biblioteca real – isto é, a dos reis de Portugal – parece não ter verdadeiramente ainda avançado do ponto em que a deixaram as investigações de Sousa Viterbo⁸... De um modo geral, as pequenas ou pequeníssimas bibliotecas, civis ou eclesiásticas, não têm merecido a atenção de que, estamos em crer, são dignas, quer pelo que podem denotar – e quase sempre denotam – do empenho posto em conseguir reunir livros e esses – e não outros – livros, quer pela rede de leitura que podem indiciar ou até indiciam... Estamos, obviamente, a aludir a bibliotecas de algumas dezenas ou centenas de livros e não a esses alguns livros – em geral, poucos – que os inventários *post mortem* podem assinalar – quando assinalam⁹...

XVI – vol. II, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1948, pp. 200-204; A. de Oliveira, «A Livraria de um Teólogo do século XVI [Francisco Rodrigues Fróis], *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1964 [Separata] e «A Livraria de um Canonista do século XVI» [Luis Correia], *Pedaços de história local*, II, Coimbra: Palimage, 2010, pp. 179-297; A. Moreira de Sá, *Os Livros de Uso de Frei Diogo de Murça*, Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1977 [Separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 33 (1977)].

- 4 M. A. Norton, *D. Pedro Miguel de Almeida Portugal*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1967, pp. 324-344.
- 5 P. V. B. Tavares, *A Biblioteca e a Bibliofilia de um Prelado Ilustrado. D. Gaspar de Bragança, Arcebispo de Braga (1758-1789)* in *Actas do Congresso Internacional Comemorativo do 9º Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, III/2, Braga: Memorabilia Christiana, 1990, II, 2, pp. 273-302.
- 6 M. A. Rodrigues, *Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984.
- 7 A. M. B. Cardoso, *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luis Saraiva*, Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1995, trabalho augural destinado a provas de Mestrado em História em que se publica (pág. 335-394) o *Index da Livraria* feito em 1823 do então bispo de Coimbra e reitor da Universidade e se tenta identificar e estudar, com acerto, algumas vezes, os livros de História que possuía o grande prelado.
- 8 F. S. Viterbo, *A Livraria Real especialmente no Reinado de D. Manuel*, Lisboa: Academia das Sciencias, 1901; V. Rau e E. B. Nunes, *Inventário post-mortem del-Rei D. Pedro II*, Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1969, pp. 70-89, publicaram a relação dos *Livros que se acharão no Paço do Corte Real*. Recentemente pudemos contar com os estudos de M. L. Cabral, *A Real Biblioteca e os seus criadores*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2014 e, com outras ambições, A. Delaforce, *The lost library of the King of Portugal*, London: Ad Ilissum, 2019.
- 9 M^a M. Rodrigues, *Morrer no Porto durante a Época Barroca: Atitudes e Sentimento Religioso* (Dissertação de Mestrado em História – F. L. U. P), Porto 1991, pode estabelecer, com

e dos quais já se pôde escrever, com acerto, que, mais que os gostos de um homem, poderão revelar as leituras de um velho¹⁰. Aquelas e estes, contudo, parecem remeter para o mundo da leitura – e remeterão? –, enquanto as grandes bibliotecas senhoriais ou religiosas, revestidas, muitas vezes, de um carácter institucional ou quase institucional¹¹, dir-se-ia remeterem para o mundo da colecção... Como em outros domínios, a diferença entre o ler e o colecionar também passa pelo número..., diferença que, algumas vezes, explicará melhor que outras oposições – por exemplo, corte / periferias¹² – as diferenças entre bibliotecas de gente do mesmo grupo social e de poder económico igual ou semelhante ou de casas da mesma ordem religiosa..., se bem que, neste último caso, a função específica de «casa de estudos» que a casa desempenhava ou desempenhara possa ter contribuído para um acumular e dispor de saberes traduzido em livros... Mas, acumular e dispor é, como estaremos de acordo, o princípio de toda a colecção digna de tal nome¹³... E desde este ponto de vista e pelo atinente às livrarias das casas das ordens e institutos religiosos, estamos em crer – mas haverá, algum dia, que de tal fazer prova – que as pequenas bibliotecas serão, por tudo o que acabamos de deixar sugerido, mais significativas de orientações e de necessidades de leitura real que os grandes depósitos bibliográficos¹⁴... A própria existência de uma determinada

base nos testamentos que examinou, interessantes achegas sobre os livros declarados nesse tipo de documentação.

- 10 M. Chevalier, *Lecturas y Lectores en la España del Siglo XVI y XVII*, Madrid: Ediciones Turner, 1976, p. 44: «Es de temer que los inventarios despues de la muerte no nos revelen las aficiones de un hombre, sino las lecturas de un anciano».
- 11 Um bom exemplo poderá ser o da livraria da Família Sousa da Câmara, de Vila Viçosa, cuja formação datará dos meados do século XVII, rica em «papéis da Restauração», já que por eles se interessaram «um Alcaide-mor do século XVII, um Familiar do Santo Ofício do século XVII, um Coronel de Milícias do século XIX e um Professor de Agronomia do século XX» pertencentes a essa mesma família, como aponta J. C. in «Para a História de uma Biblioteca», preliminar do *Catálogo da Importantíssima e Valiosa Biblioteca Souza da Câmara* (Lisboa, 1966) organizado, aquando da sua venda, por Arnaldo Henriques de Oliveira.
- 12 E. dos Santos, *O Oratório no Norte de Portugal, Contribuição para o Estudo da História Religiosa e Social*, Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1982, p. 321.
- 13 A. Lugli, *Naturalia et Mirabilia. Il Collezionismo enciclopedico nelle Wunderkammern d'Europa*, Milano: Gabrele Mazzota, 1990 (2ª ed.) será sempre uma clássica – e excelente – aproximação ao tema.
- 14 E. Santos, *O Oratório no Norte de Portugal...*, cit., p. 321, lembra, como exemplo desse «desfasamento entre o que se passava na capital e no norte de país», os 30.000 volumes doados por D. João V ao Oratório de Lisboa... É, naturalmente, um bom exemplo..., mas

obra – mesmo que num único exemplar – nesses pequenos núcleos bibliográficos poderá revestir um significado mais preciso do que integrada numa série de obras do mesmo género ou idêntico numa grande livraria... Pense-se, por exemplo, na existência da biografia de Bento José Labre por João Batista Alegiani (Lisboa, 1785) entre os cerca de duzentos e cinquenta títulos do inventário da livraria das Concepcionistas de Braga feito em 1874... e na sua presença entre as dezenas de hagiografias perdidas entre os 30.000 volumes da livraria do Oratório de Lisboa..., isto para não argumentar com a sua total ausência em outras livrarias em casas da mesma área geográfica e espiritual. Tudo boas razões – e teremos ocasião de ponderar alguma mais – para justificar o estudo das livrarias das casas das ordens religiosas. Das grandes livrarias e das pequenas livrarias..., pois quase todos os conventos, mosteiros e casas de institutos religiosos teriam ou deveriam ter a sua biblioteca ou o que nós hoje gostamos ou temos de designar por biblioteca..., embora possamos não saber onde e como estavam dispostos os livros e até a sua função precisa... De qualquer modo, o estudo das livrarias conventuais – designemos assim, ainda que impropriamente, as das ordens e institutos religiosos –, mesmo se parcial e parcelar – pois visa apenas uma das formas das livrarias particulares –, porque de instituições se trata, deverá permitir superar o estudo de «casos» que representam, quase sempre, as livrarias particulares pessoais, geralmente dependentes de circunstâncias biográficas do seu proprietário – desde as decisões de compras às de venda por necessidade ou morte, de doação..., etc... –, a menos que de pessoais se tenham tornado, de algum modo, como que uma instituição ao serem consideradas – e como tal engrandecidas – como um bem patrimonial, sentimental ou legal, de uma casa senhorial ou de um qualquer corpo social importante (um cabido de uma sé catedralícia, por exemplo¹⁵)... Mas não é a história destas que nos interessa aqui, mas, sim, a das conventuais. Com efeito, mesmo se através de sérias dificuldades, as livrarias conventuais, em virtude dessa sua dimensão institucional, oferecem ou deveriam oferecer a possibilidade de mais facilmente verificarmos a sua história,

deverá ser excepcional. Quantas outras casas, na capital, nesse tempo, com outros tantos milhares de livros? Mesmo ignorando se existem traços dos seus conteúdos librários ou se será possível tentar a sua aproximação, pensamos que a magnânima doação aponta à vontade de criar *ex novo* uma dessas bibliotecas eruditas que no seu enciclopedismo não negavam a vontade de coleccionar e de ilustrar.

15 A. de J. da Costa, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos Séculos XV a XVIII*, s.n., Braga 1984.

independentemente da dificuldade de hoje localizarmos as provas dessa história¹⁶... Um momento houve, contudo, em que a interrupção dessa história, ainda que de diversos modos, largamente documentada, determinou o inventário dessas bibliotecas. Referimo-nos, obviamente, aos inventários levados a cabo por força das directrizes legais que presidiram à extinção das ordens religiosas em 1834. Se 1834 não significou – entendamos: sistematicamente e em larga escala – o fim dos livros que as constituíam, significou, isso sim, o fim dessas bibliotecas..., não, porém, sem antes de as terem inventariado... De bibliotecas passaram a «catálogos»..., algumas até, com alta probabilidade, pela primeira vez... Sempre na suposição teórica de que a lei se cumpriu – o que evidentemente não aconteceu –, o conjunto desses inventários constituiu-se num amplo inventário em que se traduzia – e em que se pode ver hoje traduzido – o estado geral – em qualidade e em quantidade – das bibliotecas conventuais... Sabendo nós que, por razões do decreto de 1834, deveriam ter sido inventariadas, entre grandes, pequenas e pequeníssimas, cerca de 577¹⁷, facilmente aceitaremos que, para além de registar esse estado geral, essa documentação diz respeito a uma notável – talvez, até a maior – rede de bibliotecas cobrindo o território deste país..., sem que isto signifique, sem mais, a maior rede de leitura, já que as bibliotecas são sempre uma oferta nem sempre formada ou desenvolvida em face da procura... Em linhas gerais, porém, levando em linha de conta os leitores a que se destinavam e os que as deviam frequentar, talvez possam aceitar considerá-la mesmo como a maior rede de leitura... cremos se perceberá facilmente que, por outro lado, esses inventários feitos depois de 1834 deixavam entrever esse estado geral a que aludimos, mas,

16 Para as datas de que nos ocupamos aqui, à parte alguma rara contribuição para o seu estudo entre nós que assinalaremos, cremos que a melhor visão de conjunto sobre as bibliotecas religiosas em si e na sua variedade – beneditinas..., jesuítas..., seminários..., etc. – é a que dá Claude Jolly, *Histoire des Bibliothèques Françaises* – III, *Les Bibliothèques sous l'Ancien Régime*, Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 1988, pp. 11-73.

17 F. de Almeida, *História da Igreja em Portugal* (Nova edição preparada e dirigida por D. Peres), Porto – Lisboa: Livraria Civilização, 1970, III, p. 139 oferece, baseado em dados do Cardeal Saraiva para 1826, o número de 577 conventos e casas de religiosos e religiosas, dos quais 402 de religiosos, e aponta que, segundo Marino M. Franzini, existiriam, em 1820, 420 conventos masculinos. Por ignorarmos se alguma vez se estabeleceu o número exacto – ou mais exacto que estes – dos conventos existentes em 1834, o nosso «cerca de 577» resulta, evidentemente, destas oscilações. Como consequência imediata do decreto de Maio de 1834, deveriam ter-se inventariado cerca de 400 casas religiosas masculinas, mas parece aceitável que, no cumprimento rigoroso da dinâmica da desamortização prevista pelas leis, deveriam ter acabado por ser inventariadas essas «cerca de 577» casas.

aparentemente, quase não fornecem elementos para a história dessas livrarias – origem..., evolução..., dádivas..., etc... – ainda que possam, analisados com algum cuidado, sugerir – o que já não é pouco – a história de alguns dos interesses que as foram formando... e, deste modo, mostrar o seu ‘poder’... Curiosamente, desde esta perspectiva, é em vão que se procuram os seus traços nessa ponderosa série de estudos oferecidos a H.-J. Martin (*L’Historien*, Genève, 1997) ou em *Le Pouvoir des Bibliothèques* (Paris, 1996)..., como se nas bibliotecas conventuais não se depositasse poderosamente *la mémoire des livres en Occident*..., ou até em *Il Libro a Corte* (Roma, 1994), como se pela sua origem e, tantas vezes, pela sua função imediata, não fossem corte ou, quando menos, da corte...

Por tudo isso, confirmado por esses silêncios bibliográficos¹⁸, pareceu urgente começar a localizar e a estudar esses inventários, focando-os não só desde o ponto de vista do fim da história – de um ciclo da sua história, se preferirmos, como referimos acima – das bibliotecas conventuais – traduzível nesses conteúdos dos inventários..., no estado de conservação dos exemplares..., na altamente provável distinção entre livrarias de religiosos e livrarias de religiosas..., no modelo de inventário..., na cultura dos autores da inventariação..., no valor económico do livro antigo (algum catálogo dá a avaliação livro a livro) ... –, mas também como fontes de informação sobre a circulação de autores e obras..., o significado das constantes (não é o mesmo ter duas edições das *Visitas ao Santíssimo e a Maria Santíssima* de Afonso M. de Liguori ou ter catorze) e as novidades..., as possíveis etapas da formação da livraria... Felizmente, procedendo a essa investigação, localizaram-se cinco desses inventários – e todos referentes a ordens mendicantes (masculinas e femininas¹⁹) de uma mesma região – que o *Centro Inter-Universitário de História*

18 Merece destacar-se o trabalho de L. A. de O. Ramos, «Os Monges e os Livros no Século XVII: o exemplo da biblioteca de Tibães», *Bracara Augusta*, 35 (1981) 489-499.

19 A extinção dos conventos e casas religiosas femininas obedeceu, como se sabe, a um ritmo cronológico diferente, já que, impedidas de receber noviças, a sua extinção dependeu da longevidade das suas habitantes. F. Almeida, *História da Igreja em Portugal*..., cit., III, 146 apenas informa que essa «morte por inanição» decorria do decreto de 5. VIII. 1883 que «expulsara os noviços de todos os institutos e proibia receber outros novos». M. B. Branco, *Historia das Ordens Monásticas em Portugal*, Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1888, III, 484 – essa caótica obra repleta de documentos e anedotas que, muitas vezes, podem sugerir pistas de investigação – informa, baseado na *Revista Universal Lisbonense*, que em 1850 ainda havia em Portugal 119 conventos de freiras. Para as questões aqui

da *Espiritualidade da Universidade do Porto* transformou em «Projecto de Investigação»:

- Convento de Santo António de Caminha, Relação e Mapa de todos os livros²⁰.
- Convento de Santo António de Ponte de Lima, Catálogo da Livraria²¹.
- Convento de Santa Cruz de Viana do Castelo, Catálogo da Livraria²².
- Convento de Nossa Senhora da Penha de França (Braga), Inventário da Livraria²³.
- Convento de Santa Clara de Caminha, Relação dos Livros²⁴.
- A primeira etapa da investigação em curso procura controlar – o que significa, se necessário, corrigir – e completar os dados bibliográficos de cada inventário²⁵, de modo a fornecer, antes de mais, dados fiáveis sobre que trabalhar, e apresentar os resultados finais concernentes à amostragem que estes documentos podem fornecer do ‘poder’ dessa rede de leitura que conhecia – ou chegou a conhecer? – o empréstimo inter-conventual²⁶.

levantadas, v. os estudos de Paulo S. Barata largamente aproveitados no último dos ensaios incluídos neste volume.

- 20 A. D. Braga, Fundo Monástico – Conventual, F – FN 4. Conf. A. S. Araújo & A. Malheiro da Silva, *Inventário do Fundo Monástico Conventual*, Braga, Arquivo Distrital de Braga, 1985, p. 174. (Citaremos sempre esta utilíssima e rigorosa obra por *Inventário ...*).
- 21 A. D. Braga, Fundo Monástico – Conventual, F – FN 21. Conf. A. S. Araújo & A. M. da Silva, *Inventário ...*, cit., p. 176.
- 22 A. D. Braga, Fundo Monástico – Conventual, F – FN 15. Conf. A. S. Araújo & A. M. da Silva, *Inventário ...*, cit., 171.
- 23 A. D. Braga, Fundo Monástico – Conventual, F – FN 129. Conf. A. S. Araújo & A. M. da Silva, *Inventário ...*, cit., 201.
- 24 A. D. Braga, Fundo Monástico – Conventual, F – FN 580. Conf. A. S. Araújo & A. M. da Silva, *Inventário ...*, cit. 221.
- 25 Este trabalho impunha-se *naturalmente* em virtude de, como veremos, os inventários, talvez numa interpretação do modelo que lhes foi fornecido, omitirem sistematicamente a ordem religiosa dos autores e o nome dos editores. E se assinalam o seu número de volumes, raramente indicam se a obra está completa – o que evidentemente não deve surpreender-nos. Por outro lado, algumas vezes, leram mal ou copiaram mal os nomes dos autores e das datas de impressão. Pormenores? Sem dúvida, mas, em investigações bibliográficas, imprescindíveis.
- 26 Os inventários que estudamos apenas registam, obviamente, os livros existentes na casa extinta, não se ocupando dos livros que poderiam andar por fora ou «pertencerem», por ser de seu uso particular, a alguns frades. Podiam-no ter feito, como o fizeram para dividas ..., bens a receber ..., etc. Não sabemos como funcionava e a extensão dos empréstimos

Esses «catálogos» são inventários de um tipo de bens – os livros – possuídos, em determinado momento da sua história, pelas ordens religiosas, de que, porém, diferentemente de muitos outros – terras, alfaías agrícolas, pinturas, alfaías litúrgicas cujo destino que levaram ou deveriam ter levado se conhece com mais ou menos precisão –, quase se perdeu o rasto... Com efeito, tão pouco documentado está – e tão dificilmente documentável será – o destino – ou destinos – das livrarias conventuais que, à parte qualquer caso preciso e bem documentado, como o da livraria dos Arrábidos²⁷, só uma busca sistemática – e, talvez, eterna – de pertences e outras marcas de posse poderia dar um contributo para avaliar – e, mesmo assim, sempre por aproximação – dos destinos desses fundos inventariados²⁸.

Curiosamente, alguns dos problemas aflorados dir-se-ia terem resultado, ainda que não tivessem necessariamente que resultar, das próprias omissões que se verificavam na legislação que pôs em marcha (28-30.5.1834) a desamortização dos bens das ordens religiosas e, conseqüentemente, com a extinção das ordens religiosas, a exclaustração. Com efeito, no célebre decreto dessa data apenas era feita referência, em artigos distintos (2º e 3º), a «bens» das casas «das ordens religiosas regulares» e a «vasos sagrados e paramentos que serviam ao Culto Divino», distinção que bem poderá ter resultado de o

de livros inter-conventos da mesma ordem, mas sabemos que, quando os livros eram poucos – no século XV, por exemplo –, entre os franciscanos observantes, tal prática existiu, como se pode ver nos inventários de alguns oratórios franciscanos feitos por Fr. João da Póvoa. Conf. J. A. de F. Carvalho, 'Nobres Leteras'... 'Fermosos Volumes'... *Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal no século XV*, Porto: Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras do Porto, 1995.

27 A livraria do convento da Arrábida foi, em 1834, salva de dispersão por ter sido trasladada, em razão de um incêndio declarado no convento em Setembro desse ano, para a casa de Calhariz pertencente aos futuros compradores do convento – os duques de Palmela – e aí continuou, vendo crescer a seu lado um outro acervo bibliográfico formado sob a égide da família Sousa Holstein. O fundo conventual, bem como o acervo que se lhe foi juntando foram catalogados e anotados por I. Rocha, *Catálogo da Livraria do Convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo*, Lisboa: Fundação Oriente, 1994. Sobre este importante e excepcional fundo – hoje propriedade da Fundação Oriente – e dos excelentes serviços que pode prestar tal *Catálogo* e sobre algumas correcções que se impõem, permitimo-nos remeter para a nossa recensão em *Via Spiritus*, I (1994), 213-223.

28 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas*, Braga: Editorial Franciscana, 1979 servindo-se do *Mapa dos livros antigos que tem a Livraria de Xabregas, de 1400 até 1500*, elaborado pelo Dr. António Nunes de Carvalho, pôde identificar, através dos respectivos pertences, os exemplares ainda hoje existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa. (Citaremos sempre por *Lembranças Avulsas*...).

legislador querer evitar polémicas atinentes à sacralidade e ao sacrilégio... Perante esta radical, mas, evidentemente, nem sempre precisa, distinção não terá grande sentido sugerir que a omissão se deveu, já que não à falta de precedentes – os bens da extinta Inquisição tinham sido em 1821 destinados à Biblioteca Pública²⁹ –, ao esquecimento... Naturalmente, porque os livros, tal como as imagens e as pinturas e outros objectos, artísticos ou não, eram «bens», não se terá julgado necessário explicitá-los, omissão que, como se deduz dos esclarecimentos que se seguiram, não só terá logo criado uma certa perplexidade, mas também dado lugar a situações abusivas... E, antes de mais, em relação aos livros, já que, com respeito às livrarias, esses esclarecimentos nem sempre foram claros e constantes, dado que, umas vezes, não forneciam – ou evitavam fornecer? – os critérios que poderiam ajudar a precisar a orientação contida naqueles artigos 2º e 3º do decreto de 28-30 de Maio de 1834, outras, continuavam a ignorá-los... Com efeito, alguns dias depois, isto é, logo em 4.6.1834, por Portaria, eram enviadas pelo Tesouro Público ao Prefeito da Província do Douro (Manuel Gonçalves de Miranda) as *Instruções para o cumprimento do Decreto de 30 de Maio* em que, no seu art. 3º, se determina que, mediante inventário (referido no nº 4 da classificação que devia presidir à inventariação geral dos bens das ordens extintas), se tome posse das livrarias e manuscritos³⁰. Foram essas *Instruções* remetidas aos outros prefeitos das restantes províncias? É provável³¹. De todos os modos, essas indicações traduzem uma clara determinação de conservar e de, por então, não vender (como devia acontecer imediatamente às alfaías agrícolas..., gados...) ou dispersar as livrarias (como poderia ocorrer com «a mobília insignificante e do comum» que poderia dar-se, sob o controle do prefeito, a alguma instituição de caridade que dela precisasse), o que já era algo, mesmo se nada de mais preciso se indicava quanto ao seu destino... Quinze dias mais tarde, dirigida ao

29 A. M. da Silva, *Desamortização e Venda dos Bens Nacionais em Portugal na Primeira metade do Século XIX*, Coimbra, 1989 (Ed. policopiada apresentada como tese de Doutoramento em História na Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra. Citaremos sempre como *Desamortização e Venda...*). Agradeço, uma vez mais, ao Prof. Doutor Luís António de Oliveira Ramos, meu Amigo e colega, o ter-me chamado a atenção para esta obra.

30 *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, IV Série, 1934, pp. 136-137.

31 A nossa dúvida baseia-se na falta da indicação habitual – normalmente no fim – de que na data de expedição da lei destinada a um determinado prefeito ou individualidade foi remetida aos demais prefeitos ou individualidades interessadas a mesma lei... Mas a importância dessas *Instruções* parece exigir que aceitemos como provável a sua remessa aos outros prefeitos provinciais.

Prefeito da Extremadura e remetida aos demais prefeitos³², a Portaria de 20 do mesmo mês, contendo as *Instruções para por ellas se regular a arrecadação dos Bens pertencentes as Casas Religiosas extinctas...*, de novo, porém, omite os livros dentre os bens conventuais aí tidos em consideração, embora, naturalmente, se deveria dar por pressuposto que cabiam na ordem de inventariação «de todos os bens de qualquer natureza que sejam ...». Não vender..., inventariar...: duas medidas imediatamente importantes, que procuravam controlar e preservar o enorme acervo bibliográfico conventual, mesmo que não deixassem prever o destino último a dar-lhe..., destino que deveria, então, revelar-se difícil, já que não havia biblioteca que estivesse preparada para receber imediatamente – e desorganizadamente – tal quantidade de livros – pense-se na inegalável confusão que lastima, em 1844, o Bibliotecário-Mor, José Feliciano de Castilho, a propósito do depósito que, finalmente, aí tinha sido feito em 1841 das livrarias dos extintos conventos da Extremadura³³ – e, contrariamente às necessidades das igrejas, os bispos de cada diocese não possuíam, por esses dias, bibliotecas necessitadas por que, como se previa para vasos sagrados e paramentos, fossem distribuídos... E o número de prováveis compradores não deveria justificar pôr, por tempos próximos, tão grande número de livros em hasta pública... É neste contexto que se poderá perceber que, tendo pedido o Bibliotecário-Mor, por carta de 9.8.1834³⁴, que «se entregassem na Bibliotheca Publica, como estava ordenado, as livrarias dos conventos supprimidos» e, além delas, «todos os mais objectos de Artes e Sciencias, pertencentes aos referidos conventos», por Portaria de 18.8.1834³⁵ se ordenasse que, para tal efeito, mediante um empregado, se entendesse o Bibliotecário-Mor com o Prefeito da Extremadura por ser «um dos encarregados da arrecadação dos bens pertencentes aos ditos conventos». Apesar dessas gestões, as livrarias – seguramente ainda longe de inventários completos – não foram, por essas datas, entregues à Biblioteca Pública... Mas – e talvez as questões não sejam impertinentes – a que livrarias se refere essa Portaria? De todo o reino? Ou apenas – ou principalmente? – às da Prefeitura

32 *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, IV Série, 1934, p. 154. Aí se diz, em nota final, que «Nesta conformidade e data se expediram identicas Portarias aos outros prefeitos, e mais Authoridades competentes».

33 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas...*, cit., 35.

34 A data da carta é, que saibamos, apenas conhecida pela referência que a ela se faz no corpo da Portaria que motivou.

35 *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, Série IV, 1934 pp. 10-11.

da Extremadura? Pela letra do texto, estaríamos por aceitar como certa a resposta positiva à última questão, já que nessa lei se autoriza o mesmo Bibliotecário-Mor a entender-se, para tal fim, unicamente com o Prefeito da Extremadura. Em Lisboa virá a criar-se, em 1834, um depósito geral das antigas livrarias conventuais da Província da Extremadura, que funcionou no convento de S. Francisco da Cidade³⁶ ... Aliás, mais tarde (1841) serão os fundos dessas bibliotecas conventuais extremenhas que entrarão, como já sabemos, na que é hoje Biblioteca Nacional, instituição que, como também se sabe, esteve alojada, durante longuíssimos anos, precisamente nesse antigo convento de S. Francisco. Em virtude, talvez, desse destino previsto, logo no dia seguinte (19.8.1834) uma nova Portaria, intitulada ao Prefeito da Extremadura, mas remetida, com uma ligeira adaptação aos restantes prefeitos provinciais, reiterava a exclusão de venda das livrarias, tal como devia acontecer a «os objectos que sirvam immediatamente ao Culto Divino», e «os trastes de ouro e prata e aquelles que por qualquer motivo se devam considerar preciosos»³⁷ ... De qualquer modo, se o legislador, ao ordenar que o Bibliotecário-Mor se entendesse com Prefeito da Extremadura para ver como poderia cumprir-se o que estava ordenado e realizarem-se os seus desejos – coisa um tanto diferente de mandar entregar os livros à Biblioteca Pública –, comentava, como vimos, que tal «até agora não havia tido execução...», pelas sucessivas portarias podemos suspeitar que tal entrega continuou a não se verificar ou, se algum caso houve, não foi de molde a significar a determinação da aplicação de um destino unívoco, mesmo para as livrarias dos conventos da Extremadura... Tudo isto – hesitações e atrasos – se poderá tornar um pouco mais palpável quando vemos o antigo professor de Literatura Portuguesa de D. Maria II, o Dr. António Nunes de Carvalho, «lembrar», em 25.10.1834, ao solicitar da nova administração liberal um lugar – emprego que poderia ser o de encarregado da «pronta distribuição dos livros e mais objectos científicos pelas bibliotecas Públicas já existentes»³⁸ – que «a distribuição dos livros dos Conventos pelas Bibliotecas Públicas já se acha ordenada por um Decreto, e é

36 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas...*, cit., 32.

37 *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, IV Série, 1934, p. 11. Em nota: «Nesta conformidade, e data, se expediu outra ao Prefeito da Provincia de Alemtejo; e se expediram tambem aos outros Prefeitos do Reino, com a única excepção de não se tratar dos campos e das Lezirias de Ribatejo». Compreende-se a adaptação aludida, já que a exclusão dos campos e lezírias do Ribatejo não interessava às demais autoridades.

38 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas...*, cit., 32.

urgente»³⁹ ... Urgente era, mas, mesmo a existir publicado, então, tal decreto – o que não parece, a menos que se trate de uma interpretação lata da já referida portaria de 18 de Agosto⁴⁰ –, o que logo depois, e sob a vigilância de Nunes de Carvalho, se logrou foi proceder-se à condução das antigas bibliotecas extremenhas para o depósito geral em S. Francisco da Cidade... E já não foi pouco. Mas que destino dar aos das outras províncias e, depois, dos governos civis? Em 25.8.1836, por uma Circular, redigida numa linguagem de Ilustração, assinada, em nome de Maria II, por Agostinho José Freire, dirigida ao Governador Civil de Coimbra, mas remetida «a todos os Governadores Cíveis e de Ultramar, com excepção de Lisboa e Porto», pedia-se que fossem indicados edifícios que, nas capitais de distrito, se prestassem a albergar a biblioteca pública a constituir com «as preciosidades literarias e scientificas», e o «gabinete de raridades de qualquer especie, e outro de Pinturas»⁴¹. No entanto, como deixam perceber alguns dos inventários de livrarias de conventos da alçada do Governo Civil de Viana do Castelo e alguma correspondência que ainda lhes está apensa – pensamos, antes de mais, no «catálogo» de S. Francisco de Caminha que aqui se publica – esse destino apontado nessa Circular demorou alguns anos a começar a ser encontrado⁴². No caso desse ex-convento de Caminha, os livros, cujo inventário estava pronto desde 1838, só em 1845 deram entrada no Governo Civil... Que lhes aconteceu depois? Não sabemos, mas, como já sugerimos, mais que um destino deveremos ter de encarar para a globalidade das bibliotecas conventuais de que essa é apenas um exemplo, vários destinos que, em muitos casos, aliás como para outros

39 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas*..., cit., 32.

40 Havemos de reconhecer que esta hipótese não tem, ao nível da letra, aceitável pertinência, já que nessa Portaria de 18 de Agosto se diz «como estava ordenado»..., o que remete para uma ordem anterior que não logramos encontrar no corpo da *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*... Teria sido realmente publicada? E o «como estava ordenado» que escreve Nunes de Carvalho refere-se a essa mesma ordem?

41 *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, V Série, 1936, p. 206. A mesma ordem, assinada agora por Passos Manuel, é reiterada em 7.10.1836. Conf. *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, VI Série, 1936, p. 44.

42 Ignoramos se, por exemplo, o Encarregado do Depósito das Livrarias dos Extinctos Conventos, organizou, de colaboração com o Bibliotecário da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (José Gregório Lopes da Câmara Sinval), essa colecção de «obras escolhidas» destinada a essa Escola, para cumprir a Portaria de 9.6.1836 em que Passos Manuel estabelecia os primeiros passos com vista a dotar «todos os Estabelecimentos Literarios» de «uma livraria apropriada aos estudos, e conhecimentos que lhe são privativos». Conf. *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, VI Série, 1936, p. 120.

bens, deverão ter levado anos a concretizar... A perda por incúria..., a venda em leilão..., a venda como pertença do imóvel (convento) em que estava integrado – caso, este último, sugerido pelo destino da livraria dos franciscanos da Arrábida... –, a sua integração em livraria pública entretanto criada, como parece ser, em 1841 (13.6) o de vinte livrarias conventuais que, certamente no cumprimento de idênticas orientações que, nesse mesmo ano, se deram para a constituição do depósito geral da Extremadura em S. Francisco de Lisboa, deveriam ser depositadas no grande edifício da extinta Congregação do Oratório de Braga, então transformado em Biblioteca Pública dessa cidade⁴³, foram, seguramente, alguns desses destinos⁴⁴... De todas as maneiras, a legislação que foi sendo produzida permite suspeitar que circunstâncias idênticas ou parecidas se verificavam um pouco por todo o país. Para tal situação, para além das vicissitudes políticas, poderá ter contribuído uma certa lentidão na elaboração dos inventários... Dos três inventários de livrarias de conventos masculinos extintos (dois franciscanos e um dominicano) da província do Minho, dois foram feitos em 1836 e o outro estava pronto desde fins de 1838... O exemplo, assente em tão exíguo número, não vale, evidentemente, como

43 Colhemos a notícia, sem, contudo, a aprofundar, em A. Sousa Araújo & A. Malheiro da Silva, *Inventário...*, cit., 243. Curiosamente, durante as pesquisas sobre o inventário da livraria de Santo António de Caminha que agora se publica, e ainda sobre a de Santo António de Ponte de Lima (que se seguirá), perguntou-se a equipa de investigadores, perante o elevado número de exemplares existentes na biblioteca bracarense exactamente coincidentes com os registados nesses inventários, se esses exemplares, quase sempre não existentes em outras bibliotecas, não seriam precisamente os inventariados desde 1836 e entrados em 1841 na Biblioteca Pública de Braga. É uma hipótese que só uma sistemática análise dos pertences poderia garantir.

44 Do que dissemos na nota anterior deverá, naturalmente, seguir-se que muitos outros livros inventariados não entraram (ou não se «fixaram»...) na Biblioteca Pública de Braga ou em qualquer outra biblioteca pública e, por isso, será hoje impossível explicar quer como um precioso *Marial de la Sacratissima Virgen Nuestra Señora...*, de Fr. Filipe Diez, OFM (Lusitano), impresso em Salamanca por Juan Fernández em 1596 conservando não só o pertence «Da Livraria de Santo António de Ponte de Lima», mas também a assinatura de Fr. João da Carnota, OFM (por ser de seu uso?) se encontra numa biblioteca particular do Porto, quer como uma *Summa de Confession* (Sevilha, 1537) de Santo Antonino de Florença, com igual pertence, se conserva na Biblioteca Nacional de Madrid (R-25/170)... Incidentalmente, refira-se que Fr. Gaspar da Carnota foi provincial da Província de Santo António à volta de 1613, tendo deixado umas memórias de que se serviu abundantemente Fr. Martinho do Amor de Deus na sua *Escola de Penitência, Crónica da Santa Província de Santo António*, I, Lisboa Occidental: Oficina de Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1740.

prova, mas, enquanto não há dados mais abundantes, talvez possa aceitar-se a título de sugestão a investigar... E, desde este ponto de vista, seria interessante saber o papel exacto que, na concretização da inventariação, poderá ter desempenhado a «Comissão Administrativa do Depósito das Livrarias dos extintos Conventos» que existia desde 30.12.1836, já que devia «proceder quanto antes a formalizar os Catalogos dos Livros e Manuscriptos, dos quadros, das estátuas, e outros objectos de raridades existentes no Convento de S. Francisco da Cidade»⁴⁵... Limitou-se a sua acção apenas ao que se conservava nesse depósito lisboeta? De todos os modos, apesar dos atrasos e das indefinições, coube, como se verifica, ao governo saído da Revolução de Setembro, especialmente à acção de Passos Manuel, pensar, não no destino mais ou menos imediato a dar aos livros dos extintos conventos, mas pensá-lo no quadro de uma política de desenvolvimento cultural⁴⁶. Muitas das medidas legislativas atinentes a esse fim são conhecidas, mas, tanto quanto sabemos, nunca foi verdadeiramente verificada a efectiva realização desses alvos, que incluíam a distribuição de livros pelos estabelecimentos de ensino e cultura, fixados pelas leis setembristas... E seria interessante tentar, mesmo que parcelarmente, tal verificação, tal como é interessante verificar que os livros, apesar de inventários, depósitos, comissões e leis, nunca parecem ter tido um peso proporcional ao seu número e ao seu valor histórico e científico... E a sugerir-lo podemos lembrar não só que um hoje quase anónimo inventariador, ao remeter, em treze caixões, os livros que tinham sido dos franciscanos de Caminha, classificava o conjunto dessas 527 obras de «insignificante e de quasi nenhum valor artistico e litterario», mas também que um Oliveira Martins, em 1881, da «vasta seara de propriedade, ceifada a seus donos», só recorda «campos, palácios, alfaías preciosas e mobílias riquíssimas»⁴⁷... Os livros continuavam a não pesar?

45 *Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, VI Série, 1936, p. 249. A Comissão estava integrada por Conde da Taipa (Presidente), Vasco Pinto Balsemão, Francisco de Sousa Loureiro, António Nunes de Carvalho, António José de Lima Leitão, Luis Duarte Vilela da Silva, André Monteiro da Cruz, Manuel Sérgio da Silveira e José Gregório Lopes da Câmara Sinval (Secretário).

46 A. M. da Silva, *Desamortização e Venda...*, ed. cit., 92 nota 1 em que alude ao «frenesim legislativo a favor da cultura e da educação, dos governos setembristas».

47 J. P. Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*, Lisboa: Guimarães e C^a Editores, 1953, II, p. 195 (conf. 209).

Mesmo não tendo assumido um valor patrimonial imediatamente «interessante», os livros, como já sugerimos, receberam, mesmo se através de omissões e hesitações, a atenção suficiente que os deveria ter transformado, antes de mais, em inventários. Aliás, necessariamente com algumas variantes, foi esse também o resultado da preocupação com outros tipos de bens das ordens religiosas.

Essa atenção traduziu-se, como já sabemos, na ordem de inventariar – garantir a posse e a descrição do possuído – e depois depositar... Depositara onde? Este onde, como já sugerimos, deverá ter conhecido algumas variantes... Se os exemplos mais antigos dos inventários que conhecemos (dois em 1836 e um de 1838, mas só entregue em 1845) puderem valer como sugestão de uma regra geralmente seguida, o depósito, durante muito tempo, parece ter-se feito no Governo Civil e na Fazenda Pública... Com efeito, pela documentação anexa a esses inventários, sabemos que tanto o do convento dominicano de Santa Cruz de Viana do Castelo, datado de 17 de Outubro de 1836, como o do franciscano de Santo António de Ponte de Lima não datado, mas cuja entrega é de 20 de Junho desse mesmo ano, e ainda, mais tarde (21 de Junho de 1845) o de Santo António de Caminha foram entregues para depósito no Governo Civil de Viana do Castelo... Anos depois, a julgar pelas indicações do inventário da livraria das concepcionistas do convento de Nossa Senhora da Penha de França em Braga – precioso inventário terminado em 2 de Março de 1875 – o destino parece ter sido directamente a Fazenda Pública... Depois, a estar pelo que se diz numa simples *Relação dos livros pertencentes ao suprimido convento de Santa Clara de Caminha*, o depósito, como aconteceu ao espólio bibliográfico em causa em 26 de Junho de 1891, fazia-se directamente à «Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos», variações estas de depósito e destino que, como veremos, também se reflectiram na estrutura – e, naturalmente, nas informações – dos inventários... Teremos de analisar um pouco mais detidamente esta questão, mas podemos adiantar que do inventário que, com ares de catálogo, nos informa do título da obra, do seu autor, do lugar e ano de edição, do número de volumes e ainda do seu estado de conservação, parece ter-se passado a uma listagem bibliográfica acompanhada do valor de cada obra atribuído por louvados e, depois, a uma simples relação de títulos a entregar na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos... Estes exemplos que, a serem confirmados por uma mais larga base documental, poderão constituir-se em outras tantas etapas do destino que, através de hesitações e experiências de vária ordem, foi sendo encontrado para os livros das extintas casas religiosas,

parecem assinalar que, apesar disso, os livros foram encarados, durante alguns anos, pelo menos, como um valor em expectativa. Os inventários – 1836-38 –, ao anotar o seu estado de conservação e, depois, – 1874 – ao registar o valor atribuído a cada qual pelos louvados, parecem permitir insinuar esta conclusão. Muitos vieram a ser leiloados, como, por exemplo, em 1864, os *livros latinos pertencentes às livrarias dos extintos conventos da Extremadura* – assim reza o seu *Catálogo*⁴⁸ – e, dentro desta perspectiva, poderia vir a ser interessante estudar os catálogos desses leilões e controlar – será possível? – os valores alcançados com a valorização derivada do estado de cada livro registado no inventário respectivo ou com o valor atribuído pelos louvados. Seria um bom índice de aproximação ao modo como os livros foram sendo olhados pela ‘nova’ sociedade portuguesa.

De qualquer modo, com atrasos e inércias, foi-se procedendo a inventários e depósitos... Mas perante essas mesmas circunstâncias – e outras menos inocentes que uma testemunha como o Dr. Nunes de Carvalho refere na sua correspondência com Sá da Bandeira, então presidente do Governo⁴⁹ – pode supor-se que o que se inventariou nem sempre foi o que deveria ter sido inventariado e, por isso, os inventários podem, alguma vez, não traduzir com precisão as existências e o estado dos fundos das livrarias conventuais nesse Maio de 1834. E da descrição de muitas espécies, nomeadamente de sermonários, ficaremos para sempre privados, já que, alguma vez, como no inventário de S. Francisco de Caminha que agora se publica, o inventariador reuniu em vários caixotes – quatro no caso visado –, a monte, os exemplares truncados ou imperfeitos. Supunha, certamente, que, face à abundância dos que seguiam inventariados, esses outros, apesar de muitos, não teriam importância literária e económica... E ao estudar o inventário, apesar de lastimar, até o poderemos compreender...

Valerá, então, a pena tentar perceber como chegaram essas inventários à forma com que se apresentam.

48 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas...*, cit., p. 40.

49 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas...*, cit., pp. 35-38 edita uma «Minuta» autógrafa, de carta, de António Nunes de Carvalho a Sá da Bandeira, Presidente do Ministério e Ministro do Reino no Governo empossado em 15 de Novembro de 1835 existente entre os Papéis que pertenceram ao D.º António Nunes de Carvalho (B. N. L. Cod. 6963, ff. 1-5) em que dá conta das suspeitas visitas de R. da Fonseca Magalhães, Silva Carvalho, o Governador Civil Larcher e o Lente Tomás de Aquino ao Depósito que lhe estava confiado.

Como já demos a entender, os cinco inventários que actualmente estudamos não obedecem a um único modelo. Três deles, correspondendo às bibliotecas de conventos masculinos extintos em 1834, seguem, com alguma variante ditada ou pela imperícia ou pela incúria do inventariador, o mesmo modelo.

O inventário – a que os seus autores chamam «mapa» – de Santo António de Ponte de Lima foi terminado antes de 6.7.1836, pois é desta data o officio do Administrador do Concelho, José Pedro Pereira Lopes, a remeter ao Governador Civil de Viana do Castelo o «cathalogo» da referida livraria, bem como as contas da obra e transporte de 23 caixões em que foram acomodados os «quadros, paineis e livraria do extinto convento». Antes de 30. 9.1836, a crer numa procuração do referido Administrador passada nessa data ao próprio encarregado do transporte para receber na Administração de Viana o valor das despesas, terão entrado na posse do Governo Civil. O inventário, como se declara nesse mesmo officio, foi realizado por uma comissão proposta ao Governador Civil pelo próprio Administrador e dela faziam parte Luís Estanislao Saraiva e João José da Silva Lima que assinam esse pulcro e ordenado inventário. Não sabemos se a assinatura do Administrador logo depois da dos dois membros da comissão indica que também a integrava ou se é simplesmente uma chancela de autoridade.

O *Cathalogo da Livraria do Extinto Convento de Santa Cruz de Viana* está encerrado unicamente pelo Administrador do Concelho, António Joaquim de Carvalho, em 17.10.1836, faltando elementos para precisar outras circunstâncias.

A seu devido tempo, isto é, aquando da sua publicação, tentaremos precisar um pouco melhor estas referências destes dois inventários.

A *Rellação e Mappa de todos os Livros da Livraria do Extinto Convento de Santo Antonio de Caminha* teve, como já sugerimos, uma história um pouco mais atribulada. Não tem termo de encerramento, mas possui alguma documentação anexa que permite seguir a sua história. Por um officio do Administrador de Caminha datado de 21.6.1845 e dirigido ao Governador Civil de Viana, sabemos, como também já assinalámos, que desde os fins de 1838 se encontravam os livros encaixotados, ainda que não saibamos onde estavam armazenados. No próprio extinto convento? De qualquer modo, estava a livraria encaixotada desde os dias em que o Administrador, António Luis Pita Carneiro, tinha cessado as suas funções e os Administradores que lhe sucederam nunca remeteram, como cumpria, a livraria para o Governo Civil. Por

isso, nesse mês de Junho de 1845, ano em que voltara a ocupar a Administração do concelho de Caminha, pergunta se pode remeter esses caixotes e quem paga a despesa... Além de remessa atrasada, o tempo era propício a tal transporte pelos «carros de retorno que aqui costumão vir com fazendas d'essa Villa». Não conhecemos a resposta do Governo Civil, mas temos a certeza que foi rápida, pois em 1.7 desse ano, por um ofício em que o Administrador procede à comunicação do envio de 13 caixotes, refere-se um ofício da «2º Repartiçam do Governo Civil, com data de 27.6, ordenando a remessa da livraria. E nesse mesmo dia (1.7.1845) o Administrador, em ofício que acompanha o envio de «o cathalogo, rellação ou mappa dos dictos livros em duplicado», sente, talvez respondendo a alguma estranheza da autoridade distrital, a necessidade de explicar o atraso e o desleixo. Com efeito, como os outros de Ponte de Lima e de Viana, esse inventário, pronto desde os fins de 1838, foi, segundo aí se aponta, começado em 1836 pelo próprio Administrador que sucedera, como Administrador substituto, ao Bacharel Gaspar Pinheiro Moreira Pinto, Administrador proprietário, exonerado nesse mesmo ano de 1836... Lances de política nacional que se reflectem localmente, passando pela elaboração de um inventário de livros...? Seguramente. Mas o que mais importa aqui – e cremos ser notícia relevante e, que saibamos, ainda não aproveitada – é o que António Luis Pita Carneiro, nesse seu ofício de 1.7.1845, informa sobre a origem do modelo a que obedece esse «cathalogo».

Efectivamente, durante 1836, antes, porém, de António Luis Pita Carneiro entrar na Administração de Caminha, chegou do Governo Civil de Viana «a ordem e o modelo para o dito cathalogo». Se recordarmos que, como dissemos, os três inventários, contemporâneos na sua elaboração, obedecem, pese a alguma variante, a um mesmo modelo, parece ser aceitável concluir que também os outros foram elaborados de acordo com essa «ordem e modelo» enviada pelo Governo Civil nos começos de 1836. Qual era essa «ordem e modelo»? Segundo as referências que deixa entrever o ofício do autor do «cathalogo» de Santo António de Caminha, o inventário deveria constar de duas partes: uma primeira (1ª), que ele cumpriu e cujo resultado envia, e uma segunda (2ª), que ele não pôde cumprir, pois, «em consequencia do extravio que teve a dita ordem e modelo, não no [seu] tempo», não a pôde levar a cabo, «indo por isso em branco». Confrontando os três inventários, verifica-se que, efectivamente, faltam nesse «cathalogo» de Caminha algumas rubricas descritivas que, como assinalaremos, se encontram nos outros, e que, à primeira vista, poderíamos pensar ser consequência de um menor cuidado e atenção

por parte do autor do inventário dos livros desse antigo convento de Caminha. Assim, e pelo que ao modelo parece dizer respeito, se todos, com alguma variante de ordenação, registam a *Materia das obras*, *Nome do autor*, *Data da edição*, *Terra* (ou *Lugar*) *em que foi impressa* (ou *da impressão*), *Formato*, *Número de volumes*, *Idioma* (ou *Língua*) e *Estado da obra*, nos inventários de Santo António de Ponte do Lima e de Santa Cruz de Viana registam-se ainda o *Número dos dobrados*, os *Fragments de vários autores* e *Observações*, items estes últimos que não constam do inventário de Caminha e que parece legítimo supor dizerem respeito a essa segunda (2ª) parte do modelo⁵⁰. E na verdade há no inventário feito pelo Administrador de Caminha espaço em branco que poderia ter sido aproveitado para eles e que, em alguma ocasião, até serviu para assinalar o conteúdo de alguns caixotes, v.g. de uns (n.ºs 12, 13, 18, 20) onde se remetiam, sem ordem e sem qualquer referência descritiva, noventa volumes incompletos de sermões do século XVIII, e de outro onde iam trinta e seis volumes de obras ascéticas, místicas e morais incompletas e julgadas sem interesse pelo inventariador... De qualquer modo, os inventários, com um cuidado que, talvez, não supuséssemos, preocuparam-se com a descrição precisa, quase diríamos com a ficha, do livro, permitindo – e permitindo-nos ainda hoje –, antes de mais, fazer uma ideia do seu «valor» em termos de controle imediato e de destinos futuros... Desde a *matéria da obra*, entendamos de acordo com uma terminologia tradicional, o seu título, até ao seu *estado de conservação*⁵¹, os elementos que fornece estão organizados com critérios que, aliás de acordo com as conclusões que, desde outro ângulo, já sugerimos neste sentido, se diriam valorativos em termos de aproveitamentos a estudar...

Se isto é o que, pela análise dos inventários, se pode perceber do modelo de apresentação a que deveriam obedecer, a ordem de inventariação não resultaria tão clara se não dispuséssemos do precioso esquema que precede o inventário de Santo António de Ponte do Lima. Com efeito, antecedente o inventário propriamente dito, existe uma folha com as *Classes em que vai dividido este mapa* e que são: *Classe I* (*Bíblias, Concordâncias, Santos Padres, Intérpretes, História Sagrada*); *Classe II* – *Teologia* (*Dogmática, Moral, Mística,*

50 A. Nuovo, *La Fondazione delle Biblioteche Teresiane in Lombardia: Contributo a una Storia dei Cataloghi in Il Libro a Corte* (a cura di A. Quondam), Roma: Bulzoni, 1994, pp. 349-371 (*maxime* 352, 356) refere problemas semelhantes para os inventários das bibliotecas dos ex-jesuítas.

51 Como se poderá verificar, alguma vez, os inventariadores anotaram mesmo se o livro estava encadernado ou brochado («em rústica»).

Ritos, Cerimónias); Classe III – *Jurisprudência (Direito Natural, Civil, Canónico, Pátrio, Regular)*; Classe IV – *Ciências e Artes (Filosofia, Física, Matemática, História Natural, Agricultura, Medicina e Cirurgia, Náutica, Pintura e Música, Economia Política)*; Classe V – *Belas Letras (Dicionários, Gramáticas, Poetas, Mitologia, Comédias, Oradores)*; Classe VI – *História (Profana, Eclesiástica, Vidas de Santos e Homens Ilustres, Cronologia, Geografia, Viagens)*; Classe VII – *Filologia (Clássicos, Diplomática, Genealogia, Cartas, Emblemas, Adágios, Novela, Apologias, Diálogos)*. Teremos, certamente, reconhecido nestas «classes» uma dessas classificações que, com algumas variantes, vinham, desde o século XVII, pelo menos, sendo propostas para a organização das bibliotecas. No caso presente poderia pensar-se que essa classificação, afastando-se, por exemplo, da que utilizara D. Barbosa Machado, se aproximava, por exemplo também, da de Jacques-Charles Brunet (1810) e até, para voltarmos aos exemplos de casa, das que, em diversas ocasiões, foi utilizando o grande bibliófilo e polígrafo Fr. Francisco de S. Luís, mais conhecido como cardeal Saraiva⁵². No entanto, estamos em crer, mais importante que determinar com precisão a matriz da «ordem» classificativa imposta aos inventariadores e que estes, como aludiremos, se esforçaram por cumprir, é anotar que os inventários não foram organizados nem por simples arrolamento dos livros de acordo com a ordem que teriam no convento – na sua biblioteca, a existir – nem alfabeticamente e que, portanto, esses «cathálogos», «relações» ou «mapas» nunca poderão representar, mais ou menos realisticamente, o estado organizativo dessas antigas livrarias em 1834, mas, sim, perdoe-se-nos a reiteração, apenas o inventário classificativo dos seus livros sem qualquer interesse especial pela sua quantidade... Nos exemplos que conhecemos, a começar pelo que agora se publica, nunca se introduziu qualquer numeração, o que não quer dizer, como se poderá concluir do que já dissemos, que não se assinalem «quantidades», como as das obras que vão, um tanto a esmo, sem nome de autor e sem título em caixotes convenientemente assinalados⁵³. O que parece ter especialmente interessado não foi tanto saber que tinham os franciscanos em Caminha c. de quinhentas e vinte obras, em Ponte de Lima c. de oitocentas e os dominicanos

52 A. B. Cardoso, *Ler na Livraria de Fr. Francisco de São Luís Saraiva*, cit. p. 30.

53 Há que prevenir que dos inventários estudados ou cuja investigação está em curso apenas um – o das concepcionistas da Penha de França (Braga) – apresenta uma numeração das obras inventariadas; no entanto, para facilitar a consulta e a elaboração dos índices introduzimos, neste que aqui se publica e nos que se lhe hão-de seguir, uma numeração artificial.

de Viana um pouco menos de mil e trezentas, mas, sim, obter uma classificação que, sem desdenhar de números, permitisse fazer uma ideia global de cada livreria... Nada custa, por isso, continuar a propor, agora desde este ponto de vista, que tal «ordem» pode muito bem ter sido ditada em função de alguns dos objectivos, mais precisos ou mais vagos, que pensamos ter já sugerido. E já não era pouco. Por outro lado, desde este ângulo de observação, haverá que reconhecer a delicadeza da tarefa que foi exigida aos inventariadores e que eles, com mais ou menos rigor – e com mais ou menos urgência –, se esforçaram por levar a cabo. Com efeito, independentemente do lábil e tantas vezes do aleatório de qualquer sistema de classificação bibliográfica, perante os três exemplos que temos vindo a estudar, verifica-se facilmente que os inventariadores procuraram respeitar, com mais ou menos explicitação, a «ordem» que lhes foi transmitida, o que, para além dos méritos de um trabalho globalmente bem realizado – não dizemos impecável –, implicava possuir uma formação cultural e saberes não dispiciendos que não poderão ser postos em causa por erros – por que, diante de tanto acerto, não dizê-los simples ‘lapsos’? – como o de trocar alguma data de impressão..., de registar uma impossível edição de S. Boaventura em 1421..., um *Concilio Tridentino* de 1477..., de, por vezes, em lugar do título preciso oferecer a matéria da obra..., ou até de classificar, como fizeram os inventariadores de Santo António de Caminha, o *Maleus Maleficarum* entre os livros da já referida VII Classe ou os de Santa Cruz de Viana, *El Ingenioso Hidalgo* entre as *vidas de santos e homens illustres* de que se há-de ocupar a História... Evidentemente, não o faremos, mas neste último caso até seria fácil dar uma certa razão ao inventariador... E, nesta sequência, seria interessante tentar, algum dia, fazer o estudo dos inventariadores das bibliotecas dos conventos extintos em 1834. Talvez, os administradores de concelho e os ficiais da Fazenda que parecem ter integrado as comissões inventariadoras se nos viessem a revelar um grupo bem mais culto do que poderíamos pensar e a quem, talvez, não será, em geral, justo aplicar ‘liberalmente’, sem grande humor e sem grande critério, o terrível asserto sobre os barões e os frades garretiano... E, dentro ainda desta mesma ordem de ideias, poderemos sempre perguntar-nos pela origem dessa «ordem e modelo», isto é, donde e de quem partiu e quem terá sido o seu autor.

De todos os modos, se estes inventários – e cremos será legítimo pensá-lo acerca de quaisquer outros – não nos revelam o estado organizativo das livrerias conventuais a que dizem respeito, revelam, mesmo que de um modo não absolutamente rigoroso – houve, como vimos, livros encaixotados

anonimamente e livros certamente perdidos –, o que eram essas livrarias em 1834... O que eram, entendamos, em relação aos seus fundos – conteúdos – e não, como terá sido fácil de deduzir, em relação a outras circunstâncias, v. g. localização..., organização..., utilização... O que eram, e não como eram... E mesmo que, sem prejuízo do que sobre isto já aludimos, viéssemos a acordar na necessidade de atender às diferenças entre as bibliotecas de monges e as de frades, e entre bibliotecas de mosteiros e conventos das grandes urbes e centros de estudos e as de pequenas cidades ou vilas, seria sempre de ter em conta o que, no que aos livros diz respeito, viu, em 1785, em alguns mosteiros do Minho e da Beira, aquele viajante cuja *lembrança de jornada* publicou Camilo. De um modo geral, além de poucos e nem sempre em estantes, estavam sem qualquer ordem... E isto quando havia sala para eles, isto é, livraria⁵⁴... Um estado de coisas português? Não nos atreveríamos, sem mais, a defender tal ponto de vista quando sabemos que a livraria dos jesuítas de Cremona – e ao parecer não apenas em Cremona – era, segundo o encarregado de lhe estabelecer o catálogo, em 1774, para facilitar o destino dos livros da suprimida Companhia de Jesus, «un confuso ammasso di libri e nulla di più»⁵⁵. Infelizmente, os inventários ditados pela Exclaustração, preciosos documentos para o fim de uma história, não fornecem grandes achegas para a história dessas bibliotecas... Será sempre um mistério saber como veio Santa Cruz de Viana a possuir *Plínio* 2º de 1469 e um *Sermão sobre as Epístolas de todo o anno* de Guilherme, bispo de Lyon, de 1494 – isto sem falar de um razoável número de obras dos começos do século XVI que também possuía⁵⁶ – ou Santo

54 C. Castelo Branco, *Um Viajante no Minho em 1785*, Mosaico e Silva, Porto, Lello e Irmão, 1968, pp. 220-242, em que publica uma anónima *Lembrança do que vi e passei na Jornada que fiz ao Minho no ano de 1785*.

55 A. Nuovo, *La Fondazione delle biblioteche Teresiane in Lombardia: Contributo alla Storia dei Cataloghi in Il libro a Corte*, cit., 352 citando um informe de 1774 do encarregado da reorganização da biblioteca dos ex-jesuítas de Cremona; ainda que dizendo respeito a uma situação um tanto transitória, vale a pena considerar que também a biblioteca do rei de França cerca de 1718 se encontrava numa situação pouco condizente, como refere o seu encarregado desse momento, o Abbé Bignon, de acordo com Françoise Bléchet, «Le Quotidien et l'Insolite dans la Bibliothèque du Roi au temps de l'Abbé Bignon» in H.-J. Martin (ed.), *Le Livre et l'Historien*, Genève: Droz, 1997, pp. 359-370.

56 Não logramos obter qualquer indício acerca da origem destas numerosas obras editadas nos começos de Quinhentos existentes na biblioteca dos dominicanos de Viana. Fr. Luis de Sousa, quer na *História de S. Domingos*, quer na *Vida* do arcebispo fundador da casa, nada aponta sobre o assunto, apenas assinalando que, de boas rendas, o convento, por obrigação imposta pelo seu fundador, além de «sermão na igreja matriz da vila, todos

António de Caminha um *Historiam Josephi Libri Septem* de 1475, obras editadas, em algum caso, mais de um século antes da fundação dessas casas⁵⁷..., mas a história das bibliotecas conventuais é também, e se calhar como a de todas as bibliotecas, uma história de circulação de livros – empréstimos..., esquecimentos..., compras de novidades e de obras em segunda mão..., dádivas... – que, nas suas precisas circunstâncias, em geral, nos escapa... Se é certo que, com uma larga probabilidade, podemos saber quais as obras mais recentes entradas nessas livrarias e que podem até ter sido as últimas aquisições ou ofertas – em Caminha, uns *Opusculos Christiano-Patrios* de D. Rafael Thomaz Menéndez de Luarda (Corunha-Santiago, 1812), em Ponte de Lima, uma *Politica Religiosa* de autor desconhecido (Lisboa, 1819)⁵⁸ e em Viana, uma *Rhetorica* de D. Colonna (Veneza, 1795) – a cronologia dessas circunstâncias que envolveram o devir dessas bibliotecas é – e cremos será sempre –, efectivamente, difícilima de estabelecer e, para tal, inúteis os inventários feitos à raiz de 1834. Concordar-se-á, porém, seguramente que, apesar de tudo, se revelam eles de alto interesse para poder seguir com precisão – sempre relativa, evidentemente – permanências na inclusão ou na exclusão de determinadas obras ou autores (um Erasmo, por exemplo, que nem em edições do século XVIII aparece, ou um Savonarola de que os dominicanos de Viana apenas têm a *Fé Estabelecida*... em edição de Lisboa em 1698...) ou câmbios de interesses e de preocupações, relevando, muitas vezes, mais que do gosto pessoal, de estratégias pastorais, o que se traduz em existências, mais ou menos compactas, de certos géneros e tipos de livros. Mesmo atendendo

os domingos do ano e todas as festas de Cristo e de Nossa Senhora», devia também aí ler «todos os dias uma lição de Teologia Moral» (Conf. Fr. L. de Sousa, *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, I, p. 25, Introd. de A. P. de Castro e fixação do texto de G. Ch. de Melo e A. P. de Castro, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda 1984, p. 123), obrigações que justificam os naturais esforços por a apetrechar de acordo com elas.

- 57 Santa Cruz de Viana foi, como é bem conhecido, fundado pelo arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires em 1560, mas, começadas, verdadeiramente, as obras em 1563, só ficou pronto muitos anos depois (Conf. Fr. L. de Sousa, *Terceira Parte História de S. Domingos Particular do Reino de Portugal*, Lisboa: Typografia do Panorama, 1866, VI, 2, pp. 452-453); o convento de Santo António de Caminha, fundado em 1618, começou a ser habitado em 1620 (Conf., para as escassíssimas notícias coerentes sobre esta casa, J. M. F. Silva Santos, *Caminha através dos tempos in Caminiana*, III (1981) 75-96 (a sucinta notícia sobre o convento encontra-se a pp. 82-84)).
- 58 Além desta obra, o inventário do convento de Ponte de Lima regista ainda do século XIX: os *Antigos Ritos dos Romanos* de Nieuport (Bassani, 1803) e as *Institutiones Juris Civilis Lusitani* de Melo Freire (Coimbra, 1815).

à extrema modéstia destas bibliotecas durante o século XVI – anos em que o fervor das observâncias ia, para franciscanos e dominicanos, muitas vezes, em um sentido de uma certa monasticização verificável num profundo recolhimento, quando não isolamento, e em algum anti-intelectualismo, tudo isto inscrito, a partir dos começos dos anos quarenta desse século, num quadro de fechamento a «novidades» ou ao que se temia fossem «novidades» que Concílio, índices e censuras tornam concreto – pensemos, por exemplo, com referência aos impressos desse século que nelas se conservaram, na ‘notável’ presença de obras de espiritualidade – de raiz patrística, sobretudo – e na raridade das de sermonária, duas orientações que veremos inverterem-se nos séculos seguintes... Em Caminha, por exemplo, de cinco sermonários editados em Quinhentos passamos para cerca de cento e vinte e três de Seiscentos e para cento e setenta do século XVIII... e, para os mesmos séculos, de cinco obras de Moral e Casos chegamos a vinte e oito e a trinta e duas, respectivamente... Com alguma variante, as proporções de interesses e preocupações parecem, contudo, manter-se em Ponte de Lima e em Viana, mesmo se a biblioteca dos Pregadores da foz do Lima revela, como havemos de verificar no dia em que publicarmos o seu inventário, uma presença da Literatura (algo entre as Belas Letras e a Filologia) – J. Cortez, *Lazarillo de Manzanares*..., J. de Zabaleta..., Calderón de la Barca..., Gracián..., Fulvio Teste, *Rimas*..., Petrarca..., E. Tesouro..., Soror Juana Ignés de la Cruz... e, mesmo se em francês, até um Milton... – que é quase inexistente entre os franciscanos do Minho. Mas, para além destas grandes «classes», sublinhemos ainda, ao lado da ausência de Direito, a importância discreta que detêm a Bíblia e os seus comentadores e a História em Caminha (c. 21 e c. 28 obras, respectivamente), em contraste com a notável presença dessas «classes» em Viana (c.124, c.105 e c.115) e em Ponte de Lima (c.353⁵⁹, c.111 e c.167). Qualquer leitor destes inventários, a começar pelo que agora se edita, não deve esperar uma larga presença de alguns grandes autores de teologia espiritual e mística... As poucas edições que de um S. Bernardo ou de um S. Boaventura aparecem são, em geral, antigas edições e em mau estado de conservação... Os próprios dominicanos de Viana, se tinham alguma edição quinhentista de – antes de mais ‘seu’ – Fr. Luis de Granada (*Sermões*, Salamanca, 1577), parecem ter-se interessado especialmente por edições dos fins do século XVII e, sobretudo, do século XVIII... Todos, franciscanos e dominicanos, a julgar pela variedade

59 Neste número incluem-se algumas obras de carácter mais propriamente teológico.

de títulos e número de edições, parecem ter preferido os moderníssimos E. Nieremberg e Paulo Segneri... Haverá que pensar nestas selecções que eram também tanto do agrado de um Fr. António das Chagas...

A livraria dos franciscanos de Caminha, com os seus trezentos títulos de sermões – em números redondos, mas que serão um pouco mais se lhes juntarmos os hoje ‘anónimos’ dos caixotes... –, era, visivelmente, uma biblioteca para pregadores... Curiosamente, também em Ponte de Lima os franciscanos reuniram c. três centenas e meia de obras de oratória sacra..., o que contrasta com a meia centena que juntaram os Pregadores de Santa Cruz de Viana... Haverá, algum dia, que ponderar este interesse pela literatura parenética por parte destes franciscanos da Província da Conceição, um interesse, ao parecer proporcionalmente desmesurado, que poderá vir a explicar-se pelo afã de encontrar meios – e modelos – para essa ideal «variedade de lições» que todos os pregadores se propunham e que quase ninguém lograva ‘discretamente’ praticar... Embora um tanto suspeitos como bons críticos e reformadores, que o digam, cada qual à sua maneira, L. A. Verney e J. F. Isla... É uma hipótese de explicação que poderá revelar-se mais eficaz se for possível determinar – ou sequer sugerir – o grau de empenho dos franciscanos minhotos em campanhas missionárias pela região, pois sabe-se quanto os sermões alheios eram um bom recurso para o missionário⁶⁰. E, uma vez mais, não procuremos uma significativa presença de Vieira nessas bibliotecas⁶¹...

Se a larguíssima maioria das obras inventariadas se encontra em latim e português, seguidos de perto pelo castelhano, haverá que apontar, ao lado de um reduzido interesse pelo francês em Caminha – aí liam Bossuet em tradução espanhola... –, um crescente avanço, em Ponte de Lima e em Viana, do número de obras em italiano e em francês... Os franciscanos de Ponte de Lima teriam sete obras em italiano e vinte e duas em francês, ao lado dos quais os dominicanos de Viana com as suas sessenta e oito obras em francês e sessenta e nove em italiano..., contra três em inglês... teriam, combinado com um tom de um certo cosmopolitismo, um ar de políglotas... Com efeito, entre essas obras em inglês possuíam – por interesse ou sem interesse? – um *Almanaque da Cidade de Londres para 1757*...

60 L. Châtellier, *La Religion des Pauvres*, Paris: Aubier, 1993, p. 116.

61 Efectivamente, como revelará a análise destes inventários, a presença de António Vieira é, globalmente, muito parca. Se estivermos pelas sugestões do respectivo catálogo, também entre os arrábidos a presença de grande pregador não foi tão assinalada como poderíamos pensar.

Por várias vezes aludimos já ao «estado de conservação» como um dos elementos registados nos inventários. Nos três casos dos livros de ex-conventos masculinos os inventariadores não se serviram exactamente das mesmas fórmulas, preferindo matizar a indicação relativa a essa informação. Assim, enquanto o inventariador de Santo António de Caminha se limita a *meio uso ...*, *sofrível ...*, *bom uso ...* e *arruinado ...*, ainda que alguma vez precise com um *mais de meio uso ...* e *totalmente arruinado ...*, no inventário de Santa Cruz de Viana vêm apontados como *velho ...*, *bom ...*, *meio uso ...*, *usado ...*, *arruinado ...* e, tal como no caso anterior, algum livro vem dito *muito usado ...*, *muito bom ...*, *muito velho ...*. Em Ponte de Lima preferiram descrever o seu estado de conservação com *bom ...*, *mau ...*, *sofrível ...*. De qualquer modo, com mais ou menos precisão, os inventariadores parecem ter procurado, também a este respeito, serem precisos, como parece ser legítimo pensar diante desses matizes introduzidos. Se as duas bibliotecas que conhecemos de conventos femininos não registam o estado de conservação, mas, sim, uma delas – a das Concepcionistas de Braga –, o valor económico atribuído a cada livro, circunstância que não permite comparações, pode, contudo, insinuar-se que, globalmente, as livrarias desses franciscanos e dominicanos do Minho se encontravam longe de um razoável estado de conservação. Caminha registam-se 192 obras em estado de *meio uso* ou *sofrível ...*, 143 em *bom uso* e 176 *arruinadas ...*; em Viana do Castelo, com *meio uso*, registam-se 710 ..., com *usado* ou *muito usado* 230 ..., com *velho* ou *muito velho*, 266 e apenas 1 *arruinada ...*; em Ponte de Lima, verificam-se 1200 em *Bom* estado e 61 em *Mau*, o que faz dela a mais bem conservada das bibliotecas que estudamos, qualificação esta que, evidentemente, sempre suspeitaremos de pouco matizada, mas não inválida. Se em lugar de ponderar globalmente estes números, os ponderássemos por séculos encontraríamos alguns resultados um tanto surpreendentes. Tomemos como exemplo o caso de Caminha que nos interessa aqui particularmente: do século XVI encontramos 10 em *meio uso ...*, 1 em *bom uso* e 36 *arruinados*; do século XVII, 93 em *meio uso*, 16 em *bom uso* e 94 *arruinados ...*. E do século XVIII, 89 em *meio uso ...*, 125 em *bom uso* e 45 *arruinados ...*. A literatura parenética, e talvez não só por ser o género mais representado, mas também, de acordo com algumas sugestões já feitas, o mais manuseado, é também a que mais desgaste parece ter sofrido: 129 títulos em *meio uso* ou *sofrível ...*, 101 em *bom uso* e 66 *arruinados ...*. Claro que todas estas conclusões que insinuamos dependem de umas classificações que, no que diz respeito aos seus valores relativos, não podemos hoje controlar, isto

é, nunca saberemos verdadeiramente se o que entendia o inventariador de Caminha por *arruinado* ou por *meio uso* corresponderá exactamente ao que os de Viana ou de Ponte de Lima classificavam de *mau* ou de *velho*, de *muito velho*, de *arruinado* e de *usado* e de *meio uso* ... A confirmar estes relativismos estão as inúmeras vezes em que encontramos um *bom uso* aplicado a um livro sem princípio nem fim ... Só aceitando que conceitos iguais ou aproximados traduzem realidades iguais ou aproximadas – sobretudo estas – podemos admitir o que dissemos sobre o estado de conservação geral dos livros que o Estado recebeu em 1834 ... De qualquer modo, essas classificações poderão – deverão – ter servido para para uma primeira avaliação do seu valor e destino ... Não afirmaríamos, sem mais provas, que, em todos os casos, fossem índices de mais ou menos leitura, como, um tanto apressadamente, se poderia – e gostaria – de concluir ...

Ao nível dos números e dos conteúdos as duas bibliotecas femininas de que viremos a publicar os respectivos «catálogos» divergem largamente destes exemplos que acabamos de apresentar. E divergem não só quanto à «ordem e modelo» em que estão estruturados, mas também quanto aos conteúdos. Com efeito, se, como dissemos, o inventário de Nossa Senhora da Penha de França (Braga), levado a cabo entre fins de 1874 e os começos de Março de 1875, regista os livros sem mais classificação que em impressos, manuscritos, livros de orações (missais e breviários), apenas aponto junto da «ficha» de cada qual o valor atribuído pelos louvados, os livreiros Eugénio Chadron e Germano Joaquim Barreto, o de Santa Clara de Caminha apresenta-se como uma simples lista de títulos a identificar ... Naturalmente, esta lista de 61 títulos pouco tem a ver com as 253 obras impressas e as 35 manuscritas e os 46 livros de orações das concepcionistas de Braga ... Neste momento apenas interessa indicar que a larguíssima maioria dos títulos das duas bibliotecas diz respeito a literatura de espiritualidade. Na livraria das freiras de Braga avultam, ao lado de uma extrema pobreza de literatura parenética, as muitas novenas – sabemos quantas novenas faziam as freiras antes das festas principais⁶² –, as catorze edições das *Visitas ao Santíssimo* em impressões de Lisboa entre 1742 e 1817, e as cinco do *Retiro espiritual para um dia de cada mês* ... Ainda que já tivessésemos chamado a atenção para o mesmo facto em outras

62 Fr. Jerónimo de Belém, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves*, alude muitas vezes a essa prática devota (Conf., por exemplo, II, 9, 11, p. 446).

circunstâncias e época⁶³, estranharemos também aqui a pobreza da presença de Fr. Luis de Granada, pois apenas possuíam as edições de Lisboa de 1633 e 1713⁶⁴... No entanto, acrescentemos, sem qualquer ordem ou valorização, L. Blosio..., Santa Teresa..., Fr. António das Chagas..., Fr. António Arbiol..., Fr. Juan de Jesus Maria..., a Madre Ágreda..., Félix Alamín..., os oratorianos B. do Quental e M. Bernardes..., e os jesuítas E. Nieremberg e P. Segneri, tão massivamente presentes, estes últimos, como já aludimos, também nas bibliotecas dos frades de Caminha, de Ponte de Lima e de Viana... Será possível ver nessa presença de Nieremberg e Segneri uma espécie de denominador comum que poderia indiciar o acolhimento de uma espiritualidade centrada na «conformidade» com a vontade de Deus alheia a estilos molinistas? De todos os modos, sublinhemos desde já, pela raridade da sua presença nessas bibliotecas masculinas, alguma edição de S. Francisco de Sales..., da *Vida de Santa Juana Maria de Chantal* (Madrid, 1738)..., e aquela *Vida e Morte de Bento José Labre* (Lisboa, 1785) de J. B. Alegiani a que já aludimos... Esta simples e rapidíssima evocação dos recheios das bibliotecas das clarissas de Caminha e concepcionistas de Braga talvez possa, desde já, ajudar a corrigir, por contraste, uma certa ideia do que pensaríamos ser uma biblioteca de frades... Por simples e, por isso, talvez não justa. As bibliotecas dos mendicantes dos tempos modernos, parecem ter sido, predominantemente, não bibliotecas de «contemplativos», mas de «activos»..., injustiça – relativa, evidentemente – que não quer dizer que só as freiras se dessem à contemplação... Assim postos os termos da questão, talvez não sejam tão exageradas como poderiam parecer à primeira vista as palavras com que, em 27.IV.1778, Fr. António de Jesus Maria José Costa, provincial da província franciscana dos Algarves, se referia, a propósito de um seu projecto de livraria em Xabregas, aos «religiosos de meia idade para cima» como a gente que «o ranço tem estragado de tal sorte o paladar que tudo que não são Mastrios, Alcantarenses,

63 J. A. F. Carvalho, «*Vida e Mercês que Deos fez ao Veneravel D. Leão de Noronha: do Santo de Corte ao Santo de Família*», *Via Spiritus*, 3 (1996) 81-161 em que estranhamos a escassa, se não mesmo nula, ressonância da figura e obra de Fr. Luis de Granada junto deste «venerável varão» da corte de D. João III e D. Sebastião, figura, aliás, muito próxima dos dominicanos de S. Domingos de Lisboa, bem como a não referência do seu biógrafo, Jerónimo de Melo, fidalgo bem conhecido no Reino pela sua nobreza e grande virtude, no dizer de Jorge Cargoso no seu *Agiolégio Lusitano*.

64 Anote-se, porém, para o que puder servir, que, em contraste, a livraria da Arrábida possuía vários títulos do Padre Granada em edições que vão de 1578 a 1713...

Corellas, Villalobos, Larragas, *Carlos Magno*, *Alivio dos Tristes*, etc., lhes não fazem sensação alguma»⁶⁵... Com alguma correção de matiz, os inventários franciscanos e dominicanos que estudamos poderão, a começar pelo que hoje se publica, confirmar as palavras desse prelado nos fins do século XVIII... e, deste modo, ajudar a valorizar as reiteraões dos seus conteúdos, insistências que serão sempre, estamos em crer, mais significativas que alguns volumes isolados de autores que, por 'mais modernos' que sejam, não sabemos verdadeiramente como valorizar no contexto global da livraria... E ler nem sempre foi – nem é – sinal de seguir ou, sequer, de compreender.

De todos os modos, cremos, nenhuma destas limitações infirma o valor documental dos «catálogos» que agora começamos a editar. E, algum dia, o seu conjunto poderá fornecer elementos preciosos para determinar – com títulos e contas – o que era a *bibliotheca* das ordens religiosas em Portugal à raiz da sua extinção. E desde o nosso ponto de vista, o dos livros, estamos em crer que estes poderão contribuir eficazmente não só à compreensão da história das suas orientações espirituais, mas também à história da definição da sua identidade..., isto porque todos sabemos que ser franciscano ou dominicano em 1834 não era o mesmo que no tempo de S. Francisco ou de S. Domingos... E não foram estes naturais desvios a uma identidade – ou, talvez melhor, a incompreensão da quase inevitabilidade deles – que permitiram fundamentar alguns dos argumentos com que se justificou a sua extinção? Curiosamente, a frequente ausência dos escritos dos fundadores, das suas biografias e até das crónicas – especialmente das mais antigas – das suas ordens nestas livrarias bem poderia ter dado aso a mais do que uma pergunta indiscreta⁶⁶...

65 F. F. Lopes, *Lembranças Avulsas...*, cit., p. 21.

66 Se nos ativermos ao *Catálogo da Livraria da Arrábida e do Acervo que lhe estava junto...*, podemos verificar que também nessa biblioteca era escasso o relevo dado aos escritos do «Poverello» seu fundador, bem como às crónicas da Ordem, pois destas só possuía obras tardias e, muitas vezes, incompletas. No entanto, se Santo António de Ponte de Lima, com uma edição do *Liber Conformitatum Vitae Beati Francisci ad Vitam Jesu Christi* (Milão, 1510) de Fr. Bartolomeu de Pisa e com a edição (tardia é certo e filologicamente muito incorreta, mas, mesmo assim, uma edição) dos escritos de S. Francisco (*Opuscula*, Paris, 1641) parece fazer, desde este ponto de vista, figura de relevo, haverá que reconhecer que Santo António de Caminha possuía, além de outras, a primeira *Crónica* geral dos Frades Menores devida a Fr. Marcos de Lisboa.

IV. Que fazer com um inventário da livraria de um mosteiro feminino dos fins do século XIX? Meditações à volta de títulos e preços

Com laivos de lapaliçada, a resposta à pergunta formulada no título, como para qualquer documento de arquivo ou literário – mas todo o documento é, quase por definição, literário, o que esquecemos tantas vezes ... – é: lê-lo.

O que vamos expor são, consequentemente, algumas breves considerações de uma – e pessoal – leitura do doc. 3 do Fundo Monástico-Conventual do Arquivo Distrital de Braga (A.D.B.), em que se conserva, em cópia, datada e autenticada, o inventário da livraria do extinto (1874) convento de Nossa Senhora da Conceição da Penha de França¹. Um catálogo feito na sequência da exclausuração. Como todos os outros, uma excelente mina de informações, mas também uma «floresta de enganos» ...

Não interessa aqui resumir, repetindo coisas já bem sabidas, o processo de extinção das ordens religiosas pelo poder liberal oficialmente instaurado em 1834² e, consequência das urgências do novo regime, as indefinições legislativas sobre o sentido dos «bens» a recolher – «livrarias» eram «bens»? –,

1 A descrição da documentação conservada no referido A.D.B. pode ver-se em A. de S. Araújo & A. M. da Silva, *Inventário do fundo monástico conventual*, Braga: Edições do Arquivo Distrital / Universidade do Minho, 1985, pp. 199-201.

2 cremos será bastante lembrar aqui a síntese de Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*. Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Porto – Lisboa: Livraria Civilização, III, 1970, pp. 145-147, e as preparadíssimas páginas de P. J. S. Barata, *Os livros*

e as peripécias aureoladas de «contornos quase lendários» ocasionadas pela arrecadação dos livros, documentação arquivística e pinturas dos conventos extintos³ ... Contudo, porque é matéria que diz directamente respeito à nossa questão, recordaremos que os mosteiros e equiparáveis recolhimentos femininos não foram contemplados no descreto de 28.5.1834 – publicado, porém, só a 30 –, ainda que, abrangidos pelo decreto de 8.8.1833, se vissem privados do direito de poder receber noviças ..., isto é, de se renovarem e se perpetuarem, o que já estava contemplado desde 1821 ... Apenas em 1862 – quase trinta anos de indefinições e, em muitos casos, de revoltante e revoltada miséria⁴ – se veio a esclarecer a sua situação quanto a pessoas e bens, regulando-se então a sua extinção, o que aconteceria com a morte da última freira de cada casa⁵ ...

O convento – melhor seria dizê-lo mosteiro – ficou extinto, como tinha sido, finalmente, regulado pela morte da última freira, D. Luísa Maria da Natividade, em 21.12.1874. Por azares da Fortuna, tinha sido ela quem, então abadessa, estivera presente, em 2.11.1858, na sessão do inventário do edifício e bens móveis do mosteiro, em que compareceram o arcebispo primaz, D. Manuel Joaquim de Azevedo e Moura, o vigário geral do arcebispado, desembargador Manuel António Alves Pereira, e Manuel Alves Vivas, funcionário da Fazenda Nacional⁶. Agora, concluído o inventário dos livros e manuscritos que começara em 31.12.1874, de acordo com a acta final que encerra o documento, em 3.3.1875, em sessão em que concorreram, «na caza da livraria» do convento, as competentes autoridades civis e eclesiásticas do concelho – bacharel

e o liberalismo. *Da livraria conventual à biblioteca pública. Uma alteração de paradigma*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003, pp. 23-28.

3 P. J. S. Barata, *Os livros e o liberalismo*, cit., pp. 95-159.

4 Alexandre Herculano, depois da sua chamada de atenção a favor da «classe desgraçada» que eram os egressos em 1842, grita – cremos que é o melhor termo –, em 1853, junto de A. Serpa Pimentel, então director da *Revista Universal*, expondo as miseráveis condições em que viviam as *Freiras do Lorrão* e pedindo-lhe que nas páginas da sua revista «peça esmola» para umas mulheres – «18 ou 20 infelizes» – que «chegaram a querer tumultuariamente romper a clausura» para «ir pedir pão pelas cercanias». (As duas petições de A. Herculano foram depois publicadas em *Opúsculos – I – Questões publicas*, Lisboa: Casa da Viuva Bertrand e C^a, 1873, pp. 135-154 e 193-206, respectivamente).

5 A. Caldeira, *Mulheres enclausuradas. As ordens religiosas femininas em Portugal nos séculos XVI a XVIII*, Alfragide: Casa das Letras, 2021, pp. 391-392, uma breve mas muito precisa síntese da questão.

6 Seguimos a parca documentação conservada na Torre do Tombo – PT/TT/MF – DGFP/E/002/00015.

João de Paiva Faria Leite Brandão, administardor do concelho, Manuel da Conceição da Costa e Silva, vigário geral do arcebispado, Henrique Francisco Pizarro, delegado do Tesouro, António Roberto Cândido Moreira, «aspirante da segunda classe da repartição da Fazenda deste Districto», e os louvados⁷, Eugénio Chardron e Germano Joaquim Barreto, livreiros, que, para tal, tinham sido «previamente nomeados e ajuramentados» – foram dadas por findas a inventariação e avaliação da biblioteca. Haverá de notar-se que na avaliação das «trezentas e trinta e quatro verbas» registadas, «gastaram-se 3 dias», segundo uma apostilha na derradeira folha da acta de encerramento, e o valor total a elas atribuído foi de 54.785 reis... A ficha descritiva de cada verba – livro ou folheto, impresso ou mansucrito –, constando dos elementos, geralmente, comuns a catálogos deste tipo⁸, obedecendo, talvez, a modelo fornecido desde há muito pelas autoridades encarregadas da recolha e tratamento dos espólios bibliográficos dos extintos conventos masculinos⁹ – número de ordem, título, autor, edição (lugar e ano, e, algumas vezes, editor), língua, número de volumes da obra e exemplares dela existentes na livraria inventariada¹⁰ –, vem acompanhada do respectivo valor. Este, naturalmente, da responsabilidade dos ditos louvados, que eram dois conhecidos livreiros de Braga: um, Eugénio Chardron, irmão do bem conhecido editor e livreiro do Porto Ernesto Chardron – fundador da «Livraria Internacional», casa editora de Camilo e Eça –, fundador, por seu turno, em 1871, da «Livraria Internacional» de Braga, e outro, Germano Joaquim Barreto, relacionado com a *Gazeta Literária do Porto*, revista de efémera vida dirigida onde, a partir de 1868, Camilo foi publicando *Mosaico e silva*. Nada sabemos, porém, da organização do inventário. E se não nos parece que reproduza, a ordem que tinham os livros na «caza da livraria» conventual – se é que verdadeiramente tinham alguma... –, também não vemos como pudesse ter seguido, aproximadamente sequer, a ordenação que, para os inventários dos conventos

7 P. J. S. Barata, *Os livros e o liberalismo*, cit., pp. 132 chama a atenção para esta figura e algumas razões para a sua existência no processo da avaliação das livrarias conventuais.

8 P. J. S. Barata, *Os livros e o liberalismo*, cit., p. 130.

9 Algumas notas sobre o modelo podem ver-se na «introdução a *Da memória dos livros às bibliotecas da memória* – I – *Inventário da livraria de Santo António de Caminha*, Porto: C.I.U.H.E., 1998, pp. XVII-XVIII, publicado com o título «Breves notas a propósito de algumas livrarias da Exclaustração».

10 No inventário de que aqui nos ocupamos não consta qualquer referência ao estado de conservação do livro; apenas se fornece a indicação, indirecta, de a obra estar completa ou incompleta.

masculinos, tinha circulado desde, pelo menos, 1845, e que, apesar de transmitida pelo Governo Civil do districto – é o caso de Santo António de Caminha –, não cremos que possa dizer-se ter sido, mesmo então, levada à risca¹¹. Como quer que seja, a um mero folhear deste inventário da biblioteca das concepcionistas da Penha de França é visível que, independentemente da divisão explícita entre impressos, «Manuscritos» e «Livros de orações e rezas»¹², – nem sempre muito rigorosa, é certo¹³ – há, no catálogo, páginas que apresentam sequências de livros que se diriam ter resultado de alguma arrumação prévia para facilitar não tanto a descrição das obras como a sua avaliação comparativa¹⁴.

Como se trata da livraria de uma pequena e praticamente desconhecida casa religiosa, talvez se justifique enquadrá-la nos poucos dados de que hoje podemos dispor sobre o convento que a albergou.

Como tanto outros, começou por ser um beatério, fundado, em 1652, por uns devotos bracarenses – Pedro Vieira e sua mulher Maria Vieira – para 7 mulheres, donzelas ou viúvas, regido pela Regra da Terceira Ordem de S. Francisco¹⁵, que estatutariamente «usariam o hábito como as de Santo António»¹⁶, disposição que deveria remeter para o recolhimento de Santo António do Campo da Vinha fundado, para 6 «mulheres honestas» em

11 *Da memória dos livros às bibliotecas da memória»* – I – *Inventário da livraria de Santo António de Caminha*, cit., p. XVIII.

12 No inventário não se intitula a sua primeira parte de «Impressos», designação nossa para a caracterizar por oposição á outras duas.

13 *Da memória dos livros às bibliotecas da memória»* – I – *Inventário da livraria de Santo António de Caminha*, cit., p. XVIII.

14 P. J. S. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer», *Lusitania Sacra*, 24 (211) 125-152 (148), no utilíssimo «Quadro das livrarias e dos cartórios dos mosteiros e conventos femininos recolhidos pela Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos (1887-1908)», pp. 145, 147 (conf. p. 131), regista: 1889 – 4 livros e 4 códices; 1891: 61 livros. Na cópia do inventário de 1891 desse mosteiro existente no ADB, ms. F 580, doc. 300, aparecem apenas 30 livros que correspondem a 61 volumes (só diurnais havia 15).

15 B. J. S. Freitas, *Memorias de Braga*, Braga: Imprensa Católica, 1890, II, pp. 210-211; J. A. Ferreira, *Fastos episcopais da Igreja Primacial de Braga*, Braga: Edição da Mitra Bracarense, 1932, III, pp. 251-254 ainda são as duas principais fontes para a história das religiosas da Penha de França. P. V. B. Tavares, *Beatas, inquisidores e teólogos. Reacção portuguesa a Miguel de Molinos*, Porto: CIUHE. 2005, fornece, em boa síntese, os começos da comunidade concepcionista da Penha de França.

16 B. J. de S. Freitas, *Memorias de Braga*, cit., II, p. 189.

1588¹⁷. Por razões que nos escapam, mas que talvez se prendam com a disposições testamentárias em que, a fundadora, já viúva, dotava o recolhimento de certos bens «no caso de se converter em convento regular da ordem de Nossa Senhora da Conceição, conforme o convento da Luz [Lisboa]¹⁸, e o convento de Chaves»¹⁹, em 1719-1720, o arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, talvez ponderando a possibilidade aberta por Maria Vieira, prévia extinção canónica do recolhimento, converte-o em «regular», erguendo em seu lugar o convento de Nossa Senhora da Penha de França. Dá-lhe a regra da ordem de Nossa Senhora da Conceição, mas de obediência imediata ao ordinário. Toda esta acção episcopal, veio a ser confirmada por bula pontifícia de 1725, publicada em 1727²⁰, ano em que, de diferentes conventos de Braga, chegam, a 4 de Julho, as primeiras habitantes, que, segundo os estatutos, nunca serão mais de 33.

As concepcionistas, com regra própria desde 1511 pela *Ad statum prosperum* de Júlio II, estavam canonicamente sujeitas ao governo da ordem franciscana²¹ – e chegaram a seguir a regra de Santa Clara –, mas tinham tido, na

17 A. S. Araújo & A. M. da Silva, *Inventário do fundo monástico conventual*, cit., p. 220.

18 Depois de algumas dificuldades na identificação deste convento, cremos deve ser o que as concepcionistas ocuparam desde 1706 e, destruída a casa em 1755, passaram, em 1766, para o antigo noviciado da Companhia de Jesus a Arroios, sendo desde então conhecido por Convento de Nossa Senhora da Conceição da Luz de Arroios (J. M. Garcia e M^a L. Jaquinet, «Os conventos femininos de clausura em Lisboa», *Sigila*, nº 34 (2014) 97-117).

19 J. A. Ferreira, *Fastos episcopais de Braga...*, cit., III, 169-170. Não vimos o testamento, fiando-nos em Mons. José Augusto Ferreira. Por outro lado, fomos incapazes para apurar qualquer dado sobre as origens do referido convento flaviense; A. Caldeira, *Mulheres enclausuradas*, cit., pp. 265, 382, 431, apresenta, baseado em documentos de arquivo, algum dado relativo às «fraquezas da carne» que também tinham atingido algumas freiras deste convento no século XVIII, que em 1787 habitavam 36 religiosas; por sua vez, P. J. S. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses», cit., pp. 125-152 (*maxime* 150) assinala que à data da sua extinção e da arrecadação dos seus bens (1896), do inventário dos seus livros constavam 134 impressos e 12 códices...

20 Entre uma e outra data, já havia, naturalmente, redigidas e copiadas as Constituições da casa, pois na sua livraria havia, em 1875, seis exemplares, muito valorizados (500 reais), «escriptas em 1726». É – ou, hoje por hoje, assim nos parece – um precioso documento «fundacional».

21 E. Gonzalez de Torres, *Chronica Seraphica*, VII Parte, Madrid: Imprenta de la Vida de Juan Garcia Infanzon, 1729, pp. 237; F. da Soledade, *Historia Serafica Cronologica da Ordem de S. Francisco da provincia de Portugal*, III, Lisboa: Officina de Manoel, e Joseph Lopes Ferreyra, 1705, pp. 423, resume as páginas que o cronista espanhol dedica às peripécias da vida da nova ordem pouco depois da morte da fundadora, Beatriz da Silva, que culminaram nessa solução; Conde de São Payo, *A oculta margarida. Vida admiravel e milagrosa da*

primeira hora, a regra das cistercienses que, por sua vez, era um dos ramos da grande família beneditina, cujo mosteiro das beneditinas de S. Pedro de las Dueñas (Toledo) abraçou a nova ordem da Imaculada Conceição²². Refectir-se-á toda esta já longínqua situação, sublinhada pela transformação do recolhimento de obediência franciscana em convento regular de concepcionistas na sua livraria? Para os primeiros tempos talvez nunca o venhamos a saber, pois não se conhece – nós, pelo menos, não logramos qualquer referência a tal documentação – o fundo primitivo dos livros do convento. Teriam herdado as «novas» religiosas os livros do recolhimento? Teria o arcebispo D. Rodrigo dotado a casa com algumas obras de mais urgente necessidade ou recomendáveis? De qualquer maneira, porém, a obediência franciscana ajuda a explicar que na biblioteca do convento da Penha de França encontremos uma crónica franciscana..., as regras das ordens que directa ou indirectamente pairavam sobre a espiritualidade da casa²³, e a dos Padres Marianos, também eles concepcionistas, além de livros, litúrgicos ou não, com elas relacionados... As tradições espirituais das ordens religiosas têm sempre algo de águas subterrâneas...

Um convento vivo entre 1727 e 1834 e moribundo até 1874...

Mas a biblioteca das concepcionistas da Penha de França não refeitirá apenas estas indeléveis marcas de fundação e pertença... Estamos em crer que será altamente provável que outras situações políticas e sociais tenham determinado a vida da livraria deste convento, como igualmente a sua existência – e a de muitos outros –, ao longo do século XIX... Poderemos esquecer a invasão francesa de 1809? Uma pauta limite para considerar o clima da cidade e arredores – «físico» e emocional – bem poderá ser o assassinato, em Braga,

Beata Beatriz da Silva (Trasladada do castelhano da obra original de Sôr Catarina de Santo António, composta em 1661, Lisboa, 1929), cap. XIX, pp. 111-113: «Onde se declara que foi vontade de Deus que esta ordem fosse amparada e governada pelos religiosos de Nosso Padre São Francisco». A obra de Soror Catalina de San Antonio, *La margarita escondida. Vida admirable y milagrosa de la I.ma y nobilísima señora Doña Beatriz de Silva fundadora de la insigne religión de la Inmaculada Concepción de Nuestra Señora. Compúsola en el año 1661 Sor Catalina de San Antonio y publicada por segunda vez por las RR.MM. Concepcionistas de la Casa Matriz de Toledo*, Madrid: Viuda y hija de Gómez Fuentenebro, 1903. Anote-se que a obra de Soror Catalina foi pela primeira vez publicada em 1896 (Palma: Felipe Guast).

22 E. Gonzalez de Torres, *Chronica Seraphica*, VII Parte, cit., pp. 237-238; F. da Soledade, *Historia Serafica Cronologica...*, III, cit., pp. 423-424.

23 Por simples curiosidade, assinala-se que só da *Regra de S. Bento* possuíam várias edições (5 exemplares), sendo uma delas (Madrid, 1717), em latim...

no meio do povo confundido e amotinado, do general Bernardino Freire e o saque do mosteiro de Tibães onde, abandonada da casa pelos apavorados monges às primeiras notícias da aproximação dos soldados napoleónicos – anunciavam que «vinham jantar a Tibães» –, franceses e portugueses – «o povo peor que os franceses» – pilharam quanto lhes foi possível²⁴. Até os sermões da Quarema desse ano se viram suspensos na igreja da Misericórdia e, presumimos nós, em outros templos²⁵ ... Geograficamente um tanto mais distantes, mas não menos aterrorizantes, os incêndios e saque do mosteiro das dominicanas de Amarante..., dos beneditinos de Pombeiro em que se foi toda a livreria²⁶ ... Curiosamente, segundo o testemunho de Fr. Luís dos Serafins, irmão mais velho de Fr. Francisco de S. Luís, o futuro cardeal Saraiva, da livreria de Tibães os invasores apenas terão furtado três livros de viagens²⁷. Um pouco mais tarde – ainda certamente não aquietadas emoções e temores – as diversas lutas liberais – primeiro ideologias e enfrentamentos pessoais e não só num reino sem rei – e, depois, as guerras civis (1832-1834), tempos em que – entre Novembro de 1832 e Junho de 1833 – D. Miguel teve

24 Fr. Luis dos Serafins, O.S.B., *Memorias sobre o estado actual dos mosteiros que vizitando, sendo 2ª vez Secretario da Congregação depois que sahirão os francezes, e segundo as noticias que achei e que me forão communicando os padres e diversas pessoas com quem fallei neste assunto* (Lisboa: Biblioteca Nacional, ms. Res. 1 1237), fl. 97-97v; Autor Anónimo, *Dietário do mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, 1807-1816*, Transcrição, actualização ortográfica, notas e índices de M^a I. P. Coutinho. Prefácio de L. de O. Ramos, Porto: Deriva, 2011, p. 125.

25 Em 21.6.1809, a Santa Casa da Misericórdia deliberava que «se desse ao pregador que o foi nas tardes da Quaresma a quantia de vinte e quatro mil réis, atendendo-se a que o desempenhou muito bem nas tres primeiras tardes e que assim continuaria se, para desgrça, não acontecesse a invasão dos franceses que o impossibilitaram de continuar...», M^a de F. Castro, «Devoções ligadas à Igreja da Misericórdia e Sé Primaz de Braga. Documentação exemplificativa», *Via spiritus*, 7 (2000) 163-201 (*maxime* 168).

26 Autor Anónimo, *Dietário*, cit., 132, 136-137.

27 Fr. Luís dos Serafins, *Memorias...*, BN Ms. cit., fl. 92v, 95v-96r. Fr. Luís dos Serafins conhecia bem a livreria, pois era – ou tinha sido à volta de 1785 – quem dela se ocupava, ainda que não com o aplauso de um visitante desse ano cuja apreciação, entre muitas outras livrerias monásticas de Entre Douro e Minho (muitas abandonadas e em mau estado), publicou Camilo Castelo Branco em *Mosaico e Silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, Porto: Anselmo Morais Editor, 1868, pp. 179-197: «Depois da missa [em Tibães] fui à livreria, que está arrumada pelo reverendissimo Serafins em muito má ordem, mas tem já seu index, posto que tambem muito mau. Pareceu-me que constaria de 7 a 8:000 volumes. Tem bastante direito canonico, muitos SS. PP. e um grande numero de bons authores modernos. O comprimento da livreria é de 43 pés e de largura 29. Parece-me que não tinha manuscripts de consideração nas gavetas. Os das estantes vão lembrados noutra folha...» (p. 191).

a sua corte em Braga, o que fazia dela – e seu termo – a capital do Portugal miguelista. Tal conjuntura e acontecimentos constituíram um lastro naturalmente aproveitável e aproveitado em 1846 e 1847 pela «Maria da Fonte» e a seguinte «Patuleia». Cremos que não será violento insinuar que o inventário parece dar conta deste duradouro e pesado clima «bracarense», se tivermos presente que, de acordo com os seus registos, na livraria das concepcionistas da Penha de França apenas terão entrado, até 1874, 6 livros editados no século XIX, e apenas 2 deles depois de 1834, exactamente em 1836 e 1850. Para quê aumentar uma livraria de um mosteiro sobre o qual, para além da «horrível anarquia»²⁸ dos tempos, pesava a certeza da sua extinção? Uma casa moribunda..., uma livraria muribunda...

O inventário, pulcramente escrito e bem legível, regista 334 entradas, agrupadas, como já aludimos, em três secções: a dos impressos não litúrgicos, a dos manuscritos e a dos «livros de rezas, e orações». A primeira, com 253 títulos dos quais 217 não repetidos; a segunda, com 35 manuscritos; e a terceira, com 46 títulos, sendo 29 os não repetidos²⁹.

Convirá prevenir desde já, ainda que tenhamos de voltar ao assunto, que, como sempre, havia obras em vários volumes – algumas vezes, poucas, incompletas³⁰ – e, em alguns casos, há verbas que englobam vários volumes corres-

28 Autor Anónimo, *Dietário*, cit., p. 125.

29 O conjunto da biblioteca do convento de Nossa Senhora da Penha de França aproximava-se da «normalidade» da maioria das outras bibliotecas conventuais femininas, como assinala P. J. S. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses, cit. pp. 125-152 (132, 141); em obra de indiscutíveis méritos, F. Mª G. de Campos, *Para se achar facilmente o que se busca. Bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (Século XVIII)*, Lisboa: Caleidoscópio, 2015, pp. 78-79, aborda o mesmo assunto; das cistercienses de Arouca, cuja biblioteca escapou, certamente por milagre de Santa Mafalda..., ao controlo de inventário por morte da última monja (1886), conhecem-se 337 obras, notavelmente catalogada e estudada por Mª de L. C. Fernandes, *Cultura escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina (Séculos XV-XIX). A «livraria» do mosteiro de Santa Maria de Arouca, O, Cister*, V. N. de Famalicão: Húmus, 2023. É possível que fosse também essa a «normalidade» da maioria das bibliotecas das freiras em Espanha a estarmos pelos 311 volumes, impressos entre 1601 e 1820, que formavam a livraria «antiga» do mosteiro das dominicanas de Nª Srª dos Anjos e Santa Clara de Manresa, como regista, em notável investigação, A. Rosillo Luque, «La Biblioteca antigua del monasterio de Ntra. Sra. Dels Angels i Santa Clara de Manresa (siglos XVII-XIX): Notas para su estudio a partir del inventario» in N. Baranda Leturio – Mª C. Marin Pina (Eds.), *Letras en la celda. Cultura escrita de los conventos femininos en la España moderna, Iberoamericana* – Vervuert, 2014, pp. 237-252.

30 Neste tipo de catálogos, as «obras incompletas» são-no por referência a 1874/1875, pois nada nos garante que, ao longo dos anos, por mil meios (perdas..., empréstimos...,

pondo a obras distintas, mas similares. O exemplo limite deste último caso é o da entrada nº 318 – *Officios de varios sanctos* – a que correspondiam 22 volumes, santos que para nós hoje são insignes anónimos... Como outros pelo reino fora, os avaliadores bracarenses assim procederam também na verba nº 252 – *Folhetos varios* – registando deste modo 364 folhetos... *Varios* igual a 364, até poderia parecer querer dizer – com algum humor, claro! – que já não havia paciência para descrever e avaliar unidade a unidade... E avaliaram-nos globalmente: 600 réis..., menos de 2 réis por folheto... Nestes casos procederam de modo contrário ao seguido para as novenas – 13 novenas... É pouco? Será, mas representava 5% da livraria..., e só da *Novena de Nossa Senhora da Porciúncula* tinham 34 exemplares... Diligentemente descreveram os 12 volumes de *Officios da Semana Sancta*, ou ainda os 11 das difundidíssimas *Visitas ao Santissimo*³¹... Podemos compreendê-los: estes casos eram infinitamente menos numerosos que os dos folhetos... A avaliação demorou três dias...

Somando os volumes registados das duas secções de impressos podemos obter, se não erramos a conta, 297 volumes...

Uma livraria modesta como a grande parte da centena e meia das suas congéneres então recolhidas no atribulado Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos³², ainda que fizesse boa figura se comparada com a grande maioria das bibliotecas das casas conventuais femininas³³... Sem sair dos limites (antigos) da arquidiocese de Braga, pensemos, por exemplo, que as clarissas de Caminha, casa extinta em 1889, mas com inventário datado de 1891, apenas possuíam, de acordo com o seu escoreito «catálogo» – autor, título abreviado e número de exemplares – 30 obras (61 volumes), compartilhando naturalmente meia dúzia de títulos com as concepcionistas da Penha de França... Estas, como todas as outras, eram, primordialmente, bibliotecas de espiritualidade³⁴ focadas na leitura espiritual como etapa da oração que era a vocação

deslocação de volumes para as celas para leitura pessoal...) não tenham vindo a ficar «incompletas».

31 P. J. S. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos», cit. pp. 125-152 (144-152).

32 P. J. S. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos», cit. pp. 125-152 (126-130).

33 Como assinalaremos desde outra perspectiva, é possível estabelecer algumas comparações por meio do precioso «mapa» que P. J. S. Barata oferece em apêndice de «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos», cit. pp. 125-152 (126-130).

34 Não seria propriamente um sinal dos tempos – esperariam outra coisa? –, mas é interessante notar que, como ponderaremos mais adiante, além do pequeno ou nulo valor

fundamental da vida contemplativa em clausura que professavam. Claro que os registados 46 «livros de rezas, e orações» diziam respeito às funções litúrgicas diárias ou extraordinárias das freiras, mas, convém não esquecer, que a liturgia é o fundamento da espiritualidade monástica³⁵.

O que nos chegou, para o dizer breve e impressivamente, é, em números redondos, um século de livros..., o pouco mais de século que vai de 1727 a 1834... Independentemente deste ano fatal, desde os começos do século XIX, como já aludimos, até 1874, a livraria da Penha de França, a julgar pelas datas da edições – um simples e frágil índice, pois se sabemos quando não podia ter entrado na biblioteca a maioria das obras, nunca saberemos quando verdadeiramente deram lá entrada – parece ter recebido muito poucos livros. Apenas há edições de 1802..., 1817..., 1818..., 1826..., 1836..., 1850... E, talvez, possa ter algum significado complementar registar que as duas primeiras obras (4 exemplares) são *Visitas ao Santíssimo*, a terceira, umas bem valorizadas (600 réis) *Memórias para a história da vida do arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão*, admirado prelado de quem, aliás, as concepcionistas possuíam, em manuscrito, um *Discurso sobre a vida religiosa* (nº 286)..., a quarta, um calendário litúrgico..., a quinta, uma novena, traduzida do francês, em honra de N^a S^a da Conceição, e a sexta, um *Resumo da vida de Santo Afonso Maria de Ligório*... Compras ou ofertas avulsas?...

Mas, para além dessa possível, ou, mais provavelmente, decadência – e a ter acontecido, como sugerimos, foi abrupta e tanto pelas consequências da decisão política de 1834 como pelo complicado contexto social que deixámos evocado –, vale a pena perguntar: haveria mesmo uma «caza da livraria»

financeiro atribuído a esse tipo de literatura, a grande maioria das autoridades distritais responsáveis pela recolha e guarda dos espólios literários post-1834, informava que nelas eram «mui escassas as riquezas literarias, e scientificas...», nessas «insignificantes livrarias» não havia «preciosidades literarias, artisticas, ou scientificas...» P. J. S. Barata, *Os livros e o liberalismo*, cit., pp. 110-116.

- 35 C. Vagaggini, O.S.B., *El sentido teológico de la liturgia*, Madrid: BAC, 1965 (2ª ed.), pp. 606-695 (especialmente.); e pp. 696-753 em que pondera a «espiritualidad litúrgica» de Santa Gertrudes de Helfta; não sabemos como as concepcionistas da Penha de França leram a obra da santa de Helfta de que possuíam um exemplar, mas sabemos que o Beato Pedro Fabro, um jesuíta da primeira hora, no seu «livro» descobria, em Ratisbona, em 1541, «bien des manières de faire l'oraison, et il m'aïda beaucoup» (Pierre Favre, *Mémorial*, Paris: Desclée de Brouwer, 1960, pp. 127-127). A esta dimensão litúrgica da referida obra do jesuíta saboiano dedicámos algumas páginas em *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o estudo da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*, Porto: Centro de Literatura da Universidade do Porto, 1981, pp. 135-150.

onde, como nos garante a respectiva acta, teve lugar a reunião de clausura do inventário e avaliação dos livros? E desde sempre? Estariam lá reunidos todos os 334 títulos inventariados que em alguns casos – folhetos..., novenas..., constituições – se contavam às dezenas? Como estariam dispostos os livros? A separação que apresenta o inventário em impressos, manuscritos e «livros de rezas, e orações» reflecte a realidade? A aparentemente boa conservação dos livros – não se assinalam, como em muitos inventários dos conventos de frades e monges, livros em «mau estado»..., ou «arruinados»³⁶..., o que não quer dizer que, como assinalaremos, não os houvesse – parece indicar uma atenção cuidadosa das religiosas da Penha de França à sua biblioteca³⁷... É provável que nessa «caza da livreria» muitos deles – a maioria dos não litúrgicos, talvez – se conservassem em armários ou em estantes, e a ser assim, dado o que vimos sugerindo sobre a decadência da biblioteca no século XIX, como explicar que quem não recebia livros, se ocupasse com estantes ou armários³⁸?... Mas... Poderemos sempre pensar que datariam esses móveis – um luxo – já do século XVII ou XVIII..., mas não esqueçamos que tais suportes eram, ainda na segunda metade de Seiscentos, verdadeiro luxo que um marquês de Niza, um desvelado bibliófilo, senhor de uma das mais preciosas livrerias desses tempos em Portugal, tardou, dado o estado das suas finanças, em possuir como confiava a D. Vicente Nogueira³⁹, ... e a biblioteca real, segundo o seu testemunho, também, então, não os possuía⁴⁰... E as «estantes de grande custo» da «formosa casa da livreria» do convento dos agostinhos de Nossa Senhora da Graça

36 P. J. S. Barata, *Os livros e o liberalismo*, pp. 117, 118.

37 P. J. S. Barata, *Os livros e o liberalismo*, pp. 69-70.

38 As obras litúrgicas – missais..., breviários..., ofícios litúrgicos e outros «livros de rezas» – poderiam (deveriam?) encontrar-se em lugares mais apropriados e facilitadores do seu uso, como a sacristia da igreja e o coro do mosteiro; num muito bem documentado e pertinente trabalho, I. Morujão, «Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XIX (2002) 111-170, maxime pp. 140-141, 136, aborda estas mesmas questões, defendendo que a livreria, exceptuados os litúrgicos e afins, seriam «núcleos de livros dispersos por zonas específicas do convento e alguns deles por áreas de formação determinada, como os livros do noviciado, por exemplo», uns e outros, se mal não lemos, em armário ou arca... É uma óptima hipótese – bem tradicional, aliás – que, contudo, não podemos adoptar integralmente, uma vez que estamos presos à «caza da livreria» que, em qualquer forma que fosse, existia em 1875...

39 A correspondência entre o marquês de Niza e D. Vicente Nogueira está publicada por J. C. Serafim que a fez preceder de uma importante introdução em *Um diálogo epistolar: D. Vicente Nogueira*, cit. pp. 275, 311.

40 J. C. Serafim, *Um diálogo epistolar...*, cit., p. 415.

(Lisboa) destruídas em 1755 e recordadas pelo P. João Bautista de Castro em 1762-1763, parecem-nos, tal como os números dos livros dessa casa por alturas do terramoto e em 1769, engrandecidas e aformoseadas pela nostalgia⁴¹ ... O manuscrito sobre as *Funções religiosas do convento de N^a S^a da Penha de França*, conservado na biblioteca da casa, poderia, talvez, ajudar a percebê-lo, se, porventura houvesse uma religiosa livreira ... Infelizmente não o localizámos ... As *Constituições* da ordem, de que, naturalmente, possuíam vários e bem valorizados manuscritos e 33 exemplares da sua única e tardia edição em 1789 – tantos quantos o número máximo de religiosas que o convento poderia receber, ou em 1875 tal quantidade era simplesmente um resto de *stok*? –, apenas aludem, e ainda assim vagamente, ao ofício de leitora⁴² ...

Nem lembrar seria preciso que esta «livraria final» – dizemo-lo assim, pois, como já insinuámos, não conhecemos qualquer inventário anterior dos livros da casa de N^a S^a da Conceição da Penha de França, como, por exemplo, os que a Real Mesa Censória recebia ou pedia⁴³ –, mais que um conjunto de livros que se foi formando ao longo de um pouco mais que um século, era, como já aludimos, um instrumento ao serviço da oração, cujo uso se justificava e regulava nas próprias constituições da ordem. Nelas se determinam os tempos e lugares – cela ..., refeitório ..., casa de labor⁴⁴ ... – em que deviam os livros ser primordialmente utilizados, isto é, em que as religiosas deviam ler ou ouvir ler ... E assim, aí se prevê o ofício leitora, sem grandes especificações, pois, apenas concreta e fugazmente se esclarece que a ela cabia ler, «em romance», durante um quarto de hora, o ponto de meditação para o dia seguinte na casa de labor⁴⁵. Trabalho de mãos e «leitura espiritual» ou

41 F. G. de Campos, *Para se achar facilmente o que se busca*, cit., pp. 60-62.

42 *Constituições que devem observar as religiosas do Convento de Nossa Senhora da Penha de França, da cidade de Braga, instituído, e reformado pelo Excelelentíssimo e Reverendíssimo Arcebispo de Braga Dom Rodrigo de Moura Telles no ano de 1725 por concessão do Papa Benedicto XIII, mandadas imprimir pela abadessa Margarida de Jesus Maria José*, Lisboa: Officina de Filipe da Silva e Azevedo, 1789, p. 23, onde se refere que compete à «leitora» «ler» «em romance» o ponto de meditação para o dia seguinte, acto que dura «um quarto de hora» (Citaremos sempre abreviadamente esta obra por *Constituições* ...).

43 M^a A. S. Marques, *A Real Mesa Censória e a cultura nacional. Aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII*, Coimbra: Coimbra Editora, 1963, pp. 57-61; M^a T. E. Payan Martins, *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005, pp. 743-750.

44 *Constituições* ..., cit., pp. 23-24.

45 *Constituições* ..., cit., pp. 23, 35.

«lição espiritual» – ambos os sintagmas são equivalentemente utilizados nas *Constituições* na tradição da *lectio divina* monástica⁴⁶ – parecem ser naturalmente os grandes eixos da vida quotidiana conventual. Nada, porém, se nos diz sobre quem escolhia as leituras – a abadessa? ... a mestra de noviças? ... a leitora? ... – nem, no caso da leitura individual «nos domingos e dias santos», dias em que, «no cabo das vésperas», as freiras se recolhiam «às suas celas para nellas fazerem a lição espiritual»⁴⁷, se dá qualquer indicação sobre o acesso aos livros que para isso dispunham e, nem sobre o modo ou modos..., ritmos... de como haviam de ler... Dentro deste âmbito, apenas podemos saber que o tempo de leitura, entendamos, ouvir ler, na casa de labor era do arbítrio da prelada⁴⁸. Faltam-nos documentos para todas estas questões⁴⁹...

46 Baste aqui recordar, já que é o fundamento de toda a tradição de que reclama a vida contemplativa, sobretudo a vivida em clausura, a Regra de S. Bento, cap. XLVIII: «*Et ideo certis temporibus occupari debent fratres in labore manuum, certis iterum horis in lectione divina ...*» (Dom P. Delatte, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Sablé-sur-Sarthe, Abbaye de Saint-Pierre de Solesmes, 1913 (Citamos pela edição fac-simile de Paris: Maison Mame, 1969), p. 346, a ler com o respectivo comentário pp. 346-351 (*maxime*), clássico e magnífico texto que é possível prolongar com a admirável lição de Dom J. Leclercq, *L'amour des lettres et le désir de Dieu. Initiation aux auteurs monastiques du Moyen Âge*, Paris: Éditions du Cerf, 2008 (5ª ed.), pp. 19-23, 176-177, *et passim*; A. Castillo Gómez, «Leer en comunidad. Libro y espiritualidad en la España del Barroco», *Via spiritus*, 7 (2000), 99-132, aporta considerações muito pertinentes sobre este tema.

47 *Constituições...*, cit., p. 23.

48 *Constituições...*, cit., p. 35.

49 Para estas e muitas outras ... Aliás, nunca saberemos – ou muitíssimo dificilmente saberemos – o que, diante da oferta da livreria momentaneamente plasmada nos seus catálogos, liam as religiosas de uma casa. Ressalvemos, as esporádicas informações quer de crónicas e epistolários (por exemplo: as cartas de Santa Teresa de Jesus..., as de Fr. António das Chagas são, a este respeito uma autêntica mina...) quer as que as notas de posse/uso de podem insinuar acerca do livro em que vêm gravadas (a este tema dedicaram delicada atenção M. F. G. de Campos, *Para se achar facilmente o que se busca...*, cit., pp. 308-316; e M^a. L. C. Fernandes, *Cultura escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina...*, cit., pp. 65-71). Tanto o que liam como o «como» liam dependiam, em conventos de clausura – durante os tempos modernos, por imposição de Trento, quase todos os femininos o eram –, estava tanto condicionado pelo contexto social – religioso, também – de cada momento – pensemos, por exemplo, nas oscilações (sincrónicas e diacrónicas) proibicionistas da Inquisição. Condiçionadas estavam ainda pelas próprias tradições espirituais da ordem – lembremos, apesar de referido a um instituto masculino, o *nuestro modo de proceder*, fórmula hábil de ampla aplicação, usada na Companhia de Jesus também para afastar autores e obras que não proibia, mas de que vivamente desaconselhava a leitura (o que, ao fim e ao cabo, ia dar ao mesmo. (G. Moncini, *Maschere dell'identità. Alle*

O inventário que nos chegou, se permite sugerir, como fizemos acima, algo sobre o cuidado das religiosas para com a livraria da casa, nada, porém, nos diz sobre o verdadeiro estado de conservação dos livros, pois, e já o apontamos, ao contrário do que acontecia em muitos dos inventários das suas congêneres masculinas, é omissos quanto a essa questão... E a avaliação por dois conhecidos livreiros, interessante para o estudo do comércio do livro em segunda mão e antigo no último quartel do século XIX, também não nos ajuda, já que nunca se dá a razão do valor atribuído a cada unidade... Porque valiam, em 1874-1875, as *Obras* de Santa Teresa de Jesus (Madrid, 1778, 2 vols.) 1.000 réis e um *Contemptus mundi novamente romançado* (Sevilla, 1546), que diríamos um precioso exemplar da tradução da *Imitação de Cristo* por Juan de Ávila, mas então atribuída Fr. Luís de Granada, seu discípulo, 10 réis? E que valorizaram num exemplar do *Libro de San Juan Climaco llamado Escala Spiritual* (Acalá de Henares, 1576), igualmente traduzido pelo P. Granada, para valer 80 réis? Porque valia um *Breviario Romano* (Antuérpia, 1707, 4 vols.) 2.000 réis, tanto como uma edição das *Cartas* da mesma santa (Madrid, 1793, 4 vols.), a conhecida edição anotada por D. Juan Palafox y Mendoza? Que valorizavam ou desvalorizaram os louvados livreiros? A obra? O autor? O estado de conservação do livro? São questões a que igualmente não sabemos responder. Sempre lastimaremos que os livreiros, que, compreensivelmente, talvez não quisessem sobrecarregar o inventário com uma breve justificação

origini della Compagnia di Gesù, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2016, pp. 189-223). E condicionadas ainda – ou condicionadíssimas? – pelas leituras de confessores..., directores espirituais..., superiores... E não deixemos na sombra, em muitos casos de vocações tardias, os contextos em que essas vocações se tinham formado... Haveremos de recordar sempre oportuno exemplo de D. Violante Henriques, quem, antes de se fazer clarissa na Madre de Deus, já lia, em sua casa, o P. Eusébio Nieremberg (J. A. de Freitas Carvalho, *Lectura espiritual en la Península Ibérica, Siglos XVI-XVII*, Salamanca: SEMYR, 2007, pp. 97-98). Complicando um pouco mais, poderíamos ser tentados a dizer que essas leitoras, na sua larguíssima maioria, não tinham possibilidade de discutir nem a *intentio autoris* nem, talvez até muito menos, a *intentio operis*... Havia, como sugerimos, quem o fizesse por elas... Philippe Martin, «La congrégation de Notre-Dame face au livre»; R. Bons, «Lire et écrire chez les religieuses de l'Ouest aux XVIIe et XVIIIe siècles» in B. Dompnier et Me.-H. Froeschlé-Chopard (Edts.), *Les religieuses et leurs livres à l'époque moderne*, Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2000, pp. 235-254, 255-275, respectivamente, apresentam e maneiram muito habilmente vários tipos de documentação (correspondência..., biografias e algum diário [ms.] de religiosas..., cadernos de necrologias..., «memórias históricas»..., livros de «visitação») que pode ajudar a responder a algumas destas questões...

do valor atribuído a cada unidade avaliada, não tenham declarado na reunião de clausura, os critérios que os nortearam⁵⁰.

Por igual falta de documentação também não sabemos como se foi formando essa biblioteca. Compras? Legados? Heranças do primitivo recolhimento? Ofertas esporádicas, inclusivamente das religiosas – ou suas famílias – quando tomavam o hábito ou professavam⁵¹. Seguramente, por estes meios e mais alguns...? Sem respostas e sem datas nunca saberemos quando, por exemplo, as freiras tinham podido praticar os *Ejercicios* de Santo Inácio na adaptação do P. Tomás de Villacastín... Deles possuíam três edições anteriores a 1725/1727, data da fundação da casa: 1677, 1698 (Coimbra), 1712 (Lisboa) e apenas uma posterior, 1739 (Lisboa)... Quando as tiveram à sua disposição? Afastemos a tentação de sugestões..., mas deitemos-lhe uma pitada de mistério: quando e como terá chegado à livraria das freiras um livro de *Lectanias muy devotas para todos los dias de la semana en latin*, editado em

50 Neste movediço campo da valorização do livro antigo, valerá a pena atender que nos primeiros anos da recolha dos espólios das antigas bibliotecas conventuais masculinas, muitas das autoridades locais e distritais nela envolvidas desvalorizavam o recheio das bibliotecas que estavam à sua guarda como sendo «livros de [...] de muito pequena importancia e a maior parte obras religiosas...», «livros de disciplinas ecclesiasticas, e esses mesmos quasi sempre de autores menos acreditados em suas opiniões...», «das livrarias dos conventos suprimidos [...] apenas existem alguns volumes de livros que ás mesmas pertencião, versando todas sobre materias dogmaticas e disciplinas da Igreja...», «os livros que existem não valem a dispeza da condução e muito conviria qu'elles se mandassem vender, para embrulhos para evitar o seu total extravio...», «alguns poucos livros truncados de sermões, de sonhos, e contos de magia, e de terror [que] adornavão as suas livrarias...», «os livros constão na maxima parte de materias ecclesiasticas, e de Direito, e de sermões e outras obras, que por sua antiguidade e assumptos, pouco ou nenhum merito tem hoje no estado actual dos conhecimentos humanos...». E casos houve em que se propunha, perante o que se tinha pelo seu escasso valor literário e/ou económico, que se vendessem a peso... Considerações e outras do mesmo género que, unindo Bragança a Ponta Delgada, passando pela Guarda e por Faro, ocorrem na documentação oficial preciosamente estudada por P. J. S. Barata, *Os livros e o liberalismo*, pp. 111-120.

51 Um bom exemplo, a que já aludimos, pode ser o da fidalguíssima D. Violante Henriques que, ao professar no mosteiro da Madre de Deus, levou de sua casa *De la aficion y amor a Jesus que deben tener todos los redimidos...* (Madrid: Imprenta del Reino, 1630), notícia colhida em Fr. J. de Belém, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia*, II, Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1753, III, 14, 22, p. 230; A. Rosillo Luque, «La Biblioteca antigua del monasterio de Ntra. Sra. Dels Angels i Santa Clara de Manresa», cit. pp. 243-244, 245, colocou as mesmas questões com preciosa informação que, no caso que estuda, permitem encarar alguma solução.

México – em México! – em 1602, tão raro hoje que dele parece não conhecer-se qualquer exemplar⁵²?

Quase outro tanto se poderia dizer, por mero exemplo também, acerca das obras de Santa Teresa. Da fundadora carmelita guardavam o *Camino de perfección*, 1604 (Nápoles) ..., *Cartas*, 1678 (Madrid, exemplar incompleto), 1678, 1700 (Barcelona) ... Só muito depois da fundação do convento deverão ter podido aceder às *Obras* (completas ou quase) nas edições de 1773 (e, ainda assim, desta só tinham o 2º tomo) e 1778 (Madrid); mais uma edição, e importante, das *Cartas* de 1793; a *Vida de Santa Teresa... escrita por ella misma*, de que no inventário não consta nem o lugar nem a data da edição, deverá ser, a julgar pelo título, da edição de Madrid, 1793, pois uma outra edição com igual título só parece ter sido publicada em 1868 (Madrid), tempos em que o convento, pelas razões que evocámos, já não deveria estar em condições para procurar ou receber este género de obras ...

Não vale a pena alongarmo-nos nesta senda de análise, mas, a julgar pelas datas de edição, a grande maioria dos livros eram edições do século XVIII e, como se poderá induzir, com alguns riscos, pelos exemplos apontados, muitas delas eram anteriores a 1725/1727 ..., mas nada nos garante que, contra toda a probabilidade, não tenham vindo para a livraria muito depois ...

52 *Lectanias muy devotas para todos los dias de la semana, en latin, compuestas por el P. Fray Francisco de Ribera de la Orden de S. Agustin*, Em Mexico: En la Empronta de Diego Lopez Davalos. Por C. Adrian Cesar, en mil seis centos e dous. A seguirmos J. M. Berestáin de Souza, *Biblioteca Hispano-Americana Septentrional ó Catalogo y Noticia de los literatos, que ó nacidos, ó educados, ó florecientes en la América Septentrional Española han dado á luz algun scrito ó lo han preparado para la prensa*, Em Mexico: Oficina de D. Alejandro Valdés, 1821, III, p. 31, o autor chamava-se Francisco de Ribeira e a obra, cujo título dá em espanhol, teria sido publicada em 1620. Mas, curiosamente, o autor confessa que, neste caso e em mais dois outros, simplesmente segue as notícias de Fr. José Galarza, agostinho mexicano, o que significa que não viu a obra. V. de P. Andrade, *Ensayo bibliografico mexicano del siglo XVII*, México: Imprenta del Museo Nacional, 1899 (2ª ed.), p. 128, segue, sem mais, a Berestáin; A. Palau y Dulcet, *Manual del librero...*, Barcelona, 1964, XVI, nº 266885, declara que nesta e nas outras obras de Fr. Francisco de Ribera «todo se reduce a citas vagas de Berestáin» ... Se 1602 por 1620 facilmente se pode compreender por um lapso do escrivão de Braga, já o latim por castelhano – o título, certamente, e não a obra? – é difícil de explicar. E um pouco mais: todas as notícias ignoram o editor da obra, que, pelos vistos, foi Diego López Davalos, em comissão com C. Adrián César ..., notícia cremos absolutamente desconhecida. E tendo em conta que, perante a extrema raridade de exemplares, há quem, indo mais além de Palau, admite a possibilidade de tratar-se de um «bibliographical ghost» («*Iberianbooks: Mexico prints*»), este registo de 1875 garante-nos a real existência de tal obra. Onde se esconderá este exemplar que se encontrava em Braga em 1875?

Nos começos do século XIX, por exemplo? ... não esqueçamos o clima de guerra – invasões e lutas civis... – desses anos. Os conventos femininos, depois de 1834, não podiam renovar-se recebendo novições..., estariam com ânimo para renovar a sua biblioteca? ...

Questão, talvez – escrevemos: talvez –, mais interessante: Como explicar a existência de vários exemplares da mesma obra de diferentes edições, muitas vezes distantes cronologicamente? Apenas dois exemplos: do *Retiro espiritual para cada mês...* do P. Jean Croiset, SJ, possuíam, em português traduzidos do espanhol: 1738, Coimbra, 2 exemplares; em tradução do francês, em edições de Lisboa: 1764, 3 exemplares; 1773, 2 exemplares; 1779, 1 exemplar; 1781, 2 exemplares, quer dizer, contas feitas, se não errámos, 10 exemplares.

Um outro exemplo poderá ser o das vulgares – valem entre 5 e 10 réis – *Visitas ao Santíssimo e Maria Santíssima*, obra que guardavam em edições de 1791 (4 exemplares), 1792 (2 exemplar de diferentes edições), 1795 (1 exemplar), 1797 (1 exemplar), 1802 (1 exemplar), 1817 (2 exemplares), num total de 11 exemplares.

Como explicar, reiteremos a pergunta, estas *décalages* entre a existência, mas também a presença insistente, de determinados livros, que estaríamos em dizer dos mais utilizados pelas religiosas – são, antes de mais, obras de práticas para a oração e meditação ou exercícios de devoção –, a não ser porque a livraria muito dependia de ofertas e esmolas⁵³. Com tal não se quer afirmar, porém, que o convento não comprasse... Mas... Ainda que muita documentação do seu cartório nos garanta certo tipo de despesas – cera..., velórios..., demandas judiciais sobre terras e prazos..., obras na casa..., defesa de privilégios..., etc. – e outra nos revele que tinham dinheiro a juros⁵⁴..., não descobrimos

53 I. Morujão, «Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos», cit. pp. 117, 125-126, põe exactamente as mesmas questões, mas sugere, com algum engenho, que a multiplicação de exemplares se poderá explicar pela satisfação da leitura silenciosa das religiosas que assim dispunham de mais exemplares das obras que mais lhe interessavam, ou pela formação contínua (perdoe-se-nos o anacronismo) das freiras ao longo de anos... Sinceramente, preferimos o silêncio...

54 Araújo & Malheiro, *Inventário do fundo monástico – conventual*, cit., pp. 199-200; apesar de tudo, nas vésperas de 1834, a casa das concepcionistas de Nossa Senhora da Penha de França, como outras de Braga e da arquidiocese, não deveria estar com a vida desafogada, a julgar pelo *Resumo das consultas especiaes da Junta do Melhoramento das Ordens Religiosas sobre diversas corporações, assim de religiosos como de religiosas* (1833), documento publicado por Laurinda Abreu, «Um parecer da Junta do exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares nas vésperas de 30 de Maio de 1834» in

gastos com livros... Mas existiram, certamente. Não deverão, porém, ter sido os livros comprados pelas religiosas que foram enriquecendo a biblioteca ao longo de um século⁵⁵...

Quanto, verdadeiramente, ao mundo da leitura destas concepcionistas da Penha de França desse século de livros como, certamente, o de muitos outros conventos e mosteiros femininos, podemos apenas intuí-lo pela análise dos inventários ou dos catálogos das bibliotecas dessas casas que, voluntariamente ou por determinação de qualquer autoridade que o podia ordenar – e não faltavam: prelado..., Santo Ofício..., Real Mesa Censória... –, se fizeram e nos chegaram. Mas, encaremo-lo frontalmente: será sempre uma análise um tanto ilusória, pois – e perdoe-se-nos a repetição – não esqueçamos não só que livro possuído nem sempre é livro lido, mas também que, olhando à marcha acumulativa que rege qualquer biblioteca, as freiras fundadoras de 1725/1727 não podiam ler o mesmo que, por exemplo, as de 1750... ou as de 1802... ou as de 1834... A única coisa certa que, em relação ao mundo da leitura, a livraria das de Penha de França nos parece revelar – à superfície da folha de papel escrito – é a inexistência de literatura profana, tipo de obras expressamente proibido pelas *Constituições* da Ordem⁵⁶. Nem sequer encontramos, entre os seus livros, como acontece nas carmelitas de Santo Alberto (Lisboa), umas inocentes *Saudades do Buçaco*..., presença que nelas se pode explicar quer pelas tradições literárias de ordem herdadas, de juro e herdade, da Fundadora, quer pela estreita relação de D. Bernarda Ferreira e da sua família com a ordem carmelita descalça... Na livraria das concepcionistas da Penha de França, para além do poema de José Valdivielso em torno das «excelências» de S. José, que havemos de referir, o único aceno a poesia são uns *Versos para cantar ao*

Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos, I, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 117-130, *maxime* p. 126.

55 Uma reflexão à parte mereceriam os muitos «Livros d'Orações e Rezas» – breviários..., missais..., Horas... –, mas tal exigia competências que, em absoluto, nos faltam. Permitimo-nos, contudo, assinalar que, muitos dessas obras em edições de Veneza..., Antuérpia..., Lisboa – em linhas gerais avaliadas em assinaláveis valores – deviam, a julgar pela oscilação das avaliações – por vezes assinalável –, estar em mau estado ou revelar sinais de grande uso. Em qualquer caso, só perante exemplares concretos e tendo em conta as diferenças de edição e editor – por vezes, cronologicamente muito próximas – poderia julgar-se do estado e do valor do livro.

56 *Constituições*..., cit., pp. 23-24: «Não se consintirão neste convento em nenhum caso, livros profanos».

Santíssimo Sacramento..., litúrgicos ou para-litúrgicos em manuscrito, que não sabemos se em latim ou em vulgar... Poemas da himnologia medieval à Eucaristia entre cujos autores se conta Tomás de Aquino? Acaso seriam produção das próprias freiras de Braga⁵⁷?

E de história religiosa – se neste vasto campo não gostarmos de considerar a hagiografia – apenas dispunham de uma sétima parte da *Cronica Serafica...* (Madrid, 1729) de Fr. Eusebio González de Torres, continuação da ampla obra, com o mesmo título, de Fr. Damián Cornejo começada a publicar em (1682, Madrid), em que podiam as religiosas ler a vida da fundadora da ordem, Santa Beatriz da Silva⁵⁸, e a de seu irmão, o célebre Beato Amadeu, a quem se atribui esse *Apocalypsis nova* que tantas voltas deu no mundo e tantas voltas fez dar ao mundo que procurava um «Papa angelico»⁵⁹...

De resto, para além da literatura de espiritualidade, campo de longe, naturalmente, maioritário, as concepcionistas da Penha de França podiam dispor de algum título de carácter moral de que o mais curioso nos parece ser *Ventura do homem predestinado, desgraça do homem prescito* (Lisboa, 1763) do franciscano Fr. António do Sacramento, obra não registada por Barbosa Machado, sendo que, na quase totalidade, as «obras deste autor não gozam d'estimação alguma», segundo Inocêncio⁶⁰.

Como seria de esperar, possuíam ainda um pequeno núcleo de obras⁶¹ que nos atrevemos a rotular de «profissionais», pois propõem-se os seus

57 Sobre a questão da produção literária das monjas dos séculos XVII e XVIII podem ver-se «La scrittura mistica» de M. M. Vasta & G. Zarri (Ed.) *Donne di fede. Santità e vita religiosa in Italia*, Bari: Editori Laterza, 2009, pp. 375-398 e «Poesia intra muros: creación y recepción poética en el convento de Santa María de las Dueñas (Sevilla) a principios de siglo XVII» in N. Baranda Leturio-M^a C. Marín Pina (Eds.), *Letras en la celda. Cultura escrita de los conventos femeninos en la España moderna*, cit., pp. 115-131.

58 E. González de Torres, *Chronica Seraphica*, VII Parte, cit., pp. 221v-244r.

59 E. González de Torres, *Chronica Seraphica*, VII Parte, cit., pp. 191r-221r.

60 *Dicc. I*, Lisboa: Impensa Nacional, 1858, p. 264. Salva-se a *Viagem Santa, e peregrinação devota, que aos logares de Jerusalem em que se obrou a nossa redenção fez nos annos de 1739 e 1740* (Lisboa, 1748). Para a obra em causa, ter-se-á inspirado Fr. António do Sacramento na de título evocador do Pe. A. de Gusmão, S.J., *Historia do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (Lisboa, 1682)?

61 Citaremos sempre o título e o autor tal como são dados no inventário, transcrevendo, quando tal parecer útil para a sua melhor compreensão ou contiver informação proveitosa, em nota o título completo do exemplar que localizámos na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP.) ou na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) e ainda na Biblioteca Nacional de España (BNE). Eventualmente, em casos devidamente

autores formar o perfeito religioso ou a perfeita religiosa. Entre elas estavam, datada de 1615 (Lisboa), a *Perfeita religiosa, e thesouro de avizos e documentos espirituas* de Jácome Carvalho do Canto; o *Tratado da perfeição religiosa*, de Lucas Pinelo, SJ (Valladolid, 1604)⁶²; *La religiosa instruida* (Zaragoza, 1717)⁶³, desse omnipresente Fr. Antonio Arbiol – difundidíssimo autor franciscano, presente em todas as bibliotecas – as concepcionistas da Penha de França possuíam 2 exemplares; do agostinho Juan Nicola Chiesa, em tradução espanhola, *O religioso en soledad* (Madrid, 1742)⁶⁴, 3 exemplares que perfaziam 9 volumes; do P. João Pedro Pinamonti, SJ, *La religiosa in solidão* (Coimbra, 1746)⁶⁵, visando uma proposta de aplicação prática dos *Exercícios* inicianos à vida religiosa feminina. Guardavam ainda, em manuscritos anónimos, umas *Lições às religiosas* e *Uma boa religiosa*, obras de pouca consideração se os 20 e os 10 réis das respectivas avaliações tiverem algum significado (breves..., mau estado..., o anonimato...?).

De todos os modos, a literatura de espiritualidade destinava-se, como sublinhámos já, à *lectio divina*, exercício, se não já, em si mesmo, oracional, vivificador da oração individual ou colectiva e que constituía, basilarmente, como que a razão de ser de uma livraria monástica ou conventual. As religiosas de clausura, vocacionalmente dedicadas à contemplação, praticavam-na com desvelos – momentos..., locais..., modos... – previstos pela regra e nas constituições de cada qual, constituindo também ela, assim, um subtil fio de

assinalados, recorremos à *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado (BM) ou ao *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocencio F. da Silva (Inocência, Dicc.)

- 62 *Tratado de la perfección religiosa y la obligacion que todos los religiosos tienen de aspirar à ella. Compuesto porel padre Lucas Pineli de la Compania de Jesu; traducido de italiano al castellano por e Padre Pablo Joseph Arriaga, de la misma Compañia*, Valladolid: L. Sánchez, 1604.
- 63 *La religiosa instruida con la doctrina de la Sagrada Escritura y Santos Padres de la Iglesia Catholica para todas las operaciones de su vida regular*, Zaragoza: Herederos de Manuel Román, 1717.
- 64 *El religioso en soledad o exercicios espirituales compuestos por Fr. Juan Nicola Chiesa del Orden de San Agustin. Propuestos por el N. Rmo Prior General á todos los religiosos de su Orden... traducidos [...] del italiano al español por otro religioso del mismo orden*, Madrid: Manuel Fernández, 1742 (3 vols.).
- 65 *A religiosa em solidão. Obra em que se expõe as religiosa o modo de empregarse com fruto por espaço de dez diass nos Exercícios Espirituaes de Santo Inacio composta pelo P. João Pedro Pinamonti, da Companhia de Jesu e traduzida em hespanhol pelo P. Martinho Peres da mesma Companhia de Jesu, e novamente traduzida em portuguez por um devoto*. Coimbra: Real Collegio das Artes de Companhia de Jesu, 1746.

espiritualidade que unia os fins reformadores do século XV – sob o signo das *devotiones modernas*, a representada, por exemplo pelo cardeal Fr. Francisco de Cisneros, patrocinador da tradução de Ângela de Foligno (1505), Matilde de Hackeborn (1505), Catarina de Siena (1512)⁶⁶, ou ainda, por exemplo também, a que dinamizou o seu parente beneditino Fr. García Jiménez de Cisneros, autor do marcante *Exercitatorio de la vida espiritual* (Montserrat, 1500)⁶⁷, tão devedor de Gerard Zerbolt de Zutphen⁶⁸ e, por esta via, dos primeiros discípulos de Gerard Groot⁶⁹ o «fundador» da, *strictu sensu*, *Devotio moderna*⁷⁰ – às concepcionistas da Penha de França, que os ilustrados «attardés» – ou românticos? –, «reformadores» de 1834 cortaram.

Nesta sequência, poderá ter algum interesse destacar agora, dentre as 253 obras, algumas que, ao longo de um século – as «postrimerías» do «Recogimiento», barrocas como todas as «postrimerías» –, talvez possam ser consideradas as constantes – por tradicionais ou número de exemplares – de uma pequena biblioteca de religiosas em clausura nesses dias que alimentaram a sua leitura espiritual. E dizemo-lo assim mesmo sabendo – reiteremo-lo – que ter livros à disposição não significa lê-los ou tê-los lido... e que os nossos destaques, procurando reflectir os contextos culturais desse século de livros – da história da espiritualidade também, consequentemente –, representam perspectivas pessoais⁷¹.

66 P. Sainz Rodríguez, *La siembra mística del Cardenal Cisneros y las reformas en la Iglesia*, Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca / Fundación Universitaria Española, 1979, pp. 42-54, 95-110.

67 G. Jiménez de Cisneros, *Obras completas II – Texto*, Abadía de Montserrat, 1965, pp. 77-455, (Ed. de Dom C. Baraut, que é também o autor do I vol. com «Introducción y índices».

68 García Colombás, *Un reformador beneditino en tiempo de los Reyes Católicos. García Jiménez de Cisneros, Abad de Montserrat*, Abadía de Montserrat, 1955, pp. 132, 245 et passim.

69 G. Epiney-Burgard, *Gerard Grote (1340-1384) et les débuts de la Dévotion Moderne*, Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1970, pp. 301-305; Gómez García, *Carro de dos Vidas* (Sevilla, 1500), ed. de M. Andrés Martín, Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca / Fundación Universitaria Española, 1988, p. 85, um bom representante deste período de reformas anunciadoras de um futuro (Erasmismo..., alumbrados..., Recogimiento...).

70 Quer G. Epiney-Burgard, *Gerard Grote (1340-1384)*, cit., p. 173, quer R. R. Post, *The modern devotion. Confrontation with Reformation and Humanism*, Leiden: E. J. Brill, 1968, pp. 325-330, reconhecendo o papel de fundamental «inspirador» de G. Groote no nascimento da *Devotio Moderna* norte-europeia, acentuam que tal movimento não teria sido possível sem a contribuição de Florent Radewijns, seu directo e paciente discípulo.

71 I. Morujão, «Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos», cit., pp. 148-155, elenca, sob o título «substrato modelador básico», uma centena de obras de espiritualidade

De Santo Agostinho – o grande lastro da propriamente chamada *Devotio moderna* –, podiam ler as *Meditações* (Madrid, 1617⁷²; Anvers, 1720⁷³), na tradução do P. Pedro Ribadeneira; e *Meditações e suspiros* (Lisboa, 1727⁷⁴), traduzidos por Fr. Agostinho de Santa Maria, obra de que tinham 3 exemplares, e de que, algum dia, valeria a pena atentar nas dependências da do P. Ribadeneira; de S. João Climaco, «Padre do deserto», que por erro auditivo – ou por defeito da folha de rosto? – o escriba grafou «Santivan [San Iuan] Climaco», possuíam, em edição de Alcalá de Henares, 1576, a *Escala espiritual* vulgarizada pelo P. Fr. Luís de Granada⁷⁵.

Do *Contemptus mundi*, de Tomás de Kempis, guardavam não apenas um exemplar da edição de Sevilha, 1546⁷⁶, tradução atribuída a Fr. Luis de Granada, mas ainda um outro da edição de Lisboa, 1679⁷⁷, exemplares muito pouco valorizados, pois o mais antigo valia 10 reis e o lisboeta, um pouco mais, 40 réis. Independentemente do que nos poderão parecer valores tão baixos – talvez o exemplar de 1546 estivesse em mau estado –, admira-nos que entre as duas edições – uma de meados do século XVI e outra dos fins de Seiscentos – não possuíssem qualquer outro exemplar de obra tão célebre como difundidíssima⁷⁸. Baste lembrar que só no século XVI a partir de 1536

comuns a 16 bibliotecas conventuais femininas, algumas poucas das quais, naturalmente, também existiam nas concepcionistas da Penha de França de Braga.

72 *Meditaciones y soliloquios...*, Madrid: Viuda de Alonso Marin de Valboa 1617.

73 *Meditaciones, solliloquios y manual...*, Anvers: J. B. Verdussen, 1720.

74 *Meditações e suspiros*, Lisboa: Antonio Pedroso Galvão, 1727

75 *Libro de Sant Juan Climaco llamado Escala Spiritual...*, Alcalá de Henares: Hernan Ranirez, 1576.

76 *Contemptus mundi nuevamente romançado*, Sevilla: Andres de Burgos, 1546

77 *Imitação de Christo que vulgarmente se intitula Contemptus mundi dividida em quatro livros*, Lisboa: Oficina de Domingos Carneiro, 1679, tradução de Diogo Vaz Carrilho; supondo que o exemplar da biblioteca das concepcionistas da Penha de França era igual ao da Biblioteca Nacional de Portugal (VAR. 1375), no fim levava os *Avizos de santa Thereza às suas freyras, tirados de suas obras, e trazidos neste lugar para todos os que desejam a perfeição espiritual*.

78 Y. Sordet, «Le livre des records» na sua introdução a *Un succès de librairie européen: l'Imitatio Christi*, catálogo da *Exposition organisée par la Bibliothèque Mazarine*, Paris, 2012, lembrando a «diffusion massive et continue» do libellus de T. de Kempis, pensa que é possível calcular que entre os séculos XV e XVIII terão sido postos em circulação 2 237 800 exemplares, «chiffre [...] de toute évidence inférieur à la réalité», p. 21 [Não posso deixar de agradecer à Prof^a Isabel Almeida o ter-me generosamente feito conhecer esta magnífica obra]. Pela mesma data, publicaram as Bibliothèque Nationale de France, Bibliothèque Mazarine, Bibliothèque Sainte-Geneviève *Édition et diffusion de l'Imitation de Jésus-Christ (1470-1800)*. *Études et catalogue collectif des fonds conservés à la bibliothèque*

– 1ª edição, Sevilla, Juan Cromberger – as edições deste *Contemptus mundi* *nuevamente romançado* foram quase anuais. Dada a probabilidade de o exemplar de 1546 se encontrar em mau estado em 1875, nada podemos saber sobre o muito ou pouco uso desse precioso exemplar de uma das obras mestras da espiritualidade dos tempos modernos⁷⁹.

Ainda dentro da mesma linhagem de espiritualidade – já acima aludida – a biblioteca dispunha de 3 exemplares de *Compendio de exercicios espirituales para todas as pessoas* pelo beneditino Fr. Manuel da Ascensão⁸⁰, Coimbra, 1654, 1692, 1715 (2 exemplares da edição de 1692, em que um deles foi avaliado em 5 réis, talvez por defeituoso ou em mau estado), obra que mais não é que uma tradução de *Compendio breve de exercicios espirituales* (Barcelona, 1520), que, por seu turno, é uma recompilação do *Exercitatorio de la vida spiritual* de García de Jiménez de Cisneros⁸¹, feita, ao que tudo indica, por um discípulo do célebre reformador beneditino.

De outro abade beneditino, mas de outras paragens europeias – Louis de Blois, o sempre nomeado Ludovico Bloisio, abade de Liessies –, as concepcionistas da Penha de França podiam ler uma série de *Obras* suas (Madrid, 1619; Gerona, 1619)⁸², coligidas e traduzidas por Fr. Gregorio de Alfaro, sendo que

Sainte-Geneviève, à la bibliothèque Nationale de France, à la Bibliothèque Mazarine et à la Bibliothèque de la Sorbonne, sous la direction de Martine Delaveau et Yann Sordet (Paris, 2012); um exemplar da edição portuguesa da acima aludida de 1679, pp. 294-295, nº 411.

79 Poderá sempre pensar-se que as freiras da Penha de França, como em muitas outras congregações, estavam na posse de algumas obras a elas adscritas para seu uso pessoal, mas neste caso não temos qualquer indício nesse sentido.

80 *Compendio de exercicios espirituales para todas as pessoas, que deveras se querem entregar a Deos, principalmente para religiosos, recopilado de um livro chamado excitatorio espiritual composto pelo muito R. P. Fr. Garcia de Cisneros Abade que foy de n. S. de Monserrate da Ordem do nosso glorioso Patriacha S. Bento, traduzido do Latim, e Espanhol em Portuguez, acrecentado, e reduzido a forma distinta. Acrecentão-se a esta obra alguns exercicios quotidianos para ceertas horas do dia, e os sinais de que os monges costumão, e devem uzar para mayor observancia do sumo silêncio*, Coimbra: Thomé de Carvalho, 1654; Coimbra: João Antunes, 1692; Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1715.

81 Sobre este trabalho recompilatório, pode ver-se C. Baraut, G. Jiménez de Cisneros, *Obras completas*, I, Introducción e Índices, cit., pp. 69; Garcia Colombás, *Un reformador beneditino en tiempo de los Reyes Católicos...*, cit., 163, 443, 443 para as datas das edições e autor.

82 *Las obras de Ludovico Bloisio Abade de San Benito traduzidas por Fray Gregorio de Alfaro, Prior y predicador del Monasterio de San Martin de Madrid de la misma Orden. Dirigidas al Ilustrissimo y Reverendissimo Señor Don Juan de San Clemente Arçobispo de Santiago, del Consejo del Rey nuestro Señor. Año 1619. Impresso en Gerona: En la Imprenta de Gasspar Garrich, 1619.*

corriam já desde 1598 (Sevilla, Juan de León). Porque abordamos a biblioteca de um mosteiro feminino, destaquemos, dentre essas obras, quase todas relativamente breves, o *Retrete del alma fiel* (*Conclave animae fidelis*), título que engloba um conjunto de opúsculos, e, destes, o *Joyel espiritual* (*Monile spirituale*)⁸³. É um tratadito em que L. de Blois, invocando a experiência – e os textos magnificamente cerzidos – das revelações de Santa Matilde de Hackborn, Santa Hildegarda, Santa Brígida de Suécia, Santa Gertrudes de Helfta, de Santa Catarina de Siena e de Santa Isabel de Espalbeeck, amém umas rápidas biografias de «quatro santas mugeres, de quien se ha hecho mencion muchas vezes» – Brígida, Catalina, Matilde e Gertrudes – expõe, numa espécie de breve vademecum, as linhas mestras de uma espiritualidade norteada pela confiança «de la clemencia de Dios con los pecadores» e pela «discrecion y moderacion en la vida espiritual» para uso dos «amigos de Dios», e, cremos, não será uma violência pensá-lo, dada a natureza da sua «bibliografia», muito especialmente de religiosas⁸⁴. Deverá assim parecer-nos mais facilmente compreensível que, independentemente da grande divulgação das *Insinuationes divinae pietatis* de Santa Gertrudes, vencidas todas as travas impostas pelo Santo Ofício castelhano, desde que o beneditino Fr. Leandro de Granada as traduziu e comentou em 1603, na biblioteca de Braga se guardasse um exemplar da *Insinuação da divina piedade, revelada a Santa Gertrudes, Monja da Ordem de Sam Bento, traduzida de latim em Hespanhol por Fr. Leandro de Granada*⁸⁵. É o coroamento natural da obra de L. Blósio.

De Fr. Luís de Granada, o célebre dominicano que viveu a maior parte da sua vida em Portugal, e autor, de vasta e diversa obra que, depois de proibida pela inquisição espanhola (1559), veio a ser consagrada pela autoridade do concílio de Trento, referendada por Pio IV, e, um pouco mais tarde, por um

83 L. Blósio, *Las Obras...* cit., pp. 68-100.

84 Permitimo-nos remeter para as páginas que dedicamos a este grande leitor e difusor das místicas beneditinas e cistercienses medievais em *Gertrudes Helfta...* cit., pp. 150-182; sobre o *Monile spirituale* podem ver-se na mesma obra as pp. 157-158.

85 *Libro intitulado. Insinuacion de la divina piedad, revelado a Sancta Gertrudes, Monja de la Orden de Sant Benito. Traduzido de Latin en Romance por el P. M. Fray Leandro de Granada de la misma Orden...*, Salamanca: Diego Cussio, 1603; Salamanca: Antonia Ramirez Viuda, 1605; Madrid: Imprenta Real, 1614. Como o Inventário omite o ano e o lugar da edição, pensamos, tendo em conta o que do título traduziu o escrivão, tratar-se de um exemplar ou da 1ª edição, (Salamanca, 1603), ou da 2ª, Salamanca: Antonia Ramirez Viuda, 1605, ou até da 3ª, Madrid: Imprenta Real, a costa de Pedro Lizao mercader de libros, 1614, edições que repetem o título tal como o traduz, algo abreviadamente, o escrivão.

breve de Gregório XIII, se viu amplissimamente difundida⁸⁶. Dele possuíam as concepcionistas de Penha de França, em edições (naturalmente) tardias – Fr. Luís começou a publicar obras suas em 1540⁸⁷, levava já uns bons quatro anos em Portugal – uma *Summa...* (Lisboa, 1633)⁸⁸, um volume das suas *Obras espirituales* (Lisboa, 1713)⁸⁹ em que se publicam duas das suas mais importantes obras – *Guia de pecadores* (não podemos verificar qual das duas redações foi utilizada nesta edição)⁹⁰, e o *Libro de la oración y meditación* –, e *Regras da vida virtuosa* (Porto, 1796)⁹¹. Havemos de confessar que esta parca existência de três edições cronologicamente dispersas – três obras possivelmente completas, e duas respigadas de livros seus – não parece abonar a leitura de Fr. Luís de Granada no mosteiro da Penha de França em Braga no século XVIII e começos de Oitocentos... Teremos que continuar a perguntarmo-nos sobre o destino das múltiplas e inúmeras edições das suas obras. Só do *Libro de la Oración y meditación* se conhecerão mais de cem edições entre 1554 e 1679, sem que saibamos verdadeiramente quem as comprava ou quem as lia⁹²...

Curiosamente, de um dos primeiros autores – talvez, melhor até, precursores – dessa «torrente» espiritual, de matriz franciscana observante, definida por «Recogimiento» e vista como uma «nueva visión de la mística española» – nova e «invasora», pois não haveria autor ou corrente espiritual que, até aos começos do século XVIII, não a tivesse, de algum modo, perfilhado⁹³ –,

86 Da imensa bibliografia sobre o célebre dominicano, baste remeter aqui para Á. Huerga, *Fray Luis de Granada. Una vida al servicio de la Iglesia*, Madrid: BAC, 1988, pp. 158-157, 165, 268-269; Fr. L. de Granada, *Epistolario*, Recopilación y notas de Á. Huerga, Córdoba: Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba, 1989, p. 214.

87 Á. Huerga, *Fray Luis de Granada*, cit., pp. 96-100.

88 *Summa que trata del exercicio espiritual... trata tambien del conocimiento de si mismo... abreviada por el Padre Fray Hernando de Villarreal. Lleva más unos Documentos que el M. Juan de Avila dio a un mancebo discipulo suyo*, Lisboa: Antonio Alvarez, 1633.

89 *Obras espirituales...*, Lisboa: Bernardo da Costa Carvalho, 1713 (1º vol.); Antonio Pedrozo Galram (2º vol.).

90 Na dedicatória da segunda parte da edição de 1557 à rainha Catarina de Áustria esclarece que muitas das orações da obra estão tomadas de L. Blósio, autor que sabe ser muito apreziado pela soberana.

91 *Regras da vida virtuosa tiradas e traduzidas do Memorial da Vida Christã que compoz o veneravel Fr. Luis de Granada*, 3ª edição novamente correcta e emendada, Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1796.

92 T. J. Dadson, *Libros, lectores y lecturas. Estudios sobre bibliotecas particulares españolas del Siglo de Oro*, Madrid: Arco/Libros, S.L., 1998, pp. 51-64.

93 M. Andrés Martín, *Los recogidos, Nueva vision de la mística española (1500-1700)*, Madrid: Fundación Universitaria Española, 1975.

Fr. Alonso de Madrid⁹⁴, conservava-se na biblioteca da Penha de França a «*Arte para servir a Deus* composta em Castelhana, traduzida em Portuguez»⁹⁵, mas em manuscrito. Infelizmente, nada nos dizem os avaliadores sobre o nome do tradutor; a julgar, contudo, pelos 50 réis que valeria – um dos valores mais altos atribuídos a um manuscrito –, devia ser um bom códice, códice, aliás, com a única tradução dessa obra em português. Tê-lo-ão lido algumas vezes as freiras de Braga? Ter-se iam dado conta de que Santa Teresa o tinha por «libro muy bueno»? Por onde estará hoje?

De Santa Teresa de Jesus, o autor mais presente na livraria – *et pour cause...* – e, como já aludimos, ainda muito valorizado pelos livreiros louvados em 1874/1875, sem que, como já aludimos, saibamos se a valorização a ditava a admiração pela santa carmelita ou a qualidade comercial do livro⁹⁶, conservavam as concepcionistas *Vida da Madre Thereza y algunas das mercês que Deus lhe fez, escripta por ella mesma em Hespanhol*, de que não se regista lugar, data, ou editor⁹⁷; *Caminho da perfeição pela Madre Thereza de Jesus fundadora dos mosteiros das Carmelitas Descalças em Hespanhol* (Nápoles, 1604)⁹⁸; *Cartas de Santa Thereza com notas de Fr. Pedro da Anunciação* (Madrid, 1678)⁹⁹; *Cartas de Santa Thereza com notas de Fr. Pedro da Anunciação* (Barcelona, 1700)¹⁰⁰; *Cartas de Santa Thereza de Jesus em Hespanhol* (Madrid,

94 M. Andrés Martín, *Los recogidos*, cit., pp. 76-77 *et passim*.

95 À primeira edição de *Arte para servir a Dios*, Sevilla, 1521, seguiram-se algumas outras – não muitas – de que destacamos as de Alcalá, 1526, Burgos, 1530, Mallorca, 1685, sendo, obviamente, impossível de «advinhar» qual reproduzia o ms. da Penha de França.

96 Por exemplo (remetendo para as descrições que abaixo irão sendo feitas): *Vida* (1601), 240 réis; *Cartas* (1700), 2 vols., 800 réis; *Cartas* (1771), apenas um vol., 300 réis; *Cartas* (1793), 4 vols., 2000 réis; *Obras* (1773), só o 2º vol., 3000 reis; *Obras* (1778), 2 vols., 1000 réis; *Caminho de perfeição* (Nápoles, 1604), 400 réis.

97 *La vida de la Santa Madre Teresa de Jeus y de algunas de las mercedes que Dios le hizo, escritas por ella misma por mandado de su confesor*, s.l., s.n.,s.a. [1601.]. Deveria ser um exemplar desta edição de 1601, pois do mesmo ano e com o mesmo título há uma ed. de Madrid, Ivan Flamenco, de que o catálogo, como habitualmente, registaria o lugar e o ano.

98 Nápoles: Constantino Vidal.

99 *Cartas de Santa Teresa de Jesus... con notas de Fr. Pedro de la Anunciacion de los Carmelitas Descalços de Pamplona... recogidas por orden de Fray Diego de la Presentacion*, II, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1678 (2exemplares). O Iº volume foi publicado nesse mesmo ano, em Madrid, pelo mesmo impressor, mas com notas de D. Juan de Palafox y Mendoza.

100 *Cartas de Santa Tereza de Jesus... con notas del Señor el Padre Fray Pedro de la Anunciacion... recogidas por orden del Padre Fr. Diego de la Presentacion, General que fue de los Carmelitas Descalços*, Barcelona: Pedro Gelabert, 1700, 2 vols. Exempl. compl. (2 exemplares). Os avaliadores ou o escrivão talvez se tenham equivocado, pois o tomo Iº desta edição foi

1771)¹⁰¹; *Cartas de Santa Thereza de Jesus* (Madrid, 1793)¹⁰²; *Obras da glorioza Madre Santa Thereza de Jesus* (Madrid, 1778)¹⁰³; *Obras da glorioza Madre Santa Thereza de Jesus* (Madrid, 1793)¹⁰⁴. Na sua livreria havia ainda uma *Colecção espiritual de varias obras de Santa Thereza de Jesus pelo Padre João Nunes Varella* (Lisboa, 1737)¹⁰⁵.

Independentemente da sua valorização financeira, a pequena colecção de obras da Santa carmelita – edições autónomas e outras de «obras» mais ou menos completas em que, obviamente, algumas das autónomas se repetiam – deverá ter representado um notável esforço de atenção e cuidado para, qualquer que tenha sido o tempo e o modo, delas dispor. É um conjunto pequeno, mas que, ainda assim, parece rivalizar com a (aparente?) ausência da obra literária teresiana que, a julgar, com todos os riscos, por dois exemplos de livrerias suas extintas em 1834 e por um catálogo de outra de 1823, se pode notar nas bibliotecas dos franciscanos¹⁰⁶. Parecem ter privilegiado

preparado por D. Juan de Palafox y Mendoza e publicado nesse mesmo ano e pelo mesmo impressor em Barcelona.

- 101 *Cartas de Santa Teresa de Jesus... con notas del R. P. Fr. Antonio de San Joseph religioso carmelita descaço*, Madrid: Imprenta y Libreria Joseph Doblado, 1771 em 4 vols. Só tinham o vol. III.
- 102 *Cartas de Santa Teresa de Jesus, madre y fundadora de la reforma de la orden de Nuestra Señora del Carmen... con notas de Fr. Antonio de San Joseph, religioso carmelita descaço*, Madrid: Imprenta de Josepho Doblado, 1793, 4 vols, (4 exemplar); ou a edição com notas de D. Juan Palafox y Mendoza, bispo de Osma, publicada pelo mesmo impressor, no mesmo ano, também em 4 vols?
- 103 *Obras de la gloriosa Madre Santa Teresa de Jesus, fundadora de la reforma de la orden de Nuestra Señora del Carmen... dedicada al Rey N. Señor Don Fernando VI*, Madrid: Ed. dos Padres CD, Imprenta de Josef Doblado, 1778, que é de 6 vols; ou Bernardo de Villa-Diego, Madrid 1778; de qualquer modo, só tinham 1 vol.
- 104 *Obras de la gloriosa Madre Santa Teresa de Jesus, fundadora de la reforma de la orden de Nuestra Señora del Carmen de la primitiva observancia...*, Madrid: Imprenta de Josephh Doblado, 1793 (havia apenas o t. II).
- 105 *Collecção espiritual de varias obras da mystica Doutora da Santa Igreja, a serafica Madre S. Thereza de Jesus traduzidas das obras que em castelhano escreveo... pelo Padre Joam Nunes Varella*, Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1737.
- 106 *Da memória dos livros às bibliotecas da memória – I – Inventário da livreria de Santo António de Caminha*, ed. cit. apenas possuía este convento um exemplar das *Obras* (Anvers / Bruxelas, 1649-1675); *Da memória dos livros às bibliotecas da memória – II – Inventário da livreria de Santo António de Ponte do Lima*, Porto: C.I.U.E., 2002, conservava um exemplar das *Cartas* (Barcelona, 1700); o *Cathalogo Alphabeticos dos livros da Bibliotheca do Real Seminario de Nossa Senhora dos Anjos de Brancanes*, Lisboa: I.A.N. / TT., ms. da livreria, nº 1898, fl. 82r, regista, em 1823, *Obras y cartas* (Bruxelles, 1674-1675); *Avisos espirituales comentados por el P. Alonso de Andrade* (Madrid, 1647); *Exclamaciones o meditaciones*

– arrojamó-nos a pensar que pelo seu estilo sempre directo, por vezes prazenteiro, por vezes severo – as *Cartas da Santa carmelita*. Era, além do mais, uma mulher «falando» com outras mulheres... Mas, como certamente teremos anotado, algumas das obras são mesmo de edições anteriores à fundação do mosteiro, e as outras, a maior parte aliás, do último quartel de Setecentos... Teremos algum dia que nos explicar estes, e outros, hiatos cronológicos que bem podem ter sido pausas de esmolas..., interesses..., compras... E não poderá deixar de estranhar que S. João da Cruz seja um autor ausente, apesar de canonizado em 1727, acontecimento celebrado com grandes festas em Lisboa nesse mesmo ano.

Globalmente, como se podia esperar de uma biblioteca conventual em que peso das edições do século XVIII se percebe imediatamente, à Companhia de Jesus pertencia o maior número de autores nela presentes.

Além dos já atrás referidos, lá estavam o habitual Juan Eusebio Nieremberg com *A formosura de Deus* (Lisboa, 1785)¹⁰⁷ – obra esta cuja a autora da tradução, «Sora Theresa Angelica», poderá encerrar algum enigma¹⁰⁸ – e a *Diferença entre o temporal e eterno* (Lisboa, 1792), título de grande difusão peninsular¹⁰⁹. Do mesmo popularíssimo autor havia ainda no convento da Penha de França *Afeição e amor de Maria*, obra sua que referiremos com mais precisão a quando da devoção mariana bem documentada na biblioteca.

(Bruxelles, 1726); *Collecção espiritual de varias obras por João Nunes Varella* (Lisboa: Antonio Pedrozo Galram, 1707); *Vida y obras espirituales* (Lisboa, 1654). Por imperícia nossa certamente, não logramos determinar as circunstâncias da elaboração deste último catálogo, pois nada nos dizem os termos de abertura e de encerramento assinados pelo Juiz Encarregado, Manuel Teixeira (Leormil?).

107 *A formosura de Deus inferida e declarada pelas suas infinitas pefeições, assim como à fragil capacidade humana é possível. Traduzida do castelhano*, Lisboa, 1785 [*De la hermosura de Dios y su amabilidad por las infinitas perfecciones del Ser Divino...*, Madrid: Juan Sanchez 1641].

108 Tal como consta do catálogo da Penha de França, a tradução apareceu em nome de Soror Teresa Angélica (Teresa Angélica Peregrina de Jesus, de seu nome completo), de quem nada mais consta. Segundo Inocêncio (*Dic.* VII, 316), única referência que conhecemos a tal autor e a tal obra, haveria quem atribuisse a tradução ao P. Teodoro de Almeida. Como quer que seja, não deixa de ser curioso encontrar tal tradução nesta biblioteca conventual de umas freiras de Braga.

109 *De la diferencia entre o temporal e eterno. Crisol purificador de desenganos com a memoria da eternidade, e consideração dos Novissimos do homem e principaes mysterios divinos*, Lisboa: Officina de Joam Galvão traduzido e impresso a sua custa, 1692. Em Espanha podem contabilizar-se mais de 80 edições, e entre nós, aproveitando apenas as edições conservadas na Biblioteca Nacional de Portugal, verificamos que as houve em espanhol (1653, 1665, 1678) e em português (1671, 1676, 1692, 1711, 1741).

Do Padre Pedro Pinamoni, livro seguramente pensado para as missões da Companhia – as chamadas «missões de interior»¹¹⁰ –, aumentado por outro conhecido missionário, o P. Pedro de Calatayud, tinham as freiras da Penha de França dois exemplares de diferentes edições do *Compendio doutrinal pelo Padre Pedro Pinamonti, augmentado pelo Padre Pedro de Calatayud* (Lisboa) e outro exemplar de uma edição de Coimbra (1743)¹¹¹. Marcos, seguramente, de um «tempo» de reevangelização do campo, seriam bem ecos das «missões populares» num convento de religiosas...

Do granatense P. Francisco de Castro estavam na livraria dois exemplares, bem valorizados (100 réis, cada), de *Reformação Christã* (Lisboa, 1716), que, verdadeiramente, é um grande e muito difundido «catecismo» de igual título em castelhano¹¹². E do P. Luís Álvares havia um exemplar, possivelmente em não famoso estado, de *Amor sagrado*, de que o escrivão do catálogo não registou qualquer outro dado – talvez por o exemplar estar falto de portada, o que poderia justificar que apenas fosse avaliado em 40 réis¹¹³. Do P. Cristobal de la Vega, famoso autor de *Casos raros de confesión*, obra tão editada como utilizada como fonte de *exempla*, possuíam uma obra de teologia mariana que recordaremos a propósito do expressivo núcleo de obras de devoção mariana existente na biblioteca da Penha de França. Do mesmo modo procederemos com as diversas obras de carácter devocional do P. Jean Croiset.

110 Sobre o tema, basta remeter para E. dos Santos, *O Oratório no Norte de Portugal. Contribuição para o estudo da história religiosa e social*, Porto: C.H.U.P., 1982, pp. 245-272; F. Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as Missões do interior em Portugal (1551-1630)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.

111 O primeiro exemplar, do qual o escrivão omitiu a data de impressão, *Compendio doutrinal muy util, e necessario para explicar, e saber a doutrina christã, pelo P. Pedro Pinamonti, augmentado pelo Padre Pedro de Calatayud*, poderá ser de uma edição feita em Coimbra na Oficina de José da Costa (1753), já que a da Oficina de Lino da Costa Godinho, em 1784, dizia-se a «mais ampla e mais correcta». São as duas únicas lisboetas que conseguimos localizar. O segundo, é altamente provável que fosse o *Compendio doutrinal muy util, e necessario para explicar, e saber a doutrina christã, escrito pelo P. Pedro Pinamonti, missionario da Companhia de Jesus; augmentado pelo Padre Pedro de Calatayud, missionario da mesma Companhia, e accrescentado novamente com outros exercicios que no fim delle se acharão; mandado imprimir por huns religiosos do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra: Antonio Simões Ferreira, 1743.

112 *Reformação christã assim do pecador como do virtuoso*, Lisboa: Antonio Pedrozo Galvão, 1716.

113 *Amor sagrado que escreveo para inclinar os homens a seu obsequio*, oferecido ao Senhor Manoel de Sande e Vasconcelos, Évora: Off. da Universidade, 1673.

Do «mare magnum» de edições, comentários e adaptações dos *Exercícios espirituais* do fundador da Companhia de Jesus – obra de que, se não estivessemos desatentos, as concepcionistas, se não possuíam qualquer edição, que verdadeiramente, não é um livro de «leitura», mas um guia para quem dá os *Exercícios* –, tinham um pequeno número de comentários ou adaptações. Do P. Alexandre de Gusmão havia *Meditações para todos os dias da semana* (Lisboa, 1689)¹¹⁴, a que podemos juntar *Affectos e considerações devotas sobre os Exercícios de Santo Ignacio, pelo Padre Francisco de Salazar, com um Opusculo do Padre Paulo Señeri* (Coimbra, 1742)¹¹⁵, obra esta a que se deve juntar uma edição espanhola intitulada *Afectos y consideraciones devotas sobre los Quatro Novissimos* (Sevilla, 1706)¹¹⁶. Assinalemos a existência de *Exercícios Espirituais de Santo Ignacio reduzidos a uma só semana e acomodados ao estado da vida religiosa* pelo Padre António Carneiro (Coimbra, 1710, 2 Exemplares)¹¹⁷, e ainda a do difundidíssimo *Manual de ejercicios spirituales composto em Castellano pelo Padre Thomaz de Villa Castin e agora traduzido em Portuguez* (Coimbra, 1677, 1698; Lisboa, 1712, 1739)¹¹⁸, isto é, 4 exemplares de diferentes edições, sendo 3 anteriores à fundação do mosteiro (1725/1727), o que, todos somados (6 exemplares das duas obras), talvez indique uma preferência especial pela obra que se traduziria na prática – frequente? – dos *Exercícios espirituais* segundo a abreviada orientação villacastiniana. Se isto for verdade, poderia confirmá-lo a existência na biblioteca de *Locucion de Dios* (Coimbra, 1739), quer dizer, *Locucion de Dios al coração de el religioso en el retiro sagrado de los Exercícios Espirituales compuesto en latin por el R. Padre Daniel Pawlowsky, traduzida en castellano por un religiosos de la misma Compañia*, Coimbra, Real Colegio de las Artes, 1739.

114 *Meditações para todos os dias da semana pelo exercicio das potencias da alma conforme ensina Santo Inacio*, Lisboa: Miguel Deslandes, 1689 [BM, I, p. 96].

115 *Affectos e considerações devotas sobre os Exercícios de Santo Ignacio da primeira semana, escritos pelo M.R. P. Doutor Francisco de Salazar da Companhia de Jesus*, Coimbra: Officina de Antonio Simoens Ferreira, 1742.

116 Não logramos localizar qualquer exemplar desta edição. Tampouco, J. Simón Díaz, *Jesuítas de los siglos XVI y XVII: escritos localizados*, Madrid: Unversidad Pontificia de Salamanca – F.U.E., 1975, pp. 385-386, oferece esta edição.

117 *Exercícios Espirituais do grande mestre de espirito e maravilhoso patriarcha S. Ignacio reduzidos a uma só semana e acomodados ao estado da vida religiosa*, Coimbra: Collegio das Artes, 1710.

118 *Manual de Exercícios spirituales para ter oração mental em todo o discurso do anno composto em Castellano pelo Padre Thomaz de Villa Castin e agora novamente traduzido em Portuguez*, Lisboa: Domingos Gonçalves, 1739 (os títulos das edições várias são idênticos).

Este género de obras que propõe um caminho para a oração mental aliçado um ritmo diário, semanal ou mesmo mensal de meditação – uma evolução dos métodos da chamada «devotio moderna» decantados pelos *Exercícios* inicianos – pode ainda assinalar-se na presença nesta biblioteca de Braga de uma obra de grande divulgação em Espanha, que, contudo, não parece ter tido grande ressonância deste lado da fronteira¹¹⁹. Aludimos a François Nepveu de quem havia na biblioteca os *Pensamentos ou reflexões christãs para todos os dias traduzidas em castelhano por o Marques de Aytona* (Amberes, 1753)¹²⁰, quer dizer *Pensamientos o reflexiones christianas para todos los dias del año* (Amberes, s.n., 1753), tradução devida ao marquês de Aytona, Guillermo Ramón de Moncada Portocarrero, de *Pensées o reflexions chrétiennes pour tous les jours de l'année* (Paris, E. Michellet, 1695). Tratava-se, porém, de um exemplar incompleto¹²¹.

Dentro do núcleo dos autores da Companhia, teremos que destacar tanto pelo número de obras como pelos exemplares de que dispunha a livraria das concepcionistas da Penha de França o P. Jean Croiset. Deixando para o momento de tratarmos das principais devoções assinaláveis na livraria, as publicações do P. Croiset em torno da devoção ao Coração de Jesus, aqui apenas anotaremos, porque na sequência de obras dos jesuítas que acabamos de recordar, o *Retiro espiritual para um dia de cada mez* (Coimbra, 1738, 1764, 5 exemplares); Lisboa, 1773, 1779, 3 exemplares; 1781)¹²², que nestas diferentes edições, embora dispersas ao longo de quarenta anos, somavam 9 exemplares, e os *Exercícios de piedade* (Lisboa, 1747, 2 exemplares)¹²³, que mais não é que o divulgadíssimo *Anno christão ou exercicios de piedade para todos os dias do anno*,

119 Houve, contudo, uma tradução para português – Porto, Imprensa Comercial, s.d., – publicada pelos cuidados do Dr. José Maria Cosgaya, ao parecer em 1887 (É a data que tem, manuscrita, o exemplar da Biblioteca Pública Municipal do Porto).

120 Primeira edição em espanhol: Tolosa: Francisco Caranabas, 1711.

121 Faltava o 1º dos 4 volumes que compõem a obra nos 3 exemplares que parece se registam no catálogo, ou havia apenas um exemplar com três volumes?

122 *Retiro espiritual para hum dia de cada mez: muito util para a reforma dos costumes e para dispor-se com huma santa vida para huma boa morte. Escreveo o em francez hum Padre da Companhia de Jesus, e a traduzio de italiano em hespanhol o mestre Josephh Altamirano. Traduzido na lingua portugueza por hum zelozo da salvação das almas, conego regular da reforma da Congregação de Santa Cruz de Coimbra. Muito util tambem para as pessoas, que não podendo retirar-se, se applicarem attentamente a leitura das meditações que nelle se expandem*, Coimbra: Officina de Antonio Simoens Ferreyra, 1738. Damos o título pelo da edição mais antiga que existia na biblioteca.

123 Por um dos raros despistes do escrivão, um exemplar está datado de 1647.

obra que, digamo-lo por simples curiosidade, em Espanha foi traduzida pelo P. José Francisco de Isla, o autor do famoso *Fray Gerundio de Campazas*¹²⁴...

Na sequência de Santa Teresa e da Companhia de Jesus, não será deslocado lembrar a presença na livreria da Penha de França de um autor de ambos largamente devedor: S. Francisco de Sales¹²⁵, um autor «moderno» e de difusão relativamente recente na Hispania..., apesar de já traduzido desde 1618, ano em que Sebastián Fernández Eyzaguirre viu publicada (Bruxelas) a sua tradução de *Introduction a la vie devotte*, seguida depois pela de Francisco de Quevedo em 1634 (Madrid, Imprenta Real).

Na biblioteca da Penha de França estava a *Vida devota de San Francisco de Sales, traduzida do Francez em Hespanhol por Dom Francisco de Cubillas Donyague* (Valencia, 1702) que, evidentemente, é a tradução da *Introduction a la vie devotte* do bispo de Genebra¹²⁶. Tinham também as freiras da Penha de França, em tradução, os *Entretiens spirituels – Verdadeiros entretenimentos de San Francisco de Sales traduzido do Francez em Castelhana por Dom Francisco de Cubillas Donyague* (Madrid, 1740)¹²⁷. Além destas duas obras salesianas, existia na livreria uma espécie de colectânea de *Devotissimos exercicios de preparação de graças para antes da Confissão e depois da Comunhão tirados dos manuscritos de San Francisco de Sales por Fr. Estevão de Sam Angelo* (Porto, 1753) que, como reza o título completo do livro publicado pela Officina do Capitão Manuel Pedrozo Cunha¹²⁸, são uma tradução, pelo P. Mestre

124 Não conseguimos localizar esta edição entre as várias do século XVIII. A tradução do P. Isla teve, pelo menos, uma edição em Paris, 1778.

125 P. Serouet, *De la vie dévotte à la vie mystique, Sainte Thérèse d'Avila, Saint François de Sales*, Paris: Les Études Carmélitaines chez Desclée de Brouwer, 1958, pp. 110-116, 211-220 *et passim*; Santo Inácio e autores espanhóis, pp. 42-48, 177 *et passim*; Louis Cognet, *De la dévotion moderne à la spiritualité française*, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1958.

126 Não logramos localizar qualquer exemplar desta edição, mas, sim, a do ano seguinte: *Introduccion a la vida devota de S. Francisco de Sales... traducida do frances, enmendada y añadida por el lic. Don Francisco de Cubillas Donyague, con el Directorio de religiosas que se añade a esta ultima impression*, Valencia: En la Empronta de Vicente Cabrera, a costa de Joseph Cardona, 1703.

127 *Verdaderos entretenimientos del glorioso señor S. Francisco de Sales con un papel intitulado Methodo de predicar bien; y una oracion funebre; traducido todo del idioma frances al castellano por... Francisco de Cubillas Donyague. Va añadido en esta nueva impression el Entrenimiento XXII de la Exaltacion de la Cruz, con los Opusculos del mismo Santo*. Madrid: En la imprenta del convento de Nuestra Señora de la Merced, 1740.

128 Seria esta a 3ª edição da obra, pois antes houve uma edição por Miguel Rodrigues, Lisboa 1732, e outra, no mesmo ano, em Anvers: por Jacobo Bernardo Joutet.

Estêvão de S. Ângelo, O. C., não de qualquer obra com esse ou aproximado título, mas antes, segundo nos parece, de uma série de *Opúsculos* do bispo saboiano – *Pratique pour la confession ordinaire* em que vêm umas *Élevations a Dieu sur le bonheur de la conversion, par forme de reconnaissance*, ou um outro dedicado à *Préparation de la Très-sainte et Très-adorable communion* ou ainda um *Exercice sur la préparation a la sainte communion par le bon état des trois puissances de l'âme...* que contém muitas orações sob forma de desenvolvimentos «aspirações», e ainda uns *Hymnes et prières pour ceux qui auront la dévotion de les reciter avant ou après la sainte communion...* com hinos e ladainhas e orações mais ou menos tradicionais, ou mais umas *Prières après la sainte communion*¹²⁹.

Admira-nos, seguramente, que, se o exemplar da edição que possuíam da *Introduccion a la vida devota* não o continha, não se encontre nesta livraria qualquer edição do *Directório de religiosas*, uma das obras mais editadas do bispo de Genebra. Tinham, contudo, uma adaptação da obra por Fr. Fradique Spinola intitulada, precisamente, *Directorio das religiosas* (Lisboa, 1676)¹³⁰. E além desta obra, conservavam em manuscrito um *Directorio das religiosas escripto por uma do Convento de Nossa Senhora da Luz* (Lisboa), em 4 volumes que poderia muito bem ser uma tradução ou adaptação do livro do bispo saboiano copiada por uma freira desse convento lisboeta¹³¹, com o qual, como vimos, mantinham as religiosas da Penha de França estreita relação, ou até uma obra dessa anónima religiosa... De qualquer modo, um título e uma orientação que andavam no ar respirado por este ramo das concepcionistas... e que não costuma ser ponderado quando se aborda a presença de S. Francisco de Sales em Portugal.

129 Saint F. de Sales, *Oeuvres complètes*, Nouvelle édition collationnée et augmentée, II, Félix Seguin Fils, Paris: Libraire Montpellier, Albanel et Martin, Libraires-Éditeurs, 1840, pp. 767-826.

130 *Directorio das religiosas para seo aproveitamento espirital, conforme a doutrina de S. Francisco de Sales... escrita em portuguez pelo Doutor Francisco Espinola*, Lisboa: Domingos Carneiro, 1676.

131 Aqui, como em outras ocasiões, o inventario não é muito claro, pois regista «volumes quatro... 4», fórmula que, como na larguíssima maioria dos casos, indicaria 4 volumes e quatro exemplares. Pensamos, contudo, que, a menos que se tratasse de 4 volumes em pequeno formato e... em bela caligrafia..., tal extensão excedia a relativa brevidade do texto salesiano. O mais provável parece ser que havia quatro exemplares do mesmo *Directorio* que, em conjunto, valiam 800 réis, o que equivale a 200 réis por volume, o valor dos manuscritos mais apreciados.

Se nesta livraria de Braga havia, como era de esperar, alguns dos grandes nomes da história da espiritualidade em Portugal – curiosamente, de todos eles apenas possuíam um exemplar –, também – se tal exercício tem algum interesse – se podem relevar alguns em falta.

Estava lá Fr. António das Chagas com as suas *Obras espirituas postulas* (sic) *dedicadas as chagas de Jesus* (Coimbra, 1728)¹³² e um tomo das *Cartas espirituas* de uma edição não datada e sem lugar de impressão, faltas que nos impedem de saber qual das diferentes edições – em número de cartas recolhidas e em cronologia – se conservava dessa obra cujas missivas, na sua grande maioria, são textos de orientação espiritual a religiosas; lá se encontrava também o P. Bartolomeu do Quental com os quatro volumezinhos das várias «*meditações*», algumas com o chamariz, ainda atractivo – ou julgado necessário pelo autor? –, de «orientação para a oração mental» –, obras editadas com alguma frequência ao longo do século XVIII: *Meditações da santíssima paixão e morte de Cristo* (Lisboa, 1679; no catálogo, por lapso, vem 1579)¹³³, *Meditações da infancia de Christo* (Lisboa, 1682)¹³⁴; *Meditações das domingos do ano* (Lisboa, 1696)¹³⁵, *Meditações da Gloriosa Ressurreição de Christo* (Lisboa, 1757)¹³⁶. Dispunham ainda de umas quantas obras mais do P. Manuel Bernardes: *Exercícios espirituas e meditações* (Lisboa, 1686) – de que só tinham um volume. O 1º? É deste que damos o título completo¹³⁷ –, *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da Casa de Deos por um padre da Congregação do Oratorio* (Lisboa, 1696)¹³⁸, *Luz e calor. Obra espiritual* (Lisboa, 1796)¹³⁹. Havia ainda do mesmo autor mais as suas *Meditações*

¹³² *Obras espirituas posthumas*, Coimbra: Oficina de Luis Seco Ferreyra, 1728.

¹³³ *Meditações da sacratíssima Paixão e Morte de Christo... com a direcção para a oração mental e mais exercicios espirituas, e dous quotidianos*, Lisboa: Joam da Costa, 1679.

¹³⁴ *Meditações da infancia de Christo Senhor Nosso da Encarnação ate os trinta annos da sua idade, com huma direcção para a oração mental*, Lisboa: Miguel Deslandes, 1682.

¹³⁵ *Meditações das domingos do anno. II Parte*, Lisboa: Miguel Deslandes, 1696 (obra incompleta, só existia o segundo volume).

¹³⁶ *Meditações em a gloriosa Ressurreição de Christo Senhor nosso, sua admiravel Ascensão, amorosa descida do Espirito Sancto e finissimos excessos do Divino Sacramento, com a direcção para a oração mental*, Lisboa: Oficina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, 1757.

¹³⁷ *Exercícios espirituas, e meditações da via purgativa, sobre a malicia do peccado, vaidade do mundo, misérias da vida humana, e quatro Novissimos do Homem*, Lisboa: Miguel Deslandes, 1706.

¹³⁸ Não logramos localizar nem ver referenciada esta edição.

¹³⁹ Também não pudemos localizar nem ver referenciada esta edição. Cremos, porém, que o escrivão do inventário, por despiste, escreveu 1796 por 1696, data esta última da 1ª edição:

marianas que, tal como duas obrinhas de Teodoro de Almeida do mesmo tipo de piedade, havemos de registar no âmbito da devoção mariana patente na livreria. De Fr. Tomé de Jesus conservam 2 exemplares de *Trabalhos de Jesus*, mas, curiosamente, em tradução espanhola (Barcelona, 1738)¹⁴⁰, o que talvez possa explicar-se pelas relativamente poucas edições da obra (5) até aos fins do século XVIII, em contraste com a sua fortuna além-fronteiras¹⁴¹.

Como qualquer biblioteca, a das concepcionistas da Penha de França não tinha apenas grandes nomes portugueses da literatura de espiritualidade – aliás, como se deverá ter notado, nem seriam, se o julgássemos pelos exemplares que, de cada obra, dispunham, dos mais lidos na casa¹⁴² –, mas também alguns autores que hoje esquecemos. Três exemplos. Destes, encontrava-se na biblioteca Luis Botelho Froes de Figueiredo, santareno, aventureiro político que, ora militando a favor de Carlos III / Filipe V, ora de Pedro II na chamada Guerra da Sucessão, acabou sendo um autor espiritual de mérito, com duas obras: *Queixas do amor divino* (Porto, 1741)¹⁴³ – e *Ponte segura para o golfo da vida* (Lisboa, 1717)¹⁴⁴; lá estava também o Capitão Luís Álvares Pereira com *Delícias da alma* (Coimbra, 1721)¹⁴⁵, e ainda Fr. António de S. Bernardino, um

Luz e calor. Obra espiritual para os que tratão das virtudes e caminho da perfeição..., Lisboa: Miguel Deslandes, 1696.

- 140 *Trabajos de Jesus... traducidos de la lengua portuguesa por Christobal Ferreyra de Sampayo; va añadido en esta ultima impression otro trabajo del mismo autor intitulado Oratorio Sacro, y aora nuevamente van añadidos los Trabajos de la Virgen compuestos por Antonio Mijangos Bravo de Sobremonite*, Barcelona: Pablo Campins, 1738.
- 141 F. L. de Faria, *Difusão extraordinária do livro de Fr. Tome de Jesus*, Lisboa, 1982 (Separata dos *Anais*, II, Série, vol. 28, da Academia Portuguesa de História).
- 142 Cingimo-nos aos dados do inventário, sabendo que poderia ter havido algum exemplar mais, não inventariado, que era do uso particular de alguma freira e de que, a seu tempo, ela dispôs. Mas este é um problema que só tem pertinência com prova documental ou pelo estudo de alguma eventual obra literária da autoria de uma religiosa da casa.
- 143 *Queixas do amor divino, sentimentos do coração humano na morte, e Payxão de Christo. Em dez discursos moraes, e jaculatorios de huma alma enterneçada aos pés de Christo crucificado. Offerecidos a Virgem Purissima do monte do Carmo, Soberana Emperatriz da Gloria por mão da Illustrissima, e Preclarissima Senhora D. Isabel Caetana de Menezes e Faro*, Porto: Officina de Manoel Pedrozo Coimbra, 1741. A obrinha teve, pelo menos, cinco edições desde 1711.
- 144 *Ponte segura para o golfo da vida no estreito passo da morte, que a mão do supremo Artifice deixou por misericórdia a toda a alma viadora descuidada do caminho, e fatigada no transito. Levantada em tres arcos triumphaes, e milagrosos fabricados dos tres soberanos nomes de Jesus, Maria, Joseph*, Lisboa: Oficina Real Deslandiana, 1717.
- 145 *Delicias da alma achadas no seu essencial centro Christo Jesu*, Coimbra: José Antunes da Silva, 1721.

dos franciscanos que acompanharam Catarina de Bragança a Londres, com o *Caminho do ceo* (1730)¹⁴⁶.

Teremos notado, como advertimos acima, que nesta livraria das concepcionistas da Penha de França faltavam alguns grandes nomes da literatura espiritual do Portugal dos séculos XVI e XVII... Não estavam, pelo menos em 1874, o editadíssimo Fr. Heitor Pinto da *Imagem da Vida Cristã*..., o *Tratado do Anjo da Guarda* (Évora, 1621), do Padre António de Vasconcelos – tinham, contudo, em espanhol, *Benefícios do Santo Anjo da nossa guarda* (Lisboa, 1634), piedosa obra muito interessante, até, por vezes, de deliciosa leitura, do jesuíta Martín de Roa¹⁴⁷ –, o *Espelho de religiosos* (Lisboa, 1622) de Fr. Bernardo da Cruz..., o P. Diogo Monteiro com a sua imponente *Arte de orar* (Coimbra, 1630)..., de Fr. Paulo de Vasconcelos a *Arte espiritual* (Lisboa, 1649)..., a majestosa *Vida da veneravel Madre Teresa da Anunciada* (Lisboa, 1763) do oratoriano P. José Clemente..., ou, ao lado destes, alguns mais maneirinhos – para não dizer «de bolso»... – como o *Trattado da evangelica oração do Pater Noster* (Lisboa, 1616) do juiz de Bento Gil, o *Comentario do Padre Nosso* (Lisboa, 1624) de Martim Afonso de Miranda..., ou a *Paraphrasis do psalmo Beati immaculati in via* (Lisboa, 1635) de Fr. Pedro Calvo, O.P... E nem todos seriam livros difíceis de encontrar...

À margem dos circuitos de produção da literatura de espiritualidade em Portugal exemplificada com os sete autores anteriores – lembremos dois autores estrangeiros. Fr. Giovanni Giuseppe di Santa Teresa que mais não é que o português João de Noronha Freire que, vivendo, desde os seus vinte anos, em Itália, lá professou no Carmo Descalço (Roma) e publicou, em italiano, algumas obras de espiritualidade e de história, uma das quais, *Finezze di Giesu sacramentato verso l'huomo e ingratitudine del l'huomo verso Giesu Sacramentato*... (Florença, 1690) veio a ser traduzido por uma sua irmã, Soror Francisca Josefa de Noronha, dominicana do lisboeta convento da

146 *Caminho do ceo descoberto aos viadores da terra pella determinação dos tempos, exercicio da continuação da vida e do artigo da morte*, Lisboa: Bernardo da Costa, 1730. Nesta edição – a primeira é de Londres, s. i., 1665 – juntou Fr. Manuel de Deus, varatojano, uma *Semana espiritual de meditações*. O escrivão do inventário errou o nome de autor – escreveu «de S. Bernardo» por «de S. Bernardino» – e omitiu o lugar da impressão.

147 *Benefícios del s.to Angel de nuestra guarda*, Lisboa: Antonio Alvarez, 1634.

Rosa. Dessa tradução – *Finezas de Jesus* (Coimbra, 1705)¹⁴⁸ – dispunham as concepcionistas da Penha de França de 2 exemplares.

Impossível seria não existir numa biblioteca de concepcionistas uma tão célebre autora como Soror María de Jesús de Ágreda. Da mística visionária confidente e como que directora espiritual de Filipe IV desde 1643 até 1665 – ano da morte de ambos¹⁴⁹ –, possuíam, como não?, a *Mística ciudad de Dios* (Madrid, 1711)¹⁵⁰ e os seus, também muito difundidos, *Ejercicios espirituales de retiro* (Madrid, 1718; Pamplona, 1769)¹⁵¹ e a sua tradução, por Fr. Felix da Conceição, *Ejercicios espirituales de retiro* (Coimbra, 1730,

148 *Finezas de Jesus sacramentado para com os homens, e ingratião dos homens para com Jesus*, Coimbra: João Antunes, 1705 (segundo B. M., II. p. 82); voltou a ser publicada em Lisboa em 1722 (António Pedrozo Galvão) e em 1765 (Joseph da Costa Coimbra); curiosamente, com o título, em algumas edições, um pouco alterado: *Amor de Jesus por los hombres en la Eucharistia e ingratitud de los hombres con Jesus* – teve uma carreira mais brilhante em Espanha, pois conhecem-se exemplares da edições de Zaragoza (1757), Madrid (1738, 1877, 1908, 1909, 1911), Burgos (1857), Barcelona (1766), Valencia (1760), Salamanca (s. a., Séc. XVIII)... Desta curiosíssima obra, cuja tradução portuguesa, está dedicada pela tradutora à ex-rainha de Inglaterra, Catarina de Bragança, possui a Biblioteca Pública Municipal do Porto, além de uma bela cópia manuscrita, um exemplar, sem rosto, com as várias licenças datadas de 1698. Comparada com a edição de Lisboa: Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1765, cujas licenças são de 1764 (sem a dedicatória e sem o «A quem ler», preliminares ambos da tradutora), atrevemo-nos a pensar que o exemplar da BPMP deverá ser da edição de Coimbra, 1705.

149 C. Seco Serrano, «La Madre Ágreda y la política de Felipe IV», in AA. VV., *La Madre Ágreda, Una Mujer del siglo XXI*, Soria: Universidad Internacional Alfonso VIII, 2000, pp. 11-23, oferece, baseado no celebrado epistolário entre o rei e a religiosa concepcionista, uma excelente revisão dessa relação.

150 Confessamos não ter encontrado, entre a multidão de edições da obra, qualquer referência a esta edição, de que, aliás, só tinham 4 (1º, 2º, 6º.7º) dos oito volumes que normalmente compõem tão célebre como polémica obra, pelo que damos o título de um exemplar da edição de 1721: *Mystica ciudad de Dios, milagros de su omnipotencia y abismo de la gracia, historia divina y vida de la Virgen Maria, Madre de Dios*, Madrid: Imprenta de la Causa de la Venerable Madre, 1721.

Sobre esta obra de Soror Maria, a monografia citada na nota anterior encerra achegas valiosas sobre a «mariologia en clave de 'historia de salvación'», bem como momentos das diversas censuras a que foi submetida; de Antonio Castillo Gómez uma visão sobre a mediação do confessor da concepcionista e os avatares da composição da *Mística ciudad de Dios* pode ver-se: «La pluma de Dios. María de Ágreda y la escritura autorizada», importantes páginas também acolhidas em *Via Spiritus*, 6 (1999), 103-119.

151 *Ejercicios espirituales que la Venerable Madre Maria de Jesus practicò y dexò escritos à sus hijas para que los praticasen en el religiosissimo convento de la misma villa*, Madrid: Blàs de Villa-Nueva, 1718; s.n., 1769.

2 exemplares)¹⁵², sendo que todos somavam 4 exemplares, o que, provavelmente, será um índice da sua prática – ou, quando menos, da sua leitura (esperamo-lo!) – na comunidade bracarense. A contabilizar neste núcleo «agredista» fundamental, havia uma biografia de Soror Maria de Jesús que elencaremos no núcleo da hagiografia existente na livreria.

Não discutindo aqui a pertinência da distinção prática entre exercícios espirituais – especialmente os inicianos adaptados a ritmos semanais ou mensais – e devoções, assinalemos, sem perder de vista alguns autores da Companhia de Jesus que ficaram apontados, em primeiro lugar a «bibliografia» em torno à devoção eucarística. Para além de um título como a anónima *Devoção ao Santíssimo Sacramento* (Lisboa, 1778)¹⁵³, um ou outro autor, S. Francisco de Sales, por exemplo, já ficou aludido, e os que lembraremos agora continuam a situar-se, preferentemente, ao nível da meditação prática. O cónego regente, D. Fernando da Cruz, com *Joia riquíssima dos corações limpos* (Lisboa, 1662, 2 exemplares)¹⁵⁴, tentando ir um pouco mais além, conserva, contudo, largamente esse carácter; igualmente o *Abysmo admiravel das divinas finezas do Santissimo e Augustissimo Sacramentoda Eucharistia* (Lisboa, 1780, 5 exemplares) do afamado P. Manuel Consciência¹⁵⁵; do jesuíta P. Manuel Dias, havia na livreria, o *Aparelho eucharistico, ou methodo para preparar a alma para a sagrada communhão* (Lisboa, 1743), título completo da obra publicada em Lisboa por Miguel Manescal da Costa; finalmente, recordemos a existência de *Meditações varias para antes e depois da comunhão* (Lisboa, 1672, 2 exemplares, um deles s.a., s.n., s.l.) que mais não é que, com ligeira adaptação do seu subtítulo – *Varias meditaciones, para los que frequentan la sagrada comunion, puedan prepararse, comulgar, y dar gracias*¹⁵⁶ –, uma tradução do *Comulgatorio*

152 *Exercicios espirituales da Veneravel Madre Soror Maria de Jesus de Agreda, accreentados pelo traductor, com hum methodo mais breve para se praticarem os exercicios da Cruz, e da morte por qualquer alma*, Coimbra: Luiz Seco Ferreira, 1730.

153 Provavelmente um folheto onsiderado de pouco valor: 10 réis.

154 *Joya riquíssima dos corações limpos, Jesus sacramentado, a cujo louvor, e honra dedica e consagra a presente obra*, Lisboa: Domingos Carneiro, 1662.

155 *Abysmo admiravel das divinas finezas do Santissimo e Augustissimo Sacramento da Eucharistia: propoem-se hum affectuoso Exercicio para o seu culto. E devota preparação para a sua festa solemmissima*, Lisboa1: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1780.

156 Aurora Egido, «Introducción» à reprodução-fac-similada de *El Comulgatorio* (Zaragoza, Juan de Ybar, 1655), Zaragoza: Institución «Fernando el Catolico», 2003, p. X, crê ter sido este o título primitivo da obra.

de Baltasar Gracián. A estes títulos, que julgamos os mais relevantes, juntemos os 14 exemplares das populares *Visitas ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima*, obra de Santo Afonso Maria de Ligório, datados todos da última década de Setecentos e da primeira de Oitocentos.

Pode este último título servir para introduzir alguns exemplos da devoção mariana bem presente – naturalissimamente – numa livraria de concepcionistas. São cerca de 30 obras, o que não é pouco se pensarmos que representam um pouco mais de 10% do total dos 253 impressos da primeira secção do inventário... Além destas, registados na seção de «Livros d'orações e rezas», chegaram até 1874, 9 *Ofícios de Nossa Senhora*, seis dele de impressão estrangeira (Veneza e Antuérpia) a que haverá que juntar mais 2 exemplares, enumerados na primeira secção do Inventário, do *Officio da Purissima Virgem Maria N. S. conforme o breviario Romano, reformado pelo Papa Urbano oitavo em latim* (Coimbra, 1737; Colonia, 1738)¹⁵⁷. Todos somados, são uma parcela mais do indelével peso da literatura litúrgica e devocional na livraria. Não seria de esperar?

Lembremos, antes de qualquer outro, porque é não só, cronologicamente, o autor mais antigo, mas também porque é o de maior tomo dos quatro exemplos escolhidos para patentear essa presença, o jesuíta Cristóbal de la Vega, biblista e teólogo mariano, autor da conhecida obra *Devoción a Maria en Hespañol* de que o escrivão do catálogo omitiu, por qualquer razão, o lugar e o ano da impressão. Assinalou, porém, que se tratava de um exemplar da «segunda impressão», donde resulta ser um da *Devoción a María, passaporte o salvo conduto que da passo franco para una buena muerte* (Valencia, Ieronimo Villagrassa, 1666)¹⁵⁸. Prosseguindo esta orientação devocional, em tom menor, mas não menos afetivo, assinalem-se, de Dom Fernando da Cruz, cónego regente de Santa Cruz de Coimbra, *Amores de Maria Santissima* (Lisboa, 1682)¹⁵⁹; as *Meditações sobre os principaes Misterios da Virgem Santissima* (Lisboa, 1706)¹⁶⁰, do P. Manuel Bernardes; de Carlos do Vale Carneiro as *Oras Portuguesas* (Lisboa, 1712)¹⁶¹; do jesuíta Bernardino Villegas, *Favores*

157 Não conseguimos localizar exemplares destas edições.

158 A primeira tinha sido publicada, também em Valencia, em 1655, por Bernardo Noguès.

159 *Amores de Maria Santissima, mãy de Deos, e Senhora Nossa ou amorosos colloquios à mesma Senhora*, Lisboa: Domingos Carneiro, 1682.

160 *Meditações sobre os principaes mysterios da Virgem Santissima Senhora nossa, Mãe de Deos...*, Lisboa: Bernardo da Costa de Carvalho, 1706.

161 *Horas portuguesas do Officio da Virgem nossa Senhora, e ramallete manual de diversas oraçoens*, Lisboa: Officina de Lino da Silva Godinho, 1682.

de Maria (Lisboa, 1719)¹⁶²; de um jesuíta mais, Gabriel Hevenesi, a *Arte da boa morte, ou devoção quotidiana para com a Virgem Santissima* (Coimbra, 1732)¹⁶³; do Padre Teodoro de Almeida existiam na livraria dois pequenos devocionários à Virgem Maria, que, traduzidos em espanhol e em francês, obtiveram uma certa difusão em Espanha e em França¹⁶⁴: os *Estimulos do amor da Virgem Maria mãe de Deus* (Lisboa, 1759)¹⁶⁵, e os *Gemidos da Mãe de Deus ou estimulos da compaixão das suas dores* (Lisboa, 1785)¹⁶⁶. Recordemos ainda, sublinhando a importância do autor para diferentes dossiers da espiritualidade de Setecentos em Portugal, a *Epitome mariana das festas e mysterios principaes de Maria Santissima; Traduzida da lingua francesza e deduzida dos Exercicios de Piedade do P. João Croiset*, Lisboa, Officna Patriachal de Francisco Luiz Ameno, 1760..., sem esquecer que o restante dos 30 títulos são múltiplas edições da *Coroa mariana*..., meditações sobre o rosário..., a *Escravidão e filial entrega a Maria*..., mais algum *Oficio*..., alguma obra com o singular título *Conjuntivo do venerabilissimo Nome de Maria*, e o *Optativo do Santissimo Nome de Jesus* (Lisboa, 1737, 2 exemplar) do franciscano Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo¹⁶⁷, e dentro dos 11 títulos de novenas, várias dedicadas à Virgem Maria celebrando os seus «principaes mysterios» (3 exemplares)..., da «Senhora da Conceição» (2 exemplar, uma delas traduzia do francês)..., da «Maternidade da Virgem»..., sendo que só da *Novena de Nossa Senhora*

162 *Favores da Virgem Santissima a seus devotos*, Lisboa: Mathias Pereira, 1719.

163 *Arte da boa morte, ou devoção quotidiana para com a Virgem Santissima, mãe de Deos, offerecida aos devotos da Virgem Santissima na lingua latina pelo R. P. Gabriel Hevenesi, e traduzida pelo R. P. Manuel dos Anjos*, Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1732.

164 Para estas edições e para a sua semântica na obra deste oratoriano será sempre imprescindível Z. C. dos Santos, *Literatura e espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007, pp. 401-406, 440, 441.

165 *Estymulos do amor da Virgem Maria Mãe de Deus*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1759.

166 *Gemidos da Mãe de Deus afflicta, ou stimulos de compaixão deas suas dores*, Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1785. Desta obra, que em 1885 ia na 4ª edição, conserva a B. N. P. cinco exemplares, três dos quais, a julgar pelas marcas de posse, pertenceram a religiosas, o que talvez seja indicativo do apreço nos conventos femininos.

167 O *Optativo do Santissimo Nome de Jesus por hum Religioso* [o próprio Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo] teve uma 1ª edição em Lisboa: Pedro Ferreira, 1735. Não logramos localizar estes pequenos devocionários, ambos editados por Pedro Ferreira, considerados, pelos avaliadores, de insignificante valor (5 réis). Devemos a D. Barbosa Machado (II, p. 246) as únicas referências ao autor e a essas suas obras...

dos *Anjos da Porciuncola*, solene festividade litúrgica franciscana, havia 34 exemplares¹⁶⁸ ... Atendamos, por fim, à famosa – e, como decorre da sua censura expurgatória assinalada no rosto de quase todas as edições, discutida – obra de Estevan Dolz del Castellar, *Año virgineo cuyos dias son finezas de la gran Reyna del cielo Maria Santissima Virgen, Madre del Altissimo, sucedidas en aquellos mismos dias, que se referen. Añadensea estas trecientos y sessenta Exemplos, con otras tantas Exortaciones, oraciones, Exercicios, y Elogios sacados de los Santos Padres, para quien se preciare de Devoto de esta Altissima Señora, no passe dia del año sin tributarle algun particular obsequio. Corrigido y emmendado en esta septima edicion segun el expurgatorio del año de 1707 y las demas particularidades del Santo Officio expedidos hasta fin del año de 1742* (3 exemplares.)¹⁶⁹.

A devoção a S. José, longe do relevo das duas anteriores, manifestava-se quer em *Tributo de varios obsequios da honra de Sam José* (Lisboa, 1744)¹⁷⁰ do jesuíta José Maria Prola, quer em *Vida, excelencias e morte del Gloriosissimo Patriarcha Sam José* (Lisboa, 1715)¹⁷¹ que mais não é que uma edição mais (teve, pelo menos, umas 20 entre 1604 e 1854) do extenso poema narrativo de José Valdivielso sobre a vida do pai de Jesus – digamo-lo assim, porque, como defende o grande carmelita Fr. Jeronimo Gracián de la Madre de Dios na sua *Josefina: Summario de las excelencias del gloriosos San Joseph, Esposo de la Virgen Maria* (Brusellas, 1609) – foi, neste mundo, o verdadeiro pai de Cristo. Dada a grande popularidade do poema, gostaríamos de pensar, talvez atrevidamente,

168 Talvez valha a pena lembrar, na sequência das observações de Fr. J. de Belém (*Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves*, cit., II, 9, 11, p. 446, o costume das freiras fazerem novenas antes das festas principais ou das dos santos de sua devoção.

169 O escrivão que copiou o título em espanhol, não registou o ano e lugar da edição. Teriam, como parece, as conceptionistas a edição de Madrid: Juan de Zuñiga, 1743? Ao parecer os exemplares estavam faltos do 3º volume dos quatro que formam a obra quando completa, mas ainda assim, valia 400 réis... Editada desde 1686 (Valencia), poderia dizer-se ser a obra, de acordo com a censura do Dr. Juan Martínez (Madrid, 6.9.1695) que aplicava um juízo de Pico della Mirandola sobre Filipe Beroaldo, uma «tradicional y viva biblioteca mariana» ... Como curiosidade, lembremos que um dos motivos do «burburinho» – a palavra é do autor – em torno da obra devia-se às «disquisiciones» do próprio Dolz del Castellar sobre o nome da mãe de S. José (Obduia?) e da genealogia do santo...

170 *Tributo de varios obsequios à honra de S. José*, Lisboa: Oficina de Pedro Ferreira; Francisco de Lyra, Lisboa 1609; Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1611; id. 1615; Lisboa: António Álvares, 1654.

171 *Vida, excelencias y muerte del Gloriosissimo Patriarcha y esposo de Nuestra Señora San José*, Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1615. Não encontramos nem localizámos qualquer exemplar de 1715, pelo que, supondo um despiste do escrivão do inventário, damos, como provável, a edição de 1615. Aliás, exemplar altamente avaliado: 200 réis.

que as concepcionistas, que não parecem ter tido grande coisa de poesia na sua livraria, devem ter mesmo lido algo, pelo menos, do largo poema sacro de Mestre José Valdivielso...

Ainda no vastíssimo campo devocional, celebremos, porque documentada na livraria, a bem «recente» – e, então, não isenta de polémica por parte de ambientes jansenistas ou jansenisantes – devoção ao Coração de Jesus. Com efeito, como suporte dessa devoção, possuíam alguns títulos fundamentais da autoria de um dos seus grandes difusores, o P. Jean Croiset, jesuíta que foi director espiritual de Santa Margarida Maria d'Alacoque: *Devoção ao Sagrado Coração de Jesus em Hespanhol* (Barcelona, 1737¹⁷²; Salamanca, 1766), ambas tradução do francês em espanhol pelo P. Pedro Peñalosa, também da Companhia, mas da primeira apenas tinham o tomo I e da segunda só possuíam o tomo II., pelo que a obra não deveria ter estado completa senão depois de 1766¹⁷³. Do P. Croiset havia ainda uma obra – *Coração de Jesus com novena e officios pelo padre João Croiset* (Lisboa, 1778, 2 vols.) – de que tinham 5 exemplares, e que, a julgar pela alta valorização atribuída pelos avaliadores – 800 réis –, não deveria ser apenas uma novena mais das muitas em que a livraria era farta e cujo valor andava pelos 40 réis. Cremos tratar-se, pois apenas localizamos uma edição mais recente na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, de um exemplar da *Devoção ao sagrado coração de Jesus com novena e officios dos santissimos nomes de Jesus e de Maria, e muitas outras devoções, composta em lingua franceza pelo Padre João Croiset, novamente traduzida na portuguesa*, Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1787 (2 vols.)¹⁷⁴.

172 O escrivão registou Barcelona por Pamplona.

173 *La devocion al sagrado Corazon de Jesus: medio no menos poderoso que suave para assegurar la salvacion en todo genero de estados... escriviola en frances el R. P. Juan Croiset de la Compañia de Jesus, y la ha traducido en castellano y comentado el P. Pedro Peñalosa de la misma Compañia*, Pamplona: Officina de la viuda de Alfonso Burguete, 1737 – T. I; Salamanca: Antonio Villagordo, 1766, – T. II.

174 Na mesma data publicava-se a *Novena em obsequio do Sagrado Coração de Jesus, culto que se lhe tributa na Real Capela da Bemposta. Ordenada por hum indigno devoto do mesmo Sagrado Coração*, Lisboa: Francisco Borges de Souza, 1778. Qualquer destas pequenas publicações aparece na sequência de uma intensificação do culto ao Sagrado Coração de Jesus cuja festa litúrgica, tradicional nos mosteiros da Ordem da Visitação, tinha sido instituída no ano anterior na diocese de Lisboa pelo *Edital que institue a devoção ao Santissimo Coração de Jesus Christo, com officio e missa propria com rito de duples maior na primeira sexta-feira depois do oitavo da festa do Corpo de Deus*, Lisboa: Antonio Rodrigues Galhardo, 1777. Nem valeria a pena recordar que este filão devocional culmina em 1779 com a construção da Basílica da Estrela em Lisboa dedicada ao Coração de Jesus pela rainha Maria I.

Tinham ainda mais uma *Novena ao Santissimo Coração de Jesus* (Lisboa, 1734), igualmente bem avaliada – 160 réis.

Além dos vários tipos de «exercícios» que, especialmente devidos a autores da Companhia de Jesus, ficaram assinalados, vale ainda a pena deixar anotados mais dois ou três títulos que contribuem para um grupo bibliográfico que deverá ter sido apreciado – o tempo e o modo pretendem apenas recordar, uma vez mais, das dificuldades em determinar das razões da existência de edições da mesma obra cronologicamente distantes – pelas freiras da Penha de França. Estão neste caso, os *Exercícios divinos* (Lisboa 1714) de Nicolau Eschio¹⁷⁵, obra de larga fortuna ibérica desde que, em 1554, foi editada, em Évora, a primeira tradução da obrzinha do espiritual flamengo¹⁷⁶; os *Exercícios admiráveis para os dias de recolhimento interior que costumão e devem ter as pessoas religiosas, e as que desejão salvar-se, ordenados e traduzidos por Boaventura Maciel Aranha* (Lisboa, 1728, 2 exemplar.)¹⁷⁷. Obra de carácter muito prático em que se cita a *Subida del Monte Sión* – sem nomear o seu autor, Fr. Bernardino de Laredo –, os *Avisos* de Santa Teresa (com alguma abundância), se copiam um troço dos sermões de S. Vicente Ferrer e uma página de S. Francisco de Sales, e se ordenam umas páginas com as «Lições da Paixão de Christo Bem nosso deduzidas das obras de Fr. Luis de Granada», e, sobretudo, como o declara o autor, adaptam-se, para 9 dias, os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. Compreende-se o «ordenados e traduzidos...» da folha de rosto, um verdadeiro índice da obra...

175 *Exercícios divinos das tres vias Purgativa, Illuminativa e Unitiva pera conseguir huma perfeita, e mistica união com Deos...*, Lisboa: Officina de Francisco da Silva, 1714.

176 J. A. de F. Carvalho, «A difusão dos *Exercícios divinos revelados* de Nicolau Eschio na Península Ibérica – 1554-1787. Uma aproximação editorial», *Via Spiritus*, 26 (2019), pp. 127-163.

177 Vale a pena copiar todo o título da obra: *Exercícios admiráveis para os dias de recolhimento interior que costumão e devem ter as pessoas religiosas, e as que desejão salvar se; descrevem se as prerrogativas da Oraçam; mostra-se que a oraçam he para todos, e que ninguem se pode escuzar della, porque não sabe ou porque não pode. Exprime-se hum breve methodo para que os que a quizerem ter, e se dão os pontos mais importantes para isso. Trata-se da necessidade da mortificação; declarase que seja mortificação, e quantas maneiras ha dela. E tudo se exorna com os mais importantes documentos, e com as mais singulares sentenças. Ordenados e traduzidos por...*, Contador da Fazenda da Mitra Primàs das Hespanhas. Lisboa Occidental, Edicam segunda: Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1728. Confessamos ter logrado localizar apenas o exemplar da obra existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

A modo de conclusão das notas sobre os últimos parágrafos acerca de livros de exercícios e devoções, podemos aludir a algumas obras que pretendem tratar mais específica e teoricamente da arte de orar. Em tempos em que ainda não estavam serenadas as «eternas» polémicas em torno da oração na sombra de Miguel de Molinos com pingos a S. João da Cruz e, geograficamente mais longínquas, as acesas polémicas sobre o Quietismo¹⁷⁸, nada nos admira que as concepcionistas possuíssem uma edição da *Medula mistica* (Coimbra, 1705)¹⁷⁹ do carmelita Fr. Francisco de Santo Tomás, «el texto más logrado de espiritualidad compuesto por estas fechas [1695, data da 1ª edição]»¹⁸⁰; na mesma onda haverá que ler a existência de *Resumo de theologia mistica* (Lisboa, 1728, 2 exemplar.) do P. Bautita Rebelo¹⁸¹ em que a alusão, no título, à «clareza e boa doutrina» e, como que em resumos, às « cousas admiráveis » em torno da Teologia Mística poderá, além de voluntárias remissões ao livro de Francisco de Santo Tomás, relevar de uma «necessidade» de cautela – ainda – exigida pelos tempos. Lastimemos, uma vez mais, não termos possibilidades de datar a entrada destas últimas obras na livraria.

A um nível mais imediatamente prático, de Fr. Manuel de Deus, O.F.M., havia na biblioteca a difundida *Luz e methodo* (Coimbra, 1735, 2 exemplares, 1747, 1756; Porto, 1792)¹⁸². Do mesmo autor, havia ainda o *Catholico no*

178 P. V. B. Tavares, *Beatas, inquisidores e Teólogos: Reacção portuguesa a Miguel de Molinos*, ed.cit. pp. 41-80, constitui uma excelente e a mais recente abordagem desse grande tema da teologia espiritual que desde a segunda metade do século XVII apaixonava a cultura europeia; do mesmo autor, a edição de M. de Molinos, *Guia espiritual, breve tratado da Comunhão quotidiana e excelências da oração mental tiradas dos santos*, Com Nota de Apresentação de J. A. de F. Carvalho e Prefácio de S. Stroppa, Porto: CITCEM, 2017.

179 *Medula Mystica, sacada de las divinas letras, de los santos padres, y de los mas classicos doctores, mysticos y, escolasticos, en que con claridad, brevedad y buena doctrina, y erudicion se explica el camino, y santo exercicio de la oracion, y sus grados, desde los primeros rudimentos, hasta la suprema y intima union con Dios, donde tambien se trata ex professo de las visiones, locuciones, revelaciones, suspensiones, extasis, arrobamientos; todo con muchas advertencias y convenientes avisos; con dos indices uno de los tratados y capitulos, y otro de las cosas principales que contiene...*, Coimbra: Antonio Simoens, Impresor de la Universidade, 1705.

180 Eulogio de la Virgen del Cármén [Eulogio Pacho], *Historia de la Espiritualidad. Espiritualidad Católica*, Barcelona: Juan Flors, 1969, II,2, pág. 307.

181 *Resumo de Theologia Mystica, em que com clareza e boa doutrina, se comprende a dita Theologia, e cousas admiráveis da materia do Spirito*, Lisboa Occidental: Oficina de Antonio Pedrozo Galvão, 1728.

182 *Luz e methodo facil para todos os que quizerem ter o importante exercicio da Oração Mental acrescentado com a Via-Sacra e Ladinha de Nossa Senhora*, Coimbra: Antonio Simoens Ferreira, 1735. (B M., III, p. 245, apontando uma edição de Lisboa: Miguel Rodrigues,

templo exemplar e devoto, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1730; e, talvez, dirigida originariamente a leitores especificamente mais próximos da Companhia, dispunha a biblioteca um exemplar da *Arte de orar* (Lisboa, 1743)¹⁸³ do P. António Carneiro, autor de uma «acomodação» dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio que já assinalámos.

Porque base das bases, não podiam faltar na biblioteca algumas cartilhas... Além de uma edição até agora não conhecida e que também não logramos localizar da *Cartilha accrescentada pelo Padre Ignacio Martins* (Lisboa, 1688) – a célebre *Cartilha do Padre* [ou Mestre] *Inácio* ou simplesmente a *Cartilha* «tout court» – quer dizer a *Doutrina Crhristam ordenada a maneira de dialogo, pera ensinar os meninos pelo Padre Marcos Jorge da Companhia de Jesus, Doutor em Theologia; acrecêta da pelo Padre ignacio Martinz da mesma Companhia Doutor Theologo*, Lisboa, Manoel de Lyra, 1592¹⁸⁴, havia ainda uma de Lisboa, 1710 e outra sem data e sem lugar de impressão; existiam ainda a *Cartilha Nova novamente accrecentada, e offerecida a São Aleixo* (Porto, 1793)¹⁸⁵, uma pretensa concorrente à do «Padre Inácio», cuja primeira edição parece ser de 1735, e também a *Doutrina Cristã, explicação breve* por Fr. Antonio Arbiol (Zaragoza, 1725)¹⁸⁶. Se gostaríamos de saber como e porquê terá entrado na biblioteca esta obra do prolífico e difundidíssimo autor da *Familia regulada* e dos *Desenganos místicos*, muito mais apreciaríamos conhecer as circunstâncias da entrada do célebre *Catecismo de Montpellier* (Lisboa, 1770)¹⁸⁷, de

1729, fornece a única referência que encontrámos à edição de 1735; as posteriores são do próprio inventário).

183 *Arte de orar abreviada à instrução com que se crião os noviços da Companhia de Jesus*, Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1743 (1ª edição, Coimbra, 1721).

184 Oferecemos o título da primeira edição em que aparece registada a colaboração do P. Inácio Martins, de cujo exemplar, único conhecido das várias edições do século XVI, conservado na Biblioteca Marqués de Valdecilla da Universidade Complutense de Madrid, se fez uma edição fac-simile (Porto, 2004) preparada pelo Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto.

185 Não logramos localizar qualquer exemplar nem referência a esta edição.

186 Não encontrámos obra alguma de Fr. Antonio Arbiol com o título *Doctrina Christiana*. Poderá ser a *Explicacion breve de todo el sagrado texto de la Doctrina christiana para consuelo y aprovechamiento fundamental de las personas espirituales*? Se for, não localizámos a edição indicada no inventário, mas uma de Zaragoza: Pedro Carreras, 1723.

187 Damos, por evidente interesse aqui, o título da impressão destinada à arquidiocese de Braga: *Instruções Geraes em forma de catecismo nas quaes se explicão em compendio, pela Sagrada Escritura, e tradição a historia, e os dogmas da religião, a moral christã, os sacramentos,*

orientação rigorista jansenizante¹⁸⁸, cuja tradução – patrocinada pelo cardeal D. João Cosme da Cunha, arcebispo de Évora, em pleno clima anti-Companhia de Jesus conduzida pelo Marquês de Pombal que o protegia e a quem, mais tarde, virou as costas – teve a primeira edição em 1765 (Lisboa, Regia Officina Tipografica) para uso do arcebispado de Évora, seguida, desde 1770, de reimpressões, com ligeiras variantes no título, «para uso de...» diferentes dioceses (Braga..., Faro..., Coimbra..., Porto...), além de uma que, de alcance mais geral, se declarava «para uso dos Reinos, e Domínios de Portugal». Foi avaliado o exemplar do convento da Penha de França em 160 réis, valor que quiçá se explique por estar incompleto – faltava-lhe o 1º tomo, dos quatro que compunha a edição –, mas nesses fins do século XIX, quando ainda era editado (Lisboa, 1824, 1831, 1870..., Porto, 1855...), talvez a edição de 1770, quase centenária, já não tivesse grande interesse comercial. De qualquer modo, poderia apostar-se como não foi da iniciativa das religiosas da Penha de França a compra ou o pedido de oferta de tal obra... Saberiam elas até da sua existência na livraria da casa?

Deixando de parte o *Jardim de Portugal em que se da notícia de algũas Sanctas e outras molheres illustres em virtude* (Coimbra, Nicolau Carvalho, 1626) de Fr. Luís do Anjos, OSA¹⁸⁹, de que possuíam um exemplar que devia estar em mau estado – pela descrição do inventário não deveria sequer ter rosto, pois omite-se o autor, data da edição etc. –, o que pode justificar que fosse avaliado em 40 réis, quanto à hagiografia apenas podemos registar umas «miseráveis» dez vidas de santos ou de gente venerável, núcleo, se numericamente sem grande expressão, muito significativo, contudo, se se tiver em conta que – compreende-se – seis são biografias de mulheres.

Curiosamente, a primeira, que é também a obra com que abre o inventário, embora seja, cronologicamente uma das mais tardias, respeita à *Vida*

as orações, as cerimoniaes, e os usos da Igreja. Impressas por ordem do Senhor Carlos Joaquim Colbert, bispo de Montpellier. Com dous catecismos abreviados para o exercicio dos meninos. Traduzidos na lingua portugueza para uso do arcebispado de Braga, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.

188 E. S. Sousa, *Jansénisme et reforme de l'Église dans l'Empire Portugais – 1640 à 1790*, Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2004, pp. 243-262, aporta precisões muito importantes para a tradução e difusão da obra.

189 Não podemos deixar de assinalar a edição de *Jardim de Portugal*, Introdução e notas de M^a de L. C. Fernandes, Porto: Campo das Letras, 1999.

de Santa Joana Francisca por Carlo Antonio Saccarelli (Madrid, 1778)¹⁹⁰, a conhecida discípula de S. Francisco de Sales; logo depois os inventariadores registaram a biografia de D. Antonia Jacinta de Navarra y de la Cueva (1602-1656), uma cisterciense, leitora de Santa Gertrudes a quem cita muitas vezes, de existência tão extremamente penitente como bizarra, que, como reconhece um dos seus directores espirituais, arrastando pelo mosteiro «gran cantidad de cadenas, rallos, y cruces», fazia grande «ruido con semejantes alaxas» – *Vida e virtudes da Prodigiosa e Veneravel Senhora Dona Jacinta de Navarra* (Salamanca, 1678)¹⁹¹; possuíam as conceptionistas da Penha de França a volumosa e pormenorizadíssima *Vida, favores y mercês, que Nosso sSenhor fez á veneravel irmã Mariana de Jesus da Ordem Terceira de S. Francisco* «em Hespanhol» (1678, «segunda impressão») por Luiz de Mesa¹⁹²; avaliado em 40 réis, um valor baixíssimo se comparado com o atribuído às três biografias anteriores – 400, 400, 240 réis, respectivamente –, havia mais, a ler, como reza o rosto da obra, no contexto da sua beatificação, o *Compendio da vida de B. Maria da Encarnação. Extrahido da que escreveu em italiano Bartholomeu Moirani romano* (Lisboa, 1792)¹⁹³; como já aludimos, dispunham as conceptionistas da Penha de França da *Relação da vida de Sor Maria de Jesus...*

190 *Vida de la Santa Juana Francisca Fremiot de Chantal, fundadora de la Orden de la Visitación de Santa Maria*, Madrid: Joachin Ibarra, 1778.

191 *Vida y virtudes de la prodigiosa y venerable Señora Doña Antonia Jacinta de Navarra y de la Cueva Abadesa del Ilustrissimo y Real Monasterio de las Huelgas, cerca de Burgos, de la orden del Glorioso y Melifluo Padre San Bernardo. Sacada a la letra de los Quadernos que por mandado de sus superiores dexò ella escritos de su misma mano. Por el M. R. P. Fr. Juan Saracho... Dedicada al Señor Don Juan de Austria, Gran Prior de Castilla y Leon...*, Salamanca: Lucas Perez, 1678.

192 *Vida favores y mercedes, que Nuestro Señor hizo a la venerable hermana Mariana de Jesus, de la Tercera Orden de S. Francisco, natural de la Villa de Escalona que vivio y murio en Toledo. Compuesta por el Licenciado Luis de Mesa, Presbitero y su Confessor. Dedicale a la Magestad Catolica de la Reyna Nuestra Señora Doña Mariana de Austria el M.R.P. Fr. Bernardo Reyno...*, segunda impresion, Madrid: Imprenta Real, por Juan Garcia Infançon, 1678.

193 *Compendio da vida de B. Maria da Encarnação, fundadora das carmelitas descalças em França, y religiosa leiga da mesma Ordem, conhecida no século por Madama Acarie beatificada pelo SS. P. Pio VI a 5.de Juno de 1791. Extrahido da que escreveu na lingua italiana Bartholomeu Moirani romano, Impressa em Roma no dito anno de 1791*, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1792. A obra italiana em que se baseia o *Compendio...* deve ser a *Vita della Beata Maria dell'Incarnazione monaca conversa professa dell'Ordine delle Carmelitane Scalze, e fondatrice del medesimo ordine in Francia. Scritta da Batolomeo Moirani romano e dedicta alla Maestà del Rè Catolico Carlo Quarto dal sacerdote Nicolò Imbert de Chatonoy...*, Roma: Presso I Lazzarini 1791.

em *Hespanhol* (Madrid, 1727)¹⁹⁴ de que foi autor Fr. José Ximénez [Jiménez] Samaniego, O.F.M., bispo de Plasencia, que, aliás, escreveu o famoso *Prologo Galeato* que acompanha a grande maioria das edições da *Mística Ciudad de Dios* da Madre María de Jesus de Ágreda; finalmente, lembremos a *Epitome da vida e morte de Santa Rosa de Viterbo, recopilada por Fr. Manoel do Sepulchro* (Coimbra, 1675)¹⁹⁵.

Em 1874, de santos e veneráveis conservavam-se, na biblioteca, não apenas a *Vida Apostolica e milagres de Sam Thomaz de Villa Nova* por Fr. Duarte Pacheco (Lisboa, 1629)¹⁹⁶, mas também a *Vida do Padre Antonio de Almeida de Villa Nova* pelo P. Francisco Gomes de Sequeira (Lisboa, 1735)¹⁹⁷, e a *Vida e morte de Bento José Labre, por João Baptista Alegiani* (Lisboa, 1785)¹⁹⁸ e ainda o *Resumo da Vida de Santo Affonso Maria de Ligorio, tradução do Francez*, Porto, 1650 [1850]¹⁹⁹.

194 *Relacion de la vida de la venerable sor Maria de Jesus*, Madrid: Imprenta de la Causa de la Venerable Madre, 1727.

195 Não logramos qualquer referência e menos localizar esta obra. Do mesmo autor, existe a conhecida *Roza franciscana. Tratado da prodigiosa vida da Virgem S. Rosa de Viterbo, filha professa da Veneravel Ordem terceira da Penitencia de N. P. S Seraphico S. Francisco...*, Lisboa: Oficina de Antonio Rodrigues d'Abreu, 1675. Tendo em conta que o autor e a data da edição são os mesmos poderia pensar-se em qualquer confusão do escrivão ou de quem lhe ditava...

196 *Epitome de la vida apostolica, e milagres de S. Thomas de Villa Nova, Arcebispo de Valencia, da Ordem de Nosso Padre Santo Agostinho. Com hum tratado da vida do veneravel P. Luiz de Montoya... composto pello P. Mestre Frey Duarte Pacheco da mesma ordem, tirada dos processos que se fizeram pela Santa Se Apostolica para sua canonização*, Lisboa: Pedro Craesbeeck, Impressor del rey, 1629.

197 *Vida do Padre Antonio de Almeida de Villa Nova, chamado vulgarmente o Padre dos Terços, reformador que foy do methodo de rezar em vos alta o Terço de Nossa Senhora em as Igrejas, Oratorios, cazas particulares*, Lisboa Occidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1735.

198 *Resumo da vida e morte do servo de Deos Bento José Labre, por João Baptista Alegiani*, Lisboa: Antonio Rodrigues Galhardo, 1785. Bento José Labre († 1783), só veio ser elevado aos altares na segunda metade do século XIX (1859, 1881), mas a ressonância em Portugal da sua (literalmente) «extra-ordinária» personalidade e vida e da sua fama taumatúrgica começou concomitantemente pela publicação da pequena, mas precisa, obra de Alegiani e por uma série de diligências diplomáticas nos fins do reinado de D. José e dos começos do D. Maria I. A este tema labreano dedicámos umas notas em «Un santo en la Viradeira. Los comienzos de la difusión del culto de Benito José Labre en Portugal (1783-1785)», *Archivio italiano per la storia della pietà*, vol. XXVII (2014) pp. 175-197.

199 Corrigimos o ano devido a lapso do escrivão, porque além de Santo Afonso Maria ter nascido em 1696, é a real data da edição referida no inventário cujo título é exactamente o que registou o escrivão, sendo o editor a Tipografia Comercial da referida cidade.

Cremos, mesmo perante a breve amostragem a que procedemos, não será desajustado dizer que a livraria inventariada e avaliada em 1874 se pode considerar uma livraria singular... Se, verdadeiramente, como já aludimos, representava – ou representaria, se quisermos ser mais prudentes – pouco mais que um século de livros (1725/1727-1850), os seus 253 impressos (textos de espiritualidade e/ou de devoção), mais os 46 impressos respeitantes a obras litúrgicas ou para litúrgicas e ainda os seus 35 manuscritos de variados interesses distinguiam-na entre as muitas outras livrarias conventuais femininas de Entre Douro e Minho. Com efeito, tendo em conta que, como já ponderámos, a livraria das clarissas de Caminha apenas contava, em 1889, com 61 volumes – de que, ao parecer, nada mais sabemos (data e local e língua das edições..., valor individual ou total das obras, etc.) –, apenas a livraria das dominicanas «liberais» do convento do *Corpus Christi* em Vila Nova de Gaia²⁰⁰ com os seus 363 livros e 268 códices²⁰¹, com uma existência que remontava a 1345, a suplantava, mas há que atender que tinham tido uns séculos mais para formar a sua biblioteca²⁰²...

Mas tanto em Penha de França como em Caminha não aparece um único sermonário nem, sequer, um único sermão impresso autonomamente... Nem mesmo de um Manuel Bernardes..., de um Bartolomeu do Quental..., de um Padre Chagas, autores, como assinalámos, bem representados no inventário... Nem sequer do P. Vieira, ainda tão famoso neste século de livros, com tantos sermões que são autênticos textos de meditação, sobre a Eucaristia..., sobre a Virgem Maria, por exemplo... Aqui, talvez valha a pena lembrar, por contraste, as livrarias dos frades onde, muito naturalmente, abundavam, por razões de púlpito – porque não dizê-las profissionais? ... –, os sermonários.

200 T. L. d'Assumpção, *As últimas freiras*, Porto: Livraria Portuense de Lopes e C.^a, 1894, pp. 137-222.

201 P. J. S. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos...», cit., pp. 125-152 (*maxime* 148).

202 Aparentemente, poderia ter algum interesse lembrar os 742 livros e 39 códices que, apesar das vicissitudes do seu mosteiro, possuíam em 1893, as quase suas contemporâneas concepcionistas de Nossa Senhora da Conceição da Luz, de Lisboa, mas convirá não esquecer as distâncias – e não apenas culturais – entre Braga e Lisboa, uma cidade de província e a capital do Reino...

Uma livraria singular de um mosteiro singular... Singular tanto pela sua curta existência – quase sem tradições, pois quando as suas moradoras queriam saber algo sobre os ritos e liturgias que seguiam por tradição..., sobre as festas de sua obrigação tinham que informar-se junto do mosteiro da Luz de Lisboa que, como vimos, tinha servido de modelo fundacional²⁰³ – como pela sua fundação pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles que o colocou sob a imediata obediência dos arcebispos de Braga, e, em caso de «sé vacante», na obediência directa do papa (via núncio apostólico), interregno em que não valia a jurisdição capitular... Terá tão estreita dependência episcopal interferido na formação da livraria ao longo dos cerca de 100 anos da sua verdadeira existência? E qual poderá ter sido a influência de confessores e directores espirituais – certamente de predominância franciscana – na aportação dos livros? Questões *qui mènent nulle part*...? A que, talvez, algum dia, haverá que tentar encontrar saída... Entretanto, como no caso presente, pelo rodar do tempo, haverá que ir publicando o inventário da(s) livraria(s) do fim da história da casa. Procurando interpretá-lo à luz das suas congéneres, valorizando talvez, como em ensaio, as livrarias da mesma diocese ou região, trilhos – não limites – que nos poderão permitir ir precisando a circulação dos livros e, tanto quanto for possível, deles ir datando a leitura... Descendo os livros das estantes...

203 Nos *Estatutos*, cit., pág. 65, (cap. X, § 2, Da Oração e Offício divino, em nota), a propósito de «Férias» litúrgicas, indica-se que, o convento da Penha de França, tal como o de Ágreda e o da Luz em Lisboa, só deveriam considerar obrigatórias a Vigília de Natal, a Quarta Feira de Cinza e os dias da Semana Santa, decisão apoiada no parecer de catorze teólogos e rubricistas consultados pelas religiosas do Convento da Luz de Lisboa. Assim, poderiam continuar a rezar, «segundo o costume», as férias da Conceição de Maria «que não são especialmente privilegiadas».

Havia em Braga, desde 1629 o Convento de Nossa Senhora da Conceição, o primeiro da ordem de Santa Beatriz da Silva que se fundou em Portugal. Porque não terá servido de modelo? Por outro lado, a estar quer pela documentação conservada no A.D.B. e no A.N.T.T., quer pelo precioso «Quadro das livrarias e dos cartórios dos mosteiros e conventos femininos recolhidos pela Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos (1887-1908) – em que, se mal não o consultámos, é omissa – organizado por P. J. S. Barata, «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos...», pp. 125-152, não parece que se conheça qualquer inventário da sua livraria...

Anexo

DISTRICTO DE BRAGA

EXTINCTO CONVENTO EXTINCTO CONVENTO de NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO da PENHA DE FRANÇA

INVENTARIO DA LIVRARIA

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
1	<i>Vida de Sancta Joana Francisca, edição de Madrid em mil setecentos setenta e oito – volume 1</i> <i>que os louvados avaliaram na quantia de quatro centos reis</i>	400
2	<i>Vida e virtudes da Prodigiosa e Veneravel Senhora Dona Jacintha de Navarra, edição de Salamanca de mil seis centos setenta e oito – volume um 1</i> <i>que os louvados avaliaram na quantia de quatro centos reis</i>	400
3	<i>Exercicios de perfeição e virtudes Christãas, pelo padre Allonso Rodrigues, edição de Madrid, em Hespanhol, pelos herdeiros de Gabriel de Leão – volume um 1</i> <i>que os louvados avaliaram na quantia de quatro centos reis</i>	400
4	<i>Chronica Serafica, dedicada ao Excellentissimo Don João Manoel Diogo Lopes de Zuniga, edição de Madrid de mil sete centos vinte e nove – Setima parte – volume um 1</i> <i>que os louvados avaliaram em quatro digo duzentos e quarenta reis</i>	240
5	<i>Siremonial Serafico e Romano para as ordens Franciscanas da Provincia dos Algarves, em Portuguez, por Fr. Manoel da Conceição, edição de Lisboa de mil sete centos e trinta – volume um 1</i> <i>que os louvados avaliaram em mil reis</i>	1000

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
6	<i>Vida, Favores e Mercês que Nosso Senhor fez á Veneravel irmã Mariana de Jesus da Ordem Terceira de Sam Francisco, em Hespanhol, pelo licenciado Luiz de Meza, segunda impressão em mil seis centos setenta e oito – volume um ... 1</i> <i>que os louvados avaliaram em duzentos e quarenta reis</i>	240
7	<i>Obras de Ludovico Velosio, Abbade licenciado e monge de Sam Bento, tradução do latim em Hespanhol por Fr. Gregorio deanfaro. Setima impressão em ... 1</i> <i>que os louvados avaliaram em trezentos reis</i>	300
8	<i>Ordo Missæ – volume um ... 1</i> <i>que os louvados avaliaram em cem reis</i>	100
9	<i>Obras espirituales do padre mestre Fr. Luiz de Granada, em Hespanhol, edição de Lisboa em mil sete centos e treze – tombo primeiro – volume um ... 1</i> <i>que os louvados avaliaram em trezentos reis</i>	300
10	<i>Devoção a Maria, em Hespanhol, pelo padre Christovão de Vega, da Companhia de Jesus – segunda impressão – volume um ... 1</i> <i>avaliado em duzentos e quarenta reis</i>	240
11	<i>Thesouro de Cerimonias, contendo as das missas rezadas pelo licenciado João Campello de Macedo, edição de Braga, em Portuguez, de mil sete centos trinta e quatro – volume um ... 1</i> <i>avaliado em quinhentos reis</i>	500
12	<i>Obras da Gloriosa Madre Santa Thereza de Jesus, edição de Madrid, em Hespanhol, de mil sete centos setenta e oito – volumes dous ... 2</i> <i>que os louvados avaliaram na quantia de mil reis</i>	1000
13	<i>Ditas, Idem, em Hespanhol, edição de Madrid em mil sete centosnoventa e trez – volume um ... 1</i> <i>avaliada em trezentos reis</i>	300
14	<i>Cartas de Santa Thereza de Jesus, em Hespanhol, edição de Madrid de mil sete centos e um – tomo terceiro – volume um ... 1</i> <i>avaliada em trezentos reis</i>	300

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
15	<i>Ditas, idem, em mil sete centos noventa e trez – volumes quatro ... 4</i> <i>avaliados em dous mil reis</i>	2000
16	<i>Cartas de Santa Thereza, com notas de Fr. Pedro d'Anunciação,</i> <i>em Hespanhol, edição de Barcellona em mil sete centos –</i> <i>volumes dous 2</i> <i>que os louvados avaliaram em oito centos reis</i>	800
17	<i>Luz e calor – Obra Espiritual pelo Padre Manuel Bernardes, edição</i> <i>de Lisboa em mil sete centos noventa e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
18	<i>Historia da Prodigiosa Imagem de Christo Purificada, com o titulo</i> <i>de Bom Jesus de Bouças, por Antonio Cerqueira Pinto, edição de</i> <i>Lisboa de mil setecentos e trinta e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em quinhentos reis</i>	500
19	<i>Bulla Gregorii nono approbativa Divini officii, ab eodem Pontifice</i> <i>Breviariis Fratrum Minorum exacta diligentia correcti, anno</i> <i>1241 expedita – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
20	<i>Ventura do homem predestinado, desgraça do homem prescito,</i> <i>por Fr. Antonio do Sacramento, edição de Lisboa de mil sete</i> <i>centos sessenta e trez – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
21	<i>Exercicios admiraveis para os dias de recolhimentos interior,</i> <i>que costumão e devem ter as pessoas religiosas, as que desejão</i> <i>salvar-se, odenados e traduzidos por Boaventura Maciel Aranha,</i> <i>Lisboa de mil sete centos vinte e oito – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
22	<i>Ditos, tradução de Boaventura Maciel Aranha, edição de Lisboa</i> <i>em mil sete centos vinte e oito – volume um 2</i> <i>avaliados em trezentos e vinte reis</i>	320
23	<i>Ditos Espirituaes e meditações pelo Padre Manoel Bernardes, edição</i> <i>de Lisboa em mil seis centos oitenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
24	<i>Caminho da perfeição pela Madre Theresa de Jesus, fundadora dos Mosteiros das Carmelitas Descalças, em Hespanhol, edição de Napoles de mil seis centos e quatro – volume um 1 avaliado em quatro centos reis</i>	400
25	<i>Insinuação da Divina Piedade revelada a Santa Gertrudes, Monja da Ordem de Sam Bento, traduzida do latim em Hespanhol, por Fr. Leandro de Granada – volume um 1 avaliado em cento sessenta reis</i>	160
26	<i>Vida de Jesus Christo na Eucharistia e vida dos Christãos, pelo Presbytero Girard de Villethierry, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e trez – volume um – exemplares dous 2 avaliado em duzentos reis</i>	200
27	<i>Meditações da Infancia de Christo pelo Padre Barthelemeu do Quental, edição de Lisboa de mil seis centos oitenta e dous – volume um 1 avaliado em cento e vinte reis</i>	120
28	<i>Arte da Boa Morte ou Devoção quotidiana para com a Virgem Maria, pelo Padre Gabriel Hereveri, edição de Coimbra em mil sete centos trinta e dous, – traduzida em Portuguez pelo padre Manoel dos Anjos – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
29	<i>Explicação breve da Santa Regra do Grande Patriarcha Sam Bento, pelo padre Gabriel de Fauvet, edição de Lisboa em mil sete centos quarenta e quatro – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
30	<i>Peregrinação de um Christão ou Viagem para a Cidade Celeste, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e dous – volume um ... 1 avaliado em cem reis</i>	100
31	<i>Aljava de Sagrada Sectas pelo Padre Manoel Consciencia, edição de Lisboa de mil sete centos trinta e trez – volume um – exemplares dous 2 avaliado em trezentos reis</i>	300

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
32	<i>Corôa Serafica meditada, por Fr. Pedro de Jesus Maria José, edição de Lisboa de mil sete centos cincoenta – volume um ... 1 avaliado em sessenta reis</i>	060
33	<i>Dita, Idem, Idem, edição de Lisboa de mil sete centos quarenta e dous – volume um 1 avaliado em sessenta reis</i>	060
34	<i>Dita, edição de Lisboa – volume um 1 com data de mil sete centos e um, avaliada em sessenta reis</i>	060
35	<i>Dita, por Fr. Luis de São Caetano, edição de Lisboa em mil sete centos quarenta e quatro – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
36	<i>Meditações sobre os principaes Misterios da Virgem Santíssima, pelo Padre Manoel Bernardes da congregação do Oratorio de Lisboa, edição de Lisboa em mil sete centos e seis – volume um ... 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
37	<i>Vida, excellencias e morte do gloriosissimo Patriarcha Sam José, em Hespanhol, por José Valdivielso, edição de Lisboa de mil sete centos e quinze – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
38	<i>Exercicios de Piedade, traduzidos das obras dos padres João Croiset e Cesar Calino, edição de Lisboa em mil setecentos quarenta e sete – volume um 1 avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
39	<i>Meditações da Vida e Paixão de Christo, pelo P. Fr. Felix de Alamin, traduzido do Hespanhol pelo padre João Nunes Varela, edição de Lisbôa em mil sete centos trinta e nove – volume um ... 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
40	<i>Rozario da Senhora – volume um 1 avaliado em sessenta reis</i>	060
41	<i>Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tradução do Francez para Hespanhol, pelo padre Pedro Penelossa, edição de Pampelona em mil sete centos trinta e sete – tomo primeiro – volume um ... 1 avaliado em cem reis</i>	100

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
42	<i>A Formosura de Deus, tradução do Castelhana por Sora Thereza Angelica, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e cinco – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
43	<i>Obras Espirituaes postulas, de Fr. Antonio das Chagas, dedicadas ás Chagas de Jesus, edição de Coimbra em mil sete centos vinte e oito – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
44	<i>Meditações da Gloriosa Ressureição de Christo pelo padre Bartolomeu do Quental, edição de Lisboa em mil sete centos cinquenta e sete – volume um 1 avaliado em cento sessenta reis</i>	160
45	<i>Instrucções afim de se rezar perfeitamente o Officio Divino, tradução do Hespanhol, edição de Lisboa, em mil sete centos noventa e oito – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
46	<i>A Religiosa Insolidão, composta em Italiano elo padre João Pedro Pinamonti, e traduzida do Portuguez digo do Hespanhol por um devoto, edição de Coimbra de mil sete centos quarenta e seis – volume um 1 avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
47	<i>Escada Mistica de Jacob por Fr. Manoel Guilherme, acrescentada com reflexes moraes por Fr. José da Nactividade, edição de Lisboa de mil sete centos quarenta e sete – volume um 1 avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
48	<i>Meditações para todos os dias da Semana pelo padre Alexandre de Gusmão, edição de Lisboa de mil seis centos oitenta e nove – volume um 1 avaliado em cento e vinte reis</i>	120 130
49	<i>Supplementum Breviarii, edição de Coimbra em mil sete centos cinquenta e sete – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
50	<i>Resumo de Theologia Mistica pelo padre Baptista Rebello, edição de Lisboa em mil sete centos vinte e oito – volume um ... 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	080
51	<i>Manual Romano e Serafico, em Latim, por Fr. Manoel da Conceição, edição de Lisboa em mil sete centos cincoenta e oito – volumes dous ... 2</i> <i>avaliados em quatro centos reis</i>	400
52	<i>Regra dos Religiosos Marianos, por Fr. João de Deus da Conceição, edição de Lisboa em mil sete centos cincoenta e sete – volume um ... 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
53	<i>Memorias para a historia da vida do Arcebispo de Braga, Fr. Caetano Brandão, edição de Lisboa em mil oitocentos e dezoito – volumes dous ... 2</i> <i>avaliados em seis centos reis</i>	600
54	<i>Vida da Madre Thereza, e algumas das mercês que Deus lhe fez, escripta por ella mesma, em Hespanhol – volume um ... 1</i> <i>avaliado em duzentos e quarenta reis</i>	240
55	<i>Anno Virgineo cuyos dias son Finezas de la gran Reina del cielo Maria Santissima, Virgen Madre del Altissimo – sucedidas en aquellos mismos dias en que se refieren. Corrigido y enmendado en 'esta septima segun el expurgatorio del año de 1707 y los Decretos particulares del Santo Officio expedidos hasta fin del año de 1742 – partes primera, segunda y quarta – volumes trez ... 3</i> <i>avaliados em quatro centos reis</i>	400
56	<i>Diferença entre o temoral e eterno Crisol purificadorio, traduzido do Castelhana, pelo Padre João Euzebio Nieremberg, edição de Lisboa em mil seis centos noventa e dous – volume um ... 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
57	<i>Cartas do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
58	<i>Collecção de Indulgencias pelenarias concedidas plos Summos Pontifices aos Confrades do escapulario da Inmaculada Conceição de Maria por Fr. D. S. D. accrescentada em Segunda edição por Fr. João de Deus da Conceição, edição de Lisboa em mil sete centos cincoenta e seis – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
59	<i>Collecção Sacro Dolorosa, correcta e augmentada pelo padre Martinho Pereira, edição de Lisboa em mil sete centos noventa e um – volumes dous 2 (exemplares da mesma obra) avaliados em duzentos e quarenta reis</i>	240
60	<i>Meditações da Santissima Paixão e Morte de Christo, pelo padre Bartholomeu do Quental, edição de Lisboa em mil quinhentos [seiscentos] setenta e nove – volume um 1 avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
61	<i>Principios e documentos da vida Christã, traduzidos pelo padre Joaquim de Macedo, edição do Porto em mil setecentos noventa e trez – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
62	<i>Exercicios Espirituaes de Santo Ignacio pelo Padre Antonio Carneiro, edição de Coimbra em mil sete centos e dez – volume um 1 avaliado em sessenta reis</i>	060
63	<i>A Religioza Insolidão composta em Italiano pelo padre João Pedro Pinamonti, e traduzida do Hespanhol por um devoto, edição de Coimbra em mil sete centos quarenta e seis – volume um ... 1 avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
64	<i>Pensamentos ou reflexões Christãs para todos os dias pelo padre Francisco Nepven, traduzidas em Castelhana por Marquez de Aytona, edição de Amberes em mil sete centos cincoenta e trez – segundo, terceiro e quarto volumes – volumes trez 3 avaliados em duzentos reis</i>	200

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
65	<i>Coração de Jesus com novena e officios pelo padre João Croiset edição de Lisboa em mil sete centos setenta e oito – em dous tomos no mesmo – volume um exemplares 5 5 avaliados em oito centos reis</i>	800
66	<i>Tributo de varios obsequios da honra de Sam José, pelo padre José Maria Prola, edição de Lisboa em mil sete centos quarenta e quatro – volume um 1 avaliado em oitenta reis</i>	080
67	<i>Devotissimos exercicios de preparação de Graças para antes da Confissão e depois da Comunhão tirados dos manuscriptos de Sam Francisco de Sales, por Fr. Estevão de Sam Angelo, edição do Porto em mil sete centos cincoenta e trez – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
68	<i>Catecismo de Montpellier, edição de Lisboa de mil sete centos e setenta – segundo, terceiro e quarto volume – volumes trez ... 3 avaliados em cento e sessenta reis</i>	160
69	<i>Manual de exercicios espirituas composto em Catelhano pelo Padre Thomaz de Villa Castin, e agora traduzido em Portuguez, – edição de Lisbôa em mil sete centos trinta e nove – volume um 1 avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
70	<i>Dito, Idem, traduzido do Hespanhol, pelo Padre Thomaz de Villa Castin, edição de Coimbra em mil seis centos setenta e sete – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
71	<i>Dito, Idem, Idem, edição de Coimbra em mil seis centos noventa e oito – volume um 1 avaliado em oitenta reis</i>	080
72	<i>Dito, da Terceira Odem de Sam Domingos, traduzido e accrescentado por Manuel Pinto de Villas Bôas, edição de Lisboa em mil sete centos dezasseis – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
73	<i>Dito, de exercicios espirituaes para ter oração mental, edição de Lisboa em mil sete centos e doze – pelo Padre Thomaz de Villa Castin da Companhia de Jesus – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
74	<i>Novena de Nossa Senhora, pelo padre Manoel Consciencia, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e quatro – tomo segundo – volume um – exemplares quatro 4 avaliados em duzentos e quarenta reis</i>	240
75	<i>Peregrinação de um Christão ou Viagem para a Cidade Celeste, por Fr. Fº J. L. E. L. – edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e dous – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
76	<i>Regras da Vida Virtuosa por Fr. Luiz de Granada, terceira edição do Porto em mil sete centos noventa e seis – volume um ... 1 avaliado em cinquenta reis</i>	050
77	<i>Libro de Santivan Climaco Llamado Escada Spritual em Hespanhol por Fr. Luiz de Granada. En Alcala de Henares em mil quinhentos e setenta e seis – volume um 1 avaliado em oitenta reis</i>	080
78	<i>Joia riquissima dos Corações Limpos por Dom Fernando da Cruz edição de Lisboa em mil seis centos sessenta e dous – volume um – exemplares dous 2 avaliados em cem reis</i>	100
79	<i>Vida da VB. Maria da Encarnação, extrahida da que escreveu em Italiano Bartholomeu Moiraini, edição, edição de Lisboa em mil sete centos noventa e dous – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
80	<i>Gemidos da Mãe de Deus ou estímulo da compaixão das suas Dores pelo padre Theodoro de Almeida, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e cinco – volume um 1 avaliado em cento e vinte reis</i>	120
81	<i>Apparelho Eucharistico, ou metodo de preparar as Almas para a Sagrada Comunhão – volume um 1 avaliado em oitenta reis</i>	080

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
82	<i>Apparelho e modo facil para ajudar a bem morrer, pelo Padre Estevão de Castro, edição de Coimbra em mil sete centos e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	o80
83	<i>Meditações varias para antes e depois da Sagrada Comunhão – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	o80
84	<i>Meditações e suspiros do Grorioso Doutor da Egreja Santo Agostinho, tradução do Hespanhol, por fr. Agostinho de Sata Maria, edição de Lisbôa em mil sete centos vinte e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	o80
85	<i>Meditações das Domingas do anno pelo padre Bartholomeu do Quental, edição de Lisboa em mil seis centos noventa e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	o80
86	<i>Exercicios Espirituaes de retiro da Madre Maria de Jesus, em decima impressão, em Madrid em mil sete centos e dezoito – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	o80
87	<i>Ditos, para todas as pessoas, recopilado de outros de Fr. Garcia de Sisneros, e traduzido do latim e Hespanhol por Fr. Manoel da Assumpção, edição de Coimbra em mil seis centos noventa e dous – volume um 1</i> <i>avaliados em sessenta reis</i>	o60
88	<i>Ditos da Madre Maria de Jesus de Agreda, traduzidos do Hespanhol por Fr. Felix da Conceição Conibrecense, edição de Coimbra em mil sete centos e trinta – volume um – exemplares dous ... 2</i> <i>avaliados em oitenta reis</i>	o80
89	<i>Ditos espirituas e derretido pela pela mesma em Hespanhol, edição de Pampelona em mil sete centos e sessenta e nove – volume um 1</i> <i>avaliado em sessenta reis</i>	o60

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
90	<i>Ditos Espirituaes de Santo Ignacio, reduzidos a uma semana e acomodados ao estado de Vida Religiosa, pelo Padre Antonio Carneiro, edição de Coimbra em mil sete centos e dez – volume um 1</i> <i>avaliado em sessenta reis</i>	060
91	<i>Ditos de piedade, traduzidos das Obras dos padres João Croiset e Cesar Calino, edição de Lisboa em mil seis centos quarenta e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em sessenta reis</i>	060
92	<i>Trabalhos de Jesus, em Hespanhol, traduzido do Portuguez por Christovão Ferreira de Sampaio, edição de Barcelona em mil sete centos trinta e oito – volumes dous 2</i> <i>avaliado em quatro centos reis</i>	400
93	<i>Retiro Espiritual para um dia de cada mez, traduzido do Francez, edição de Coimbra de mil sete cento sessenta e quatro – volume um – exemplares trez 3</i> <i>avaliados em quinhentos reis</i>	500
94	<i>Dito, Idem, idem, edição de Lisboa quarta em mil sete centos oitenta e um – tomo primeiro – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
95	<i>Dito, Idem, Idem, terceira edição de Lisboa em mil sete centos e setenta e nove – tomo primeiro – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
96	<i>Dito, Idem, Idem – nova edição de Lisboa, em mil sete centos setenta e trez – tomo primeiro – volume um – exemplares dous 2</i> <i>avaliados em trezentos reis</i>	100
97	<i>Dito, traduzido do Hespanhol, por um Zelo da Salvação das Almas, edição de Coimbra em mil sete centos trinta e oito – volumes dous digo volume um – exemplares dous 2</i> <i>avaliados em cento sessenta reis</i>	160
98	<i>Peregrino Curiozo da vida e morte, tradução e milagres de Sam João Marcos, pelo Padre Antonio Maria de Faria, edição de Lisboa em mil sete centos e vinte e um – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
99	<i>Infesto S. Fidelis a Sigmaringa Martyriz</i> – volume um 1 avaliado em dez reis	010
100	<i>Jardim de Portugal</i> – volume um 1 avaliado em quarenta reis	040
101	<i>A Religioza Instruida em Hespanhol por Fr. Antonio Arbiol</i> , edição de Saragoça em mil seis centos e dezessete – volume um 1 avaliado em quarenta reis	040
102	<i>Manual de divesas orações ou Diario Espiritual por Fr. João de Deus da Conceição</i> , edição de Lisbôa em mil seis centos e cinquenta e sete – volume um 1 avaliado em quarenta reis	040
103	<i>Vizitas ao Santissimo Sacramento e a Maria Santissima</i> , edição de Lisbôa em mil sete centos noventa e nove – volume um ... 1 – exemplares quatro 4 avaliados em cem reis	100
104	<i>Vizitas ao Santissimo Sacramento</i> – sexta impressão em Lisboa em mil sete centos quarenta e nove – volume um 1 aliás em mil sete centos noventa e dous – volume um 1 avaliado em vinte reis	020
105	<i>Ditas, Idem</i> , edição de Lisboa em mil sete centos noventa e cinco – volume um 1 avaliado em cinco reis	005
106	<i>Ditas, Idem</i> , edição de Lisboa em mil oitocentos e dezassete – volume um 1 avaliado em vinte reis	020
107	<i>Ditas Idem</i> , edição de Lisbôa em mil oitocentos e dous – volume um 1 avaliado em vinte reis	020
—	[Riscado] <i>Ditas, Idem</i> , terceira Impressão em Lisboa em mil sete centos quarenta e dous – volume um 1 (sem efeito)	

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
108	<i>Ditas, Idem, quinta impressão em Lisboa em mil sete centos e noventa e sete – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
109	<i>Ditas, Idem – setima impressão em Lisboa, em mil sete centos e dous – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
110	<i>Ditas, idem, edição de Lisboa em mil sete centos noventa e um – volume um 1 avaliado em cinco reis</i>	005
111	<i>Ditas, idem, terceira impressão de Lisboa em mil sete centos noventa e dous – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
112	<i>Ditas, Idem, segunda impressão de Lisboa, em mil sete centos oitenta e nove – volume um – exemplares dous 2 avaliados em quarenta reis</i>	040
113	<i>Ditas, Idem, terceira impressão de Lisboa em mil sete centos noventa e dous – volume um 1 que os louvados avaliaram em vinte reis</i>	020
114	<i>Ditas, Idem, edição do Porto em mil sete centos noventa e cinco – volume um 1 avaliado em cinco reis</i>	005
115	<i>Contemptus Mundi nuevamente romançado em mil quinhentos quarenta e seis – volume um 1 avaliado digo que os louvados avaliaram na quantia de dez reis</i>	010
116	<i>Practica de alguns motivos efficaes para o Christão alcançar o ferverozo e constante amor a Jesus Christo e a Maria Santissima, edição de Coimbra em mil sete centos cincoenta e nove – volume um – exemplares dous 2 que os louvados avaliaram em quarenta reis</i>	040
117	<i>Directorio Christão por Fr. Manoel de Maria Santissima – seguda edição do Porto em mil sete centos noventa e quatro – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
118	<i>Officio da Semana Santa edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em cento e sessenta [sic] reis</i>	120 [sic]
119	<i>Officio de N. Señora La Santissima Virgen Maria. Con los Himnos por el Papa Urbano 8º corrigidos y con la archiemprensa plantiniana – em mil sete centos cincoenta e seis – volume um ... 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
120	<i>Officio da Purissima Virgem Maria N. S. conforme o breviario Romano, reformado pelo Papa oitavo, em latim, edição de Coimbra em mil sete centos trinta e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
121	<i>Compendio de la vida del venerable Tomás de Kempis Canonico Regular de San Agustin en Leon de Francia, em mil seis centos noventa e oito – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
122	<i>Cartilha Nova pelo Padre Manoel Velho, novamente accrescentada e offerecida a São Aleixo, edição do Porto em mil sete centos noventa e trez – volume um 1</i> <i>avaliada em cinco reis</i>	005
123	<i>Doutrina Christã, explicada pelo Padre Fr. Antonio Arbiol – En Zaragoza de mil sete centos vinte e cinco – volume um 1</i> <i>avaliada em dez reis</i>	010
124	<i>Dita accrescentada pelo Padre Ignacio Martins, edição de Lisboa em mil sete centos e dez – volume um 1</i> <i>avaliada em dez reis</i>	010
125	<i>Dita, Idem, Idem, em mil seis oitenta e oito – volume um 1</i> <i>avaliada em cinco reis</i>	005
126	<i>Cartilha de Doutrina Christã – volume um 1</i> <i>avaliada em cinco reis</i>	005
127	<i>Arte de orar, pelo padre Antonio Carneiro da Companhia de Jesus, edição de Lisboa em mil sete centos quarenta e trez – volume um 1</i> <i>avaliada em vinte reis</i>	020

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
128	<i>Lectanias muy devotas para todos los días de la semana, en latin, compuestas por el P. Fray Francisco de Ribera de la Orden de S. Agustin – En Mexico – En la Empronta de Diego Lopez Davalos. Por C. Adrian Cesar, en mil seis centos e dous – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
129	<i>Colecção de Indulgencias Plenarias e parciais dedicada a Senhora dos Anjos da Porciuncula, – pelo M. R. P. M. Fr. M. D. S. D. novamente accrescentadas n'esta segunda impressão e dedicada á Rainha Nossa Senhora D. Maria Anna Victoria por Fr. João de Deus da Conceição, edição de Lisboa em mil sete centos cincoenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
130	<i>Thesouro descoberto pelos Summos Pontifices Romanos, edição de Lisbôa, em mil seis centos e noventa – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
131	<i>Infesto S. Petri Damiani em latim – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
132	<i>Estimulos do amor da V. Maria Mãe de Deus pelo padre Theodoro d'Almeida, edição de Lisboa em mil sete centos cincoenta e nove – volume um 1</i> <i>avaliado em trinta reis</i>	030
133	<i>Considerações para celebrar o Santo Sacrificio da Missa, traduzidos e ordenados das que compoz o Fr. Antonio de Molina, edição de Lisboa em mil sete centos trinta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
134	<i>Affectos e considerações devotas sobre os quatro novissimos pelo padre Doctor Francisco de Salazar de la Compañia de Jesus – em Hespanhol, edição de Sevilla em mil sete centos e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
135	<i>Addenda et Mutanda in nostro Kalendario anno 1826 – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
136	<i>Livro de orações – volume um 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
137	<i>Breve methodo e modo facil de rezar a Corôa Marianna e Serafica, Gozoza, Doloroza e Gloriosa da Mãe de Deus, por um Devoto – edição de Coimbra em mil sete centos e cinquenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
138	<i>Officio da Purissima Virgem Maria Nossa Senhora, conforme o breviario Romano, reformado pelo Papa Urbano Oitavo em latim – Em Colonia Agrippina em mil seis centos trinta e oito – volume um 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
139	<i>Optativo do Santissimo Nome de Jesus por um Religioso – em Lisboa em mil sete centos trinta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
140	<i>Dito, por um religioso da Provincia do Algarve, edição de Lisboa em mil sete centos trinta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
141	<i>Medios y remedios para ir al Cielo y para ser grandes en el, – por R. Padre Fray Joseph de Caramantes em Hespanol – segunda impressão – con privilegio, en Xerez de la Frontera – em mil seis centos setenta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
142	<i>Despertador quotidiano pelo Padre Baptista Rebello – edição de Lisboa em mil sete centos trinta e um – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
143	<i>Desempenho Sagrado dedicado a Sam Bento por Luis Corrêa da Silva – edição de Coimbra em mil sete centos cinquenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
144	<i>Regra Santissima do Patriacha Sam Bento por Luiz Joze Caetano, edição do Porto, em mil sete centos sessenta e oito – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
145	<i>Dita, Idem, Idem, em mil sete centos e oitenta – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
146	<i>Corôa dos doze principaes prvilegios da Santissima Virgem Maria ordenada do Italiano em Portuguez pelo R. Manoel d'Oliveira Monteiro – edição de Coimbra em mil sete centos trinta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
147	<i>Dita das doze estrellas em doze elogios, por um devoto – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
148	<i>Dita Angelica pelo Padre Manoel Consciencia, edição de Coimbra em mil sete centos trinta e um – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
149	<i>Tratado da Creação do mundo composto pelo illustre Jorge da Silva, edição de Coimbra em mil sete centos setenta e sete – volume um ... 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
150	<i>Escravidão e Filial entrega a Maria Santissima, por Fr. Francisco Xavier, edição de Coimbra em mil sete centos e trinta e oito – volume um – exemplares dous 2</i> <i>avaliados em dez reis</i>	010
151	<i>Dita, Idem, Idem, em mil sete centos e setenta – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cinco reis</i>	005
152	<i>Clamores e suffragios das Almas do Purgatorio, em Hespanhol, por Fr. Francisco Santalia – parte segunda – volume um 1</i> <i>avaliado e dez reis</i>	010
153	<i>Devotissimos Exercicios para antes e depois da Confissão e Communhão, tirados dos manuscriptos de Fr. Francisco de Sales – traduzidos do Italiano por Fr. Estevão de São Angelo, edição de Amberes em mil sete centos trinta e dous – volume um ... 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
154	<i>Ditos, Idem, Idem, edição do Porto em mil sete centos cincoenta e trez – volume um – exemplares dous 2</i> <i>avaliados em quarenta reis</i>	040

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
155	<i>Abysmo admiravel das Divinas Finezas do Santissimo e Augustissimo Sacramento da Eucharistia, pelo padre Manoel Consciencia, edição de Lisboa em mil sete centos e oitenta – volume um – exemplares cinco 5 avaliados em cem reis</i>	100
156	<i>Conjuntivo do Venerabilissimo Nome de Maria, ao Optativo do Santissimo Nome de Jesus, por Fr. Francisco de Santa Roza de Viterbo, edição d Lisboa em mil sete centos trinta e sete – volume um – exemplares dous 2 avaliados em quarenta reis</i>	040
157	<i>A Perfeita Religiosa, e Thesouro de avisos e documentos espirituaes, por Jacome Carvalho do Couto de Guimaraes, edição de Lisbôa em mil seis centos e quinze – volume um – exemplares dous (estando um incompleto) 2 avaliados em trinta reis</i>	030
158	<i>Summa de Fr. Luiz de Granada, edição de Lisbôa, em Hespanhol, em mil seis centos trintra e trez – volume um ... 1 avaliado em vinte reis</i>	020
159	<i>Via-Sacra explicada e illustrada com a nova declaração pela Santidade de Clemente decimo segundo, pelo Padre Leonardo de Porto Maurizio, edição de Lisboa em mil sete centos trinta e quatro – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
160	<i>Dita, Idem, por Fr. José de Bringel, edição de Coimbra de mil sete centos e quarenta – volume um 1 avaliado em vite reis</i>	020
161	<i>Afeição e amor de Maria Santissima, pelo padre João Euzebio Nieremberg, edição de Evora em mil seis centos oitenta e sete – volume um – exemplares dous 2 avaliados em cem reis</i>	100
162	<i>Carta directiva, para um pecador convertido pelo Padre Soffroio Ferraz Sepedas, edição de Lisbôa em mil sete centos cincoenta e quatro – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
163	<i>Um volume contendo trez livros que se inscrevem – o primeiro das virtudes pertencenes a todos os Estado – o segndo das virtudes e exercicios pertencentes a Oração Mental – e o terceiro das virtudes e votos pertencentes ao Estado de Religião 1 avaliado em vinte reis</i>	020
164	<i>Affectos e considerações devotas sobre os exercicios de Santo Ignacio com um digo Ignacio, pelo Padre Fancisco de Salazar, com um opusculo do Padre Paulo Señeri, edição de Coimbra em mil sete centos quarenta e dous – volume um 1 avaliado em cem reis</i>	100
165	<i>Meditações Soliloquos manual do Doutor da Egreja Santo Agostinho, tradução do Hespanhol, pelo Padre Pedro de Ribadeneira, edição de Madrid em mil seis centos e dezassete – volume um 1 avaliado em trinta reis</i>	030
166	<i>Ditas, Idem, Idem, Edição de Amberes de mil sete centos vinte – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
167	<i>Ditas, varias, para antes e depois da Sagrada Comunhão, edição de Lisboa em mil seis centos setenta e dous – volume um ... 1 avaliado em trinta reis</i>	030
168	<i>Compendio de exercicios espirituaes, traduzidos do latim pelo padre Manoel da Assumpção, edição de Coimbra em mil seis centos e cincoenta e quatro – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
169	<i>Dito, Idem, Idem, edição de Coimbra em mil seis centos noventa e dous – volume um 1 avaliado em cinco reis</i>	005
170	<i>Dito Doutrinal, pelo Padre Pedro Pinamonte, augmentado pelo Padre Pedro Calatayud, edição de Lisboa – volume um 1 avaliado em dez reis</i>	010
171	<i>Dito da Paixão pelo Padre João Pessanha, edição de Lisboa em mil seis centos cincoenta e dous – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
172	<i>Dito Doutrinal pelo Padre Pedro de Pinamonte, augmentado pelo Padre Pedro Calatayud, edição de Coimbra em mil sete centos e quarenta e dous digo trez – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
173	<i>Novena de Sam Pedro por Luiz Antonio da Costa Pego de Barboza, edição de Lisboa em mil sete centos cincoenta e douz – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
174	<i>Novena de Santa Gertrudes Magna em Hespanol por Fr. Pedro Nolasco de Mendinueta, edição de Pampelona em mil seis centos trinta e douz – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
175	<i>Dita das Almas do Purgatorio, edição de Lisboa de mil sete centos vinte e nove – volume um – 1 avaliado em vinte reis</i>	020
176	<i>Dita de Santa Rita de Cacia, por Fr. José de Santo Antonio, Edição de Lisboa em mil sete centos e dezoito – volume um 1 avaliado em vinte reis</i>	020
177	<i>Dita de Sant'Anna, edição de Lisboa em mil sete centos quarenta e cinco – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
178	<i>Ditas dos principaes Mystérios de Maria Santissima, pelo padre Manoel Consciencia, edição de Lisboa em mil sete centos e treze – volume dous 2 avaliados em oitenta reis</i>	080
179	<i>Dita, Idem, Idem. Em mil sete centos oitenta e quatro – volume um 1 avaliado em oitenta reis</i>	080
180	<i>Dita da Immaculada Conceição de Maria por Fr. Fernando de Santa Roza, edição de Coimbra em mil sete centos quarenta e sete – volume um 1 avaliado em cincoenta reis</i>	050

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
181	<i>Dita, a Nossa Senhora da Conceição, traduzida do Francez, edição de Lisboa em mil oito centos trinta e seis – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cinquenta reis</i>	050
182	<i>Dita, á Maternidade da Virgem, edição d Lisbôa em mil sete centos noventa e sete – volume um ... 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	050
183	<i>Luz e Methodo pelo Padre Manoel de Deus, edição de Coimbra em mil sete centos trinta e cinco – volume um –</i> <i>exemplares dous ... 2</i> <i>avaliados em vinte reis</i>	020
184	<i>Dita, Idem, Idem, em mil setecentos quarenta e sete – volume um ... 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
185	<i>Dita, Idem, Idem, em mil sete centos cinquenta e seis –</i> <i>volume um ... 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
186	<i>Dita, Idem, Idem, edição do Porto em mil sete centos noventa e</i> <i>dous – volume um ... 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
187	<i>Luzes do Céu, por Fr. Francisco Araceli, edição de Coimbra em</i> <i>mil seis centos noventa e sete – volume um ... 1</i> <i>avaliado em sessenta reis</i>	060
188	<i>Devoção ao Santissimo Sacramento, edição de Lisboa em mil sete</i> <i>centos setenta e oito – volume um ... 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
189	<i>Dita ao Santissimo Coração de Jesus, por Antonio Simões</i> <i>Ferreira, edição de Coimbra em mil sete centos trinta e quatro</i> <i>– volume um ... 1</i> <i>avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
190	<i>Collecção Espiritual de varias Obras de Santa Thereza de Jesus,</i> <i>traduzidas das obras da mesma Santa em Castelhana pelo</i> <i>padre João Nunes Varella, edição de Lisboa em mil sete centos</i> <i>trinta e sete – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cento e vinte reis</i>	120

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
191	<i>Dita da Formozura de Deus composta pelo padre João Euzebio de Nieremberg, edição de Lisboa em mil seis centos sessenta – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	080
192	<i>Epitome da vida e morte de Santa Roza de Viterbo, recopilada por Fr. Manoel do Sepulchro, edição de Coimbra em mil seis centos setenta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
193	<i>Dito Marianno das Festas e Mystérios principaes de Maria Santissima pelo Padre João Croiset, edição de Lisboa em mil sete centos e sessenta – volume um 1</i> <i>avaliado em quatro centos reis</i>	400
194	<i>Regra de Sam Bento, edição de Lisboa em mil seis centos oitenta e nove – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
195	<i>Ramilhete de Divinas Flores, por Bernardo de Sierra, em Hespanhol, edição de Madrid em mil sete centos sessenta e dous – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
196	<i>Pão Partido para os pequeninos da Casa de Deus, por um padre da Congregação do Oratorio, edição de Lisboa em mil seis centos noventa e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
197	<i>Obras portuguezas por Carlos do Val Carneiro, edição de Lisboa em mil sete centos doze – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
198	<i>Directorio de Religiozas por Fr. Fradique, edição de Lisboa em mil seis centos setenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	080
199	<i>Imitação de Christo por Thomaz de Kempis, edição de Lisboa em mil seis centos setenta e nove – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
200	<i>Favores de Maria, edição de Lisboa em mil sete centos e dezenove – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
201	<i>Instrucção de Noviços, por Fr. José de Jesus Maria, edição de Lisboa em mil sete centos e dezasseis – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
202	<i>Thesouro do Céu, por Fr. Luiz de Sam Francisco, edição de Coimbra em mil seis centos setenta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
203	<i>Locucion de Dios, por el R. Padre Daniel Pavvlovski, edição de Coimbra em mil sete centos trinta e nove – volume um ... 1</i> <i>avaliado em trinta reis</i>	030
204	<i>Delicias da Alma pelo Capitão Luiz Alvares Pereira, edição de Coimbra em mil sete centos vinte e um – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
205	<i>Queixas de Amôr Divino por Luiz Botelho Frois de Figueiredo, edição do Porto de mil sete centos quarenta e um – volume um 1</i> <i>avaliado em sessenta reis</i>	060
206	<i>Eschola de oração pelo padre João de Jesus Maria, edição de Coimbra em mil seis centos setenta e oito – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
207	<i>Dita do Temôr de Deus, traduzida da obra de José Mansi, em Italiano para Portuguez, pelo Padre João Antunes, edição de Lisboa em mil sete centos e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
208	<i>Ponte Segura para o Golfo da vida por Luiz Botelho Frois de Figueiredo, edição de Lisboa em mil sete centos e dezassete – volume um 1</i> <i>avaliado em oitenta reis</i>	080
209	<i>Catholico no Templo por Fr. Manoel de Deus, edição de Lisbôa em mil sete centos e trinta – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
210	<i>Reformação Christã, traduzida do Castelhana, edição de Lisboa em mil sete centos e dezessete – volume um – exemplares dous ... 1 avaliados em duzentos reis</i>	200
211	<i>Gritos do Inferno por Jose Boneta, traduzido por Antonio Faria Barreiros, edição de Lisboa em mil sete centos dezesseis – volume um 1 avaliado em 160 reis</i>	160
212	<i>Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, em Hespanhol, tradução do Francez e de João Croiset, pelo Padre Pedro Penalossa, edição de Pampelona em mil sete centos trinta e sete – tomo segundo – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
213	<i>Dita, Idem, Idem, Edição de Salamanca em mil sete centos sessenta e seis – tomo segundo – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
214	<i>Finezas de Jesus por Fr. João de Santa Thereza, traduzidas do Italiano por Sora Francisca Josepha de Noronha, edição de Coimbra, em mil sete centos e cinco – volume um – exemplares dous 2 avaliados em oitenta reis</i>	080
215	<i>Seculos de Religião por Fr. Apolinario da Conceição, edição de Lisboa em mil sete centos trinta e seis – volume um 1 avaliado em sessenta reis</i>	060
216	<i>Caminho do Céu por Fr. Antonio de Sam Bernardo em mil sete centos e trinta – volume um 1 avaliado em cento e vinte reis</i>	120
217	<i>Devotíssimos Obsequios por Fr. Antonio José da Encarnação Edição de Lisboa em mil sete centos setenta e nove – volume um 1 avaliado em quarenta reis</i>	040
218	<i>Amores de Maria Santissima por Francisco da Cruz, edição de Lisboa em mil seis centos oitenta e douz – volume um 1 avaliado em sessenta reis</i>	060

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
219	<i>Benefícios do Santo Anjo da Nossa Guarda, por Martin de Roa em Hespanhol, edição de Lisboa em mil seis centos e trinta e quatro – volume um 1</i> <i>avaliado em cinquenta reis</i>	050
220	<i>Amôr Sagrado – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
221	<i>Vida Apostolica e milagres de Sam Thomaz de Villa Nova, por Fr. Duarte Pacheco, edição de Lisboa em seis centos vinte e nove – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
222	<i>Vida do Padre Antonio de Almeida de Villa Nova pelo padre Francisco Gomes de Sequeira, edição de Lisboa em mil sete centos trinta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
223	<i>Relação da Vida de Sora Maria de Jesus por Fr. José Ximenes Samaniego, em Hespanhol, Edição de Madrid em mil sete centos vinte e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
224	<i>O Religiozo em Soledade por João Nicolas Chiesa, traduzido do Italiano em Hespanhol por um religioso, edição de Madrid em mil sete centos quarenta e dous – volumes trez – exemplares trez – volumes nove 9</i> <i>avaliado em seis centos reis</i>	600
225	<i>Tratado da Perfeição Religioza, composto em Italiano pelo Padre Lucas Pinelo, traduzido em Hespanhol pelo Padre Pablo José de Arriaga, edição de Valladolid em mil seis centos e quatro – quatro livros – volume dous 2</i> <i>avaliados em cento e vinte reis</i>	120
226	<i>Resumo da Vida de Santo Affonso Maria de Ligorio, tradução do Francês, edição do Porto em em mil seis e cinquenta – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
227	<i>Mystica Cidade de Deos por Sora Maria de Jesus em Hespanhol, edição de Madrid, em mil sete centos e onze – primeiro, segundo, sexto e setimo volumes – volumes quatro 4 avaliados em duzentos reis</i>	200
228	<i>Cartas de Santa Thereza com notas de Fr. Pedro d'Annunção – edição de Madrid em mil seis centos setenta e oito – em Hespanhol – tomo segundo – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
229	<i>Verdadeiros intertenimentos de Sam Francisco de Sales, traduzidos em Castelhana por Dom Francisco de Cubillas Doniague, edição de Madrid em mil sete centos e quarenta – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
230	<i>Discurso Contra a heresia por Vicente da Costa Matos, Edição de Lisboa em mil seis centos vinte e dous – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
231	<i>Medula Mystica, por Fr. Francisco de Sam Thomaz em hespanhol, edição de Coimbra em mil sete centos e cinco – volume um 1 avaliado em cento e vinte reis</i>	120
232	<i>A Religioza Instruida por Fr. Antonio Arbiol, em Hespanhol, edição de Saragoza em mil sete centos e dezessete – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
233	<i>Vida Devota de Sam Francisco de Sales, traduzida do Francês em Hespanhol por Dom Francisco Cubillas Doniague, edição de Valencia em mil sete centos e dous – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
234	<i>Obras de Luduvico Blosio, em Hespanhol, impressão de Gerona em mil seis centos e dezenove – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
235	<i>Obras de Sora Maria de la Antigua – Desengaño Religiozo em Hespanhol – terceira impressão em Barcellona em mil seis noventa e sete – volume um 1 avaliado em trezentos reis</i>	300

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
236	<i>Constituições das Religiosas do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Penha de França da cidade de Braga – exemplares trinta e um 31</i> <i>avaliados em trez mil e cem reis</i>	3.100
237	<i>Favores de Maria Santissima por Bernardino de Viegas, edição de Lisboa em mil sete centos dezenove – volume um 1</i> <i>avaliados em vinte reis</i>	020
238	<i>Meditações das Domingas do anno pelo Padre Bartholomeu do Quental – terceira parte – edição de Lisboa em mil seis centos noventa e nove – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
239	<i>Moribundo Soccorrido pelo Padre Martinho Pereira, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em sessenta reis</i>	060
240	<i>Alma sobre o Calvario pelo Author da alma elevada a Deus, edição do Porto em mil sete centos noventa e quatro – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
241	<i>Historia do Capuchinho Espanhol, pelo P. M. Fr. Christovão d'Almeida – segunda parte – edição de Lisboa em mil seis centos sessenta e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
242	<i>Tributo de Varios Obsequios á honra de Sam José pelo padre José Maria Prola, edição de Lisboa em mil sete centos vinte e quatro – volume um 1</i> <i>avaliado em sessenta reis</i>	060
243	<i>Exercicios Divinos por Nicolau Esquio, edição de Lisboa de mil sete centos e catorze – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
244	<i>Instrucção practica dos Ritos e Cerimonias, edição de Lisboa em mil sete centos sessenta e cinco – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
245	<i>Vida e Morte de Bento José Labre, por João Baptista Alegiani, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e cinco</i> – volume um 1 <i>avaliado em oitenta reis</i>	080
246	<i>Cultos de devoção e Obsequios a Santo Antonio, edição de Lisboa em mil sete centos sessenta e um</i> – volume um 1 <i>avaliado em cem reis</i>	100
247	<i>Obsequio saudozo a Jesus Christo, edição de Lisboa em mil sete centos cincoenta e trez</i> – volume um 1 <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
248	<i>Manifesto Religiozo, edição de Lisboa em mil sete centos cinquenta e oito</i> – volume um 1 <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
249	<i>Compendio de Doutrina Christã, edição de Lisboa em mil sete centos e dez</i> – volume um 1 <i>avaliado em cinco reis</i>	005
250	<i>Regula Sanctissima patris Benedicti abbatis – Matriti Apud Antonium Gonçallez á Regibus – Anno de 1717</i> – volume um ... 1 <i>avaliado em cinco reis</i>	005
251	<i>Relação dos legi digo dos letigioz, que as Rligiosas do Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios, Piedade e Madre de Deus tiveram com o Rev.mo Cabido por fallecimento do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, edição Lisboa em mil sete centos e trinta e trez</i> – volume um 1 <i>avaliado em cem reis</i>	100
252	<i>Folhetos diversos</i> 364 <i>avaliados todos na quantia de mil reis</i>	1.000
253	<i>Ditos – Novena de Nossa Senhora dos Anjos da Porciuncula</i> ... 34 <i>avaliados todos na quantia de trezentos reis</i>	300

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
MANUSCRIPTOS		
354	<i>Directorio das Religiozas escripto por uma do Convento de Nossa Senhora da Luz – volumes quatro 4</i> <i>avaliado em oitocentos reis</i>	800
255	<i>Constituições das Religiozas de Nossa Senhora da Conceição da Penha de França ordenadas por mandatato do Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles – volume um – exemplares dous 2</i> <i>avaliados em duzentos reis</i>	200
256	<i>Ditas – volumes trez 3</i> <i>avaliados em duzentos reis</i>	200
257	<i>Ditas, escriptas em mil sete centos e vinte sete – volume um – exemplares seis 6</i> <i>avaliados em quinhentos reis</i>	500
258	<i>Diptas, escriptas em mil sete centos e setenta e sete – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
259	<i>Pompas funebres, sem data – volume um – exemplares oito ... 8</i> <i>avaliados em quatro centos reis</i>	400
260	<i>Ditas, feitas no anno de mil sete centos trinta e sete – volumes um – exemplares sete 7</i> <i>avaliados em quatro centos reis</i>	400
261	<i>Ditas, idem, idem, em mil sete centos trinta e oito – volume um ... 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
262	<i>Ditas feitas em mil sete centos setenta e trez – um volume – exemplares dous 2</i> <i>avaliados em oitenta reis</i>	080
263	<i>Dita feita em mil sete centos setenta e quatro – volume um ... 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
264	<i>Dita feita em mil sete centos cincoenta e cinco – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
265	<i>Funções Religiosas do Convento de Nossa Senhora da Penha de França em Braga – volume um– exemplares dous 2</i> <i>avaliados em duzentos reis</i>	200
266	<i>Modo com que se ha-de dar o habito ás religiosas – volume um</i> <i>– exemplares Seis 6</i> <i>avaliados em trezentos reis</i>	300
267	<i>Dito, idem, feito, no anno de mil sete centos quarenta –</i> <i>volume um 1</i> <i>avaliado em cincoenta reis</i>	050
268	<i>Dito feito no anno de mil sete centos noventa e cinco –</i> <i>volume um 1</i> <i>avaliado em cincoenta reis</i>	050
269	<i>Cerimonial para as Religiosas da Conceição – volume um 1</i> <i>avaliado em cincoenta reis</i>	050
270	<i>Tratado das Cerimomias que se hão-de observar na profissão</i> <i>das novissas do Convento da Penha de França da Cidade de</i> <i>Braga – volume um – exemplares cinco 5</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
271	<i>Exortação avizos e documentos, para a perfeição – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cincoenta reis</i>	050
272	<i>Versos para se cantar em louvor do Santissimo Sacramento –</i> <i>volume um 1</i> <i>avaliado em cincoenta reis</i>	050
273	<i>Lições ás Religiozas – volume um 1</i> <i>avaliado em vinte reis</i>	020
274	<i>Relogio da Paixão – volumes dous 2</i> <i>avaliados em vinte reis</i>	020
275	<i>Capitulo conventual – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
276	<i>Perguntas que faz a Madre Abbadessa ás Novissas, e forma de</i> <i>lhes dar o hábito – volume um 1</i> <i>avaliado em cincoenta reis</i>	050

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
277	<i>Caritas Dei diffuza et Incordis nostris Inhabitantem spiritum ejus Innobis</i> – volume um 1 avaliado em vinte reis	020
278	<i>Uma boa religioza</i> 1 avaliado em dez reis	010
279	<i>Antifona e Versos para se cantarem na entrada e profissão das novissas</i> – volume um 1 avaliado em cinquenta reis	050
280	<i>Dominga para o Advento</i> – volume um 1 avaliado em vinte reis	020
281	<i>Missas diversas</i> – volumes dous 2 avaliado em quarenta reis	040
282	<i>Distribuição dos dias da semana para dar graças ao Senhor</i> – volume um 1 avaliado em vinte reis	020
283	<i>Acto de fé</i> – volume um 1 avaliado em dez reis	010
284	<i>Arte para servir a Deus composto em Castelhana por Fr. Affonso de Madrid, e traduzido em Portuguez</i> – volume um 1 avaliado em cinquente reis	050
285	<i>Regras Geraes</i> – volume um 1 avaliado em vinte reis	020
286	<i>Discurso sobre a Vida Religiosa, composto por Fr. Caetano Brandão</i> – volume um 1 avaliado em cinquenta reis	050
287	<i>Ladainhas</i> – volume um 1 avaliado em dez reis	010
288	<i>Um masso contendo nove cadernos e diversas folhas avulsas, tratando de diversas questões</i> 1 avaliado em cinquenta reis	050

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
LIVROS D'ORAÇÕES e REZAS		
289	<i>Breviario Romano, edição de'Antoerpia em mil sete centos e sete – volumes quatro 4 que os louvados avaliaram na quantia de dous mil reis</i>	2.000
290	<i>Dito, Idem, Idem, em mil sete centos sessenta e quatro – volumes quatro 4 avaliados em mil e oitocentos reis</i>	1.800
291	<i>Dito, Idem, Idem, em mil sete centos sessenta e oito – volumes quatro 4 avaliados em mil reis</i>	1.000
292	<i>Officio da Semana Santa, edição de Antoerpia em mil sete centos quarenta e nove – volume um – exemplares seis 6 avaliado em mil e duzentos reis</i>	1.200
293	<i>Dito, Idem, Idem, em mil sete centos cinco – volume um ... 1 avaliado em trezentos reis</i>	300
294	<i>Dito, Idem, Idem, em mil sete centos quarenta e dous – volume um ... 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
295	<i>Dito, Idem, Idem, em mil sete centos quarenta e oito – volume um ... 1 avaliado em trezentos reis</i>	300
296	<i>Dito, Idem, Idem, em mil sete centos sessenta e cinco – volume um 1 avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
297	<i>Dito, Idem, Idem, edição de Amberes em mil sete centos vinte e trez – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
298	<i>Dito, idem, idem, em mil sete centos vinte e um – volume um ... 1 avaliado em duzentos reis</i>	200
299	<i>Dito, idem, idem, em mil sete centos e cinco – volume um ... 1 avaliado em cento sessenta reis</i>	160
300	<i>Dito, Idem, Idem, edição de Veneza em mil sete centos e vinte – volume um 1 avaliado em duzentos reis</i>	200

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
301	<i>Dito, Idem, Idem, Idem, em mil sete centos quarenta e quatro – volume um 1</i> <i>que os louvados avaliaram em cento e vinte reis</i>	120
302	<i>Dito, Idem, Idem, edição de Lisboa em mil sete centos trinta e quatro – volume um 1</i> <i>avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
303	<i>Dito, idem, idem, em mil sete centos oitenta e trez – volume um 1</i> <i>avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
304	<i>Offícios próprios das festas de Sam Francisco, edição de Lisboa em mil sete centos noventa e oito – volume um 1</i> <i>avaliado em trezentos reis</i>	300
305	<i>Ditos, Idem, Idem, em mil sete centos oitenta sete – volume um 1</i> <i>avaliado em trezentos reis</i>	300
306	<i>Ditos, Idem, Idem, em mil sete centos oitenta e trez – volume um 1</i> <i>avaliado em dez reis</i>	010
307	<i>Ditos próprios do Corpo de Christo, edição de Antwerp, em mil sete centos e dous – volume um 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
308	<i>Ditos de Nossa Senhora, edição de Veneza em mil sete centos setenta e dous – volume um 1</i> <i>avaliado em cento e sessenta reis</i>	160
309	<i>Ditos, Idem, Idem, em mil sete centos quarenta e oito – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
310	<i>Ditos, Idem, edição de Antwerp em mil sete centos vinte e quatro – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
311	<i>Ditos, Idem, Idem, em mil sete centos vinte e seis – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cento e vinte reis</i>	120

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
312	<i>Ditos, Idem, edição de Amberes em mil sete centos cinquenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
313	<i>Ditos, Idem, Idem, em mil sete centos vinte e sete – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
314	<i>Ditos da Diocese de Lisboa, edição de Lisboa em mil sete centos trinta e dois – volume um 1</i> <i>avaliado em 120 reis</i>	120
315	<i>Ditos, Idem, Idem, em mil sete centos cinquenta e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em cento e vinte reis</i>	120
316	<i>Ditos proprios dos Santos da Diocese de Braga, edição de Braga em mil sete centos e treze – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
317	<i>Ditos dos Santos Benedictinos em Portugal, edição de Lisboa em mil sete centos sessenta e sete – volumes dois 2</i> <i>avaliados em cem reis</i>	100
318	<i>Ditos de varios Sanctos – volume diversos em broxura, pergaminho e encadernação – volumes vinte e dois 22</i> <i>avaliados todos em seiscentos reis</i>	600
319	<i>Manual de Côro, edição de Lisboa em mil seis centos vinte e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos reis</i>	200
320	<i>Dito, Idem, edição de Salamanca em mil seis centos e seis – volume um 1</i> <i>avaliado em cento e vinte reis</i>	120
321	<i>Dito, Idem, Idem, em mil quinhentos oitenta e seis – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cento e vinte reis</i>	120
322	<i>Martyrologio Romano, edição de Veneza em mil sete centos vinte e dois – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos e quarenta reis</i>	240
323	<i>Processionario monastico dos Monges benedictinos em Portugal, edição de Coimbra em mil seis centos e dez – volume um ... 1</i> <i>avaliado em cento e sessenta reis</i>	160

N.º	[LISTAGEM DOS LIVROS, VOLUMES E VALOR DA LOUVAÇÃO]	VALOR DE CADA LIVRO/ITEM
324	<i>Theatro Ecclesiastico, edição de Lisboa em mil sete centos quarenta e trez – volume um 1</i> <i>avaliado em duzentos e quarenta reis</i>	240
325	<i>Directorio das Cerimonias para dar o habito e fazer a profissão às novissas, edição de Lisboa em mil sete centos oitenta e um – volumes dous 2</i> <i>avaliados em seis centos reis</i>	600
326	<i>Rezumo das Regras geraes do Cantochão, edição de Coimbra, em mil sete centos quarenta e um – volume um 1</i> <i>avaliado em cento e vinte reis</i>	120
327	<i>Missaes em formato pequeno – volumes quatro 4</i> <i>que os louvados avaliaram em oitocentos rei</i>	800
328	<i>Oras Deurnas, edição de Antwerpia em mil sete centos quarenta e nove – volume um incompleto 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
329	<i>Ditas, Idem, Idem, em mil sete centos e trinta – volume um incompleto 1</i> <i>avaliado em cem reis</i>	100
330	<i>Ditas, Idem, Idem, em mil sete centos oitenta e dous – volume um – exemplares dous 2</i> <i>avaliados em trezentos reis</i>	300
331	<i>Ditas, idem, Idem, em mil sete centos sessenta e oito – volume um – exemplares trez 3</i> <i>avaliados em quatro centos e cincoenta reis</i>	450
332	<i>Ditas, incompletas – volumes quatro 4</i> <i>avaliados em oitenta reis</i>	080
333	<i>Ditas, Idem, em mil sete centos sessenta e um – volume um ... 1</i> <i>avaliado em quarenta reis</i>	040
334	<i>Ditas, Idem, Idem, edição de Antwerpia em mil sete centos vinte e quatro – volumes quatro 4</i> <i>que os louvados avaliaram em quarenta reis</i>	040
	[Total]	54.785

ENCERRAMENTO

Aos dous dias de mez de Março de mil oitocentos setenta e cinco, n'esta cidade de Braga, e caza da livraria do extincto convento de Nossa Senhora da Conceição da Penha de França, sendo presentes o Administrador do concelho Bacharel João de Paiva Faria Leite Brandão, o Reverendissimo Vigario Geral Manoel da Conceição da Costa e Silva, o Excellentissimo Delegado do Thesouro Henrique Francisco Bizarro, os louvados Eugenio Chardron e Germano Joaquim Barreto, livreiros, comigo Antonio Roberto Candido Moreira, Aspirante da Segunda Classe da Repartição da Fazenda deste Districto, sendo concluida a descripção do presente inventario e a avaliação de todos os objectos n'elle descriptos, feita esta pelos louvados acima designados, para esse fim, previamente nomeados e devidamente ajuramentados, se houve por encerrado o mesmo inventario contendo trezentas e trinta e quatro verbas no valor de cincoenta e quatro mil sete centos oitenta e cinco reis, achando-se descriptas as ditas verbas desde folhas uma verso até folha quarenta e seis todas numeradas e rubricadas pelo dito Administrador, dada posse de todos os objectos inventariados ao Delegado do Thezouro que a tomou por parte da Fazenda Nacional. E para constar se lavrou o presente termo que todos vão assignar depois de lido por mim Antonio Roberto Candido Moreira, Aspirante de Segunda Classe da Repartição da Fazenda d'este discripto que abaixo tambem assigna²⁰⁴.

João de Paiva de Faria Leite Brandão
Manoel da Conceição da Costa e Silva
Henrique Francico Bizarro
Eug° Chardron
Germano Jom. Barreto
Antonio Roberto Candido Moreira

204 [Ao lado noutra letra destacada]: Gastaram com esta avaliação trez dias

Referências bibliográficas

A – Textos/Fontes

A.1. Manuscritos

- CASTRO, João de, *A Aurora da Quinta Monarchia, que há de ter a Christandade na Conquista Universal do mundo, de que ham de ser as principaes Cabeças Quatro Reys, sendo hũ d'elles El Rey Dom Sebastiam, coroadado por Emperador; com outros muytos Principes e Potentados futuros Conquistadores. Repartida em çinco livros segundo os diversos propósitos*, B.N.P., Cod. 4373 – 4374 – 4375
- CASTRO, João de, *Algumas exposições, mais completas e com outras declarações sobre o Apocalypse Segundas exposições mais amplas, com outras declarações sobre o Apocalypse*, B.N.P., Cod. 4378
- Cathologo Alphabeticdo dos livros da Bibliotheca do Real Seminario de Nossa Senhora dos Anjos de Brancanes*, Lisboa, I.A.N. / T.T., ms. da livraria, nº 1898
- SERAFINS, Fr. Luís dos, OSB, *Memorias sobre o estado actual dos mosteiros que vizitando, sendo 2ª vez Secretario da Congregação depois que sahirão os francezes, e segundo as noticias que achei e que me forão communicando os padres e diversas pessoas com quem fallei neste assunto* (Lisboa: B.N.P., ms. Res. 11237)

A.2. Impressos (originais e reedições)

- ALVA Y ASTORGA, Pedro de, *Bibliotheca virginalis sive Mariæ mare magnum*, Matriti: Ex Typographia Regia, 1648
- Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istórias e ditos galantes que sucederão e se disserão no Paço* (ed. de Christopher C. Lund), Coimbra: Almedina, 1980
- ANTONIO, Nicolas, *Bibliotheca Hispana Nova*, Matriti: apud viduam et heredes Joachimi de Ibarra, 1773-1778 (reed. Madrid: Visor, 1996)
- BARREIROS, Gaspar, *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho, que fez... ó anno de M.D.xxxvj. começado na cidade de Badajoz em Castella, te á de Milam em Italia...*, Coimbra: Por Ioã Aluarez, 1561 (reed. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1968)
- CARDOSO, Jorge, *Agiologio Lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*, Lisboa: Na Officina de Henrique Valente d'Oliveira,

- 1652-1666, 3 volumes – ed. fac-simile, com estudo introdutório e índices, de Ma de Lurdes Correia Fernandes, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000, 5 vols.
- Cathalogo dos livros que se prohibem...*, Lisboa, Per Antonio Ribeiro, 1581, in *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI* (apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada por A. M. de Sá), Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983
- Colecção Oficial da Legislação Portuguesa*, IV Série, 1934; V e VI série, 1936
- COLOMBO, Cristoforo, *Lettere e Scritti (1495-1506). Libro de las profecias* (a cura di R. Rusconi), Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1993
- Constituições que devem observar as religiosas do Convento de Nossa Senhora da Penha de França, da cidade de Braga, instituido, e reformado pelo Excecelentissimo e Reverendissimo Arcebispo de Braga Dom Rodrigo de Moura Telles no ano de 1725 por concessão do Papa Benedicto XIII, mandadas imprimir pela abadessa Margarida de Jesus Maria José*, Lisboa: Oficina de Filipe da Silva e Azevedo, 1789
- COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián, *Tesoro de la lengua castellana o española*, Barcelona: Editorial Castalia, 1995
- DÍEZ DE GAMES, Gutierre, *El Victorial. Crónica de D. Pedro Niño, conde de Buelna*, ed. de J. de Mata Carriazo, Madrid: Espasa-Calpe, 1940
- GIOACCHINO DA FIORE, *Commento a una profezia ignota*, Roma: Viella, 1999
- GÓMEZ GARCÍA, *Carro de dos Vidas* (Sevilla, 1500), ed. de Melquiades Andrés Martín, Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca / Fundación Universitaria Española, 1988
- GONZALEZ DE TORRES, Eusebio, *Chronica Seraphica*, VII Parte, Madrid: Imprenta de la Vida de Juan Garcia Infanzon, 1729
- GRANADA, Fr. Luis de, *Epistolario*, Recopilación y notas de Álvaro Huerga, Córdoba Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba, 1989
- GUSMÃO, Pe. Alexandre, SJ, *Historia do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*, Lisboa, 1682
- HERNANDO DEL PULGAR, *Claros varones de España*, Sevilla 1500 (ed. fac-similada, Barcelona: Salvat, 1970)
- LEÃO, Gaspar, *Desengano de perdidos* (Goa, 1573), ed. de E. Asensio, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1958
- LOYOLA, Ignacio, *Obras completas*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963
- MACHADO, Diogo Barbosa *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa: Oficina de Ignacio Rodrigues, 4 volumes, 1741-1759 (reed. Coimbra: Coimbra Editora, 1965-1967)
- MARCOS DE LISBOA, Fr., *Chronicas de la Orden de los Frayles Menores*, Lisboa: Pedro Crasbeeck, Lisboa 1615 (reed. fac-simile de José Adriano de Carvalho, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, 3 vols.)

- MARCUELLO, Pedro, *Cancionero* (edición, introd. y notas de José M. Blecua), Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 1987
- MELO, Francisco Manuel, *Carta de guia de casados*, ed. de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto: Campo das Letras, s.a [2003]
- MELO, Francisco Manuel, *Cartas de D. Francisco Manuel de Melo a Duarte Ribeiro de Macedo*, Estudo introdutório de Virgínia Rau, *Revista Faculdade de Letras de Lisboa*, 1968
- MELO, Francisco Manuel, *Cartas escritas a Antonio Luiz de Azevedo*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1911
- MELO, Francisco Manuel, *Cartas familiares*, prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, s. d. [1990]
- MELO, Francisco Manuel, *Hospital das Letras*, ed. Jean Colomès (texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes), Paris: Fundação Calouste Gulbenkian /Centro Cultural Português, 1970
- MELO, Francisco Manuel, *Obras Métricas*, ed. de M^a Lucília G. Pires & José A. Freitas Carvalho (coord.), Edições APPCDM, 2006, 2 vols.
- MELO, Francisco Manuel, *Tacito portuguez. Vida e morte. Ditos e feytos de El-Rei om João IV*. Com Introdução, informação notas de Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1940
- Memorias funebres sentidas pelos ingenhos portugueses na morte da Senhora Dona Maria de Attayde*, Lisboa: Officina Craesbekiana, 1650
- MENDONÇA, Francisco, SJ, *Segunda parte dos sermões*, Lisboa: Mathias Rodrigues, 1632
- MEXIA, Pedro, *Diálogos*, Edición, introducción y notas de Isaías Lerner y Rafael Malpartida, Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2006
- NAUDÉ, Guillaume, *Advis pour dresser une bibliothèque*, Paris, 1627
- NOGUEIRA, Vicente, *Cartas de D. Vicente Nogueira* (publicadas e anotadas por A. J. L. da Silva), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929
- PORTUGAL, Francisco de, *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha (1616-631)*, edição de José A. de Freitas Carvalho, Porto: CITCEM – Edições Afrontamento, 2015
- S. BERNARDINO, Fr. João, OFM, *Sermão da Immaculada Conceição da Mãe de Deos, que fez na Capella real, assistindo em ella a primeira vez, S. M. oito dias depois de sua aclamação*, Lisboa: Por Antonio Aluares, 1641
- S. PAIO, Conde de, *A oculta margarida. Vida admiravel e milagrosa da Beata Beatriz da Silva* (trasladada do castelhano da obra original de Sôr Catarina de Santo António, composta em 1661), Lisboa, 1929
- SAN ANTONIO, Soror Catalina, *La margarita escondida. Vida admirable y milagrosa de la Ima y nobilissima señora Doña Beatriz de Silva fundadora de la insigne religión de la Inmaculada Concepción de Nuestra Señora. Compúsola en el año 1661 Sor Catalina de San Antonio y publicada por segunda vez por las RR.MM. Concepcionistas de la Casa Matriz de Toledo*, Madrid: Viuda y hija de Gómez Fuentenebro, 1903

- SANTA MARIA, A., OSAD, *Historia da vida admirável, & das acções prodigiosas da veneravel madre Soror Brizida de S. Antonio*, Lisboa: Na Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1701
- SILVA, José Seabra, *Collecção das provas que forão citadas na parte primeira e segunda da 'Deducção Chronologica e Analytica*, Lisboa: Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1768
- SOARES, Pero Roiz, *Memorial de Pero Roiz Soares*, ed. de M. Lopes de Almeida, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1953
- SOLEDADE, Fernando da, *Historia Serafica Cronologica da Ordem de S. Francisco da provincia de Portugal*, III, Lisboa: Oficina de Manoel, e Joseph Lopes Ferreyra, 1705
- SOUSA, Fr. Luís. OP, *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Martyres*, Viana, Por Nicolao Carvalho (1619), reed. por Aníbal Pinto de Castro e G. Chaves de Melo, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984
- VALOIS, Marguerite, *Mémoires et autres écrits. 1574-1614*, Édition critique par Éliane Viennot, Paris: Honoré Champion Éditeur, 1999
- VIEIRA, Pe. Antonio, *Cartas do Padre António Vieira* (ed. de J. Lúcio de Azevedo), Lisboa: Imprensa Nacional, 1971, 2 vols.
- WADDING, Lucas, *Annales Minorum*, Prope Florentiam, Ad Claras Aquas (Quaracchi), 1933, XIV
- XIMENEZ SANTIAGO, Francisco, *Victorias, y triumphos contra Portugal por Castilla mediante Christo sacramentado. De el tirano revelion, y sedicioso alçamiento, de la alevosia portuguesa al fin del año de 40 y su pertinaz reveldia. Alcançados por el rey mas soberano del Orbe, monarcha singular de dos mundos, emperador de America Philipe IIII el Grande. Profetizados por uno, y otro profeta David Ps. 19 Abdias en toda su Profecia*, Ecija: por Luis Estupiñan, 1642

B – Estudos

- ABREU, Laurinda, «Um parecer da Junta do exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares nas vésperas de 30 de Maio de 1834» in *Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, I, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 117-130
- ALBA, Ramón, *Acerca de algunas particularidades de las comunidades de Castilla tal vez relacionadas con el supuesto acaecer Terreno del Milenio Igualitario*, Madrid: Editora Nacional, 1975
- ALBUQUERQUE, Martim de, *Um percurso da construção ideológica do Estado. A recepção lipsiana em Portugal: estoicismo e prudência política*, Lisboa: Quetzal Editores, 2002
- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal* (Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres), Porto – Lisboa: Livraria Civilização, 1970, 4 vols.

- ALMEIDA, Isabel; Rocheta, M^a Isabel; Amado, Teresa (org.), *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires, Maria Vitalina L. de Matos*, Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas – Faculdade de Letras de Lisboa, 2007
- ANDRADE, Vicente de Paula, *Ensayo bibliografico mexicano del siglo XVII*, México: Imprenta del Museo Nacional, 1899 (2^a ed.)
- ANDRÉS MARTÍN, Melquíades, *Los recogidos, Nueva vision de la mistica española (1500-1700)*, Madrid: Fundación Universitaria Española, 1975
- ANTAS, Miguel D', *Les faux Don Sébastien. Étude sur l'histoire de Portugal*, Paris: Auguste Durand, 1866
- ARAÚJO, A. Sousa & Malheiro, Armando, *Inventário do Fundo Monástico Conventual*, Braga: Arquivo Distrital de Braga, 1985
- ASSUMPÇÃO, T. Lino d', *As últimas freiras*, Porto: Livraria Portuense de Lopes e C.^a, 1894
- AZEVEDO, J. Lúcio, *A evolução do sebastianismo*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947
- BARANDA LETURIO, Nieves & Marín Pina, M^a Carmen (Eds.), *Letras en la celda. Cultura escrita de los conventos femeninos en la España moderna, Iberoamericana – Vervuert*, 2014
- BARATA, Paulo J. S., «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portuguese após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer», *Lusitania Sacra*, 24 (211) pp. 125-152
- BARATA, Paulo J. S., *Os livros e o liberalismo. Da livraria conventual à biblioteca pública. Uma alteração de paradigma*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003
- BARRADO MANZANO, A., OFM, S. Pedro de Alcântara. *Estudio documentado y crítico de su vida*, Madrid: Editorial Cisneros, 1965
- BARRETO, Luís Filipe, *Por mar e terra. Viagens de Bartolomeu Dias e Pero da Covilhã*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988
- BEAUNE, Colette, «De Telesphore à Guillaume Postel. La diffusion du Libellus en France aux XIV^{ème} et XV^{ème} siècles», in G. L. Potestà (ed.), *Il Profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento. Atti del III Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti, San Giovanni in Fiore, 17-21 settembre 1989*, Genova: Marietti, 1991, pp. 195-211
- BELÉM, Fr. Jerónimo, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia*, II, Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1753
- BENIGNO, Francesco, «Corte y anti-corte en la literatura política barroca», in Rey Hazas, Antonio; Campa Gutiérrez, Mariano; Jiménez Pablo, Esther (coords.) *La corte del Barroco. Textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratoria*, Madrid: Ediciones Polifemo, 2016, pp. 38-51
- BERESTÁIN DE SOUSA, José Mariano, *Biblioteca Hispano-Americana Septentrional ó Catalogo y Notícia de los literatos, que ó nacidos, ó educados, ó florecientes en la*

- América Septentrional Española han dado á luz qlgun scrito ó lo han preparado para la prensa*, México: Oficina de D. Alejandro Valdés, 1821
- BERNAT VISTARINI, Antonio, *Francisco Manuel de Melo (1608-1666). Textos y contextos del Barroco peninsular*, Palma: Universitat de les Illes Balears, 1992
- BIGNAMI-ODIER, Jeanne, «Jean de Roquetaillade (de Rupescissa), théologien, polémiste, alchimiste», in *Histoire Littéraire de la France*, Paris: Imprimerie Nationale, 1981, XLI, pp. 75-240
- BLANCHARD, Joël, «Introduction» a Philippe de Commynes, *Mémoires*, Paris: Librairie Générale Française, 2002, pp. 7-93
- BLÉCHET, Françoise, «Le Quotidien et l'Insolite dans la Bibliothèque du Roi au temps de l'Abbé Bignon» in Martin, Henri-Jean (ed.), *Le Livre et l'Historien*, Genève: Droz, 1997, pp. 359-370
- BOHIGAS I BALAGUER, Pere, «Profecies catalanes dels segles XIV i XV. Assaig bibliogràfic», *Bulletí de la Biblioteca de Catalunya* VI (1925) 25-49
- BONS, Renée, «Lire et écrire chez les religieuses de l'Ouest aux XVIIe et XVIIIe siècles» in Dompnier, Bernard et Froeschlé, Me-Hélène (eds), *Les religieux et leurs livres à l'époque moderne* Vd., pp. 255-275
- BRAGA, Teófilo, *Os Seiscentistas*, Porto: Chardron e Lello, 1914
- BRANCO, M. Bernardes, *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1888, 8 vols.
- BRANDÃO, Mário, *A Livraria do Pe Francisco Suárez*, Coimbra: Coimbra Editora, 1927
- BUJANDA, Jesús Martínez de, *Index de l'Inquisition portugaise: 1547, 1551, 1561, 1564, 1581*, Québec/Genève: Centre d'Études de la Renaissance/Éditions de l'Université de Sherbrooke/Librairie Droz, 1995
- CABRAL, Maria Luísa, *A Real Biblioteca e os seus criadores*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2014
- CALDEIRA, Arlindo, *Mulheres enclausuradas. As ordens religiosas femininas em Portugal nos séculos XVI a XVIII*, Alfragide: Casa das Letras, 2021
- CAMPOS, Fernanda M^a Guedes de, *Para se achar facilmente o que se busca. Bibliotecas, catálogos, e leitores no ambiente religioso (século XVIII)*, Lisboa: Caleidoscópio, 2015
- CANTEL, Raymond, *Prophétisme et messianisme dans l'œuvre d'Antonio Vieira*, Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1960
- CANTIMORI, Delio, *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*, Firenze: Sansoni, 1939
- CARDOSO, António M. Barros, *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luis Saraiva*, Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1995
- CARO BAROJA, Julio, *Las formas complejas de la vida religiosa. Religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII*, Madrid: Akal, 1978

- CARVALHO, Joaquim, «A Livraria de um Letrado do século XVI – frei Diogo de Murça», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 8 (1927) 1-26, refundido e desenvolvido em *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XVI* – vol. II, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1948, pp. 200-204
- CARVALHO, José A. de Freitas, «A difusão dos *Exercícios divinos revelados* de Nicolau Eschio na Península Ibérica – 1554-1787. Uma aproximação editorial», *Via Spiritus*, 26 (2019) 127-163
- CARVALHO, José A. de Freitas, «A poesia sacra de D. Francisco Manuel de Melo», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. VIII (1974) 295-404
- CARVALHO, José A. de Freitas, *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o estudo da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*, Porto: Centro de Literatura da Universidade do Porto, 1981
- CARVALHO, José A. de Freitas, «Introdução» a *Da memória dos livros às bibliotecas da memória – I – Inventário da livraria de Santo António de Caminha*, Porto: C.I.U.E., 1998
- CARVALHO, José A. de Freitas, *Lectura espiritual en la Península Ibérica, Siglos XVI-XVII*, Salamanca: SEMYR, 2007
- CARVALHO, José A. de Freitas, ‘Nobres Leteras’... ‘Fermosos Volumes’... *Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal no século XV*, Porto: Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras do Porto, 1995
- CARVALHO, José A. de Freitas, «Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o ‘sapateiro santo’ (1516-1576)», in *Espiritualidade e corte em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Porto: Faculdade de Letras do Porto/Instituto de Cultura Portuguesa, 1993, pp. 233-260
- CARVALHO, José A. de Freitas, «Vida e Mercês que Deos fez ao Veneravel D. Leão de Noronha: do Santo de Corte ao Santo de Família» in *Via Spiritus*, 3 (1996), 81-161
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Mosaico e Silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, Porto: Anselmo Moraes Editor, 1868
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Um Viajante no Minho em 1785, Mosaico e Silva*, Porto, Lello e Irmão, 1968, pp. 220-242
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio, «Leer en comunidad. Libro y espiritualidad en la España del Barroco», *Via spiritus*, 7 (2000) 99-132
- CASTRO Y CASTRO, Manuel, *Manuscritos franciscanos de la Biblioteca Nacional de Madrid*, Madrid: Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1973
- CHÂTELLIER, Louis, *La Religion des Pauvres*, Paris, Aubier, 1993
- CHEVALIER, Maxime, *Lecturas y Lectores en la España del Siglo XVI y XVII*, Madrid: Ediciones Turner, 1976
- COGNET, Louis, *De la dévotion moderne á la spiritualité française*, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1958

- COLOMBÁS, García M., *Un reformador beneditino en tiempo de los Reyes Católicos. García Jiménez de Cisneros, Abad de Montserrat*, Abadía de Montserrat, 1955
- COLOMÈS, Jean, «Introduction» a Melo, Francisco Manuel, *Hospital das Letras*, vd. pp. XII-XIII
- COSTA, António Domingos de Sousa, «Studio critico e documenti inediti sulla vita del Beato Amadeu de Silva nel quinto centenario della sua morte», in Vázquez, Isaac (ed.), *Noscere sancta. Miscellanea*, vd. II, pp. 101-360
- COSTA, Avelino de Jesus, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos Séculos XV a XVIII*, Braga: s.n., 1984
- CIVIL, Pierre, «Pouvoir royal et discours prophétique. De quelques textes autour des événements politiques de 1640», in Redondo, Augustin (ed.), *La prophétie comme arme de guerre des pouvoirs...*, vd. pp. 327-340
- D'ANTAS – Ver ANTAS
- Da memória dos livros às bibliotecas da memória – I – Inventário da livraria de Santo António de Caminha*, Porto: C.I.U.H.E., 1998
- Da memória dos livros às bibliotecas da memória – II – Inventário da livraria de Santo António de Ponte do Lima*, Porto: C.I.U.E., 2002
- DADSON, Trevor J., *Libros, lectores y lecturas. Estudios sobre bibliotecas particulares españolas del Siglo de Oro*, Madrid: Arco/Libros, S.L., 1998
- DELAFORCE, Angela, *The lost library of the King of Portugal*, London: Ad Ilissum, 2019
- DELATTE, Don Paul, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Sablé-sur-Sarthe, Abbaye de Saint-Pierre de Solesmes, 1913 – edição fac-simile de Paris: Maison Mame, 1969
- DENY, Jean, «Les pseudo-prophéties concernant les Turcs au XVIe siècle», *Revue des Études Islamiques* X/2 (1936) 201-220
- DOMPNIER, Bernard & Froeschlé, Marie-Hélène (eds.), *Les religieux et leurs livres à l'époque moderne*, Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2000
- EGIDO, Aurora, «Introducción» a *El Comulgatorio*, ed. fac-simile de la de Zaragoza, Juan de Ybar, 1655, Zaragoza: Institución «Fernando el Católico», 2003
- EPINEY-BURGARD, Georgette, *Gerard Grote (1340-1384) et les débuts de la Dévotion Moderne*, Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1970
- FARIA, Francisco Leite, *Difusão extraordinária do livro de Fr. Tomé de Jesus*, Lisboa, 1982 (Separata dos *Anais*, II, Série, vol. 28, da Academia Portuguesa de História)
- FLEMING, Martha H., *The late medieval pope prophecies. The «Genus nequam» group* (Edited by), Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies/Arizona State University, 1999
- FERNANDES, M^a Lurdes Correia, *Cultura escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina (Séculos XV-XIX). A «livraria» do mosteiro de Santa Maria de Arouca, O, Cister, V. N. de Famalicão*: Húmus, 2023
- FERNANDES, M^a Lurdes Correia, «Des sociabilités qui surmontent les distances. Autour du réseau de relations intellectuelles de Francisco Manuel de Melo»

- in *Sociabilités intellectuelles XVI^{ème} – XX^{ème} siècle*, Arquivos do Centro Cultural Português XLIX, (Lisboa-Paris 2005) 33-44
- FERNANDES, M^a Lurdes Correia, «O ensino das primeiras letras no interior beirão: o Colegio dos Jesuitas de Gouveia», *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas* 19 (2002) 41-70
- FERREIRA, José Augusto *Fastos episcopais da Igreja primacial de Braga*, Braga: ed. Mitra Bracaraense, 1932, pp. 251-254
- FIRPO, Massimo, «Il sacco di Roma del 1527 tra profezia, propaganda politica e riforma religiosa», in *Dal sacco di Roma all'Inquisizione. Studi su Juan de Valdés e la Riforma italiana*, Alessandria: Edizioni dell'Orso, 1998, pp. 8-60
- FRAGNITO, Gigliola, *Rinascimento perduto. La letteratura italiana sotto gli occhi dei censori (secoli XV-XVII)*, Bologna: Il Mulino, 2019
- FREITAS, Bernardino J. de Sena, *Memorias de Braga*, Braga: Imprensa Católica, 1890
- GARCIA, José Manuel & Jaquinet, Maria Luisa, «Os conventos femininos de clausura em Lisboa», *Sigila*, n^o 34 (2014) 97-117
- GUENÉE, Bernard, *Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval*, Paris: Aubier-Montaigne, 1980
- GUERRINI, Paola, *Propaganda politica e profezie figurate nel tardo medioevo*, Napoli: Liguori, 1997
- HUERGA, Álvaro, *Fray Luis de Granada. Una vida al servicio de la Iglesia*, Madrid: BAC, 1988
- JEHASSE, Jean, *La renaissance de la Critique. L'essor de l'humanisme érudit de 1560 à 1614*, Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, s.d.
- JIMÉNEZ DE CISNEROS, García, *Obras completas II – Texto*, Abadia de Montserrat, 1965
- JOLLY, Claude, *Histoire des Bibliothèques Françaises – III, Les Bibliothèques sous l'Ancien Régime*, Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 1988
- LECLERCQ, Jean, *L'amour des lettres et le désir de Dieu. Initiation aux auteurs monastiques du Moyen Âge*, Paris: Éditions du Cerf, 2008 (5^a ed.)
- LERNER, Robert E., *The powers of prophecy. The Cedar of Lebanon vision from the Mongol onslaught to the dawn of the Enlightenment*, Berkley/Los Angeles/London: University of California Press, 1983
- LIPINER, Elias, *O Sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993
- LOPES, Fernando Félix, «A propósito do culto da Imaculada Conceição em Portugal», *Colectânea de Estudos I* (1946) 19-83
- LOPES, Fernando Félix, *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas*, Braga: Editorial Franciscana, 1979
- LÓPEZ ESTRADA, Francisco, «Introducción» a Gil Polo, Gaspar, *Diana Enamorada*, Barcelona: Editorial Castalia, 1988, pp. 9-50

- LUGLI, Adalgisa, *Naturalia et Mirabilia. Il Collezionismo enciclopedico nelle Wunderkammern d'Europa*, Milano: Gabrele Mazzota, 1990 (2ª ed.)
- MANUPPELLA, Giacinto, «Acerca do cosmopolitismo intelectual de D. Francisco Manuel de Melo», *Brasília XI* (1961) 5-22
- MARAÑON, Gregorio, *El conde-duque de Olivares (La pasión de mandar)*, Madrid: Espasa-Calpe, 1972 (6ª)
- MARQUES, Mª Adelaide Salvador, *A Real Mesa Censoria e a cultura nacional. Aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII*, Coimbra: Coimbra Editora, 1963
- MARTIN, Philippe, «La congrégation de Notre-Dame face au livre», in *Les religieux et leurs livres à l'époque moderne*, Presses universitaires Blaise-Pascal, Clermont-Ferrand 2000, pp. 235-254
- MARTINS, Mª Teresa E. Payan, *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005
- MATIAS, Elze Mª H. Vonk, *As Academias literárias portuguesas dos séculos XV e XVIII*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa, 1998, polic.
- MATOS, Gastão de Melo, «Nos bastidores da política Seiscentista. D. Sebastião César de Meneses», *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, V (1941) 7-39
- MCGINN, Bernard, «'Pastor Angelicus': apocalyptic myth and political hope in the fourteenth century», in *Apocalypticism in the Western tradition*, Aldershot: Variorum, 1994
- MESSINI, Angelo, *Profetismo e profezie ritmiche italiane d'ispirazione gioachimito-francescana nei secoli XIII, XIV e XV*, Roma: Miscellanea Francescana, 1939
- MILLET, Hélène & Rigaux, Dominique, «Aux origines du succès des 'Vaticinia de summis pontificibus'», in *Fin du monde et signes des temps. Visionnaires et prophètes en France méridionale (fin XIII^e – début XV^e siècle)*, (Cahiers de Fanjeaux, 27), Toulouse: Privat, 1992, pp. 129-156
- MILHOU, Alain, *Colón y su mentalidad mesiánica en el ambiente franciscanista español*, Valladolid: Casa-Museo de Colón, 1983
- MILHOU, Alain, «La chauve-souris, le nouveau David et le roi caché (trois images de l'empereur des derniers temps dans le monde ibérique: XIIIe-XVIIe s.)», *Mélanges de la Casa Velázquez XVIII* (1982) 61-78
- MINNICH, Nelson H., «The role of prophecy in the career of the enigmatic Bernardino López de Carvajal», in Reeves, Marjorie (ed.), *Prophetic Rome...*, vd. pp. 111-120
- MONCINI, Guido, *Maschere dell'identità. Alle origini della Compagnia di Gesù*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2016
- MONTERO, Juan, «La Clara Diana (Épila, 1580) de fray Bartolomé Ponce y el canon pastoril», *Criticón* 61 (1994) 69-80
- MORISI, Anna, *'Apocalypis Nova'. Ricerche sull'origine e la formazione del testo dello pseudo-Amadeo*, Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo, 1970

- MOYNIHAN, Robert, «The development of the ‘pseudo-Joachim’ commentary ‘super Hieremiam’: new manuscript evidence», *Mélanges de l’École Française de Rome, Moyen Âge-Temps Modernes – ‘Parole inspirée’ et pouvoir charismatique* – 98/1 (1986) 109-142
- NICCOLI, Ottavia, *Profeti e Popolo nell’Italia del Rinascimento*, Bari: Laterza, 1987
- NICCOLI, Ottavia, «‘Prophetie di musaicho’. Figure e scritture gioachimite nella Venezia del Cinquecento», in Rotondò, Antonio (ed.), *Forme e destinazione del messaggio religioso*. Vd. pp. 197-227
- NICCOLI, Ottavia, «Profezie in piazza. Note sul profetismo popolare nell’Italia del primo Cinquecento», *Quaderni Storici* 41 (1979) 500-539
- NORTON, Manuel Artur, *D. Pedro Miguel de Almeida Portugal*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1967
- NUOVO, Angela, «La Fondazione delle Biblioteche Teresiane in Lombardia: Contributo a una Storia dei Cataloghi» in Quondam, Amedeo (a cura di), *Il Libro a Corte*, Roma: Bulzoni, 1994, pp. 349-371
- OLIVEIRA, António, «A Livraria de um Canonista do século XVI» [Luis Correia], *Pedaços de história local*, II, Coimbra: Palimage, 2010, pp. 179-297
- OLIVEIRA, António, «A Livraria de um Teólogo do século XVI [Francisco Rodrigues Fróis], *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 27 (1966) 541-585
- OLIVEIRA, António, «A livraria do Canonista Luís Correia (c.1542-1598), in *Pedaços de história local*, II, Coimbra: Palimage, 2010, pp. 179-297
- MARTINS, Joaquim P. de Oliveira, *Portugal Contemporâneo*, Lisboa: Guimarães e Ca Editores, 1953, 2 vols.
- PALOMO, Federico, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as Missões do interior em Portugal (1551-1630)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003
- PENNEY, Clara Louisa, *Printed books – 1468-1700 in the Hispanic Society of America*, New York: The Hispanic Society of America, 1943
- PIRES, M^a Lucília Gonçalves, «El mayor Pequeño de D. Francisco Manuel de Melo e a lição de Quevedo», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, o (2003) 337-344
- POST, R. R., *The modern devotion. Confrontation with Reformation and Humanism*, Leiden: E. J. Brill, 1968
- POTESTÀ, Gian Luca, (ed.), *Il Profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento. Atti del III Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti* (San Giovanni in Fiore, 17-21 settembre 1989), Genova: Marietti, 1991
- PRESTAGE, Edgar, *As relações diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928
- PRESTAGE, Edgar, *D. Francisco Manuel de Melo. Esboço biographico*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914

- PRESTAGE, Edgar, «Introdução» a Melo, Francisco Manuel, *Cartas escritas a Antonio Luiz de Azevedo*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1911
- PROSPERI, Adriano, «America e Apocalisse. Note sulla 'conquista spirituale' del Nuovo Mondo», *Critica Storica* XIII (1976) 1-61
- PROSPERI, Adriano, «Attese millenaristiche e scoperta del Nuovo Mondo», in Potestà, Gian Luca (ed.), *Il Profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento*, vd. pp. 433-460
- QUINT, Anne-Marie «Chronique d'un avènement annoncé (Fernão Lopes et le Maître d'Aviz)», in Redondo, Augustin (ed.), *La prophétie comme arme de guerre*. Vd. pp. 57-67
- QUONDAM, Amedeo, *Il letterato e il pittore. Per una storia dell'amicizia tra Castiglione e Raffaello*, Roma: Viella, 2021
- RAMOS, Luís. A. Oliveira, «Os Monges e os Livros no Século XVII: o exemplo da biblioteca de Tibães», *Bracara Augusta*, 35 (1981) 489-499
- RAU, Virginia & Nunes, Eduardo Borges, *Inventário post-mortem del-Rei D. Pedro II*, Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1969, pp. 70-89
- REDONDO, Augustin (ed.), *La prophétie comme arme de guerre des pouvoirs. XV^e-XVII^e siècles*, Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2000
- REEVES. MARJORIE (ED.), *Prophetic Rome in the high Renaissance period*, Oxford: Clarendon Press, 1992
- REEVES, Marjorie, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages. A study in Joachimism*, Oxford: Clarendon Press, 1969
- REEVES, Marjorie, «Cardinal Egidio of Viterbo: a prophetic interpretation of History», in Reeves, Marjorie (ed.), *Prophetic Rome*, vd. pp. 91-109
- RÉVAH, I. S., «Manifestations théâtrales pré-vicentines: les 'momos' de 1500», *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais* III (1952) 91-105
- RÉVAH, I. S., «Le procès inquisitorial contre Rodrigo Méndez Silva, historiographe du roi Philippe IV», *Bulletin Hispanique*, 67 (1965) 225-252
- RIBEIRO, Ilídio de Sousa, *Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo. Um filósofo escotista português e um paladino da Restauração*, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1952
- ROCHA, Ilídio, *Catálogo da Livraria do Convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo*, Lisboa: Fundação Oriente, 1994
- RODRIGUES, Manuel Augusto, *Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984
- RODRIGUES, Maria Manuela, *Morrer no Porto durante a Época Barroca: Atitudes e Sentimento Religioso*, (Dissertação de Mestrado em História – F.L.U.P., Porto 1991
- ROSILLO LUQUE, Araceli, «La Bilioteca antigua del monasterio de Ntra. Sra. Dels Angels i Santa Clara de Manresa (siglos XVII-XIX): Notas para su estudio a partir

- del inventario» in Baranda Leturio, Nieve & Marin Pina, M^a Carmen (Eds.), *Letras en la celda*, vd. pp. 237-252
- ROTONDÒ, Antonio (ed.), *Forme e destinazione del messaggio religioso. Aspetti della propaganda religiosa nel Cinquecento*, Firenze: Olschki, 1991
- ROTZOLL, Maike, *Pierleone da Spoleto. Vita e opere di un medico del Rinascimento*, Firenze: Olschki, 2000
- RUSCONI, Roberto, «'Ex quodam antiquissimo libello'. La tradizione manoscritta delle profezie nell'Italia tardomedioevale...», in Idem, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, pp. 440-469
- RUSCONI, Roberto, «'Ex quodam antiquissimo libello'. La tradizione manoscritta delle profezie nell'Italia tardomedioevale: dalle collezioni profetiche alle prime edizione a stampa», in Verbeke, D & Verhelst D. (eds.), *The use and abuse of Eschatology in the Middle Ages*, vd. pp. 441-472
- RUSCONI, Roberto, «Eschatological movements and millenarism in the West (13th-early 16th centuries)», in Vauchez, André (ed.), *L'attente des temps nouveaux. Eschatologie, millénarisme et visions du futur du Moyen Âge au XX^e siècle*, Turnhout: Brepols, 2002, pp. 29-44
- RUSCONI, Roberto, «Il Libro de las profecias di Cristoforo Colombo: retroterra culturale e consapevolezza di uno scopritore», in Idem, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, pp. 234-264
- RUSCONI, Roberto, «Il presente e il futuro della Chiesa: unità, scisma e riforma nel profetismo tardo medievale», in Idem, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, pp. 125-140
- RUSCONI, Roberto, *L'attesa della fine. Crisi della società, profezia ed Apocalisse in Italia al tempo del grande scisma d'Occidente (1378-1417)*, Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo, 1979
- RUSCONI, Roberto, «Les collections prophétiques en Italie à la fin du Moyen Âge et au début des temps modernes. Remarques à propos de divers manuscrits italiens conservés dans les bibliothèques de Paris». In *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Âge – Les textes prophétiques et la prophétie en Occident (XIIe-XVIe siècle) – 102/2* (1990) 481-511 (incl. in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, pp. 187-209)
- RUSCONI, Roberto, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, Roma: Viella, 1999
- RUSCONI, Roberto (ed.), *Storia e figure dell'Apocalisse fra '500 e '600. Atti del IV Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti* (San Giovanni in Fiore, 14-17 settembre 1994), Roma: Viella, 1996
- RUSCONI, Roberto, «Un Papa angelico prima del sacco di Roma», in Idem, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, pp. 265-294
- SÁ, Artur Moreira, *Os Livros de Uso de Frei Diogo de Murça*, separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 33 (1977)

- SAINZ RODRÍGUEZ, Pedro, *La siembra mística del Cardenal Cisneros y las reformas en la Iglesia*, Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca / Fundación Universitaria Española, 1979
- SANTOS, Eugénio dos, *O Oratório no Norte de Portugal, Contribuição para o Estudo da História Religiosa e Social*, Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1982
- SANTOS, Ilda Mendes, «Le temps d'un roi. Prophéties et conquêtes à l'époque de Sébastien du Portugal (1554-1578)», in Redondo, Augustin (ed.), *La prophétie comme arme de guerre des pouvoirs*, vd. pp. 109-122
- SANTOS, José M. F. Silva, *Caminha através dos tempos, Caminiana*, III (1981) 75-96
- SANTOS, Zulmira Coelho, *Literatura e espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007
- SECO SERRANO, Carlos, «La Madre Ágreda y la política de Felipe IV», in AA. VV., *La Madre Ágreda, Una Mujer del siglo XXI*, Soria: Universidad Internacional Alfonso VIII, 2000, pp. 11-23
- SERAFIM, João Carlos, «D. João de Castro (1550?-1628?) – um 'resistente' que se tornou profeta», *Via Spiritus* 6 (1999) 121-140
- SERAFIM, João Carlos, *Gonçalo Anes, o Bandarra, Sapateiro de Trancoso*, diss. de mestrado, Porto: F.L.U.P, 1996 (polic.)
- SERAFIM, João Carlos, «Recensão» a Guerrini, Paola, *Propaganda política e profezie figurate nel tardo medioevo*, Napoli: Liguori, 1997, *Via Spiritus* 6 (1999) 269-271
- SERAFIM, João Carlos, *Um diálogo epistolar: D. Vicente Nogueira e o marquês de Niza (1615-1654)*, Porto: CITCEM /Edições Afrontamento, 2011
- SEROUET, Pierre, *De la vie dévote à la vie mystique, Sainte Thérèse d'Avila, Saint François de Sales*, Paris: Les Études Carmélitaines chez Desclée de Brouwer, 1958
- SETTON, Kenneth M., *Western hostility to Islam and prophecies of Turkish doom*, Philadelphia: American Philosophical Society, 1992
- SILVA, António Martins, *Desamortização e Venda dos Bens Nacionais em Portugal na Primeira metade do Século XIX*, tese de doutoramento em História, Coimbra: FLUC, 1989 (polic.)
- SIMON DÍAZ, José, *Jesuítas de los siglos XVI y XVII: escritos localizados*, Universidad Pontificia de Salamanca – F.U.E., 1975
- SORDET, Yann, «Le livre des records», in *Un succès de librairie européen: l'Imitatio Christi*, catálogo da *Exposition organisée par la Bibliothèque Mazarine*, Paris: Bibliothèque Mazarine-Edition des Cendres, 2012, pp. 11-28
- SOUSA, Evergton Sales, *Jansénisme et réforme de l'Église dans l'Empire Portugais – 1640 à 1790*, Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2004
- SOUSA, R. H. Pereira, *Pequena história da Torre Velha*, Almada: Câmara Municipal de Almada, 1997

- TAVARES, M^a José Ferro, «Características do messianismo judaico em Portugal», *Estudos Orientais* II (1991) 245-266
- TAVARES, Pedro Vilas Boas, «A Biblioteca e a Bibliofilia de um Prelado Ilustrado. D. Gaspar de Bragança, Arcebispo de Braga (1758-1789)» in *Actas do Congresso Internacional Comemorativo do 9º Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, III/2, Braga: Memorabilia Christiana, 1990, II, 2, pp. 273-302
- TAVARES, Pedro Vilas Boas, *Beatas, inquisidores e teólogos. Reacção portuguesa a Miguel de Molinos*, Porto: CIUHE, 2005
- TOCCO, Valeria, «Andanças do barroco: apontamentos sobre Givan Battista Marino» in Almeida, I., Rocheta, M. & Amado, T. (org.), in *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires, Maria Vitalina L. de Matos*, vd. pp. 926-933
- TOGNETTI, Giampaolo, «Note sul profetismo nel Rinascimento e la letteratura relativa», *Bullettino dell'Istituto Storico Italiano per il Medio Evo* 82 (1970) 142-143
- TORO PASCUA, M^a Isabel, «Imagen y función del Anticristo en algunos textos castellanos del siglo XV», *Via Spiritus* 6 (1999) 27-63
- TORRES, José Alberto Veiga, *Fonction et signification sociologique du messianisme sébastieniste dans la société portugaise*, Paris: Université de Paris III/ Institut d'Études Portugaises et Brésilienues, s. d. (Ed. policopiada, 6 vols.)
- TRONCARELLI, Fabio (ed.), *La città dei segreti. Magia, astrologia e cultura esoterica a Roma (XV-XVIII)*, Milano: F. Angeli, 1985
- TRONCARELLI, Fabio, «Le edizioni gioachimite e l'editoria religiosa nel Cinquecento», in Rusconi, Roberto (ed.), *Storia e figure dell'Apocalisse fra '500 e '600*, vd., pp. 67-76
- VAGAGGINI, Cipriano, OSB, *El sentido teológico de la liturgia*, Madrid: BAC, 1965 (2ª ed.)
- VALE, Teresa Leonor, «Les acquisitions d'oeuvres d'art du premier marquis de Fronteira, João de Mascarenhas (1633-1670), pour sa demeure des environs de Lisbonne», *Studiolo: revue d'histoire de l'art* 8 (2010) 89-102
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis, «D. Francisco Manuel de Melo. Notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra», *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Univeridade de Coimbra*, II (1915) 5-14
- VASOLI, Cesare, *Civitas mundi. Studi sulla cultura del Cinquecento*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1996
- VASOLI, Cesare, «A proposito delle tradizioni profetiche e millenaristiche nella storia religiosa italiana, tra la fine del Quattrocento e gli inizi del Cinquecento», in Idem, *Civitas mundi*, vd., pp. 17-42
- VASOLI, Cesare, «Due documenti per la storia religiosa di Firenze dopo il Savonarola (1500-1517)», in Idem, *Immagini umanistiche*, vd., pp. 299-300
- VASOLI, Cesare, *Filosofia e religione nella cultura del Rinascimento*, Napoli: Guida, 1988
- VASOLI, Cesare, *Immagini umanistiche*, Napoli: Morano, 1983
- VASOLI, Cesare, «Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)», in Idem, *Profezia e Ragione*, pp. 15-127

- VASOLI, Cesare, *Profezia e Ragione. Studi sulla cultura del Cinquecento e del Seicento*, Napoli: Morano, 1974
- VASOLI, Cesare, «Un commento scotista a un soneto del Magnifico: l' 'Opus septem Questionum' di Giorgio Benigno Salviati», in Idem, *Filosofia e religione nella cultura del Rinascimento*, vd., pp. 139-182
- VASOLI, Cesare, «Un caso di uso politico delle profezie: Juraj Dragisic (Giorgio Benigno Salviati) e il suo *Apologeticon* per Francesco Maria della Rovere (1511)», in Idem, *Civitas mundi*, vd., pp. 101-119
- VAUCHEZ, André (ed.), *L'attente des temps nouveaux. Eschatologie, millénarisme et visions du futur du Moyen Âge au XX^e siècle*, Turnhout: Brepols, 2002, pp. 29-44
- VÁZQUEZ, Isaac (ed.), *Noscere sancta. Miscellanea in memoria di Agostino Amore OFM (†1982)*, Roma: Antonianum, 1985
- VENTURA, Margarida Garcês, *O messias de Lisboa. Um estudo de mitologia política (1383-1415)*, Lisboa: Cosmos, 1992
- VERBEKE, Werner; Verhelst, Daniel; Welkenhuysen, Andries (eds.), *The use and abuse of Eschatology in the Middle Ages*, Leuven: Leuven University Press, 1988
- VILHENA, João Jardim, «As dívidas de D. Francisco Manuel de Melo», *O Instituto. Revista Científica e Literária*, 84, 2 (1932) 135-150
- VITERBO, Francisco M. Sousa, *A Livraria Real especialmente no Reinado de D. Manuel*, Lisboa: Academia das Ciencias, 1901
- VITERBO, Francisco M. Sousa, *A literatura espanhola em Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1915
- VOLPATO, Antonio, «La predicazione penitenziale-apocalittica nell'attività di due predicatori del 1473», *Bulletino dell'Istituto Storico Italiano per il Medio Evo e Archivio Muratoriano* 82 (1970) 113-128
- ZARRI, Gabriella (Ed.), *Donne di fede. Santità e vita religiosa in Italia*, Bari: Editori Laterza, 2009

Índice onomástico¹

- ABREU, Cristóvão Soares de – 69
ABREU, Laurinda – 153n
ADRIÁN CÉSAR, Cornelio – 152n, 202
AFONSO V, rei – 23
AFONSO VI, rei – 73n
AGOSTINHO, Santo – 98, 158, 206
AGOSTINHO DE SANTA MARIA, Fr. – 55n, 158, 197
ÁGREDA – v. Maria de Jesus
ALACOQUE, S. Margarida Maria – 178
ALAMÍN, Fr. Félix de – 134, 191
ALARCÓN, Juan Antonio de – 83
ALBA, Ramón – 25
ALBERTI, Fr. Leandro – 39
ALBUQUERQUE, Jorge Manuel de – 83n
ALBUQUERQUE, Martim de – 17, 81n, 82n, 91n, 95n
ALCÂNTARA – v. Pedro de Alcântara
ALFARO – v. Gregório
ALEGANI, João Batista – 110, 134, 184
ALEXANDRE, Charles – 25n
ALMEIDA, Pe. António – 184
ALMEIDA, Fr. Cristóvão de – 214
ALMEIDA, Fortunato de – 111n, 112n, 137n
ALMEIDA, Gregório (pseud.) – 27n, 89
ALMEIDA, Isabel – 17, 84n, 158n
ALMEIDA, Manuel Lopes – 25n
ALMEIDA, Pe. Teodoro de – 164n, 171, 176, 196, 202
ALONSO DE MADRID, Fr. – 162
ALVA Y ASTORGA, Fr. Pedro – 34n, 54
ÁLVARES, Pe. Luís – 165
ALVÍA (DE CASTRO), Fernando de – 81n, 91, 92n
AMADEU (DA SILVA), Beato – 11, 12, 15, 19, 29 e n, 30, 31n, 32 e n, 33, 34 e n, 36, 43 e n, 44, 45 e n, 46, 47 e n, 48, 49, 50, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 155
AMADO, Teresa – 84n
AMARAL, Luís Carlos – 17
AMARAL, Nicolau Coelho do – 33
ANDRADA, Diogo Paiva de – 87
ANDRADA, Paulo Gonçalves – 87
ANDRADE, Pe. Alonso de – 163n
ANDRADE, Vicente Paula – 152n
ANDRÉS MARTÍN, Melquíades – 161n, 162n
ANGELA DA FOLIGNO – 157
ANGELO, Paolo – 34, 55
ANTAS – v. D'Antas
ANTONIO, Nicolás – 25n, 79n
ANTÓNIO, Prior do Crato – 36
ANTÓNIO, Santo – 215

1 Excluem-se os nomes que constam da Bibliografia final e da lista bibliográfica do capítulo II, por já seguir uma ordem alfabética, assim como os de Jesus e Maria, pela sua recorrência. As entradas dos nomes dos reis começam com os nomes próprios, assim como os dos religiosos (frades, monges e padres) quando não usam o sobrenome de família.

- ANTÓNIO DAS CHAGAS, Fr. – 131, 134, 170, 185, 192, 193
- ANTÓNIO DE S. BERNARDINO – 171
- ANTÓNIO DE S. BERNARDO, Fr. – 211
- ANTONIO DE S. JOSEPH, Fr. – 163n
- ANTÓNIO DO SACRAMENTO, Fr. – 155, 189
- ANTÓNIO JOSÉ DA ENCARNAÇÃO, Fr. – 211
- ANTONINO DE FLORENÇA – 119n
- ANTUNES, Pe. João – 210
- APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO, Fr. – 211
- AQUINO – v. Tomás de Aquino
- ARANHA, Boaventura Maciel – 179, 189
- ARAÚJO, António de Sousa – 113n, 119n, 137n, 141n, 153n
- ARACELI, Fr. Francisco – 208
- ARBIOL, Fr. Antonio – 134, 156, 181, 199, 201, 213
- ARCANJOS, Fr. António – 56
- ARICÒ, Denise – 93n
- ARIOSTO, Ludovico – 98
- ARRIAGA, Pe. José de – 212
- ASCENSÃO – v. Manuel da
- ASENSIO, Eugenio – 25
- ASSUNÇÃO, Tomás Lino – 185n
- ATAÍDE, Maria de – 88
- ÁVILA, Juan – v. Juan de Ávila
- ÁVILA, Teresa – v. Teresa de Jesus
- AYTINGER, Wolfgangus – 38
- AZEVEDO, António Luís de – 65, 68n, 75, 98n
- AZEVEDO, J. Lúcio – 26n, 28n, 36n
- AZORÍN – 79
- BALSEMÃO, Vasco Pinto – 120n
- BANDARRA, Gonçalo Anes – 20, 24, 25, 28, 35, 36n, 40, 42n, 52
- BAÑOS DE VELASCO, Juan – 88n
- BARANDA LETURIO, Nieves – 144n, 155n
- BARATA, Paulo J. S. – 137n, 139n, 140n, 141n, 144n, 145n, 146n, 147n, 151n, 185, 186n
- BARAUT, Cebriá – 157n, 159n
- BARBOSA, Luís António C. Pego – 207
- BARRADO MANZANO, Arcangel – 30n
- BARREIROS, António Faria – 211
- BARREIROS, Gaspar – 32, 34, 37n, 43n, 45
- BARRETO, Germano Joaquim – 139, 223
- BARRETO, João Franco – 75n, 76n, 87
- BARRETO, Luís Filipe – 24n
- BARROS, João de – 92, 98
- BARTOLOMEU DE PISA, Fr. – 135n
- BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, Fr. – 33, 129n
- BAVIA, Luís – 88
- BEAUNE, Colette – 20n, 42, 45n
- BELÉM, Fr. Jerónimo – v. Jerónimo de Belém
- BEMBO, Pietro – 22
- BENIGNO, Francesco – 84n
- BERESTÁIN SOUZA, José Mariano – 152n
- BERNARDES, Diogo – 98
- BERNARDES, Pe. Manuel – 170, 175, 185, 189, 191
- BERNARDI DI S. GIMIGNANO, Luca di A. – 22
- BERNARDO, S. – 130
- BERNARDO DA CRUZ, Fr. – 172
- BERNAT VISTARINI, Antonio – 72
- BERNI, Francesco – 98
- BERTIUS, Petrus – 98
- BIGNON, Abbé – 128n
- BIZARRO, Henrique Francisco – 223
- BLÉCHET, Françoise – 128n
- BLOIS, Louis de – 134, 159, 160, 188, 213
- BLOSIO, Ludovico – v. Blois, Louis
- BOAVENTURA, S. – 99, 127, 130
- BOCCALLINO, Traiano – 84
- BOHIGAS I BALAGUER, Pere – 23n

- BONETA, José – 211
 BORJA, Francisco – 32
 BOSSUET – 131
 BOTERO, Giovanni – 96
 BRAGA, Teófilo – 73n
 BRAGANÇA, Gaspar de – 108
 BRANCO, Manuel Bernardes – 112n
 BRANDÃO, Fr. Caetano – 146, 193, 218
 BRANDÃO, João Paiva F. Leite – 139, 223
 BRANDÃO, Manuel da Costa e Silva – 139, 223
 BRANDÃO, Mário – 107n
 BRÍGIDA DA SUÉCIA, Santa – 27n, 49, 55, 160
 BRÍGIDA DE SANTO ANTÓNIO, Sor – 55
 BRITO, Pedro – 86n
 BRUNET, Jacques-Charles – 126
 BUJANDA – v. Martínez de Bujanda

 CABRAL, Maria Luísa – 108n
 CAETANO, Luís José – 203
 CALATAYUD – v. Pedro de
 CALDEIRA, Manuel Arlindo – 138n, 141n
 CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro – 130
 CALINO, César – 191, 198
 CALVO, Fr. Pedro – 172
 CALMON, Pedro – 93n
 CÂMARA, Francisco de Melo Manuel da – 66n
 CÂMARA, Jorge da – 65n, 66n
 CAMÕES, Luís de – 98
 CAMPA GUTIÉRREZ, Mariano – 84
 CAMPOS, Fernanda Ma Guedes – 70n, 144n, 148n, 149n
 CANTEL, Raymond – 26n
 CANTIMORI, Delio – 39n
 CANTO, Jácome Carvalho do – 156, 205
 CARAMANTES, Fr. José de – 203
 CARDOSO, António M. Barros – 108n, 126n
 CARDOSO, Jorge – 35, 134n
 CARLOS I, rei de Espanha – 23
 CARLOS III, rei de Espanha – 171
 CARLOS IV, rei de Boémia – 21
 CARLOS X, rei de França – 20
 CARNEIRO, Pe. António – 166, 181, 194, 198, 201
 CARNEIRO, António Luís Pita – 123, 124
 CARNEIRO, Carlos do Vale – 175, 209
 CARNOTA, Fr. João – 119n
 CARO BAROJA, Julio – 33n
 CARRANZA, Alonso – 78
 CARRANZA, Bartolomé – 67n
 CARRILHO, Diogo Vaz – 158n
 CARRILHO, Manuel Álvares – 85n
 CARVAJAL, Bernardino López – 22 e n, 30
 CARVALHO, António Joaquim – 123
 CARVALHO, António Nunes – 114n, 117, 118, 120n, 122
 CARVALHO, Henrique de – 16 e n
 CARVALHO, Joaquim de – 107n
 CARVALHO, José Adriano Freitas – 11, 12, 15, 25n, 44n, 63n, 85n, 98n, 114n, 134n, 150n, 179n, 180n
 CASTELLAR, Estevan Dolz – 177
 CASTELO-BRANCO, Camilo – 128, 139, 143n
 CASTILHO, José Feliciano de – 116
 CASTILLO GÓMEZ, Antonio – 149n, 173n
 CASTRO, Aníbal Pinto de – 33n, 129n
 CASTRO, Pe. Estêvão de – 197
 CASTRO, Pe. Francisco de – 165
 CASTRO, Gabriel Pereira de – 87
 CASTRO, João Bautista de – 148
 CASTRO, João de – 12, 25n, 30, 36, 37 e n, 38n, 39n, 40n, 41n, 42n, 43n, 44n, 45 e n, 46 e n, 47n, 48 e n, 49 e n, 50 e n, 51 e n, 52 e n, 53, 57
 CASTRO, Maria de Fátima – 143n

- CASTRO, Manuel – 31n
 CASTRO, Scipione di – 81n
 CATARINA DE ÁUSTRIA, rainha – 161n
 CATARINA DE BRAGANÇA, rainha – 172, 173n
 CATARINA DE SANTO ANTÓNIO, Sor – 142n
 CATARINA DE SIENA, Santa – 49, 157
 CÉSPEDES Y MENESES, Gonzalo de – 88, 98
 CHAGAS – v. António das
 CHANTAL, Juana F. Fremiot de – 183n
 CHARDRON, Ernesto – 139
 CHARDRON, Eugénio – 139, 223
 CHÂTELLIER, Louis – 131n
 CHEVALIER, Maxime – 109n
 CHIESA, Juan Nicola – 156, 212
 CIGNET, Louis – 168n
 CIRILO – 47
 CISNEROS, Fr. Francisco – 157
 CIVERI, Tebaldo – 22
 CIVIL, Pierre – 55n
 CLEMENTE, Pe. José – 172
 CLÍMACO, S. João – 158
 COLA DE RIENZO – 21 e n.
 COLOMBÁS, García – 157n, 159n
 COLOMBO, Cristóvão – 21 e n.
 COLOMÈS, Jean – 64n, 71n, 75n, 77n, 82n
 COMMYNES, Philippe de – 77
 CONSCIÊNCIA, Pe. Manuel – 174, 190, 196, 204, 205, 207
 CONSTANTINUS, Robert – 99
 CONTZEN, Adam – 76
 CORNEJO, Fr. Damián – 155
 CORREIA, Luís – 62, 108n
 CORTE-REAL, Manuel de Moura – 83
 CORTEZ DE TOLOSA, Juan – 130
 COSENZA – v. Telesforo
 COSGAYA, José Maria – 167
 COSTA, António de Jesus M^a José – 134
 COSTA, António D. de Sousa – 29n
 COSTA, Avelino de Jesus da – 110n
 COUTINHO, Francisco de Sousa – 76
 COUTINHO, M^a Isabel Pereira – 143n
 COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián – 66n
 CRAESBEECK, Paulo – 62, 87, 89, 93
 CROISET, Jean – 153, 165, 167, 176, 178, 191, 195, 198, 209, 211
 CROMBERGER, Juan – 159
 CRUZ, André Monteiro – 120n
 CUBILLAS DONAYGUE, Francisco – 168, 213
 CUNHA, António Álvares – 68
 CUNHA, João Cosme da – 182
 CUNHA, João Nunes da – 98
 CUNHA, Manuel da – 91
 CUNHA, Rodrigo da – 85, 87, 98, 142
 CURTO, Diogo Ramada – 7
 D'ANTAS, Miguel – 42n
 DADSON, Trevor J. – 161n
 DAMIANI, Petrus – 202
 DAVID, rei – 47
 DELAFORCE, Angela – 108n
 DELATTE, Paul – 149n
 DELAVEAU, Martine – 159
 DENY, Jean – 48n
 DIAS, Domingos Lucas – 14, 19n
 DIAS, Pe. Manuel – 174
 DIEGO DE LA PRESENTACIÓN, Fr. – 162n
 DÍEZ, Fr. Filipe – 119n
 DÍEZ DE GAMES, Gutierre – 23
 DOMINGOS, São – 135
 DOMPNIER, Bernard – 150n
 DOURADO, Feliciano – 77
 EGIDIO DE VITERBO – 22
 EGIDO, Aurora – 174n
 ELIAS – 49
 ENOCH – 49

- EPINEY-BURGARD, Georgette – 157
 ERASMO – 129
 ESCHIO, Nicolau – 179, 214
 ESPÍRITO-SANTO, Arnaldo – 14, 19n
 ESTÊVÃO DE S. ÂNGELO, Fr. – 169, 195
 EULOGIO DE LA VIRGEN DEL CARMEN,
 Fr. – 180n
- FABRO, Pedro (Pierre Favre) – 146n
 FARDILHA, Luís de Sá – 17
 FARIA, Pe. António Maria – 198
 FARIA, Francisco Leite de – 171n
 FARIA, Gaspar de – 83n
 FARNESE, Alessandro – v. Paulo III, Papa
 FARO, Francisco de – 87
 FARO, Isabel C. de Meneses – 171n
 FAUVET, Gabriel – 190
 FÉLIX DA CONCEIÇÃO, Fr. – 173, 197
 FERNANDES, M^a de Lurdes Correia – 13,
 17, 26n, 35n, 67n, 71n, 78n e n, 90n,
 100n, 144n, 149n, 182n
 FERNÁNDEZ EYZAGUIRRE, Sebastián
 – 168
 FERNANDO, o Católico, rei – 23
 FERNANDO DA CRUZ, Fr. – 174, 175, 196
 FERNANDO DE SANTA ROSA, Fr. – 207
 FERREIRA, António Simões – 208
 FERREIRA, Bernarda – 154
 FERREIRA, José Augusto – 140n, 141n
 FERRER, S. Vicente – 179
 FICINO, Marsilio – 22
 FIGUEIREDO, Luís Botelho Froes – 171,
 210
 FILIPE II, rei – 36, 55
 FILIPE III, rei – 36
 FILIPE IV, rei – 88, 173
 FILIPE V, rei – 171
 FIORE – v. Gioacchino/Joaquim
 FIRPO, Massimo – 20n
 FLEMING, Martha H. – 38n
- FLORENÇA, Antonino – v. Antonino de
 Florença
 FLORENÇA, Mariano – v. Mariano de
 Florença
 FOLIGNO – v. Tommasuccio e Angela
 FONSECA, Manuel Temudo da – 70-71
 FRAGNITO, Gigliola – 85n
 FRANCISCA, Santa Joana – 187
 FRANCISCO, São – 135, 220
 FRANCISCO I, rei de França – 23
 FRANCISCO DA CRUZ, Fr. – 211
 FRANCISCO DE SANTA ROSA DE
 VITERBO, Fr. – 176, 205
 FRANCISCO DE SANTO TOMÁS, Fr. –
 180, 213
 FRANCISCO DE SÃO LUÍS, Fr. (Cardeal
 Saraiva) – 108, 126, 143
 FRANZINI, Marino M. – 111n
 FREIRE, Agostinho José – 118
 FREIRE, Bernardino – 143
 FREIRE, João de Noronha – 172
 FREIRE, João Nunes – 75
 FREIRE, Pascoal de Melo – 129n
 FREITAS, Bernardino J. de Sena – 140n
 FROESCHLÉ-CHOPARD, Marie-Hélène
 – 150n
 FRÓIS, Francisco Rodrigues – 108n
- GABRIEL, Arcanjo – 29, 35, 52, 56
 GALARZA, Fr. José – 152n
 GALATINO, Pedro – 22, 30 e n, 33, 52
 GALLEGOS, Manuel – 87
 GAMA, Vasco Luís da – 68, 84n
 GARCIA, José Manuel – 141n
 GARCIA, Rodolfo – 93
 GARCILASO (DE LA VEGA) – 98
 GERTRUDES DE HELFTA, Santa – 146n,
 160, 183, 190, 207
 GIL, Bento – 172
 GIL POLO, Gaspar – 79 e n

- GIOACCHINO DA FIORE / JOAQUIM DE FLORA, Abade – 20n, 23, 37, 38, 41, 42n, 43, 45, 52
- GIOVANNI GIUSEPPE DI S^a TERESA – v. Freire, João
- GÓIS, Damião de – 83
- GOMES, Simão – 25
- GÓNGORA, Luís de – 98
- GONZÁLEZ DE TORRES, Fr. Eusebio – 141n, 142n, 155
- GRACIÁN, Baltasar – 101, 130, 175
- GRACIÁN DE LA MADRE DE DIOS, Jerónimo – 177
- GRANADA, Fr. Luís de – v. Luís de Granada
- GRANADA, Fr. Leandro – v. Leandro de Granada
- GREGÓRIO DE ALFARO, Fr. – 159, 188
- GROOT, Gerard – 157
- GUALDO PRIORATO, Galeazzo – 63, 72, 95, 96, 97
- GUENÉE, Bernard – 20n
- GUERREIRO, Luís Ramalhosa – 27n
- GUERRINI, Paola – 20n, 27n
- GUILHERME, Fr. Manuel – 192
- GUSMÃO, Alexandre de – 155n, 166, 192
- HENRIQUE IV, rei de França – 90n
- HENRIQUES, Violante – 150, 151n
- HERCULANO, Alexandre – 138n
- HEVENESI, Gabriel – 176, 190
- HILDEGARDA, Santa – 39, 49, 160
- HUERGA, Álvaro – 161n
- HURTADO DE MENDOZA, Diego – 31n, 98
- ISABEL DE ESPALBEECK, Santa – 160
- ISIDORO, Santo – 42
- JACINTA DE NAVARRA – v. Navarra y de la Cueva
- JACQUINET, Maria Luísa – 141n
- JEHASSE, Jean – 94
- JERÓNIMO DE BELÉM, Fr. – 133, 151n, 177n
- JIMÉNEZ DE CISNEROS, García – 157, 159
- JIMÉNEZ PABLO, Esther – 84n
- JIMÉNEZ SAMANIEGO, Fr. José – 184, 212
- JOÃO III, rei – 32n, 134n
- JOÃO IV, rei – 56, 64, 65n, 73n, 85n, 91, 92, 93n, 98n
- JOÃO V, rei – 109n
- JOÃO DA CRUZ, São – 164, 180
- JOÃO DE DEUS DA CONCEIÇÃO, Fr. – 193, 194, 199, 202
- JOÃO DE JESUS MARIA, Fr. – 210
- JOÃO DE SANTA TERESA, Fr. – 211
- JOÃO DE SÃO BERNARDINO – 56n
- JOÃO EVANGELISTA, S. – 49n
- JOAQUIM DE FLORA – v. Gioacchino
- JOLLY, Claude – 107n, 111n
- JORGE, Pe. Marcos – 181
- JOSÉ, rei – 184
- JOSÉ DE JESUS MARIA, Fr. – 210
- JOSÉ DE SANTO ANTÓNIO, Fr. – 207
- JOSÉ DA NATIVIDADE, Fr. – 192
- JUAN DE ÁUSTRIA – 183n
- JUAN DE ÁVILA – 150
- JUANA INES DE LA CRUZ – 130
- KAUP, Matthias – 20n
- KEMPIS, Tomás de – 158, 201, 209
- LABRE, Bento José – 110, 184n, 215
- LAREDO, Fr. Bernardino – 179
- LAVANHA, João Baptista – 83, 84n
- ISLA, José Francisco de – 131, 168
- INÁCIO DE LOYOLA, Santo – 32, 33, 151, 166, 198, 206
- INOCÊNCIO X, papa – 63, 95n

- LEANDRO DE GRANADA, Fr. – 160, 190
 LEÃO, Duarte Nunes – 62, 98
 LEÃO, Gaspar de – 25n
 LECLERCQ, Jean – 149n
 LEFÈVRE D'ETAPLES, Jacques – 39, 49
 LEITÃO, António J. de Lima – 120n
 LEITÃO, Fr. Fulgêncio – 82, 85
 LEMOS, Fr. Francisco de – 108
 LEÓN, Juan – 96
 LERNER, Isaías – 78n
 LERNER, Robert – 21, 38n
 LIECHTENBERGER, Johannes – 39
 LIGÓRIO (LIGUORI), S. Afonso Maria –
 112, 146, 175, 184, 212
 LIMA, João José da Silva – 123
 LIPINER, Elias – 25n
 LÍPSIO, Justo – 82n, 93, 94 e n
 LISBOA, Fr. Marcos de – v. Marcos de
 Lisboa
 LOPE DE VEGA – 98
 LOPES, Fernão – 23
 LOPES, Fr. Fernando Félix – 56n, 114n,
 116n, 117n, 118n, 122n, 135n
 LOPES, José Pedro Pereira – 123
 LÓPEZ DÁVALOS, Diego – 152n
 LÓPEZ DE ZÚÑIGA, Manuel Diogo – 187
 LÓPEZ ESTRADA, Francisco – 79n
 LOUREIRO, Francisco de Sousa – 120n
 LOYOLA – v. Inácio de Loyola
 LUÍS DE GRANADA, Fr. – 130, 134, 134n,
 150, 158, 160, 161, 179, 188, 196,
 205
 LUÍS DE SÃO CAETANO, Fr. – 191
 LUÍS DE SÃO FRANCISCO, Fr. – 210
 LUÍS DOS ANJOS, Fr. – 182
 LUÍS XIII, rei de França – 74n
 LUGLI, Adalgisa – 109n
 LUND, Christopher C. – 34n
 LUSIGNANO, Fr. Stefano – 39
 MACEDO, André Froes de – 87
 MACEDO, António de Sousa de – 73n, 82,
 87
 MACEDO, Duarte Ribeiro de – 69 e n
 MACEDO, Fr. Francisco de Stº Agostinho
 – 68, 76n
 MACEDO, João Campelo de – 188
 MACEDO, Joaquim de – 194
 MACHADO, Fr. Boaventura – 87
 MACHADO, Diogo Barbosa – 30, 75n, 80,
 126, 155, 156
 MACHADO, Félix – 84n
 MAGALHÃES, Rodrigo da Fonseca – 122n
 MALPARTIDA, Rafael – 78n
 MALVEZZI, Virgílio – 92, 93n
 MANSI, José – 210
 MANUEL, Jorge Diogo – 73n
 MANUEL I, rei – 24, 108n
 MANUEL DA ASCENSÃO, Fr. – 159
 MANUEL DA ASSUMPCÃO, Fr. – 197, 206
 MANUEL DA CONCEIÇÃO, Fr. – 187, 193
 MANUEL DE DEUS, Fr. – 172, 180, 208,
 210
 MANUEL DE MARIA SANTÍSSIMA – 200
 MANUEL DE MELO – v. Melo, Francisco
 Manuel
 MANUEL DO SEPULCRO, Fr. – 184, 209
 MANUEL DOS ANJOS, Pe. – 176n, 190
 MANUPPELLA, Giacinto – 72n, 75n, 93n
 MARAÑÓN, Gregorio – 92n
 MARCOS, S. – 23
 MARCOS DE LISBOA, Fr. – 33, 34, 44, 99,
 135n
 MARCUELLO, Pedro – 23 e n
 MARIA I, rainha – 184
 MARIA II, rainha – 117, 118
 MARIA ANA VITÓRIA, rainha – 202
 MARIA DA ENCARNAÇÃO, Beata – 183n,
 196

- MARÍA DE JESÚS DE ÁGRED A, Me. – 134, 173, 174, 184, 197, 212, 213
- MARÍA DE LA ANTIGUA, Sor – 213
- MARIANA DE ÁUSTRIA, rainha – 183n
- MARIANA DE JESUS – 183, 188
- MARIANO DE FLORENÇA, Fr. – 34
- MARÍN PINA, María Carmen – 144n, 155n
- MARINO, Giovanni Battista (Gianbattista) – 84, 85n
- MÁRMOL CARVAJAL, Luis – 96, 97
- MARQUES, José – 27
- MARQUES, Marco Paulo de Oliveira – 17
- MARQUES, M^a Adelaide Salvador – 148n
- MARTIN, Henri-Jean – 112, 128n
- MARTIN, Philippe – 150n
- MARTÍN DE ROA – v. Roa
- MARTÍNEZ, Dr. Juan – 177n
- MARTÍNEZ DE BUJANDA, Jesús – 34n, 35n
- MARTINHO DO AMOR DE DEUS, Fr. – 119n
- MARTINS, Joaquim P. de Oliveira – 120
- MARTINS, M^a Teresa Payan – 17, 85n, 148n
- MARTINS, Pe. Inácio – 181, 201
- MÁRTIRES, Bartolomeu – v. Bartolomeu
- MASCARENHAS, Jerónimo – 35
- MASCARENHAS, João de – 85n
- MATHIEU, Pierre – 77, 78n, 98
- MATIAS, Else M^a Henny Vonk – 98n
- MATILDE DE HACKEBORN – 157, 160
- MATOS, Gastão de Melo – 80n
- MATOS, Vicente da Costa – 213
- MAURÍCIO, Pe. Leonardo de Porto – 205
- MAZARINO, Cardeal – 73n, 74n
- MCGINN, Bernard – 21n, 30n, 33n, 34n
- MEDICI, Lourenço de – 22
- MEIRINHOS, José – 13, 17
- MELO, Francisco de – v. Câmara
- MELO, Francisco Manuel de – 12, 14, 61, 62, 63, 65n, 66, 67, 68, 69n, 70n, 72n, 73, 74n, 75n, 76n, 77n, 79n, 80, 82, 83, 85, 87, 88n, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97
- MELO, G. Chaves de – 33n, 129n
- MELO, Jerónimo de – 134n
- MELO, Rodrigo de – 78n
- MENAVINO, Giovanni Antonio – 40
- MENDES, Paula Almeida – 17
- MENDEZ SILVA, Rodrigo – 76, 87
- MENDONÇA, Pe. Francisco de – 49n
- MENÉNDEZ DE LUARCA, Rafael T. – 129
- MENESES, Francisco Sá de – 87
- MENESES, Henrique – 25
- MENESES, João da Silva – 29 e n
- MENESES, Rodrigo de – 26 e n
- MENESES, Sebastião César de – 80 e n, 81n, 91
- MERLIM – 24, 28n, 39
- MESA, Luís de – 183, 188
- MESSINI, Angelo – 27n
- MEXÍA (MEJÍA), Pedro – 67n, 78
- MILHOU, Alain – 21n, 23n, 51n
- MILLET, Hélène – 24n
- MINNICH, Nelson H. – 22n
- MIRANDA, Francisco Sá de – 87, 89
- MIRANDA, Manuel Gonçalves – 115
- MIRANDA, Martim Afonso de – 172
- MIRANDOLA – v. Pico
- MOLINA, Fr. Antonio de – 202
- MOLINOS, Miguel de – 180
- MOLL, Jaime – 79n
- MONCINI, Guido – 149n
- MONTEMAYOR, Jorge de – 79
- MONTEIRO, Diogo – 172
- MONTEIRO, Manuel de Oliveira – 204
- MONTERO DELGADO, Juan – 79n
- MONTOYA, Pe. Luís de – 184
- MORA, Alexandre – 95

- MOREIRA, António R. Cândido – 139, 223
- MOREIRA, Gaspar – 26
- MORELLI, Juan Baptista (pseud.) – 82, 84, 85, 86n
- MORISI, Anna – 29, 30, 34n, 35n, 36n, 43n, 44n, 55n
- MORUJÃO, Isabel – 147n, 153n, 157n
- MOURA, Manuel Joaquim de Azevedo – 138
- MOYNIHAN, Robert – 19n
- MURÇA, Fr. Diogo de – 107n
- NASCIMENTO, Aires – 17
- NATIVIDADE, Maria Luísa da – 138
- NAUDÉ, Gabriel – 107n
- NAVARRA Y DE LA CUEVA, Antonia Jacinta – 183, 187
- NEPVEU, François – 167, 194
- NICCOLI, Ottavia – 23n, 27n
- NIEREMBERG, Juan Eusebio – 131, 134, 150n, 164, 193, 205, 209
- NOGUEIRA, Vicente – 28n, 68, 74n, 76n, 77n, 80n, 81n, 83n, 84n, 85n, 91, 98, 147
- NOLASCO, Fr. Pedro – 207
- NORONHA, Francisca Josefa – 171, 211
- NORTON, Manuel Artur – 108n
- NOSTRADAMUS – 39, 40n, 42n
- NUNES, Eduardo Borges – 108n
- NUOVO, Angela – 125, 128n
- OLIVEIRA, António de – 62n, 108n
- OLIVEIRA, Arnaldo Henriques – 109n
- OROZCO Y COVARRUBIAS, Juan – 33
- PACHECO, Fr. Duarte – 184, 212
- PALAFIX Y MENDOZA, Juan de – 150, 162n, 163n
- PALAU Y DULCET, Antonio – 152n
- PALUDE, Fr. Pedro – 41
- PAOLO III, Papa (Alessandro Farnese) – 27, 32n
- PASSOS MANUEL (MANUEL DA SILVA PASSOS) – 118n, 120
- PEDRO, Conde – 84n
- PEDRO, S. – 47
- PEDRO II, rei – 108n, 171
- PEDRO DA ANUNCIAÇÃO, Fr. – 162n, 189, 213
- PEDRO DE ALCÂNTARA, Fr./São – 30 e n, 32
- PEDRO DE CALATAYUD, Pe. – 165, 206, 207
- PEDRO DE JESUS MARIA JOSÉ – 191
- PEIXOTO, Afrânio – 93n
- PEÑALOSA, Pe. Pedro – 178, 191
- PENNEY, Clara Louisa – 88n
- PEREIRA, Pe. Bento – 80
- PEREIRA, Luís Álvares – 171, 210
- PEREIRA, Pe. Martinho – 194, 214
- PERES, Damião – 111n, 137n
- PESSANHA, Pe. João – 206
- PESSOA, Fernando – 20
- PETRARCA, Francisco – 21, 98, 130
- PICO DELLA MIRANDOLA – 177n
- PIERLEONE DA SPOLETO – 22
- PIMENTEL, António Serpa – 138n
- PINAMONTI, João Pedro – 156, 165, 192, 194, 206, 207
- PINELO, Pe. Lucas – 156, 212
- PINHO, Sebastião Tavares – 15, 19n
- PINTO, António Cerqueira – 189
- PINTO, Gaspar Pinheiro Moreira – 224
- PINTO, Fr. Heitor – 172
- PIRES, M^a Lucília Gonçalves – 12, 17, 62n, 63n, 77n
- PISA – v. Bartolomeu de Pisa
- PIZARRO, Henrique Francisco – 139
- POLANCO, Juan – 32

- PONCE, Fr. Bartolomé – 79
 PORRALIS, Thomas – 79n
 PORTUGAL, Francisco de – 85 e n, 87, 94, 95n
 PORTUGAL, Lucas de – 94
 POSTEL, Guillaume – 23, 32, 42, 45n, 52
 POTESTÀ, Gian Luca – 22
 PÓVOA, Fr. João da – 114n
 PRESTAGE, Edgar – 62n, 63n, 64n, 65n, 69n, 70n, 71n, 72, 73n, 76n, 77n, 82n, 83, 89n, 98n, 99n
 PRESTEJOÃO – 24, 48n, 65, 75n, 78, 92n
 PROLA, Pe. José Maria – 177, 195, 214
 PROSPERI, Adriano – 21n
 PSEUDO-METÓDIO – 38
 PULGAR, Hernando del – 24 e n
- QUENTAL, Fr. Bartolomeu do – 134, 170, 185, 190, 192, 194, 197, 214
 QUEVEDO, Francisco de – 62, 84n, 89, 90n, 93, 98, 168
 QUIÑONES, Fr. Francisco de los Angeles – 30
 QUINT, Anne-Marie – 23n
 QUONDAM, Amedeo – 9, 11, 125
- RAMÍREZ DE PRADO, Lorenzo – 81n
 RAMÓN DE MONCADA, Guillermo – 167
 RAMOS, Luís A. Oliveira – 112n, 115n, 143n
 RAU, Virgínia – 69n, 108n
 RAZIS, Serafino – 26n
 REBELO, Pe. Baptista – 180, 193, 203
 REBOLLEDO Y VILLAMIZAR, Bernardino (Conde) – 73n, 82
 REBOREDO, Amaro de – 99
 REBULLOSA, Fr. Jaime – 97
 REDONDO, Augustin – 25n, 27n, 55n
 REEVES, Marjorie – 19n, 22n, 23, 25n, 29n, 33n, 34n, 38n, 39n
- RÉVAH, I. S. – 24n, 87n
 REY HAZAS, Antonio – 84n
 RIBADENEIRA, Pe. Pedro de – 158, 206
 RIBEIRO, Ilídio de Sousa – 76n
 RIBERA, Fr. Francisco de – 151n, 152n, 202
 RIENZO – v. Cola di Rienzo
 RIGAUX, Dominique – 24n
 RITA DE CASSIA, Santa – 207
 ROA, Martín de – 212
 ROCHA, Ilídio – 114n
 ROCHETA, Maria Isabel – 84n
 RODRIGUES, Pe. Alonso – 187
 RODRIGUES, Manuel Augusto – 108n
 RODRIGUES, Maria Manuela M. – 108n
 ROQUETAILLADE, Jean de – 23, 28, 41, 51n
 ROSA DE VITERBO, Santa – 184, 209
 ROSÁRIO (LENCASTRE), Martinho do – 81n
 ROSILLO LUQUE, Araceli – 144n, 151n
 ROTONDÒ, Antonio – 23n
 ROTZOLL, Maike – 22
 RUPERTO, Fr. – 49
 RUSCONI, Roberto – 20n, 21n, 22n, 23n, 27, 29, 30n, 33n, 38n, 41n, 50n
- S. BERNARDINO – v. João de S. Bernardino
 S. LUÍS, Fr. Francisco – v. Francisco de S. Luís
 SÁ, Artur Moreira de – 34n, 108n
 SÁ, João Roiz de – 66n
 SACCARELLI, Carlo Antonio – 183
 SACRAMENTO – v. António do
 SAINTE-BEUVE, Charles Augustin – 77n
 SAINZ RODRÍGUEZ, Pedro – 157n
 SALAZAR, Pe. Francisco de – 166, 202, 206
 SALES, S. Francisco de – 134, 168, 169, 174, 179, 195, 204, 213, 213

- SALVIATI, Giorgio Benigno – 22, 29n, 30, 33n, 52
 SAMPAIO, Cristóvão Ferreira – 198
 SAMPAIO, Fr. Estêvão – 41, 42n
 SAMPAIO, Pedro Mendez – 85n
 SANSOVINO, Francesco – 40
 SANTA MARIA, Fr. Agostinho – v. Agostinho
 SANTALIA, Fr. Francisco – 204
 SANTO ANTÓNIO, Sor Brígida – v. Brígida
 SANTO ANTÓNIO, Sor Catarina – v. Catarina
 SANTOS, Eugénio dos – 109n, 165n
 SANTOS, Ilda – 17, 25n
 SANTOS, João M. S. Silva – 129n
 SANTOS, Zulmira Coelho – 17, 176n
 SANUTO, Livio – 97
 SÃO PAIO, Conde de – 141n
 SARAIVA, Cardeal – v. Francisco de São Luís
 SARAIVA, Luís Estanislao – 123
 SARMENTO, M^a da Conceição Morais – 61n, 75n
 SAVONAROLA – 129
 SEBASTIÃO, rei – 29, 30, 36, 37, 47n, 50, 51, 52, 134n
 SECO SERRANO, Carlos – 173n
 SEGNERI, Pe. Paulo – 131, 134, 166, 206
 SENA – V. Catarina de Siena
 SEQUEIRA, Pe. Francisco Gomes – 184, 212
 SERAFIM, João Carlos – 12, 16, 17, 27n, 43n, 50n, 53n, 68n, 76n, 78n, 81n, 83n, 84n, 85n, 88n, 92n, 147n
 SERAFINS, Fr. Luís dos – 143 e n, 143n
 SEROUET, Pierre – 168n
 SERRÃO, Joel – 89n
 SETTON, Kenneth M. – 48n
 SEVERO, São – 39, 42
 SIBILA – 42N
 SIERRA, Bernardo de – 209
 SILVA, A. J. Lopes da – 28n
 SILVA, António Martins da – 115n
 SILVA, Armando Malheiro – 113n, 119n, 120n, 137n, 141n, 153n
 SILVA, Beato Amadeu – v. Amadeu, Beato
 SILVA, Beatriz da, Santa – 141n, 142n, 155, 186
 SILVA, Inocêncio Francisco – 156n
 SILVA, Jorge da – 204
 SILVA, José de Seabra – 26n
 SILVA, Luís Correia da – 203
 SILVA, Luís Duarte Vilela – 120n
 SILVA, Pedro Vieira da – 67n, 69-70
 SILVEIRA, Manuel Sérgio Silveira – 120n
 SIMÓN DÍAZ, José – 166n
 SINVAL, José Gregório L. Câmara – 118n, 120n
 SISTO IV, papa – 45
 SOARES, Pero Roiz – 25 e n
 SOLEDADE, Fr. Fernando da – 141n, 142n
 SORDET, Yann – 158n, 159n
 SOTTOMAYOR HERRERA, Jacinto – 90
 SOUSA, Cristóvão – 32n
 SOUSA, Evergton Sales – 182n
 SOUSA, Fr. Luís de – 33, 128n, 129n
 SOUSA, Manuel de Faria e – 83
 SOUSA, R. H. Pereira de – 64n, 65n
 SPINOLA, Fr. Fradique – 169, 209
 SPOLETO – v. Pierleone
 SUÁREZ, Francisco – 107n
 TASSO, Torquato – 84n, 98
 TAVARES, Maria José Ferro – 25n
 TAVARES, Pedro Vilas-Boas – 17, 108n, 140n, 180n
 TÁVORA, Álvaro Pires – 88
 TÁVORA, Rui Lourenço – 63, 65, 66, 76, 88, 101
 TELES, Rui de Moura – 76n, 101

- TELES, Rodrigo de Moura – 141, 148n, 186, 215, 216
- TELESFORO DE COSENZA – 27, 39, 45n, 46n, 48, 49n
- TEODÓSIO II – 92, 97
- TERESA ANGÉLICA, Sor – 164n, 192
- TERESA DE JESUS (OU ÁVILA), Santa – 14, 16, 134, 150, 151, 162, 163, 168, 188, 189, 190, 193, 208, 213
- TESAURO, Emanuele – 130
- TESTE, Fulvio – 130
- TOCCO, Valeria – 84n
- TOGNETTI, Gianpaolo – 33
- TOMÁS DE AQUINO, S. – 155
- TOMÉ DE JESUS, Fr. – 171
- TOMMASUCCIO DA FOLIGNO – 27n
- TORO PASCUA, María Isabel – 25
- TORQUATO DE FERRARA, Antonio – 39, 50
- TORRES, José A. Veiga – 26n
- TOVAR, Fr. Luís – 25, 39
- TRONCARELLI, Fabio – 22n, 33n
- UBERTINO DA CASALE – 49n
- ULLOA, Luís de – 97n
- UNAY, Fr. – 25
- URBANO VIII, papa – 84n, 101, 103
- VAGAGGINI, Cipriano – 146n
- VALDIVIELSO, José – 177, 178, 191
- VALE, Teresa Leonor – 85
- VALOIS, Marguerite de, rainha de Navarra – 90, 91n, 96n
- VARELA, João Nunes – 163, 191, 208
- VARELA, Sebastião Pacheco – 27n
- VASCONCELOS, Agostinho Manuel de – 98
- VASCONCELOS, Pe. António de – 172
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de – 94n, 95n
- VASCONCELOS, Francisco Luís de – 94, 99n
- VASCONCELOS, Gaspar Seixas de – 72
- VASCONCELOS, Pe. João – 27n, 89
- VASCONCELOS, Pe. Paulo de – 172
- VASOLI, Cesare – 20n, 21, 27, 29, 30, 33n, 56n
- VASTA, Varileno Modica – 155n
- VAUCHEZ, André – 20n
- VÁZQUEZ, Isaac – 29n
- VEGA, Pe. Cristóbal de la – 165, 188
- VEGA, Lope – v. Lope de Vega
- VELHO, Pe. Manuel (pseud.) – 201
- VENTURA, Margarida Garcês – 23n
- VERA, Álvaro Ferreira de – 84n
- VERBEKE, Werner – 22n, 28n
- VERHELST, Daniel – 22n, 28n
- VERNEY, Luís António – 131
- VIEGAS, Bernardino – 214
- VIEIRA, Pe. António – 26, 27n, 57, 131n, 185
- VIEIRA, Maria – 140, 141
- VIEIRA, Pedro – 140
- VILA NOVA, Pe. António de Almeida – 212
- VILANOVA, Arnaldo – 23
- VILANOVA, S. Tomás de – 184, 212
- VILAS BOAS, Manuel Pinto – 195
- VILHENA, João Jardim – 73n
- VILLACASTÍN, Pe. Tomás de – 151, 166, 195, 196
- VILLAMEDIANA (CONDE DE) – 98
- VILLE-THIERRY, Jean Gerard – 190
- VILLEGAS, Pe. Bernardino – 175
- VITERBO, Egidio – v. Egidio de
- VITERBO, Francisco de Sousa – 108 e n
- VITRAN, Juan – 77
- VIVAS, Manuel Alves – 138
- VOLPATO, Antonio – 48n

WADDING, Lucas (Luke) – 44n, 56

XAVIER, Fr. Francisco – 204

XIMÉNEZ SANTIAGO, Francisco – 50n

YLERDENSIS, Dandalus – 38

ZACARIAS, profeta – 46n

ZARRI, Gabriella – 155n

ZUTPHEN, Gerard Zerbolt – 157

COLEÇÃO

Amor Libris. Livros, leituras e bibliotecas
das Idades Medieval e Moderna

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 Maria de Lurdes Correia Fernandes
*Cultura Escrita, património documental e
espiritualidade monástica feminina
(séculos XV-XIX). A «livraria» do Mosteiro
de Santa Maria de Arouca, O. Cister.* (2023)
- 2 José Adriano de Freitas Carvalho
De livros e de livrarias (Séculos XVI-XVIII). (2024)

Este volume, o segundo da nova coleção do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto intitulada «Amor libris. Livros, leituras e bibliotecas das Idades Medieval e Moderna», reúne um conjunto de estudos até agora dispersos (e um inédito) de José Adriano de Freitas Carvalho sobre livros, leituras e livrarias nos séculos XVI a XVIII. Na sua diversidade e na sua complementaridade, estes estudos facultam perspetivas aprofundadas, novas e agudas sobre variados significados culturais da posse e da circulação de livros naqueles séculos. O notável conhecimento do Autor sobre a circulação de textos, sobre a mecânica editorial e sobre as práticas de leitura em diferentes contextos sociais, culturais e religiosos manifesta-se com maestria e com inusual erudição em análises de textos de espiritualidade (nomeadamente em contexto profético) e estende-se ao complexo mundo dos livros, da sua aquisição, do seu empréstimo, da sua posse privada ou institucional que conduziram à formação de bibliotecas que, na sua multiplicidade em contexto europeu, configuraram a cultura portuguesa da Época Moderna.

